

ISSN 1808-656X - eletrônico

# DESENREDO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade de Passo Fundo

V. 20 - N. 3 set./dez. 2024

GT Saussure Anpoll

# DESENREDO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade de Passo Fundo



*Bernadete Maria Dalmolin*

Reitora

*Edison Alencar Casagrande*

Pró-Reitor Acadêmico

*Antônio Thomé*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento  
Institucional

*Luiz Marcelo Darroz*

Diretor do Instituto de Humanidades, Ciência, Educação  
e Criatividade

## COMISSÃO EDITORIAL

*Francisco Fianco (UPF)*

*Luciana Maria Crestani (UPF)*

*Miguel Rettenmaier (UPF)*

*Patrícia da Silva Valério (UPF)*

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Desenredo : Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras /  
Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras. – Vol. 1, n. 1  
(2005) – Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005–

Semestral: 2005-2016. Quadrimestral: 2017–.  
ISSN 1808-656X (on-line).

1. Linguística – Periódico. 2. Letras – Periódico. I. Universidade  
de Passo Fundo. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Letras.

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## CONSELHO EDITORIAL

*Ana Zandwais (Ufrgs)*

*Antônio Dimas (USP)*

*Benjamin Abdala Júnior (USP)*

*Carla Viana Coscarelli (UFMG)*

*Cláudia Toldo (UPF)*

*Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (Unesp/ Assis/ SP)*

*Cristina Mello (Universidade de Coimbra – Portugal)*

*Eloy Martos Nuñez (Universidade de Extremadura – Espanha)*

*Ernani Cesar de Freitas (UPF)*

*Fabiane Verardi Burlamaque (UPF)*

*Flávio Martins Carneiro (UERJ)*

*Hardarik Blühdorn (IDS – Mannheim – Alemanha)*

*José Luís Jobim (Uerj/UPF)*

*José Luís Fiorin (USP)*

*Leci Barbisan (PUCRS)*

*Márcia H. S. Barbosa (UPF)*

*Marisa Lajolo (Unicamp)*

*Max Butlen (Université de Cergy-Pontoise – França)*

*Michel Francard (Universidade de Louvain – Bélgica)*

*Miguel Rettenmaier da Silva (UPF)*

*Mônica Magalhães Cavalcante (UFC)*

*Regina Zilberman (Ufrgs)*

*Valdir Flores (Ufrgs)*

## DIAGRAMAÇÃO

*Sara Luiza Hoff*

## EDITOR

*Francisco Fianco*

Desenredo - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade de Passo Fundo é uma publicação temática e de  
periodicidade semestral da Universidade de Passo Fundo (UPF)

© Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida desde que  
citada a fonte.



**EDITORA**

Campus I, BR 285 - Km 292,7  
Bairro São José – Fone: (54)  
3316-8374 CEP 99052-900  
Passo Fundo - RS - Brasil  
Home-page:  
[www.upf.br/editora](http://www.upf.br/editora) E-mail:  
[editora@upf.br](mailto:editora@upf.br)

# Sumário

|                 |     |
|-----------------|-----|
| Editorial ..... | 418 |
|-----------------|-----|

|                                                                      |     |
|----------------------------------------------------------------------|-----|
| Saussure na pós-graduação: aspectos teóricos e epistemológicos ..... | 421 |
|----------------------------------------------------------------------|-----|

Saussure in postgraduate school: theoretical and epistemological aspects

*Allana Cristina Moreira Marques*

*Stefania Montes Henriques*

|                                                                         |     |
|-------------------------------------------------------------------------|-----|
| A produção editorial em torno de Saussure no Brasil: dossiês e revistas | 436 |
|-------------------------------------------------------------------------|-----|

Editorial production on Saussure in Brazil: dossiers and Journals

*Alena Ciulla*

|                                                                                                    |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| A produção editorial em torno de Saussure no Brasil: livros autorais e organizações de obras ..... | 452 |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|

Editorial production regarding Saussure in Brazil: authorial books and organization of works

*Eliane Silveira*

*Micaela Pafume Coelho*

|                                                                                                      |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Formação de grupos em ciências da linguagem: o caso do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure ..... | 473 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|

Group formation in language sciences: the case of the Ferdinand de Saussure Research Group

*Ítalo de Freitas Almeida*

*Jomson Teixeira da Silva Valoz*

|                                                                                              |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Saussure na era da IA: modelagem semântica de word embeddings à luz da teoria do valor ..... | 497 |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|

Saussure in the age of AI: semantic modeling of word embeddings in light of value theory

*Leonardo Giamarusti*

Considerações sobre *la langue* e conceitos articulados na pesquisa brasileira contemporânea ..... 516

Reflections on “la langue” and articulated concepts in contemporary Brazilian research

*Maria Francisca Lier-DeVitto*

Em torno da chamada etimologia popular: focalizando as vicissitudes da fala ..... 524

Around the so-called folk etymology: focusing on the vicissitudes of speech

*Rosa Attié Figueira*

Aspectos epistemológicos da recepção de Saussure na linguística brasileira ..... 554

Epistemological aspects of the reception of Saussure in Brazilian linguistics

*Valdir do Nascimento Flores*

Seção livre

Estruturalismo Linguístico: Análise das Dicotomias Saussureanas aplicadas à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ..... 569

Linguistic Structuralism: Analysis of Saussurean Dichotomies applied to Brazilian Sign Language (LIBRAS)

*Cláudia Lúcia Alves*

*Orleane Evangelista de Santana*

Uma abordagem enunciativa das articulações predicativas de fenômenos da natureza: predicação autonômica..... 585

An enunciative approach to predicative articulations in verbs of natural phenomena: autonomic predication

*Luiz Francisco Dias*

*Thalita Nogueira Dias*

Durante a 37ª edição do Encontro Nacional da ANPOLL (ENANPOL) – evento acadêmico-científico realizado anualmente pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) –, realizada em Niterói/RJ, no período de 3 a 5 de outubro de 2023, o Grupo de Trabalho (GT) *Estudos saussurianos* reuniu-se em torno do pensamento do linguista Ferdinand de Saussure para refletir acerca das potencialidades desse pensamento na contemporaneidade. O GT orientou o seu trabalho em três direções: avaliação de aspectos epistemológicos e conceituais dos estudos saussurianos na atualidade; a produção editorial em torno de Saussure no Brasil; e a institucionalização dos estudos saussurianos na universidade brasileira.

Este Dossiê da Revista *Desenredo* reúne algumas das contribuições feitas por ocasião do evento em Niterói, além de outras contribuições que se dedicam ao estudo da teoria linguística de Saussure. Trata-se de uma publicação cuja importância deriva exatamente do conjunto de trabalhos que apresenta, uma vez que, neles, registram-se tendências de pesquisas, linhas de investigação e perspectivas de trabalho com uma teoria que, há mais de 100 anos, tem demonstrado constante atualidade.

Os textos aqui presentes permitirão ao leitor refletir, a partir da obra saussuriana e de sua fortuna crítica, a respeito dos elementos mobilizados por Saussure para indicar perspectivas teórico-metodológicas de estudo da linguagem, das línguas e também acerca da formação do linguista. A importância de trazê-los a público é grande: de um lado, um dossiê desta natureza contribui para o fortalecimento das pesquisas em torno da obra de Saussure, o que se reflete em diferentes formas de institucionalização da pesquisa saussuriana no Brasil; de outro lado, auxilia na valorização de iniciativas que possam reverter em pesquisa na área, seja em nível de Graduação ou de Pós-Graduação. Trata-se, portanto, de um bom momento para a pesquisa saussuriana no Brasil e de um registro generoso da atividade do GT *Estudos saussurianos* junto a ANPOLL.

O dossiê está constituído por oito artigos e uma seção livre.

Allana Cristina Moreira Marques e Stefania Montes Henriques propõem um importante levantamento das teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Linguística nos últimos 24 anos, com o intuito de verificar as diferentes abordagens conceituais e epistemológicas da fortuna saussuriana no Brasil. As autoras realizam uma visada sobre o que vem sendo produzido sobre o tema, para que seja possível, ao menos preliminarmente, indicar a direção dos estudos saussurianos no Brasil.

Alena Ciulla traça um panorama da leitura e recepção da obra de Ferdinand de

Saussure no Brasil, realizando uma exaustiva investigação na *web*, percorrendo dossiês e revistas, a fim de detectar trabalhos sobre a reflexão e/ou sobre a obra de Saussure. Nesse estudo, a pesquisadora contribui para um inventário daquilo que se produz, divulga e ensina em torno da obra de Saussure no Brasil.

Eliane Silveira e Micaela Pafume Coelho têm o objetivo de analisar comparativamente o histórico das publicações de livros sobre Saussure no Brasil, sejam eles autorais ou organizações de obras. Com isso, buscam comprovar a hipótese de que o cenário dos estudos saussurianos, que se inicia com o século XXI, tende a ser mais produtivo, no que concerne às publicações em torno do mestre genebrino.

Ítalo de Freitas Almeida e Jomson Teixeira da Silva Valoz trazem uma reflexão que se situa no campo da Historiografia Linguística brasileira, tendo como objetivo descrever os processos de formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure. Destacam que a formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure parece ter sido determinante para a consolidação dos Estudos Saussurianos como especialidade teórica em ciências da linguagem, no Brasil.

Leonardo Giamarusti explora a relação entre a Teoria do Valor (TdV) de Ferdinand de Saussure e a modelagem semântica dos Word Embeddings (WE), especialmente através da Semântica Distribucional (SD). Nesse trabalho, o autor analisa alguns *frameworks* de *embeddings* de palavras gerados pelo modelo Word2Vec, buscando possíveis articulações entre a TdV e a captura de significados em modelos de linguagem baseados na Semântica Distribucional, o que possibilita discussões acerca da possível pertinência do saussurianismo para o desenvolvimento de novas técnicas de Processamento de Linguagem Natural no século XXI.

Maria Francisca Lier-DeVitto parte da afirmação de que Saussure foi um homem de fundamentos, alguém que não só interrogou a prática de pesquisa dos estudiosos de seu tempo, como, acima de tudo, construiu um raciocínio linguístico inusitado, admitido como novidade radical. A pesquisadora reflete em favor da importância do compromisso da diferença que o pensamento de Saussure introduz, tendo *la langue* como ponto central.

Rosa Attié Figueira parte da fortuna teórica de Ferdinand de Saussure e revisita a chamada “etimologia popular”, ao focalizar com destaque particularidades da fala na infância, aproximáveis ao que, no uso linguístico adulto, é chamado etimologia do povo. A pesquisa explora material coletado de crianças com idades entre 2 e 5 anos que têm o português como língua materna, e os seus resultados mostram que é possível desvendar uma faceta do funcionamento simbólico, caracterizando-a na sua diversidade e complexidade a partir da reflexão deixada por Saussure.

Valdir do Nascimento Flores faz uma reflexão acerca da recepção do pensamento teórico de Ferdinand de Saussure no Brasil, a partir da análise da recepção do livro *Curso*

*de linguística geral*. Para isso, o autor adota uma abordagem de compreensão de “recepção” inspirada em Milner (2021), destacando a importância de investigar como o entendimento da ciência linguística, no contexto disciplinar e institucional da linguística brasileira, foi impactado por Saussure. A análise considera, como elemento central, a chegada da tradução brasileira da obra e seu contexto epistemológico.

Na seção livre, duas importantes reflexões completam o Dossiê. Cláudia Lúcia Alves e Orleane Evangelista de Santana apresentam uma abordagem do Estruturalismo Linguístico de Ferdinand de Saussure e objetivam fazer uma análise de conceitos saussurianos aplicados à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Luiz Francisco Dias aborda a complexidade sintático-semântica de verbos que expressam fenômenos naturais. O autor busca categorizar esses verbos sob a ótica da Semântica da Enunciação e delinear uma concepção consistente de base nominal de predicação, com fundamentos no conceito de formação nominal.

Uma última palavra precisa ser dirigida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo e à Revista *Desenredo*. Somos muito gratos à instituição e à revista por apoiarem a divulgação das ideias aqui discutidas. Atitudes como essas garantem a manutenção da qualidade em torno dos estudos saussurianos entre nós. *Obrigado!*

Claudia Toldo (UPF)

Eliane Silveira (UFU)

Valdir do Nascimento Flores (UFRGS)

Organizadores

Francisco Fianco

Editor

# Saussure na pós-graduação: aspectos teóricos e epistemológicos

Allana Cristina Moreira Marques<sup>1</sup>

Stefania Montes Henriques<sup>2</sup>

## Resumo

Nos últimos anos, percebeu-se, no Brasil, um aumento de pesquisas, no âmbito da pós-graduação, voltadas para o estudo da teoria saussuriana. No início do século XXI, iniciou-se a organização de grupos de pesquisa e estudos que contemplavam tanto aspectos relacionados à natureza dos manuscritos saussurianos, quanto aspectos teóricos e epistemológicos das elaborações de Ferdinand de Saussure. Nesse contexto, este trabalho se propõe a realizar um levantamento das teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Linguística nos últimos vinte e quatro anos, com o intuito de verificar as diferentes abordagens conceituais e epistemológicas da fortuna saussuriana no Brasil. Parte-se de duas questões principais para se analisar as teses e dissertações: a primeira consiste em se perguntar sobre os motivos pelos quais houve um aumento significativo de pesquisas sobre a fortuna saussuriana no Brasil; e a segunda, por sua vez, diz respeito à existência ou não de especificidades nas pesquisas brasileiras em relação àquelas desenvolvidas em outros países, principalmente na França. Objetivamos, dessa forma, realizar uma vista d'olhos sobre o que vem sendo produzido no Brasil, para que seja possível, ao menos preliminarmente, indicar a direção dos estudos saussurianos no país.

**Palavras-chave:** Pós-graduação. Estudos Saussurianos. Teoria. Epistemologia

Data de submissão: novembro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16491>

<sup>1</sup> Licenciada em Letras - com habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa (2013), Mestre em Estudos Linguísticos (2016) e Doutora em Estudos Linguísticos (2021) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Participa, desde 2013, como pesquisadora do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure certificado pelo CNPq e, desde 2023, atua como vice-líder do grupo. Atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com supervisão do Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores e com bolsa de Pós-doutorado Júnior custeada pelo CNPq. <http://lattes.cnpq.br/4053739670239570> E-mail: [lanacrismm@gmail.com](mailto:lanacrismm@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Letras Licenciatura Português/Francês pela Universidade Federal de Uberlândia, Mestre em Estudos Linguísticos pela mesma Universidade e Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é Coordenadora e Professora de Linguística no curso de Letras-Português, da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Passos. <https://orcid.org/0000-0002-4517-0121> E-mail: [temontess@gmail.com](mailto:temontess@gmail.com)

## Introdução

O *Curso de Linguística Geral*<sup>3</sup>, editado por Charles Bally e Albert Sechehaye, e publicado em 1916, foi a obra responsável pela divulgação das elaborações de Ferdinand de Saussure e, conseqüentemente, pela sua nomeação como fundador da Linguística Moderna. O papel dessa obra nas ciências da linguagem não é contestado por ninguém: desde a década de 1920, com a publicação das teses do Círculo Linguístico de Praga, até a influência exercida em outras áreas como a Antropologia, a Psicanálise, etc., ela ocupou um papel de destaque, assumindo um caráter de manifesto, ou seja, O CLG foi o responsável por um redirecionamento teórico e epistemológico nos estudos linguísticos e por uma oposição a uma ordem filológica já instituída (cf. Normand, 2009).

No Brasil, por sua vez, o CLG chega mais tardiamente ao ambiente acadêmico. Segundo Coelho (2016),

[...] a edição do livro em português foi a público mais de meio século depois, em meio à ditadura militar, que se iniciou em 1964. As condições impostas por esse governo autoritário, de censura e repressão, interferiram no modo como as grandes obras eram discutidas e difundidas no país, o que pode ter impedido que se efetuassem, na época, uma discussão que aproveitasse tudo que fosse possível das reflexões saussurianas. (COELHO, 2016, p. 2).

Como aponta a autora, antes da tradução para o português, o CLG já havia chegado às universidades brasileiras pelas mãos de Joaquim Mattoso Câmara Jr., o qual teria tido o primeiro contato com a obra por meio de Roman Jakobson, na década de 1940, quando de seus estudos na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. É inegável, entretanto, que a publicação da obra em língua materna proporcionou uma democratização de seu conteúdo. Para Coelho (2016, p. 3), isso indicaria que, nesse período, haveria ao menos dois momentos de recepção do CLG no Brasil: um possibilitado pela edição original em francês e pela leitura desenvolvida por estudiosos influentes nesse contexto específico, e outro ocasionado pela tradução do livro em português, na década de 1970.

Considerando essa recepção tardia e, de certa forma, dupla do CLG no Brasil, nos questionamos a respeito de como essa obra incidiu no desenvolvimento de pesquisas no âmbito da pós-graduação no país e se podemos pensar em uma perspectiva diferente daquela encontrada na França. Por meio de uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), percebeu-se que, a partir de 1989<sup>4</sup>, ano em que se inicia a base de dados da plataforma, até 1999, há apenas oito dissertações e uma tese que tratam das elaborações de Ferdinand

---

<sup>3</sup> Doravante CLG.

<sup>4</sup> Deve-se ressaltar que deteremos nossa análise no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, mas é inegável que há trabalhos anteriores a 1989. Um deles é a dissertação de mestrado de Neidson Rodrigues, intitulada “Saussure: uma revolução na linguística”, orientada por Marilena Chauí em 1975 na Universidade de São Paulo.

de Saussure<sup>5</sup>.

Por outro lado, a partir do início do século XXI, há um aumento exponencial no desenvolvimento de pesquisas sobre a fortuna teórica de Ferdinand de Saussure no Brasil: foram defendidas 71 dissertações e 41 teses entre os anos 2000 e 2024. Obviamente, um dos pontos a serem considerados é o aumento de Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística no país, mas não pensamos que somente isso justifique esse salto numérico em pesquisas sobre a teoria saussuriana. Assim, cabe nos questionar o que mais teria motivado esse crescimento de produções a partir do início do século XX e de que maneira as elaborações saussurianas foram abordadas neste período.

Este artigo, então, tem como objetivo explorar os aspectos teóricos e epistemológicos das teses e dissertações defendidas a partir dos anos 2000 nos Programas de Pós-Graduação brasileiros, destacando como a obra de Saussure tem sido revisitada e reinterpretada à luz das novas teorias sobre a linguagem e dos novos desafios aos quais Linguística está submetida. Partimos, então, da seguinte pergunta de pesquisa: seria o surgimento de uma nova remessa dos manuscritos saussurianos em 1996 e a publicação dos *Écrits de Linguistique Générale* (2002) e sua posterior tradução para o português em 2004 que teriam viabilizado o crescimento de pesquisas sobre a teoria Saussuriana no Brasil? Para responder a essa pergunta, dividimos este texto em três partes, a saber: i. uma breve contextualização do início do século XXI; ii. explicitação da metodologia utilizada em nossa pesquisa; iii. Exposição e análise dos dados obtidos. Assim, ao traçar esse panorama, busca-se compreender não apenas a relevância duradoura de Saussure, mas também as novas perspectivas que emergem a partir de sua obra no contexto acadêmico brasileiro.

## 1 Uma breve contextualização

Para além da fecundidade teórica proporcionada pelo CLG desde sua publicação, pode-se pensar que há também o impacto dos manuscritos saussurianos que lhe serviram de suporte, além daqueles que não foram utilizados em sua edição. Sobre esses documentos, Marchese (2003) explicita que eles vieram a público em três momentos:

Os manuscritos de Ferdinand de Saussure doados por sua família à Biblioteca Pública e Universitária de Genebra em janeiro de 1955 formam um conjunto considerável, que não constitui, no entanto, a totalidade dos documentos inéditos do linguista genebrino. Em novembro de 1955, Mme. Bally, a exemplo da família de Saussure, doa à Biblioteca de Genebra, os manuscritos saussurianos que seu marido havia guardado. A Houghton Library of Harvard University recebe, em 1968, outro conjunto de

---

<sup>5</sup> Dentre essas produções, é importante pontuar que nem todas têm se enquadram na área de Linguística, Letras e Artes. Há trabalhos no âmbito do Direito e, curiosamente, em Saúde Coletiva.

manuscritos que estavam nas mãos dos filhos de F. de Saussure; em 1996, foi descoberto, na estufa da casa de campo de Saussure em Genebra, manuscritos de um “livro sobre linguística geral”, que se acreditava definitivamente perdido, e que está conservado agora na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra. (MARCHESE, 2003, p.338 apud SILVEIRA, 2011, p. 01, tradução nossa)<sup>6</sup>

O aparecimento desses manuscritos suscitou processos de retomada às elaborações saussurianas, dentre os quais podemos citar: i. a busca pelo verdadeiro Saussure em oposição àquele presente no CLG; ii. a releitura do conjunto da obra de Saussure; e, por fim, iii. o conhecimento de outras pesquisas realizadas pelo linguista, tais como os estudos anagramáticos e a pesquisa sobre as lendas germânicas. Assim, os manuscritos doados pela família de Saussure em 1955 e 1968 foram alvo de trabalhos filológicos e críticos, principalmente na França e Itália, tendo como resultado a publicação de Edições críticas do CLG, tais como o *Sources Manuscrits du Cours de Linguistique Générale* (1957) de Robert Godel, as edições de Tullio de Mauro (0000) e de Rodolf Engler (1968-1974). Pode-se citar ainda, o *Les mots sur les mots* (0000), de Jean Starobinski que, apesar de não ser um trabalho similar às edições críticas, trouxe à tona os manuscritos saussurianos que versavam sobre os anagramas e, em menor escala, os das lendas germânicas.

O terceiro momento de surgimento desses documentos deu-se em 1996 e, além da surpresa em relação à sua existência, resultou na publicação do *Écrits de Linguistique Générale* (2001), editado por Rudolf Engler e Simon Bouquet. A respeito dessa obra é importante que seja dito que nem todo o seu conteúdo é inédito: há a edição dos documentos encontrados em 1996, os quais são separados em “De l’essence double du langage”, “Nouveaux item”, “Autres écrits de linguistique générale” e “Notes préparatoires pour les cours de linguistique générale: nouveaux documents”; e há a edição já realizada por Engler em 1968-1974, intitulada “Les anciens documents”.

No prefácio dessa obra, traduzida em 2004 para o português, encontra-se em evidência o primeiro ponto suscitado por esses documentos: a busca de um Saussure verdadeiro em oposição ao Saussure do CLG. De acordo com os editores,

[...] o pensamento saussuriano, que os textos originais nos fazem descobrir, é menos categórico do que o Cours na medida em que confessa suas dúvidas sobre pontos cruciais e faz, dessas mesmas dúvidas, a sua heurística, e ao mesmo tempo mais radical, na medida em que se apresenta como uma batalha contra a falta de reflexão epistemológica que caracteriza a linguística: como a batalha pela renovação dos conceitos fundamentais dessa ciência. Esses dois polos mostram-se característicos das notas do

---

<sup>6</sup> "Les manuscrits de Ferdinand de Saussure légés par sa famille à la Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève en janvier 1955 forment un ensemble remarquable, qui ne constitue pas cependant la totalité des inédits du linguiste genevois. En novembre 1955 Mme Bally, à l'exemple de la famille de Saussure, remit à la Bibliothèque de Genève, les manuscrits saussuriens, que son mari avait gardés chez lui. La Houghton Library of Harvard University reçut en 1968 un autre groupe remarquable de manuscrits qui étaient restés dans le mains des fils de F.de Saussure; en 1996 on a découvert, dans la orangerie de l'hôtel de Saussure à Genève, des manuscrits d'un 'livre sur la linguistique generale', qu'on croyait définitivement perdu, et qui sont conservés maintenant à la Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève"

curso e dos manuscritos, sustentando um pensamento mais sutil, mais límpido, mais convincente do que o do Cours. No livro de 1916, eles são como que esmagados e, até mesmo, sistematicamente apagados. (BOUQUET; ENGLER, 2004, p. 14).

Percebe-se, nesse sentido, que há um posicionamento que opõe as notas autógrafas de Saussure à edição realizada por Bally e Sechehaye, indicando que o pensamento expresso nos manuscritos seria mais “límpido” e “mais convincente” do que aquele expresso no CLG. É inegável que antes mesmo do surgimento desse conjunto de documentos em 1996, já havia pesquisadores, principalmente na França, que se questionavam a respeito da fidelidade do CLG ao pensamento do linguista suíço. Entretanto, talvez possamos pensar que a tradução dessa obra em português, o posicionamento expresso em seu prefácio e, inclusive, a novidade dos novos documentos encontrados em 1996 possa ter sido o gatilho para que as produções em torno de Saussure a partir dos anos 2000 tenham aumentado consideravelmente em relação aos anos anteriores no ambiente acadêmico brasileiro. Considerando essa hipótese, deter-nos-emos, no próximo tópico, aos procedimentos metodológicos que utilizamos nesta pesquisa e ao conteúdo encontrado nas teses e dissertação analisadas.

## 2 Procedimentos Metodológicos

Considerando que este estudo não se pretende conclusivo, mas é de caráter exploratório, utilizamos o procedimento metodológico de cunho quantitativo e qualitativo. Como afirma Gil (2008), na observação simples, o primeiro problema a ser enfrentado pelo pesquisador refere-se ao que deve ser observado. No nosso caso, optamos por realizar um levantamento das teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação Brasileiros, a partir dos anos 2000 até os dias de hoje. Para realizar esse levantamento, utilizamo-nos do Portal de Teses e Dissertações da CAPES, buscando pela palavra-chave “Ferdinand de Saussure”.

Após filtrar os resultados, encontramos, então, 71 dissertações e 41 teses no período considerado. Procedemos ao tratamento desses dados, de acordo com algumas variáveis, a saber: região; grandes áreas do conhecimento; e ano de defesa. Essas variáveis foram estabelecidas com o intuito de obter um panorama geral acerca da produção saussuriana no ambiente acadêmico e para verificar se o aumento que verificamos tem relação com o surgimento dos manuscritos em 1996, ou se há outros fatores envolvidos nessa “redescoberta” das elaborações saussurianas.

Após essa análise inicial, organizamos duas tabelas, sendo a primeira referente às dissertações e a segunda referente às teses defendidas. Na figura abaixo, encontramos um exemplo dessa disposição:

Tabela 1. Excerto da tabela para análise das produções acadêmicas 2000-2024

| Ano  | Título                                                                | Autor                            | Orientador                   | Área de Concentração                              | Instituição                                       | Resumo                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|------|-----------------------------------------------------------------------|----------------------------------|------------------------------|---------------------------------------------------|---------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2000 | Era uma vez... o outro do/no discurso narrativo infantil              | Aparecida Maria Oliveira Diniz   | MARCIA ELIZABETHE BORTONI    | Linguística, Letras e Artes – Ensino-aprendizagem | Universidade Federal de Goiás                     | Indisponível                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 2001 | -                                                                     | -                                | -                            | -                                                 | -                                                 | -                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 2002 | Psicanálise e <del>linguística</del> ; uma abordagem epistemológica   | Juliana Lidia Machado Cunha Lunz | Waldir <del>Bevilacqua</del> | Ciências Humanas – Teoria Psicanalítica           | Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)     | O objetivo principal desta dissertação é percorrer as primeiras etapas da conceitualização psicanalítica promovidas por um Lacan inaugural interessado numa reflexão teórica a partir da Linguística. A preocupação em cada vez mais, e melhor, definir o conceito de Inconsciente, colhe seus frutos ao declarar que sua estrutura se dá conforme as estruturas de uma linguagem. Dai por diante, várias noções <del>linguísticas</del> são aproveitadas em busca da descrição dos mecanismos inconscientes, dentre elas, o conceito de signo linguístico e outros temas articulados na teoria de Ferdinand de Saussure. Com a transformação de alguns conceitos <del>linguísticos</del> , Lacan derivou noções como significante puro, resistência à significação e deslizamento de significados. É na investigação de todo este tema que o presente estudo verifica, ao seu fim, outras possibilidades de diálogo do campo psicanalítico com o campo da <del>linguística</del> a partir de proposições novas que se apresentam no horizonte das pesquisas atuais. |
|      | Um novo olhar sobre o aprendizado de Inglês - Incursões ao imaginário | Paula Regina Lima Marreiros      | David Victor-Emmanuel Tauro  | Linguística, Letras e Artes - Educação            | Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMT) | Na presente dissertação <del>propomos</del> um novo olhar acerca da aprendizagem de língua inglesa que considera o Imaginário como elemento que ultrapassa as questões metodológicas, pedagógicas e psicológicas. Baseado no pensamento de C. Ornelius Castoriadis, este referencial, visto socialmente e historicamente, é de fundamental importância para que se entendam as dimensões significativas que essa aprendizagem de uma língua estrangeira - no caso em questão, o inglês - vem adquirindo. Partindo da motivação de alunos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

Fonte: Elaboração própria.

Como evidenciado na tabela 1., dispomos os dados referentes ao título, à autoria, à orientação, à área do conhecimento ao qual o Programa de Pós-Graduação está inserido, à Instituição de Ensino Superior (IES) e, ainda, ao resumo da produção. Deve-se ressaltar que não foram encontrados alguns arquivos, em virtude de muitas universidades só terem adotado repositórios institucionais on-line nos últimos anos, o que prejudicou nossa análise na medida em que não tivemos acesso ao conteúdo desses textos.

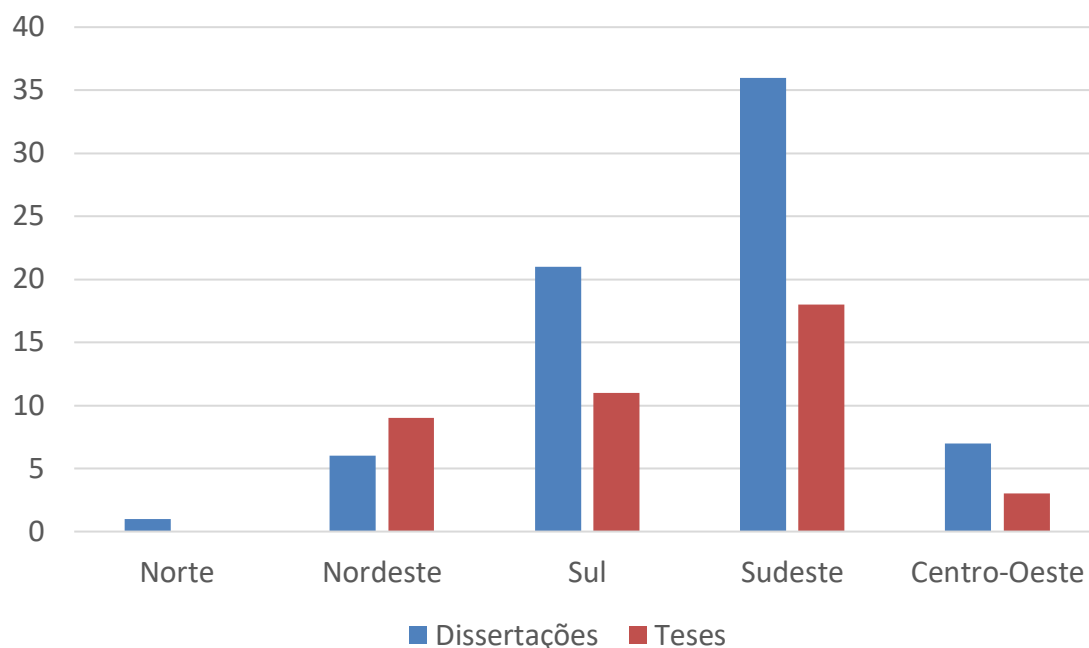
Após esse primeiro tratamento dos dados, passamos à análise qualitativa de nossa pesquisa. Assim, foi realizada a leitura dos resumos desses trabalhos e a verificação das referências bibliográficas utilizadas. Esse procedimento visou investigar, de maneira qualitativa, de que forma a teoria saussuriana foi mobilizada por esses autores e qual a bibliografia utilizada majoritariamente: o CLG, o ELG ou manuais de linguística e textos de comentadores. Como dito anteriormente, não se pretendeu, com este estudo, realizar uma análise exaustiva dessas produções, o que inclusive, seria difícil em um primeiro momento justamente por nem todas estarem disponíveis on-line.

### 3 Análise dos dados

Como dito anteriormente, foram encontradas cerca de 112 produções acadêmicas que mencionavam o nome “Ferdinand de Saussure”, dentre as quais têm-se 71 dissertações e 41 teses. O primeiro critério utilizado para a análise desse *corpus* foi o regional, tendo em vista que nos parece relevante indicar em quais as regiões brasileiras

houve mais ocorrências de defesa de trabalhos acadêmicos que se utilizaram ou, ao menos, mencionaram Ferdinand de Saussure. Os resultados da aplicação desse critério constam no gráfico 2.

Figura 1. Distribuição regional de teses e dissertações



Fonte: Elaboração própria

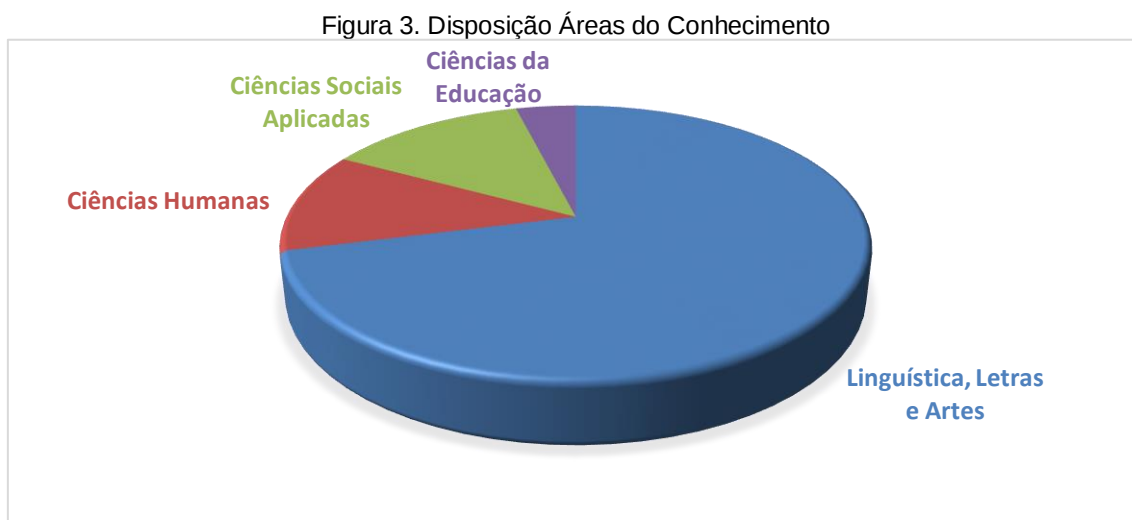
Como se pode perceber por meio do gráfico acima, grande parte da produção acadêmica que menciona ou se utiliza da teoria saussuriana se concentra na Região Sudeste, contabilizando cerca de 48%. Em seguida, temos a Região Sul com 28%, a Região Nordeste com 14%, a Região Centro-Oeste com aproximadamente 9% e, por fim, a Região Norte com apenas uma produção acadêmica, totalizando 1%.

É inegável que grande quantidade de pesquisas desenvolvidas no sudeste e sul do país tem relação com a quantidade de Programas de Pós-Graduação nessas regiões. De acordo com o site da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (2024)<sup>7</sup>, são 60 programas de pós graduação da área de Letras e Linguística somente no Sudeste. Para além disso, a formação dos professores orientadores também pode ser uma justificativa para a maior incidência de trabalhos acadêmicos sobre Saussure nessa região, entretanto não nos deteremos nesse aspecto neste artigo.

O segundo critério utilizado em nossa análise consistiu nas grandes áreas do

<sup>7</sup> Dados disponíveis em: <https://anpoll.org.br/2022/programas/>.

conhecimento em que esses programas estão inseridos, como se pode ver na Figura 3.:

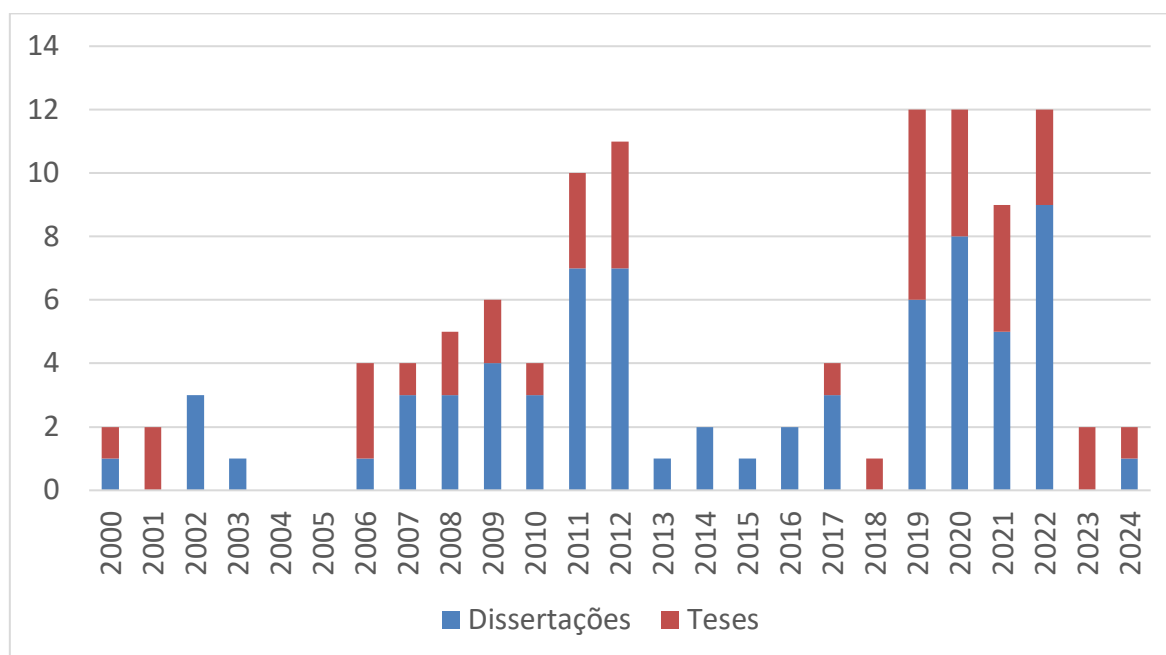


Fonte: Elaboração própria.

Como era esperado, temos que 71% dos trabalhos acadêmicos defendidos entre 2000 e 2024 se enquadram na grande área de Linguística, Letras e Artes. Mas em virtude das conexões que podem ser estabelecidas com outros domínios da ciência, temos também 12% de trabalhos no âmbito das Ciências Humanas, abrangendo Programas de Pós-Graduação em Filosofia e Psicologia; 13% nas Ciências Sociais Aplicadas, dentre os quais encontramos as subáreas de Comunicação, Direito e Serviço Social; e – então considero aqui trabalhos no âmbito da linguística, da literatura e das artes em geral; e 4% em Programas de Educação. Aqui é conveniente pensar que muitos trabalhos da área de Linguística e Letras tratam de ensino-aprendizagem de literatura, língua materna ou estrangeira, mas foram defendidos nas áreas de Linguística e Letras.

Por fim, na Figura 4., o terceiro critério de análise utilizado foi a quantidade de trabalhos defendidos por ano ao longo do período analisado.

Figura 4. Distribuição anual dos trabalhos acadêmicos



Fonte: Elaboração Própria.

Com base na figura acima, percebe-se que houve um aumento considerável de defesas de trabalhos acadêmicos a partir de 2006, que se tornou ainda maior por volta de 2011 e 2012 e alcançou seu ápice nos anos de 2019, 2020 e 2022. Aqui é interessante pontuar que várias teses defendidas nesse período se constituem enquanto uma continuação das pesquisas desenvolvidas a nível de mestrado, por exemplo, em 2019 pelo menos 50% das teses defendidas são de pós-graduandos que também se dedicaram exclusivamente às elaborações saussurianas durante o mestrado.

A análise da distribuição das teses e dissertações que mencionam Ferdinand de Saussure ao longo dos anos nos dá algumas pistas do que poderia ter motivado o ápice dessas produções entre 2019 e 2022. Sabe-se, por exemplo, que além da descoberta dos manuscritos em 1996, sua edição publicada em 2002 e sua posterior tradução para o Português em 2004, houve também a realização de eventos voltados às elaborações saussurianas em todo o país em 2013, por exemplo, houve eventos referentes ao centenário da morte do linguista e, em 2016, eventos em comemoração à publicação do CLG<sup>8</sup>.

Outro fator que pode ser considerado nesse aumento é a criação de grupos de pesquisa em universidades brasileiras que tinham como foco a teoria de Ferdinand de Saussure (GPFdS). Nesse sentido, deve-se mencionar o Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure, fundado em 2008 pela Profa. Dra. Eliane Silveira, na Universidade Federal de

<sup>8</sup> Somente em 2013, ocorreram a Jornada Internacional Ferdinand de Saussure e os Estudos Linguísticos Contemporâneos e II Simpósio Nacional de Estudos sobre os Manuscritos de Ferdinand de Saussure, promovidos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte; o Congresso Internacional Cem Anos com Saussure, promovido pela Universidade de São Paulo; e a Jornada de Estudos Saussurianos, promovida na Universidade Estadual de Campinas.

Uberlândia. Em 2012, o GPFdS é cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil<sup>9</sup> e passa a congregar pesquisadores de várias instituições brasileiras e estrangeiras. O grupo se encontra ativo até hoje, realizando reuniões e promovendo eventos sobre as elaborações de Ferdinand de Saussure, o que o caracteriza enquanto um lugar de formação e divulgação dos trabalhos em torno das elaborações do linguista suíço. Nesse sentido, é conveniente dizer, inclusive, que uma quantidade considerável de trabalhos acadêmicos defendidos no período analisado nesta pesquisa é de autoria de pesquisadores pertencentes ao GPFdS.

Considerando os dados levantados até o momento, passamos agora à análise dos resumos das teses e dissertações que mencionam Ferdinand de Saussure. Essa análise tem como objetivo verificar de que forma a teoria do linguista suíço foi mobilizada ao longo do século XXI. Nesse sentido, a questão que nos colocamos é se a teoria saussuriana é o foco principal desses trabalhos ou se ela é tomada como uma teoria acessória, ou seja, é citada pontualmente, contribuindo para uma discussão que se insere em outra perspectiva teórica.

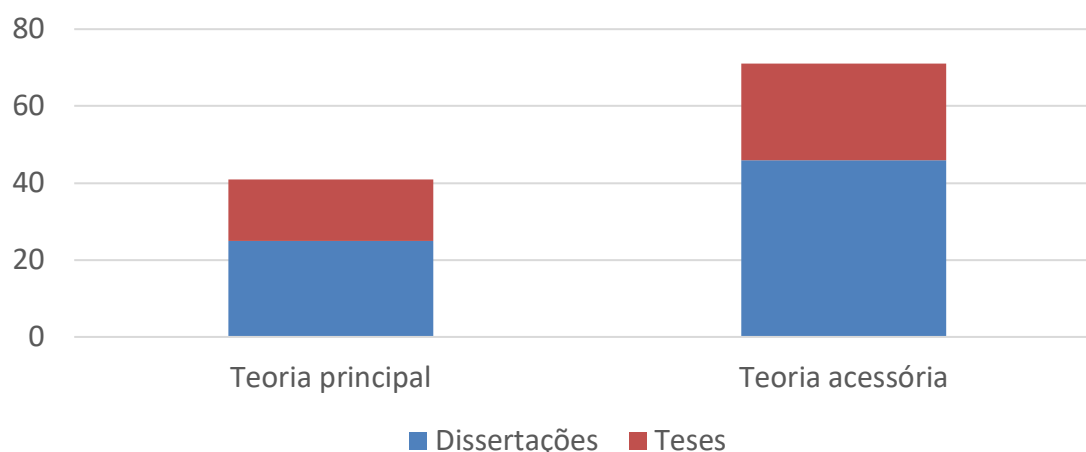
Após a separação dos trabalhos cujo tratamento à teoria saussuriana foi o foco principal, deter-nos-emos na verificação de quais as obras utilizadas: se somente o CLG, somente o ELG ou ambas. A partir disso, nos parece ser possível pelo menos entrever se a descoberta dos manuscritos saussurianos em 1996 e sua posterior edição e tradução para o português justificam de algum modo o aumento exponencial de produções acadêmicas sobre as elaborações saussurianas.

De acordo com a análise dos resumos, dos quais alguns serão ressaltados neste artigo a título de ilustração, temos, na Figura 5., o seguinte panorama do tratamento dado às elaborações de Ferdinand de Saussure:

---

<sup>9</sup> Os dados a respeito do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure podem ser encontrados aqui: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/36027](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/36027).

Figura 5. Tratamento das elaborações saussurianas



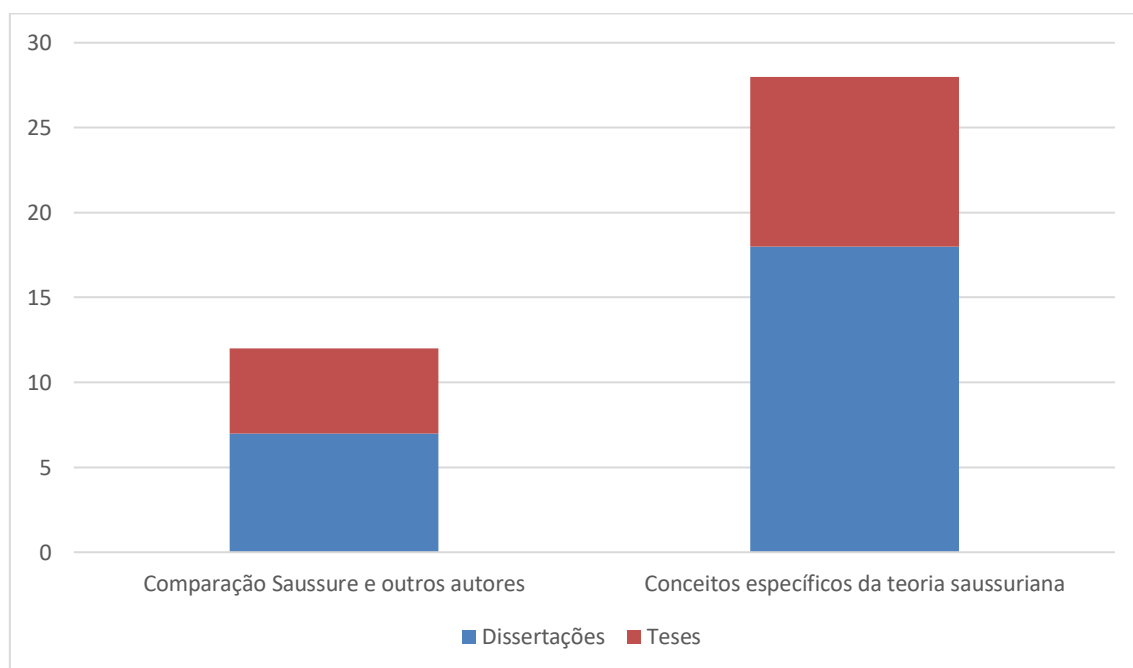
Fonte: Elaboração própria.

É perceptível que, dentre as 112 produções acadêmicas defendidas entre 2000 e 2024, cerca de 36,6% utilizaram-se da teoria saussuriana como arcabouço teórico principal de suas pesquisas. Essa utilização se deu de duas maneiras: estudos comparativos entre a teoria de Saussure e de outros autores, tais como Émile Benveniste, Jacques Derrida, Jacques Lacan, Antoine Meillet, William Labov, William D. Whitney, dentre outros; e pesquisas que tratavam de conceitos e/ou problemas teóricos específicos das elaborações do linguista suíço.

Aqui é interessante pontuar que grande parte das produções acadêmicas que se dedicaram principalmente às elaborações saussurianas foram defendidas a partir de 2008. Entretanto, parece-nos que é entre 2019 e 2022 que a quantidade de trabalhos que versam somente sobre questões específicas da teoria de Saussure tem um aumento considerável, o que coincide com os dados expostos na Figura 4., citada anteriormente, na qual se percebe um alto número de trabalhos acadêmicos que citam a entrada “Ferdinand de Saussure”.

Ao todo, temos então, 25 dissertações e 16 teses que se utilizaram da teoria saussuriana como teoria principal. Analisando os resumos destes textos, temos, então, a seguinte disposição:

Figura 6. Especificações do tratamento da teoria saussuriana como teoria principal



Fonte: Elaboração Própria.

O gráfico acima nos indica a seguinte divisão: dentre os textos que trataram a teoria saussuriana como teoria principal, 12 produções – sendo 7 dissertações e 5 teses – tinham como objetivo principal a realização de uma comparação entre Saussure e outros autores, o que indica aproximadamente 29,3% das defesas ocorridas entre 2000 e 2024. Por outro lado, 29 produções tratam de conceitos específicos da teoria saussuriana, sendo 18 dissertações e 11 teses, o que nos indica cerca de 70,7%. É interessante pontuar aqui que, da mesma forma que há um aumento exponencial a partir de 2019 das entradas que mencionam “Ferdinand de Saussure” em nossa busca na Biblioteca de Teses e Dissertações da Capes, também verificamos que é nesse período que os pós-graduandos mais se dedicaram a conceitos específicos das elaborações do linguista suíço.

Isso não somente nos indica um movimento de retomada das elaborações saussurianas no contexto da Pós-Graduação brasileira, como também um interesse pela delimitação de conceitos específicos e pela problematização de outros no que se refere ao próprio funcionamento da teoria saussuriana. Nesse ponto, é interessante mencionar que, nos que se refere às referências bibliográficas utilizadas nestes textos, é justamente a partir de 2019, ou seja, quando percebemos o aumento das produções e do interesse por conceitos específicos das elaborações de Saussure que vemos também a utilização dos ELG como uma das referências utilizadas.

Entretanto, deve-se ressaltar que o ELG não se constituiu enquanto referência única nesses textos. Muitas vezes, ele é utilizado enquanto uma das fontes principais, sendo comparado com o CLG, mas há outras produções que priorizam o estudo dos próprios manuscritos e não da edição realizada por Bouquet e Engler (2002). Assim,

chegamos a mais dois indicadores que devem ser considerados em nossa análise: a utilização do ELG como uma das fontes principais e o uso dos fac-símiles dos manuscritos<sup>10</sup>. Assim, dentre os textos em que a teoria saussuriana ocupa um lugar principal, seja em comparação com outras teorias, seja se dedicando a conceitos específicos, tem-se que 12 produções – 6 dissertações e 6 teses – optaram por utilizar os fac-símiles dos manuscritos e não o ELG. Os principais motivos para tais escolhas são o interesse por aspectos formais desses documentos que não são contemplados na edição, tais como as rasuras, além de um posicionamento contrário àquele de Bouquet e Engler (2004) sobre a natureza e pertinência do CLG em relação aos manuscritos.

## Considerações Finais

O objetivo principal deste artigo foi dar um panorama sobre a produção acadêmica nas Pós-Graduações brasileiras em torno da teoria de Ferdinand de Saussure, no período compreendido entre os anos 2000 e 2024. A justificativa para esse levantamento foi a percepção de que, a partir do início do século XXI, houve um aumento considerável de dissertações e teses que tratavam das elaborações saussurianas. Colocamos a hipótese de que esse aumento se deu em virtude da descoberta de um conjunto inédito de manuscritos do linguista em 1996 e sua posterior edição por Bouquet e Engler (2002) e tradução para o português em 2004.

Para realizar esse levantamento, selecionamos alguns critérios, tais como o período em que essas produções foram defendidas, as regiões e as grandes áreas. A análise teve como resultado, no que diz respeito a esses critérios, que é a partir de 2008 que se tornam mais recorrentes as produções acadêmicas em torno de Saussure, mas o ápice se encontra entre 2019 e 2022. Em relação às regiões, tem-se que a Região Sudeste, seguida da Região Sul do Brasil concentram a maior parte dos Programas de Pós-Graduação em que essas pesquisas foram defendidas. Por fim, no que concerne às grandes áreas, temos, obviamente, uma concentração de trabalhos na área de Letras e Linguística, mas também há incidência de produções em outras áreas, tais como Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas.

Além desses critérios, indicamos mais um que nos pareceu relevante para pensar a produção acadêmica brasileira em torno de Ferdinand de Saussure: a maneira com que a teoria do linguista suíço foi tratada. Assim, percebeu-se que dentre os 112 trabalhos analisados a nível de mestrado e doutorado, 36,6% dedicaram-se às elaborações saussurianas como teoria principal, seja comparando-a com outros autores, seja dedicando-se a conceitos específicos da teoria de Saussure.

---

<sup>10</sup> Esse material pode ser adquirido por meio da Biblioteca Pública e Universitária de Genebra, mediante pagamento.

A partir desses resultados e considerando nossa hipótese de que a descoberta dos manuscritos teria um papel no aumento do interesse pela teoria saussuriana no contexto brasileiro, verificamos quais fontes foram utilizadas nessas produções: o ELG ou os próprios manuscritos de Saussure. Percebeu-se que dos trabalhos que destinaram a Saussure um lugar de destaque, 12 deles optaram pela utilização dos fac-símile em lugar da edição contida no ELG, sendo a justificativa utilizada a consideração das rasuras, além de um posicionamento divergente daquele defendido pelos editores do ELG, de acordo com o qual o “verdadeiro” Saussure não seria encontrado no CLG. No que se refere à utilização do ELG, tem-se que 18 produções – sendo 12 dissertações e 6 teses – utilizaram-se dessa edição como referência bibliográfica. O restante das produções utilizou-se somente do CLG.

Podemos dizer que a análise realizada aqui, com suas limitações, indica-nos que é possível pensar que a descoberta dos manuscritos em 1996 tenha sido um dos motivos para que a produção acadêmica no Brasil a respeito de Saussure tenha aumentado nos últimos 24 anos. E, nesse ponto, parece-nos que o ELG tenha um papel importante na medida em que populariza esses documentos ao público brasileiro. Entretanto, é importante considerarmos o movimento de afastamento dessa Edição pelos pesquisadores da fortuna saussuriana, o que se justifica muito em virtude de não concordarem com o discurso de que o CLG falseia o pensamento saussuriano. Nesse sentido, podemos entrever, talvez, um amadurecimento teórico importante no ambiente acadêmico brasileiro, tendo em vista a defesa de um posicionamento que se opõe àquele expresso no ELG, além de um interesse teórico e formal pelas notas autógrafas de Saussure.

Obviamente, a análise aqui apresentada possui limitações tanto no que concerne à ausência de algumas produções do início dos anos 2000, como também pelo fato de que não nos dedicamos aos textos propriamente ditos, mas sim aos resumos e referências bibliográficas. Entretanto, pensamos que este artigo apresenta um primeiro olhar sobre Saussure na pós-graduação e nos instiga a dedicar um pouco mais de atenção a esse movimento teórico de retomada que é visualizado no Brasil.

## Saussure in postgraduate school: theoretical and epistemological aspects

### *Abstract*

*In recent years, there has been an increase in postgraduate research in Brazil focused on the study of Saussurian theory. At the beginning of the 21st century, research and study groups began to be organized, covering both aspects related to the nature of Saussurean manuscripts and theoretical and epistemological aspects of Ferdinand de Saussure's ideas. In this context, this work presents a survey of theses and dissertations defended in Postgraduate Programs in Linguistics in the last twenty-four years, with the aim of verifying the different conceptual and epistemological approaches to Saussure's fortune in Brazil. As a starting point, there are two main questions to guide the analysis of theses and dissertations: the first consists of asking about the*

*reasons why there was a significant increase in research on Saussure's fortune in Brazil; and the second, in turn, concerns the existence or not of specificities in Brazilian research in relation to that developed in other countries, mainly in France. Thus, the aim is to provide an overview of what has been produced in Brazil, so that it is possible, at least preliminarily, to indicate the direction of Saussurean studies in the country.*

*Keywords: Postgraduate studies. Saussurean studies. Theory. Epistemology*

## Referências

BOUQUET, S.; ENGLER, R. Prefácio dos editores. In: SAUSSURE, F. de. **Escritos de linguística geral**. Organização e edição: Simon Bouquet, Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 11-17.

**Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES.** Disponível em: [https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/. Acesso em: 19 nov. 2024.](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/)

COELHO, M. P. O prefácio à edição brasileira do curso de linguística geral. **Revista Cenários**, Porto Alegre, vol. 2, n. 14, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

**Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure.** Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/36027>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MARCHESE, M. P. Une source retrouvée du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure. Revue suisse de linguistique générale**. Genève: Librairie Droz S.A, n. 56. p. 333-339. Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, 2003.

NORMAND, C. **Saussure**. Tradução: Ana de Alencar, Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009[2000].

**Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística.** Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Disponível em: <https://anpoll.org.br/2022/programas/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. [1916] Editado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 5a. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SAUSSURE, F. de. **Écrits de linguistique générale**. Edição estabelecida e editada por Simon Bouquet, Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Paris: Gallimard, 2002.

SAUSSURE, F. de. **Escritos de linguística geral**. Organização e edição: Simon Bouquet, Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum, Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

# A produção editorial em torno de Saussure no Brasil: dossiês e revistas

Alena Ciulla<sup>1</sup>

## Resumo

Com o objetivo de traçar um panorama da leitura e recepção da obra de Ferdinand de Saussure no Brasil, realizamos uma exaustiva investigação na web, percorrendo dossiês e revistas, em que coletamos trabalhos sobre a reflexão e/ou sobre a obra de Saussure. Nos dossiês, a busca foi feita pela temática e título e, nas revistas, além da temática e título dos números que tratam especificamente de Saussure, a busca também foi feita por artigos e resenhas, cujos títulos ou palavras-chave remetem a Saussure e que foram publicados de maneira esparsa, em chamadas de temáticas diversas. Esta busca não foi apenas quantitativa, ainda que os números sejam um forte indicativo da presença de Saussure nos estudos e pesquisas brasileiros. Avaliamos também, em cada um dos trabalhos, quais as temáticas saussurianas tratadas e quais os perfis dos trabalhos, partindo da suposição de que se poderiam identificar pelo menos três categorias: os mais voltados a uma didatização, os que contém uma reflexão de pesquisa acadêmica e os que se voltam a um estudo mais filológico. Para completar esse diagnóstico da leitura e recepção de Saussure no que tange às publicações de dossiês e revistas, registramos também os nomes dos periódicos, bem como os anos e locais de publicação. Acreditamos que com os resultados e análise desses dados, podemos contribuir para um inventário daquilo que se produz, divulga e ensina em torno da obra de Saussure no Brasil.

*Palavras-chave:* História saussuriana no Brasil. Inventário da produção saussuriana. Fortuna saussuriana. Legado de Saussure. Recepção de Saussure no Brasil

Data de submissão: novembro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16510>

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com habilitação em tradução do francês para o português. Atualmente é professora adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras, no Instituto de Letras da UFRGS e atua na linha de pesquisa Análise textuais, discursivas e enunciativas. <https://orcid.org/0000-0002-0710-9397> E-mail: [alenacs@gmail.com](mailto:alenacs@gmail.com)

## Introdução

Com o objetivo de traçar um panorama da leitura e recepção da obra de Ferdinand de Saussure no Brasil, realizamos, no âmbito do Grupo de Trabalho Ferdinand de Saussure, uma mesa-redonda em que discutimos a questão, apresentada no 37º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal Fluminense, em 2023. A contribuição apresentada neste artigo foi a de percorrer e registrar dossiês e periódicos na web, para a coleta de trabalhos em torno da obra de Saussure, além de fazer uma análise inicial desses dados, que possa servir ao panorama geral da recepção no Brasil.

O intuito dessa empreitada é o de, ao compor esse panorama, compreender melhor a obra do mestre e, ao mesmo tempo, ajudar a diagnosticar o impacto de sua obra na pesquisa e no ensino de linguística no país.

Quanto ao primeiro objetivo, de aprofundar o conhecimento da reflexão de Ferdinand de Saussure, esse dispensaria justificativa, pela conhecida, constante, controversa, frutífera e sempre renovada discussão de conceitos saussurianos, inclusive com repercussão não apenas na área da linguística, mas em tantas outras, como a filosofia, a antropologia, a psicanálise e a semiótica. Um dos motivos principais dessa ainda atual necessidade de discussão em torno de Saussure, entre tantos, citados também por Gadet (1978) e Normand (2009a e 2009b), é que, conforme Normand (2011, p.12), referindo-se à “herança incontestavelmente científica” do pensamento de Saussure, “sempre algo desse pensamento escapa”. Abrem-se aí, muitas brechas e muitos veios de investigação. Ressalto, além dessa, uma outra motivação, em especial para os estudos linguísticos, no que diz respeito ao aprofundamento sobre as ideias de Saussure: o fato de que toda a linguística (pelo menos a Ocidental) é herdeira de um certo modo de estudar a linguagem que foi fundado por Saussure. De acordo com Sylvain Auroux:

O saber (as instâncias que o acionam) não destrói o seu passado, como frequentemente se crê, de maneira errada; ele o organiza, escolhe, esquece, imagina ou idealiza, bem como antecipa o seu futuro, imaginando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (Auroux, 1994, p.7.)<sup>2</sup>

A questão do saber, conforme o autor coloca no trecho acima, é o viés pelo qual pode ser visto o legado de conhecimento de Saussure, pois mesmo que em constantes rupturas e aproximações, a linguística caminha sempre em uma relação com Saussure: de

---

<sup>2</sup> Esta e as demais traduções de citações foram feitas pela autora deste artigo. No original: “Le savoir (ou les instances qui le mettent en œuvre) ne détruit pas son passé, comme on le croit souvent à tort, il l’organise, le choisit, l’oublie, l’imagine ou l’idéalisé, de la même façon qu’il anticipe son avenir en le rêvant tandis qu’il le construit. Sans mémoire et sans projet, il n’y a tout simplement pas de savoir.”

organização, seleção, esquecimento, idealização e imaginação, mas não de aniquilação do seu pensamento.

Flores (2022), em sua reflexão sobre herança e legado saussuriano, corrobora essa ideia:

(...) reconhecer heranças e herdeiros impede que se promova uma destituição de referência aos sistemas de pensamento fundantes, entre os quais está Ferdinand de Saussure. Podemos ser contra um sistema de pensamento ou a favor dele; isso, desde que bem fundamentado, é salutar e necessário para fazer avançar o conhecimento. O que não podemos é promover o desmonte dos sistemas de pensamento, em nome de uma versão dos fatos que ignora a história do conhecimento. (Flores, 2022, p.11)

Com isso, reforço aqui a importância de recompor a história das ideias de Saussure, com o que este trabalho tem o intuito de contribuir. Além disso, conforme também Flores:

A história da presença das ideias de Saussure no Brasil ainda está por ser feita. E essa história deveria incluir, sem dúvida, a repercussão da teoria saussuriana na produção científica brasileira, além de seu impacto na produção de um modo muito singular de fazer linguística (Flores, 2017, p.22)

Por reconhecer fortemente, então, não apenas a importância atual da discussão sobre a obra de Saussure, mas também da lacuna da história, para a recuperação dessa herança, é que surgiu a ideia deste trabalho.

Faz-se oportuno esclarecer ainda que as noções de herança e recepção de que tratamos aqui não dizem respeito a conduzir ou procurar um percurso objetivo - mesmo que isso fosse possível - e cronológico do conhecimento de Saussure no Brasil, via publicações em periódicos. Trata-se de reconstruir, sob um olhar particular, uma perspectiva sobre o legado de Saussure no Brasil que se pode perceber a partir dos dados gerados por esses documentos. E o singular estende-se também para o próprio modo de fazer linguística no Brasil, conforme Flores (2017) indica acima. A novidade que traz uma investigação dessa natureza é duplamente sustentada, assim, por esses dois aspectos de singularidade: o do olhar em particular desta investigação e o da interpretação sobre um modo de fazer linguística que é peculiar do contexto brasileiro.

Para Claudine Normand (2011), aliás,

De Saussure só se pode fazer leituras pessoais, o que sempre pressupõe escolhas e interpretações e, correlativamente, omissões e reduções. É assim desde 1916, data da publicação do *Curso de linguística geral* [...] por seus editores, conforme atestam diferentes resenhas feitas pelos contemporâneos (Normand, 2011, p.11)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> No original: "De Saussure on ne peut faire que des lectures personnelles, ce que suppose, toujours des choix et des interprétations, et, corrélativement, des oublis et des réductions. C'est ainsi depuis 1916, date de publication du Cours de Linguistique Générale [...]"

Além disso, para Normand (2011), cada geração de leitores produz seu modo de leitura, conforme o contexto intelectual do momento, de modo que se poderia fazer a história do pensamento saussuriano pela história de suas interpretações. É assim que este trabalho pretende contribuir, a partir do levantamento das publicações em periódicos no Brasil.

Uma discussão que envolve essas questões também foi conduzida por Scherer, Schneiders e Martins (2015) em um estudo a partir dos currículos dos cursos no Rio Grande do Sul. Para as autoras, a disciplinarização da linguística, guiada por diferentes recepções e leituras, é um processo que muda de lugar para lugar, de época para época, pois cada lugar e época têm diferentes “convenções, valores, visões de mundo, que possibilitam a formação de um certo universo linguístico acadêmico” (Scherer, Schneiders e Martins, 2015, p.74).

Conclui-se daí, outrossim, que para configurar uma “história das interpretações” não bastaria registrar apenas os aspectos mais objetivos, que dizem respeito às datas, autores e local de publicação. Esse aspecto teve, então, uma importante implicação para a metodologia deste trabalho, em que foi preciso avaliar, desde que terminada a fase de coleta dos artigos, como eles seriam agrupados, de modo a fornecer indícios dessa história.

## 1 Metodologia

Conforme explicamos acima, esta busca não foi apenas quantitativa, mas os números – dados iniciais aferidos pelas simples somatórias de publicações – foram considerados como um forte indicativo da presença de Saussure nos estudos e pesquisas brasileiros. Quanto à história dessas interpretações, isto é, os indícios que pudessem revelar algo sobre os conhecimentos que derivaram da obra de Saussure e nela continuam operando, foram avaliados também, em cada um dos trabalhos, as temáticas tratadas. Partimos da hipótese de que encontraríamos três grandes categorias de trabalhos: os mais voltados a uma didatização, os que tinham foco em uma reflexão de pesquisa acadêmica ou, ainda, os que se propunham um estudo mais filológico. Conforme mostramos na análise dos resultados, encontramos esses tipos de trabalhos, mas sentimos necessidade de criar outros agrupamentos, além de várias especificações dentro dos grupos.

As perguntas que guiaram o olhar para esses dados foram, portanto, sobre as temáticas e tipos de leitura que se pode atribuir às interpretações que se faz de Saussure. Faz-se necessário observar que esse elenco de temáticas e tipos de leitura partiu de uma hipótese que se constituiu tanto pela experiência de leitura e conhecimento de linguística

---

par ses éditeurs, comme le montrent les comptes rendus divers par les contemporaines.”

e da obra de Saussure da autora desta investigação quanto pelo conhecimento de outros autores e autoras que antes disso já haviam feito reflexões sobre a questão.

Gadet (1987) refere-se, por exemplo, a uma *leitura histórica*, ao lado de uma *leitura interna*. A leitura histórica englobaria em um mesmo grande corredor as relações de Saussure com seus contemporâneos, predecessores, discípulos, adversários, editores e leitores. A leitura interna teria como foco as próprias ideias saussurianas, como o valor do signo linguístico, o arbitrário, o fônico, aspecto sincrônico e diacrônico etc. À leitura histórica e à interna, Gadet (1987) acrescenta uma posição, que a autora adota, de se concentrar no aspecto da fundação de uma posição intelectual na linguística. Gadet também menciona as leituras linguística, semiológica e filosófica – aqui mais ligadas, portanto, aos diferentes campos que a discussão saussuriana abrange. Outras autoras propuseram tipos de leitura de Saussure, como Silveira (2007), entre a dificuldade e o enigma, e Marques (2021), entre uma leitura enviesada pelos estudos críticos e outra “a olho nu”, ou seja, que dispensaria o aparato crítico e/ou didatizado em torno da obra de Saussure. Contudo, em todas essas discussões perpassa, de algum modo, a discussão dos conceitos teóricos de Saussure, sobre língua, fala, arbitrário, valor, signo etc. Outras sobreposições apareceriam, e aqui exemplifico com a classificação de Gadet (1987), entre uma leitura histórica e uma leitura de um campo (filosófica ou semiológica ou linguística), por exemplo, pois as relações com contemporâneos, adversários, seguidores etc. passa necessariamente pelas ideias relacionadas. O que quero mostrar com isso é que tentar classificar os estudos em tipos de leituras é uma atividade que envolve levar em conta essas complexidades e, sobretudo, que o mais importante não é a classificação a que se chega, mas a reflexão que é feita diante do material que se tem, descobrindo as particularidades dessas leituras, que, como dissemos, ajuda a pensar uma configuração da história do conhecimento. Por isso, o estudo que faço aqui não foi engessado por nenhuma dessas propostas, mas também não se pode dizer que elas foram ignoradas.

Sem dúvida, há muito mais o que discutir no que diz respeito às noções de herança, recepção, legado, tipos de leitura e disciplinarização, a partir dos autores citados até aqui e ainda outros, como Puech (2016), Puech e Rady (2011) Chiss e Puech (1980). Além disso, para uma maior precisão de análise dos dados aqui levantados, é preciso levar em conta toda essa discussão, para além do conhecimento da obra e reflexão de Saussure. Entretanto, não cabe neste momento um aprofundamento dessas questões, que foram aqui apenas pinceladas brevemente, com vistas a uma contextualização e explicação da motivação desta pesquisa parcial. O foco deste trabalho é sobretudo a coleta dos dados, de que não temos notícia tenha sido feita de maneira sistemática no caso dos periódicos, juntamente a uma análise inicial, para alavancar trabalhos futuros, em que, aí, sim, e em conjunto com outras coletas, possam recompor de maneira mais abrangente a história das

ideias saussurianas no Brasil.

Para compor esse diagnóstico da leitura e recepção de Saussure no que tange às publicações de dossiês, revistas e todo tipo de trabalho publicado em periódicos na web, foram registrados os nomes dos periódicos, dos autores e dos organizadores, bem como os anos e locais de publicação (planilhas do Anexo). Os resultados e análise desses dados podem contribuir para um inventário daquilo que se produz, divulga e ensina em torno da obra de Saussure no Brasil.

Para garantir uma busca de varredura mais ampla possível e o mais rápido possível, foram utilizadas consultas a bancos de dados da web. Bancos de dados são fontes de coleções eletrônicas de grande quantidade de informação, organizadas a partir de uma estrutura, a qual é possível consultar de maneira interativa através de um computador.

De todas as fontes de banco de dados experimentadas, que foram o Portal de Periódicos CAPES, Scielo, Eric, Scopus, BDTD, Ulrichweb, Redalyc e Google Acadêmico, a mais dinâmica para a busca necessária a este trabalho foi o Google Acadêmico.

Foi possível restringir a busca pelo tema e por publicações de alcance nacional. A página de resultados permite visualizar as informações de maneira mais “limpa”, isto é, sem muitas informações desnecessárias no campo da tela de retorno, e, em muitos casos, já traz o link da publicação. As palavras de busca na primeira etapa foram *Saussure* e *Curso de Linguística Geral*, juntamente com a palavra *artigo* e *dossiê*. Nas páginas de resultado, a partir da 20<sup>a</sup>, os trabalhos começaram a se repetir, o que é um indício de que a busca havia saturado. Na segunda etapa foram buscadas as expressões *Escritos de Linguística Geral*, *Manuscritos de Saussure*, *Lendas Germânicas*, *Anagramas de Saussure*, *correspondências de Saussure*. Também foram buscadas, na plataforma lattes e na bibliografia de autores dedicados a Saussure, referências a publicações de periódicos. Nesta segunda etapa, contudo, não apareceram trabalhos que não haviam sido extraídos pela busca na primeira etapa - muito provavelmente porque o nome de Saussure, em todos os casos, é a palavra-chave de busca, sem a qual as expressões se tornam muito gerais e não retornam os dados esperados.

## 2 Análise

Nesta seção, em primeiro lugar, há uma descrição de como foram tratados os dados, isto é, a sua seleção, registro e catálogo. Isso, que a princípio pode ainda pertencer à metodologia, está aqui apresentado, porque tem uma implicação na análise, como se vê, logo a seguir, nas considerações iniciais sobre as temáticas encontradas e nas suas relações com os dados quantitativos. Tal movimento leva a um aprofundamento da análise e a decisões, para uma maior especificidade das classificações em tipos de abordagens.

## 2.1 Tratamento dos dados e resultados preliminares

Foi feita a seleção e catálogo em planilha Excel, que pode ser verificada no anexo deste trabalho. A planilha 1 apresenta:

- a) Dados quantitativos (números aproximados)
  - contagens de artigos avulsos, total e por ano, por autor, por universidade/região;
  - contagens de números especiais e de dossiês;
  - totais: por número, por ano, por autor, por temática, por universidade/região.
- b) identificação de tipos de trabalhos: artigos, resenhas, traduções, entrevistas, ensaios
- c) qualis das revistas
- d) identificação de temas
- e) sugestão de classificação dos temas pelo modo de abordagem

A seguir, partes da planilha 1, em que são destacados alguns resultados, organizados em tabelas resumidas:

Tabela 1 - Números temáticos

|      |                        |                                                                          |
|------|------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| 2008 | Revel                  | 9 artigos + apresentação                                                 |
| 2009 | Letras e Letras        | 11 artigos + apresentação + entrevista                                   |
| 2013 | Investigações          | 7 artigos + prefácio                                                     |
| 2013 | Traduzires             | 6 artigos + entrevista                                                   |
| 2014 | Matraga                | 14 artigos + resenha + apresentação                                      |
| 2017 | Gragoatá               | 14 artigos + resenha                                                     |
| 2019 | Leitura                | 21 artigos + tradução + entrevista + resenha                             |
| 2022 | Revel                  | 12 artigos traduzidos + 2 artigos originais + apresentação               |
|      |                        | 85 artigos + 13 traduções + 3 entrevistas + 4 apresentações + 3 resenhas |
|      | Total de periódicos: 8 | Total de trabalhos: 104                                                  |

Fonte: autora deste artigo

Na tabela 1 destacamos, na primeira coluna, o ano da publicação, na segunda, o nome do periódico e, na terceira, a quantidade e o tipo de trabalho publicado, entre artigo original, tradução, apresentação, entrevista, prefácio e resenha. O primeiro número temático dedicado a Saussure foi em 2008 e o último (até a data desta investigação, em 2023) foi no ano de 2022. O total de periódicos de números temáticos foi de 8 e o total de trabalhos publicados nessas edições foi de 104.

Tabela 2 - Dossiês

|      |                        |                                             |
|------|------------------------|---------------------------------------------|
| 2013 | Nonada                 | 14 artigos + apresentação                   |
| 2015 | Eutomia                | 4 artigos + editorial seção dossiê          |
| 2016 | Eutomia                | 8 artigos + apresentação                    |
| 2016 | Antares                | 8 artigos + apresentação                    |
| 2017 | Revista do Gelne       | 6 artigos + editorial seção dossiê          |
| 2018 | Delta                  | 11 artigos + apresentação                   |
| 2020 | Todas as Letras        | 12 artigos + apresentação                   |
|      |                        | 63 artigos + 5 apresentações + 2 editoriais |
|      | Total de periódicos: 7 | Total de trabalhos: 68                      |

Fonte: autora deste artigo

Na tabela 2 também destacamos, na primeira coluna, o ano da publicação, na segunda, o nome do periódico e, na terceira, a quantidade e os tipos de trabalhos publicados, que foram; artigo, apresentação e editorial. O primeiro dossiê dedicado a Saussure foi em 2013 e o último (até a data desta investigação, em 2023) foi no ano de 2020. O total de periódicos com dossiês foi de 7 e o total de trabalhos publicados nessas edições foi de 68.

Quanto aos artigos avulsos, foram registrados 134 trabalhos, sendo 125 em periódicos e 9 em anais de eventos. Somando-se esses números aos dos dossiês e números temáticos, obtemos o resultado quantitativo global, que são 306 trabalhos, publicados de 1998 (primeiro trabalho encontrado) a 2023 (último trabalho encontrado, até o ano da investigação, que era o de 2023 também).

A distribuição por estados e universidades mostra que a produção em torno de Saussure alcança o Brasil todo, de norte a sul. Os estados e universidades que despontaram foram:

- Minas Gerais – Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Estadual de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto Federal de Mato Grosso
- Rio Grande do Sul – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal de Pelotas, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica-RS, Universidade de Passo Fundo, Universidade Federal do Pampa, Uniritter, Universidade de Caxias do Sul, Universidade Federal da Fronteira Sul, Universidade de Santa Cruz do Sul
- Alagoas – Universidade Federal de Alagoas, Instituto Federal de Alagoas
- Paraíba – Universidade Federal da Paraíba
- Mato Grosso – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
- Goiás – Instituto Federal Goiano, Universidade Estadual de Goiás, Universidade Federal de Goiás

- Rio Grande do Norte – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Instituto Federal do Rio Grande do Norte
- Santa Catarina – Universidade Federal de Santa Catarina, Unisul, Unoesc,
- São Paulo – Universidade Federal de São Carlos, Unicamp, Universidade de São Paulo, Universidade estadual de São Paulo, Universidade Federal de Santo André, Pontífice Universidade Católica-SP
- Pernambuco - Universidade Católica de Pernambuco
- Rio de Janeiro – Universidade Federal Fluminense, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Estácio de Sá, PUC-Rio
- Paraná – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade Federal do Paraná
- Acre – Universidade Federal do Acre
- Amazonas – Universidade do Estado do Amazonas
- Ceará – Universidade Federal do Ceará, Instituto Federal do Ceará
- Bahia – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Os autores, em sua maioria, são pesquisadores doutores, há poucos mestres ou mestrandos/doutorando e pouquíssimos graduandos. Um maior detalhamento dos dados pode ser visto na planilha, em anexo.

Esses números começam a tomar algum contorno, quando lemos os trabalhos e fazemos o exercício de formular o que esses trabalhos tratam ao abordar Saussure. E, além disso, como abordam. Por isso, foram lidos com atenção, quando não a integralidade dos trabalhos, pelo menos os títulos, os resumos e as considerações finais de todos os trabalhos catalogados. Os resultados dessa leitura estão registrados a seguir.

## 2.2 Interpretação a partir dos temas encontrados

Foram feitas análises dos temas encontrados e dos modos de discuti-los e apresentá-los. É preciso dizer que as classificações que fizemos também se entrecruzam (como as de outras autoras, que foram citadas anteriormente) no sentido de que um artigo poderia se encaixar em mais de um dos tipos de abordagem que elencamos ao mesmo tempo. Para essa decisão, usei um critério – bastante subjetivo, é claro – sobre o que seria mais importante no trabalho, a partir da minha interpretação. Contudo, conforme anunciado desde o início, a contribuição deste trabalho não é fornecer um quadro definitivo ou objetivo da produção editorial em periódicos, no Brasil, sobre Saussure e,

sim, um panorama particular da questão.

Os trabalhos foram classificados conforme as seguintes abordagens e especificações de temas:

1. Abordagem de didatização – estudos com o intuito de ensinar/*fixar um certo Saussure*

2. Abordagem de reflexão – estudos com o intuito de *pensar com Saussure*.  
Subdividem-se em:

- ✓ *Conceitos* CLG e/ou outros escritos: escrita, valor, significado/significante, significação, arbitrariedade, aspectos fônicos, fala
- ✓ *Tradução* (reflexão sobre tradução)
- ✓ *Filologia* (história das línguas em Saussure)
- ✓ CLG: *compilação, editoração, autoria, historiografia* etc.
- ✓ *Cartas* de Saussure: conceitos, epistemologia, historiografia<sup>4</sup>
- ✓ *Manuscritos*: compilação, editoração, conceitos, epistemologia, historiografia
  - Anagramas
  - Lendas

3. Abordagem para *pensar sobre Saussure* e suas ideias, sobre o conhecimento advindo da reflexão saussuriana e suas consequências disciplinares e outras:

- História das ideias
  - Epistemologia/herança epistemológica
  - Recepção
- (e podem se cruzar com outros temas de conteúdo teórico)

4. Abordagens de *cotejo* com Saussure

- ✓ Cotejo / legado para áreas conexas:
  - *desenvolvimentos e contribuições de ideias saussurianas* para autores/abordagens de outras áreas
  - *contraposição de ideias saussurianas* a partir de ideias de autores de outras áreas
  - *interpretação de Saussure* a partir da leitura de autores de outras áreas
- ✓ Cotejo / legado para a linguística:

---

<sup>4</sup> Maneiras de interpretar as fontes históricas e os modos como a história é escrita.

- *comparações do pensamento saussuriano com outros autores linguistas/estudiosos da linguagem, seja para ver semelhanças ou afastamentos e/ou desenvolvimentos*
- *aplicações de teorias/modelos/ideias de autores que se fundamentaram na teoria saussuriana em estudos sobre o ensino, aquisição, gramática etc.*
- *prospecção de ideias saussurianas, estudos que fazem operar a teoria saussuriana (mas é preciso rever os que partem de leituras de segunda mão)*
- *a reflexão de Saussure, a partir da interpretação que outros linguistas fizeram*

#### 5. Tradução do CLG e/ou de outros escritos e manuscritos (*reflexão sobre a tradução de obras de Saussure*)

Predominam, neste primeiro olhar, considerando esses 5 grandes grupos, os trabalhos sobre conceitos do CLG: valor, arbitrariedade, escrita etc. que parecem ir em grande parte no sentido de encontrar o “verdadeiro” Saussure: foram identificados 177 (do total de 306) com este perfil.

Outra observação é que houve um número crescente de trabalhos, de modo geral, a partir do ano de 2013. Nos avulsos (os que não estão em números temáticos nem em dossiês) há bastante abordagens de cotejo com áreas conexas e com áreas da linguística: trata-se de quase metade do total com este perfil.

## Algumas considerações finais

Foi percebida, em todas essas abordagens e especificidades de temas dos trabalhos publicados em periódicos, uma tendência para a diversificação em torno de uma problematização dos fatos de linguagem. A propósito, uma hipótese de Flores (2017), de que houve uma recepção ligada à tradução do CLG em 1970 e outra ligada à tradução dos Escritos em 2004, parece coincidir com os nossos achados: é a partir de meados de 2006 que começam a se intensificar as publicações em periódicos, não só em quantidade, mas em variedade de temas problematizantes.

A meu ver, essa tendência à problematização parece apontar para a compreensão de que o caráter inacabado que é atribuído a muitas reflexões de Saussure passou a ser visto sob um outro aspecto, o da abertura para novos desenvolvimentos e novos pontos de vista sobre os objetos que são estudados à luz das ideias saussurianas.

Ao lado desse avanço, há, entretanto, por um lado, um ponto de retrocesso: muitos trabalhos de prospecção – ao que me pareceu em uma primeira leitura desse corpus catalogado – fundamentam-se não em Saussure, mas em algum leitor de Saussure. Como

adivinharam Bally e Sechehaye no prefácio do CLG, pelo menos parte da crítica talvez não saiba mesmo distinguir entre o mestre e seus intérpretes.

Ainda assim, principalmente lembrando do Saussure ensinado nas universidades brasileiras como obsoleto nas décadas de 80 e 90, há um florescimento da discussão em torno de sua obra que o levantamento de periódicos indica. E os tipos de trabalhos fornecem pistas de como a discussão tomou um rumo mais voltado à construção de ideias linguísticas e não a algo a ser fixado, como uma resposta definitiva.

Falar em florescimento se justifica também pelo retorno exegético observado nos trabalhos, o qual, mesmo que aos poucos, leva a ler Saussure e não somente os seus intérpretes. Além disso, essa profusão na produção de periódicos pode ser um indício de que Saussure no Brasil, hoje, está entre o de uma descoberta e o de um reconhecimento: descoberta, porque se observa uma discussão de conceitos que até ultrapassados se considerava até antes de 2000; e reconhecimento, por perceber que as ideias de Saussure ainda movem moinhos e podem fazer pensar não somente no que herdamos e fazemos atualmente, mas também no que nos dá subsídio para ter ideias novas sobre a língua e sobre a linguagem.

Os modos de conduzir as temáticas que os trabalhos publicados em periódicos apresentam, além de comprovar a efervescência de ideias, também vão ao encontro do que diz Coseriu:

(...) é preciso levar em conta que o “Curso de Linguística Geral” não constitui apenas um ponto de partida, mas também um ponto de chegada e encontro de teses e intuições anteriores e que, justamente por isso, representa um momento essencial na história da linguística (COSERIU, 1999, p.129).<sup>5</sup>

Mesmo que esse momento, para nós, seja somente agora. Prova disso é a profusão de trabalhos encontrados, não apenas sobre os conceitos em si, como ponto de chegada, mas que também operam outros movimentos, de encontros com outras teses, de reformulações ou complementos de teses anteriores. E, além disso, há o interesse historiográfico e epistemológico que a reflexão saussuriana acarreta, presente também na produção de periódicos que foi avaliada.

Como já foi mencionado aqui, há muito mais a discutir sobre recepção e herança, incluindo, por exemplo, avaliar as potencialidades prospectivas do campo, como sugere Flores (2017, p.31). É um vasto campo que se abre para a pesquisa, que redescobre autores e teorias e faz avançar os estudos atuais.

Por fim, observamos que a investigação revelou temas e modos de abordar os temas muito variados e complexos e que acredito que valha a pena retomar e aprofundar em

---

<sup>5</sup> No original: “[...] hay que tener em cuenta que ‘El curso de lingüística geral’ no constituye solo um punto de partida sino también um punto de llegada y encuentro de tesis e intuiciones anteriores y que justamente por ello representa um momento esencial en la historia de la lingüística”.

estudos futuros. Assim, a discussão que advêm da reflexão saussuriana definitivamente não se parece mais com algo a ser descartado, pelo panorama que traçamos.

Anexo

| revista número especial                                                          | revista/editora / autores                                 | volume, nr | data | orgs                                       | temas                                        | universidade do autor                         | formação                                | end web                                                                                                                               |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|------------|------|--------------------------------------------|----------------------------------------------|-----------------------------------------------|-----------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 Estudos Saussurianos                                                           | Revista Virtual de Estudos da Linguagem - Revel           | 6, 2       | 2008 | Martine Teixeira e Cássio Haag UNISINOS    | apresentação                                 |                                               |                                         | <a href="http://www.revista.vl.br/index.php/revista">http://www.revista.vl.br/index.php/revista</a>                                   |
| Alinda Ferdinand de Saussure                                                     | Martine Teixeira e Cássio Haag UNISINOS                   |            |      |                                            |                                              |                                               |                                         |                                                                                                                                       |
| 1 A escrita em Saussure                                                          | Magali Endreyant                                          |            |      |                                            |                                              | Universidade Estadual do Rio Grande do Sul    | doutora, docente                        |                                                                                                                                       |
| 2 A escrita em Saussure                                                          | Paula Sobott                                              |            |      |                                            |                                              | Universidade Federal do Paraná                | professora em linguística e psicanálise |                                                                                                                                       |
| 3 A escrita em Saussure                                                          | Rafael Baúlio da Cunha                                    |            |      |                                            |                                              | Universidade Federal do Paraná                | doutorando                              |                                                                                                                                       |
| 4 As concepções saussurianas de formação de palavras                             | Bruna Oliveira Maroneze                                   |            |      |                                            |                                              | Universidade de São Paulo - USP               | doutorando                              |                                                                                                                                       |
| 5 Saussure e a definição da língua como objeto de estudo                         | Mônica Nóbrega                                            |            |      |                                            | valentes/gondardes/Lucan                     | Universidade Federal do Paraná                | docente                                 |                                                                                                                                       |
| 6 Saussure e a definição da língua como objeto de estudo                         | Rômulo Rodrigues                                          |            |      |                                            | língua/clínica da linguagem/ciências humanas | Universidade Católica de Goiás - UCG          | professora                              |                                                                                                                                       |
| 7 Saussure e a voz                                                               | Maurício Luchini Miliúda                                  |            |      |                                            |                                              | Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC | professora                              |                                                                                                                                       |
| 8 CLG: tradição e atualidade à perspectiva representacional                      | Thalita de Toledo e Helena Martins                        |            |      |                                            | epistemologia de Saussure                    | Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC | doutora                                 |                                                                                                                                       |
| 9 Saussure e Voichinov: uma relação conturbada                                   | Jandira Paschoa                                           |            |      |                                            | epistemologia de Saussure                    | Universidade de Caxias do Sul - UCS           | doutorando UNISINOS, docente UCS        |                                                                                                                                       |
| 2 Novo retorno a Saussure                                                        | Letícia                                                   | n. 62      | 2019 | Marcio Alexandre Cruz e Nubia Faria        |                                              |                                               |                                         | <a href="https://www.ufrj.br/index.php/revistaleticia/issue/view/108">https://www.ufrj.br/index.php/revistaleticia/issue/view/108</a> |
| 1 Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indolente        | Marcio Alexandre Cruz e Nubia Faria                       |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 2 Da importância da diversidade linguística na conformação do conceito           | Janaina Nazari Gomes                                      |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | professora                              |                                                                                                                                       |
| 3 A linguística saussuriana e a multiplicidade das línguas                       | Fernando Silva e Silva                                    |            |      |                                            |                                              | UFPA, PUC, linguística, filosofia             | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 4 Reflexões sobre os fatos de 'sonoridade' nos manuscritos de F. de Saussure     | João Roberto Costa, Luiz Milano                           |            |      |                                            |                                              | UFPA, UFPA                                    | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 5 O som como figura social e o som como signo: considerações à partir de         | Vitor Jochems Schneider                                   |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 6 Análises da linguagem: criatividade epistemológica de F. de Saussure           | Almeida Moreira Costa, Luiz Milano                        |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 7 A noção de gramática em Saussure                                               | Stefania Moritz Henriques                                 |            |      |                                            |                                              | Universidade Estadual de Campinas             | doutora                                 |                                                                                                                                       |
| 8 O lugar da escrita na reflexão saussuriana sobre o objeto da linguística       | Valdir do Nascimento Flores                               |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 9 Comentários sobre as traduções da Nota sobre o discurso de F. de Saussure      | Amanda Cristina Scherer e Maria Inês Souza Costa          |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutora                                 |                                                                                                                                       |
| 10 A problemática acerca da relação entre Saussure e                             | Micela Pafum Costo                                        |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutora                                 |                                                                                                                                       |
| 11 Caminhos e itinerários: estratégias de circulação dos documentos saussurianos | Elaine Silveira, Israel de S. e Claudemir Alves Fernandes |            |      |                                            |                                              | UFPA, Mato Grosso                             | doutora                                 |                                                                                                                                       |
| 12 Problemas de Saussure em F. de Saussure                                       | Dyane Teodoro Lima                                        |            |      |                                            |                                              | UFPA, Minas Gerais                            | doutora, docente                        |                                                                                                                                       |
| 13 Saussure, Bédier e a questão do período                                       | Alana Marques                                             |            |      |                                            |                                              | Instituto Federal de Amapá                    | doutora                                 |                                                                                                                                       |
| 14 Reestabelecendo as relações fundamentais da linguística histórica à ling      | Claudia Toledo e Débora Facin                             |            |      |                                            |                                              | Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul   | doutora                                 |                                                                                                                                       |
| 15 Saussure e alguns aspectos da enunciação                                      | Osamu Neumann e Amanda Garcia dos Anjos                   |            |      |                                            |                                              | Universidade de Passo Fundo                   | doutora                                 |                                                                                                                                       |
| 16 Das línguas da relação de pensamento saussuriana ao movimento p               | Clément Pinheiro e Silvio Luis da Silva                   |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 17 A linguística saussuriana no Brasil no início do século XXI                   | Sara Luiza Hoff                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA, UFPA (Paraná)                           | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 18 Pensando a tradução com Saussure: uma outra consideração do síncret           | Christen Barth, Marcio Alexandre Cruz                     |            |      |                                            | tradução                                     | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 19 O objeto de Saussure: recepção e herança (Paris contra Genebra)               | Jürgen Trabant, Marcio Alexandre Cruz                     |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 20 O curso em busca de Saussure                                                  | Pierre-Yves Testenier, Alexandre Sales Macedo Barbosa     |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | professora                              |                                                                                                                                       |
| 21 A sombra do curso                                                             | Francisco Jermes de Oliveira Paiva                        |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | professora                              |                                                                                                                                       |
| 22 Uma história da recepção das ideias de S e B no Brasil                        | Francisco Jermes de Oliveira Paiva                        |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | professora                              |                                                                                                                                       |
| 23 Entrevista Daniela Garbano a José José Figuera                                |                                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | professora                              |                                                                                                                                       |
| 3 Da língua ao discurso: paradigmas teóricos                                     | Graciosa                                                  | 22, 44     | 2017 | Jacques Fontanille e Silvia Maria de Sousa |                                              | Universidade Federal Fluminense               | doutora                                 | <a href="https://periodicos.ufrj.br/graciosa/issue/view/1768">https://periodicos.ufrj.br/graciosa/issue/view/1768</a>                 |
| 1. língua qual é chamada                                                         | Valdir do Nascimento Flores                               |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 2. O que há para ultrapassar na noção saussuriana de signo? De Saussure          | Nubia Faria, Dayane Lima                                  |            |      |                                            |                                              | UFPA, IFA                                     | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 3. O curso de Linguística geral e seus efeitos: a escrita em Hjelmslev           | Carlos Pinheiro e Alex Teodoro Lima da Silveira           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 4. O curso de Saussure e a produção do objeto de estudo                          | Claudia Farias                                            |            |      |                                            |                                              | Universidade do Estado do Amazonas - UEA      | doutora                                 |                                                                                                                                       |
| 5. F. de Saussure e a produção do objeto de estudo                               | Sérgio Badr                                               |            |      |                                            |                                              | Universidade de Liège                         | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 6. Saussure e a produção do objeto de estudo                                     | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 7. Saussure e a produção do objeto de estudo                                     | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 8. Saussure e a produção do objeto de estudo                                     | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 9. Saussure e a produção do objeto de estudo                                     | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 10. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 11. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 12. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 13. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 14. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 15. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 16. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 17. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 18. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 19. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 20. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 21. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 22. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 23. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 24. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 25. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 26. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 27. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 28. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 29. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 30. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 31. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 32. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 33. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 34. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 35. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 36. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 37. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 38. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 39. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 40. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 41. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 42. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 43. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 44. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 45. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 46. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 47. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 48. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 49. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 50. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 51. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 52. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 53. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 54. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 55. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 56. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 57. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 58. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 59. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 60. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 61. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 62. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 63. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 64. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 65. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 66. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 67. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 68. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 69. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 70. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 71. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 72. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 73. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 74. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 75. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 76. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 77. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 78. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 79. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 80. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 81. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 82. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 83. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 84. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 85. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 86. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 87. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 88. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 89. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 90. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 91. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 92. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 93. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 94. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 95. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 96. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 97. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 98. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 99. Saussure e a produção do objeto de estudo                                    | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 100. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 101. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 102. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 103. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 104. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 105. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 106. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 107. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 108. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 109. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 110. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 111. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 112. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 113. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 114. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 115. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 116. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 117. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 118. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 119. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 120. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 121. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 122. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 123. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 124. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 125. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 126. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 127. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 128. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 129. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 130. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 131. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 132. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 133. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 134. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 135. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 136. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 137. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 138. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 139. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 140. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 141. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   | Elaine Silveira                                           |            |      |                                            |                                              | UFPA                                          | doutor                                  |                                                                                                                                       |
| 142. Saussure e a produção do objeto de estudo                                   |                                                           |            |      |                                            |                                              |                                               |                                         |                                                                                                                                       |

[449]



## Referências

- AUROUX, Sylvain. **La révolution technologique de la grammatisation**. Liège : Mardaga, 1994.
- CHISS, Jean-Louis; PUECH, Christian. Quelle histoire de la linguistique ? La « coupure » saussurienne. Paris, Persée : **Histoire Épistémologie Langage**, 1980, t.II, fasc.2, p.5-14. Disponível em [https://www.persee.fr/doc/hel\\_0750-8069\\_1980\\_num\\_2\\_2\\_1062](https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_1980_num_2_2_1062) Acesso em 20/10/2023.
- COSERIU, Eugenio. **Lecciones de Lingüística General**. Madrid: Gredos, 1999.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e Benveniste no Brasil**. São Paulo: Parábola, 2017.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **A linguística geral de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Contexto, 2022.
- GADET, Françoise. **Saussure, une science de la langue**. Paris : PUF, 1987.
- MARQUES, Allana Cristina Moreira. **O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto**. 2021. 196f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2020.
- NORMAND, Claudine. **Saussure**. Trad. de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009a[2000].
- NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. Org. Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. Trad. de Cristina de Campos Velho Bircket al. São Paulo: Contexto, 2009b[1970].
- NORMAND, Claudine. **Saussure: uma epistemologia da Linguística**. In: As bordas da linguagem.Org. Eliane Mara Silveira. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- PUECH, Christian; RABY, Valérie. Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection, Paris, Persée : **Histoire Épistémologie Langage**, 2011, t.33, fasc.2, p.5-14. Disponível em [https://www.persee.fr/doc/hel\\_0750-8069\\_2011\\_num\\_33\\_2\\_3217](https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2011_num_33_2_3217). Acesso em 24/10/2023.
- PUECH, Christian. O “discurso”, as heranças e os destinos de Saussure na França. In: **Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções** (org.) Márcio Alexandre Cruz, Carlos Piovezani, Pierre-Yves Testenoire. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- SCHERER, Amanda; SCHNEIDERS, Caroline; MARTINS, Taís. Crônicas e controvérsias. **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n.35, p.73-94, 2015.
- SILVEIRA, Eliane Mara. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

# A produção editorial em torno de Saussure no Brasil: livros autorais e organizações de obras

*Eliane Silveira*<sup>1</sup>

*Micaela Pafume Coelho*<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho tem o objetivo de analisar comparativamente o histórico das publicações de livros sobre Saussure no Brasil, sejam eles autorais ou organizações de obras. O escopo de nossa investigação é composto por dois períodos: o final do século XX, de 1970 a 2000, e o período já decorrido do século XXI – desde seu início, no ano 2001, até o período atual (outubro de 2024). A fim de embasar nossa análise, apresentaremos dois aspectos político-históricos que podem ter influenciado as possíveis diferenças entre os dois espaços de tempo: a redemocratização do país e o aumento de investimentos orçamentário-financeiros e de políticas públicas no ensino superior. Com isso, procuraremos comprovar a hipótese de que o cenário que se inicia com o século XXI tende a ser mais produtivo, no que concerne às publicações em torno de Saussure.

*Palavras-chave:* Publicação. Edição. Autoria. Ferdinand de Saussure

Data de submissão: novembro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16495>

<sup>1</sup> Doutora em linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-doutoramento na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Nova de Lisboa. Atualmente é professora titular de Linguística no curso de graduação do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), professora e orientadora no Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da mesma universidade. Realiza pesquisas, desde 1994, sobre a produção teórica de Ferdinand de Saussure, é líder do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (CNPq) e coordenadora do Grupo de Trabalho Estudos Saussurianos (ANPOLL). Membro do Cercle Ferdinand de Saussure e do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL). <https://orcid.org/0000-0002-4862-4547> E-mail: [eliane.m.silveira@gmail.com](mailto:eliane.m.silveira@gmail.com)

<sup>2</sup> Servidora em exercício no Ministério do Trabalho e Emprego, atuando como Assessora Técnica no Departamento de Prestação de Contas. Em 2019, obteve o título de doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, com período sanduíche na Sorbonne Université - Paris 7. Interessa-se pelas questões sociais em geral e, em especial, aquelas que envolvem a língua e a linguagem. <https://orcid.org/0000-0001-7734-7633> E-mail: [micaelapafumecoelho@gmail.com](mailto:micaelapafumecoelho@gmail.com)

## Introdução

Ferdinand de Saussure é ampla e internacionalmente reconhecido por suas ideias que concederam, à Linguística, seu lugar entre as ciências modernas. Os três cursos que ministrou na Universidade de Genebra (entre 1907 e 1911) secretaram o cerne da teorização responsável por essa revolução nos estudos linguísticos. Após a sua morte, em 1913, dada a ausência de um livro que levasse a público os conhecimentos expostos nesses cursos, alguns de seus alunos se juntaram para organizá-los e publicá-los, em uma obra póstuma: o *Curso de Linguística Geral* (CLG).

Embora a publicização dessas ideias tenha ocorrido direta e imediatamente na Europa (marcada por alguns percalços ocasionados pelas duas Grandes Guerras), no Brasil, essa recepção ocorreu com atraso e majoritariamente por intermédio de comentadores. Ademais os contextos geográfico e político-histórico do país também parecem ter dificultado a recepção da teorização de Saussure no país, uma vez que ela dependia, em grande parte, da importação de obras estrangeiras e de sua divulgação em um país de dimensões continentais. Além disso, essa recepção também foi dificultada, por um lado, pelo baixo investimento na educação superior brasileira e, por outro, pela consequente elitização da mesma. O período ditatorial ocorrido entre 1964 e 1985, por fim, concorreu para consolidar um contexto não favorável à fecundidade intelectual no Brasil que, não obstante o ambiente universitário fosse, em geral, um espaço de resistência.

As dificuldades dessa introdução do pensamento do linguista no país interferiram, por consequência, na produção de conhecimentos científicos que partiam das ideias do linguista, limitando a produção e a publicação de trabalhos a elas relacionados. Considerando isso, neste trabalho, nos dedicaremos à análise da produção editorial em torno de Saussure, comparando as publicações ocorridas em dois períodos: no final do século XX, especificamente entre os anos de 1970 e 2000, e no início do século XXI, no interim compreendido entre 2001 e 2024.

Para tanto, realizaremos os levantamentos exaustivos das publicações de livros elaborados por autores brasileiros (tanto autorais como organizações de obras) ocorridas em ambos os períodos. A fim de compará-las, apresentaremos dois aspectos político-históricos que podem ter influenciado o cenário acadêmico-científico e ocasionado as diferenças que possivelmente serão encontradas entre os dois espaços de tempo: a redemocratização do país e o aumento de investimentos orçamentário-financeiros e de políticas públicas no ensino superior. Com isso, procuraremos comprovar a hipótese de que o cenário que se inicia com o século XXI tende a ser mais produtivo, no que concerne especificamente às publicações em torno de Saussure.

## 1 Século XX: a tradução

Ferdinand de Saussure foi um linguista que, embora tenha publicado pouco durante sua vida, deixou um grande legado de ideias e elaborações sobre a língua. Com a publicação do CLG, em 1916, em Paris, foi possível divulgar, no nicho europeu, a teorização responsável por conceder, à Linguística, o estatuto de ciência moderna.

No Brasil, por sua vez, a introdução das elaborações de Saussure ocorreu, inicialmente, por vias indiretas, a partir de pesquisadores e professores que tiveram contato com o pensamento do linguista no exterior e o trouxeram ao país e, a partir de seus objetivos e com suas interpretações, o difundiram. Embora essa primeira recepção tenha ocorrido ainda na primeira metade do século XX, foi apenas na década de 1970 que foi publicada a tradução do CLG para o português brasileiro.

Importa ressaltar que essa publicação ocorreu em meio à ditadura militar, iniciada em 1964, e que as condições autoritárias desse período interferiram significativa e negativamente, tanto para a circulação da tradução no país, como para a recepção de outras obras que pudessem por em circulação e debate a teorização saussuriana e consequentemente democratizar o acesso a esse conhecimento (cf. Coelho, 2016, p. 2-3). Com isso, nessa época, o saldo de publicações brasileiras dedicadas exclusivamente à teorização de Saussure foi restrito. Podemos elencar, exaustivamente<sup>3</sup>, as seguintes obras lançadas entre 1970 e 2000 – isto é, no período compreendido entre a publicação do CLG em português brasileiro e o final do século XX (início da redemocratização):

Tabela 1 – Publicações específicas sobre a teorização de Saussure entre 1970 e 2000

| Título                                                                                        | Autor                   | Ano  | Local          |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|------|----------------|
| <i>Proposições para uma semiologia e uma linguística (uma nova leitura de F. de Saussure)</i> | Carlos Henrique Escobar | 1973 | Rio de Janeiro |
| <i>Saussure: pró e contra: para uma linguística social</i>                                    | Louis Jean Calvet       | 1977 | São Paulo      |
| <i>Ciência e linguagem: introdução ao pensamento de Saussure</i>                              | Neidson Rodrigues       | 1980 | Rio de Janeiro |

Fonte: elaborada pelas autoras, com base em pesquisa avançada no Google Livros.

A metodologia utilizada para buscar essas publicações consistiu em realizar busca avançada no Google Livros, com os seguintes filtros:

- Data: século XX;
- Título: que contenha a palavra Saussure;

<sup>3</sup> As investigações que compõem este artigo se pretendem exaustivas com base nos critérios de pesquisa explicitados. Não obstante, as listagens por nós apresentadas estão passíveis de serem complementadas a partir de critérios ainda mais rigorosos de busca em outros meios de pesquisa.

- Idioma: português;
- Tipo de documento: livro.

Ao realizarmos a pesquisa, identificamos que os filtros deixaram passar publicações feitas no século vigente e em outras línguas, e que também que havia obras do âmbito da biologia que referenciavam Henri Louis Frédéric de Saussure. Ademais, houve duas publicações indicadas como livros, mas que, na verdade, tratava-se de teses de doutorado. Em face disso, realizamos uma curadoria, separando os livros de nosso interesse: do âmbito da Linguística, em língua portuguesa e publicados entre 1970 e 2000. Desse modo, foi elaborada a listagem exaustiva das publicações desse período.

Frente aos dados encontrados, é possível observar que, em um intervalo de 30 anos, houve apenas três publicações dedicadas exclusivamente às ideias saussurianas. Além disso, é relevante o fato de que todas as publicações ocorreram nas cidades do Rio de Janeiro ou de São Paulo – duas das principais capitais do país.

Em contraponto ao cenário de aparente limitação e elitização, encontrado no momento que sucede a publicação da tradução do CLG para o português brasileiro, hipotetizamos que o início do século XXI tenha propiciado uma conjuntura mais produtiva. Contudo, antes de nos debruçarmos sobre as publicações ocorridas no século XXI, consideramos relevante contextualizar o cenário histórico e político brasileiro, no momento de transição entre o século XX e o século XXI.

## 2 Entre os séculos XX e XXI: uma transição

A hipótese de que o cenário que se inicia com o século XXI tenda a ser mais produtivo, no que concerne às publicações em torno de Ferdinand de Saussure, se baseia em condições externas às publicações propriamente ditas. Certamente que o avanço da redemocratização no Brasil foi um fator do contexto histórico e político do estado brasileiro que teve um impacto direto na produção de conhecimento no país. Iremos retomar alguns de seus aspectos que podem nos auxiliar a apresentar os fundamentos da nossa hipótese. Entre eles, destacaremos alguns dos fatores que se relacionam a esse contexto na transição entre os séculos XX e XXI, mais especificamente destacamos o ano 1985 que marca o fim da ditadura militar e o início da redemocratização no país.

É preciso notar que embora o regime ditatorial tenha dado os primeiros sinais de fraqueza ainda em 1976 (Chauí; Nogueira, 2007, p. 174), sua queda e a redemocratização não aconteceram imediatamente, ocorreram de forma gradativa e processual. Pode-se dizer que esse processo ocorreu, no Brasil, justamente nos últimos anos do século XX. Chauí e Nogueira observam que não eram poucos os desafios enfrentados por aqueles que faziam frente à ditadura militar, lutavam para derrotá-la e buscavam um horizonte, ou seja, “(...)

armar o passo seguinte e preparar desde logo o caminho para a reconstrução democrática e a reorganização da sociedade que sairia da ditadura.” (2007, p. 198-199). Nesse contexto histórico e político era necessário “(...) ao mesmo tempo equacionar seus próprios dilemas históricos e acelerar o estabelecimento de melhores patamares de desenvolvimento, justiça e igualdade”. (op.cit.). Evidente que esse movimento era transversal à realidade brasileira, ou seja, impactou ao mesmo tempo a sociedade civil e as instituições, dessa forma era esperado que a educação, inclusive nas instâncias de formação superior, fosse afetada pelo movimento de redemocratização.

Contudo, assim como se previu, a democracia não retornou de forma espontânea ao Estado e à sociedade brasileira. Foram e têm sido necessários trabalhos progressivos de reestruturação político-social, que não surgiram apenas em consequência da eleição indireta de Tancredo Neves e José Sarney, para a presidência em 1985, mas de muito trabalho a partir disso. Como se sabe, a Constituição Federal vigente (conhecida como Constituição Cidadã) foi concebida durante o processo de redemocratização e aprovada apenas em 1988. Uma vez que a Carta Magna foi reconhecida, passou a haver um processo de implementação de suas premissas, muitas das quais têm carecido de complementação ou de alterações de caráter legislativo, política ou popularmente demandadas, para que se adequem à prática e ao cenário possível.

Em face disso, convém destacar com Chauí & Nogueira, 2007, que “A versão brasileira da democracia progressiva, portanto, não se voltava somente para o bom funcionamento do sistema político ou para a colocação em prática de operações que promovessem maior sintonia entre governantes e governados.” (p. 201) Havia, nesse movimento, objetivos mais amplos: “Seu sentido principal estava dado pela busca da reforma social na legalidade democrática, pela ativação de uma dialética Estado/sociedade que fizesse de cada conquista a base e o impulso para novas e mais importantes conquistas(...)” (op.cit.). A redemocratização, portanto, tinha o potencial de influenciar diretamente a sociedade em geral e, em particular, a pesquisa e a produção acadêmica, *locus princeps* da circulação da obra saussureana, já que “(...) *política e cultura estavam destinadas a caminhar juntas, uma alimentando a outra.*” (op.cit., grifo nosso).

Considerando, portanto, a indissociação entre política e produção de conhecimento científico, ressaltamos que a repressão proveniente da ditadura militar controlava e cerceava ideais provenientes do ambiente acadêmico. Chauí e Nogueira (2007), ao retomarem a história do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec) destacam esse cerceamento:

O Cedec nasceu em maio de 1976, de uma cooperação com diversos intelectuais, alguns externos à academia, mas a maioria vinda de uma atuação profissional de docência e pesquisa nas universidades públicas paulistas. Isso, *numa época em que o ambiente ideológico dessas*

*universidades não era muito propício para o tipo de inquietação que esses docentes viviam.* (Chauí; Nogueira, 2007, p. 173, grifo nosso).

Porém, no processo de redemocratização, tem sido retomado, aos poucos (com idas e vindas), o direito à liberdade de pensamento no contexto científico. O famoso artigo quinto da Constituição Federal de 1988, em seu inciso nono, carrega essa garantia: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, **científica** e de comunicação, independentemente de censura ou licença” (Brasil, 1988, art. 5º, inciso IX, grifo nosso). Por conseguinte, entendemos que, entre o final do século XX e o início do século XXI, há grande probabilidade de terem ocorrido publicações científicas em maior número, muito embora, no que concerne à teorização de Saussure (mas não apenas), elas tenham permanecido tímidas, até o final do século XX, conforme argumentado no tópico anterior.

Não obstante esse crescimento, notamos que as publicações, por si só, não garantem a divulgação do conhecimento científico e tampouco a sua continuidade. Por isso, destacamos outro fator histórico-político que auxiliou no aumento do número de publicações acadêmicas e da divulgação do conhecimento científico: o investimento orçamentário-financeiro e em políticas públicas, e o consequente aumento das instituições de ensino superior no Brasil nos últimos 25 anos dos quais se tem registro (de 1999 a 2023).

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), em 1999 (penúltimo ano do século XX)<sup>4</sup>, havia 1097 instituições de ensino superior públicas e privadas, assim distribuídas:

Tabela 2 – Número de instituições de ensino superior no Brasil em 1999

| <b>Região</b>    | <b>N.º total de instituições</b> | <b>N.º de instituições em capitais</b> | <b>N.º de instituições no interior</b> |
|------------------|----------------------------------|----------------------------------------|----------------------------------------|
| Norte            | 42                               | 31                                     | 11                                     |
| Nordeste         | 141                              | 81                                     | 60                                     |
| Sudeste          | 634                              | 201                                    | 433                                    |
| Centro-oeste     | 132                              | 53                                     | 79                                     |
| Sul              | 148                              | 43                                     | 105                                    |
| Todas as regiões | 1097                             | 409                                    | 688                                    |

Fonte: elaborada pelas autoras, com base em Brasil (1999).

Considerando que há, no país, apenas 27 capitais (a do próprio país e uma para cada estado), e que o Brasil possuía 5507 municípios no ano em questão (Brasil, 1999), identificamos uma desproporção na distribuição das instituições de ensino superior no país. Afirmamos isso, pois 37% das instituições estavam alocadas em 27 municípios,

<sup>4</sup> Escolhemos o ano de 1999 como referência para os dados apresentados, porque entendemos que esse período proporciona uma visão mais próxima do cenário geral do século XX do que o ano de 2000 – que consistiu no ano de transição para o século XXI. Além disso, o espaço de tempo entre a pesquisa de 1999 e a última realizada (em 2023), consiste na mesma quantidade de anos do estudo realizado acerca da pós-graduação brasileira, sobre o qual falaremos mais à frente.

enquanto 63% se encontravam nos outros 5480 municípios. Isso significa que 37% das instituições de ensino superior se encontravam em cerca de 0,49% do território do país. Esse cenário de concentração da educação superior nas capitais do país evidencia uma elitização da instrução, uma vez que esses municípios tendem a obter maior renda per capita do que as cidades do interior, bem como a serem o foco de implementação das principais políticas públicas do Estado.

Além disso, é fundamental destacar a sobressalência do número de instituições de ensino superior no sudeste: a região, sozinha, detinha quase 58% das universidades em seu território. Considerando a relevância política dessa região para a história do Brasil (em períodos como o da política do café com leite, envolvendo Minas Gerais e São Paulo, bem como na época em que a cidade do Rio de Janeiro foi a capital do país), entendemos que esse fato também contribuía para a elitização do ensino superior no ano em questão.

Especificamente, ressaltamos que as produções científicas relacionadas à teorização de Saussure se concentram no âmbito do ensino superior. Embora, hoje, seja possível encontrar materiais didáticos que mencionem o linguista em suas propostas, no final do século XX essa probabilidade era bastante escassa, uma vez que o ensino de língua portuguesa se baseava quase completamente no ensino de gramática. Por consequência, entendemos que quanto menos universidades existissem, menores eram as chances de haver produção de conhecimento em torno das ideias de Saussure. Ainda, em nossa concepção, quanto mais restritas eram as áreas de existência de instituições de ensino superior, mais difícil se tornava a divulgação e a troca de conhecimento sobre a teorização responsável pela fundação da Linguística moderna.

Em contrapartida, se voltarmos nosso olhar para o período atual, a partir do Censo da Educação Superior realizado pelo Inep em 2023, identificamos algumas alterações relevantes no cenário da educação superior no país:

Tabela 3 – Número de instituições de ensino superior no Brasil em 2023

| <b>Região</b>    | <b>N.º total de instituições</b> | <b>N.º de instituições em capitais</b> | <b>N.º de instituições no interior</b> |
|------------------|----------------------------------|----------------------------------------|----------------------------------------|
| Norte            | 197                              | 105                                    | 92                                     |
| Nordeste         | 604                              | 246                                    | 358                                    |
| Sudeste          | 1093                             | 304                                    | 789                                    |
| Centro-oeste     | 290                              | 142                                    | 148                                    |
| Sul              | 396                              | 109                                    | 287                                    |
| Todas as regiões | 2580                             | 906                                    | 1674                                   |

Fonte: elaborada pelas autoras, com base em Brasil (2023).

O dado que mais se destaca, comparativamente às informações relativas ao ano de 1999, é o número de instituições de ensino superior que, atualmente, consiste em mais de 235% do número obtido em 1999. Ou seja, hoje, há mais do que o dobro de instituições

que havia no final do século XX. Outro elemento considerável é o fato de que, na região sudeste, o número de instituições de ensino superior quase se iguala ao total de instituições que existiam no Brasil em 1999. A região é, de longe, a que mais possui instituições de ensino superior, com 489 a mais que a segunda colocada, que é a região nordeste.

No que tange à distribuição das instituições de ensino no território nacional, salientamos que houve um tímido decréscimo na desproporcionalidade que existia entre as capitais e os municípios do interior. Dado que o Brasil possui, atualmente, 5570 municípios (Brasil, 2023), cerca de 35% das instituições se encontram concentradas em 0,48% dos municípios. Apesar disso, é possível observar que todas as regiões foram beneficiadas pelo investimento estatal no ensino superior, tanto em suas capitais como nos demais municípios.

Esses dados destacados colocam em foco dois principais fatores: i) houve um investimento maior (tanto financeiro como em políticas públicas) nas instituições de ensino superior, a partir do início do século XXI; ii) houve uma concentração maior desses investimentos na região sudeste e nas capitais do país, evidenciando a manutenção da elitização do ensino superior. Não obstante, o aumento significativo no número de instituições em todas as regiões demonstra um incentivo à democratização da formação dos cidadãos e à publicização do conhecimento científico.

Alia-se a este fato o concomitante aumento dos programas de pós-graduação no país. Sabemos que, enquanto o ensino superior é responsável por introduzir os cidadãos ao conhecimento científico e por formar profissionais qualificados, as pós-graduações são responsáveis pela formação de pesquisadores e pela produção de um conhecimento científico mais aprofundado. Especificamente sobre a produção em torno de Ferdinand de Saussure, a partir uma amostra composta por dados provenientes do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil acerca do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure, compreendemos que a maior parte de seus membros são professores atuantes em algum programa de pós-graduação, ou pesquisadores vinculados a cursos de mestrado ou doutorado (Brasil/CNPq, 2024). Considerando isso, nos é relevante observar em que medida houve o crescimento dos cursos de mestrado e de doutorado no país, para que possamos compreender o contexto em que tem se inserido a formação científica do país nos últimos 25 dos quais há registros – para, por fim, entendermos o cenário das publicações de Ferdinand de Saussure no século corrente.

De acordo com informações do estudo *Brasil: mestres e doutores 2024*, realizado pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), em 1996, o Brasil contava com 1817 cursos de mestrado e doutorado, distribuídos de acordo com as cinco regiões do país:

Tabela 4 – Número de cursos de mestrado e de doutorado por região do país em 1996

| <b>Região</b>    | <b>Cursos de mestrado</b> | <b>Cursos de doutorado</b> | <b>N.º total de cursos de pós-graduação stricto sensu</b> |
|------------------|---------------------------|----------------------------|-----------------------------------------------------------|
| Norte            | 27                        | 8                          | 35                                                        |
| Nordeste         | 172                       | 37                         | 209                                                       |
| Sudeste          | 739                       | 499                        | 1.238                                                     |
| Centro-oeste     | 58                        | 16                         | 74                                                        |
| Sul              | 191                       | 70                         | 261                                                       |
| Todas as regiões | 1.187                     | 630                        | 1.817                                                     |

Fonte: elaborada pelas autoras, com base em CGEE (2024).

Nota-se que a região que mais possuía cursos de pós-graduação stricto sensu, em 1996, consistia na sudeste. Esse dado, contudo, já era esperado, uma vez que um programa de pós-graduação precisa, necessariamente, estar vinculado a uma instituição de ensino superior e, conforme já exposto, a região sudeste é, historicamente, a que mais possui esse tipo de instituição em seu território.

Um fato relevante acerca desses dados é que, em 1996, havia mais cursos de pós-graduação stricto sensu (1817) do que instituições de ensino superior em 1999 (1097). Embora esse fato pareça surpreendente, ele é bastante natural, visto que uma mesma instituição de ensino superior pode hospedar vários cursos de pós-graduação.

Especificamente no que concerne à grande área de nosso interesse, isto é, Linguística, Letras e Artes, de acordo com os dados da CGEE (2024), havia os seguintes números de cursos de mestrado e de doutorado em 1996:

Tabela 5 – Número de cursos de mestrado e de doutorado em Linguística Letras e Artes por região do país em 1996

| <b>Região</b>    | <b>Cursos de mestrado</b> | <b>Cursos de doutorado</b> | <b>N.º total de cursos de pós-graduação stricto sensu</b> |
|------------------|---------------------------|----------------------------|-----------------------------------------------------------|
| Norte            | 1                         | 0                          | 1                                                         |
| Nordeste         | 8                         | 2                          | 10                                                        |
| Sudeste          | 44                        | 29                         | 73                                                        |
| Centro-oeste     | 3                         | 0                          | 3                                                         |
| Sul              | 10                        | 5                          | 15                                                        |
| Todas as regiões | 66                        | 36                         | 102                                                       |

Fonte: elaborada pelas autoras, com base em CGEE (2024).

Nesse período, as regiões nordeste e centro-oeste não possuíam cursos de doutorado e consistiam nas regiões que menos ofertavam cursos de mestrado na grande área de Linguística Letras e Artes. A região sudeste, em contrapartida, permanece como a pioneira em cursos de pós-graduação stricto sensu também na grande área sobre a qual versamos.

Sabendo disso, consideramos importante contrapor esses dados (tanto gerais como específicos sobre essa grande área) com aqueles mais recentes, que datam de 2021:

Tabela 6 – Número de cursos de mestrado e de doutorado por região do país em 2021

| <b>Região</b>    | <b>Cursos de mestrado</b> | <b>Cursos de doutorado</b> | <b>N.º total de cursos de pós-graduação stricto sensu</b> |
|------------------|---------------------------|----------------------------|-----------------------------------------------------------|
| Norte            | 297                       | 108                        | 405                                                       |
| Nordeste         | 954                       | 415                        | 1.369                                                     |
| Sudeste          | 1.953                     | 1.256                      | 3.209                                                     |
| Centro-oeste     | 408                       | 192                        | 600                                                       |
| Sul              | 989                       | 561                        | 1.550                                                     |
| Todas as regiões | 4.601                     | 2.532                      | 7.133                                                     |

Fonte: elaborada pelas autoras, com base em CGEE (2024).

De 1996 a 2021, houve um aumento de 392,6% nos cursos de pós-graduação stricto sensu no país. Porém, a classificação das regiões permaneceu a mesma, com o sudeste liderando, seguido do sul, do nordeste, do centro-oeste e, na última posição, o norte. A esse respeito, ressaltamos que, em 2021, a região sudeste, sozinha, possuía 1,7 vezes o número de cursos de pós-graduação stricto sensu que havia em todo o país em 1996.

Nomeadamente, a grande área de Linguística, Letras e Artes também foi agraciada com investimentos de políticas públicas e de ordem orçamentário-financeira, na pós-graduação do país, obtendo crescimentos significativos até o ano de 2021:

Tabela 7 – Número de cursos de mestrado e de doutorado em Linguística Letras e Artes por região do país em 2021

| <b>Região</b>    | <b>Cursos de mestrado</b> | <b>Cursos de doutorado</b> | <b>N.º total de cursos de pós-graduação stricto sensu</b> |
|------------------|---------------------------|----------------------------|-----------------------------------------------------------|
| Norte            | 16                        | 5                          | 21                                                        |
| Nordeste         | 52                        | 27                         | 79                                                        |
| Sudeste          | 96                        | 71                         | 167                                                       |
| Centro-oeste     | 22                        | 13                         | 35                                                        |
| Sul              | 45                        | 31                         | 76                                                        |
| Todas as regiões | 231                       | 147                        | 378                                                       |

Fonte: elaborada pelas autoras, com base em CGEE (2024).

O número total de cursos de mestrado e doutorado em Linguística, Letras e Artes quase quadruplicou, no ínterim entre 1996 e 2021. Nesse cenário, contudo, embora o sudeste continuasse liderando, o nordeste veio em segundo lugar, ultrapassando a região sul. Isso significa que houve um aumento expressivo dos estudos dessa grande área na região nordeste, uma vez que, em 1996, ela possuía apenas dois terços da quantidade de cursos de pós-graduação stricto sensu da região sul.

Outro dado importante a ser salientado é o fato de que foram criados cursos de doutorado em regiões onde, em 1996, não havia – isto é, no norte e no centro-oeste. Alinhado a isso, observamos que as regiões que possuíram a maior taxa de crescimento consistiram naquelas que tinham o menor número de cursos de pós-graduação no Brasil. De acordo com o CGEE (2024, item 4.1), esse fato é “uma clara evidência do processo de desconcentração regional da pós-graduação brasileira ocorrido entre 1996 e 2021”.

Em contrapartida, devido à ausência de dados específicos sobre a presença dos

cursos de pós-graduação nos municípios brasileiros, é possível realizar inferências, a partir do cruzamento desses últimos dados apresentados com aqueles referentes ao número de instituições de ensino superior nas capitais e nos demais municípios das cinco regiões do Brasil. Nesse sentido, podemos depreender que, embora tenha havido o aumento dos cursos de mestrado e doutorado nas cinco regiões do país, pode haver, paralelamente, uma grande concentração desses cursos nas 27 capitais dos estados.

Em face desses elementos, e considerando nossa hipótese inicial (de que houve, no início do século XXI, um aumento da produção acadêmica em torno de Ferdinand de Saussure), questionamos: as publicações ocorridas no século vigente, dedicadas ao fundador da Linguística Moderna, se concentram nas capitais do país ou ultrapassam as barreiras da elitização acadêmica, alcançando os municípios do interior?

Com o intuito de verificar a veracidade de nossa hipótese e de contextualizá-la de forma orientada por esse questionamento, no tópico a seguir, objetivamos traçar um panorama da produção teórica brasileira, desde o início deste século, sobre a elaboração de Ferdinand de Saussure. Para tanto, propomos uma investigação que se pretende exaustiva, percorrendo livros e organizações de obras publicados no país entre 2001 e 2024, e especificando sua autoria, seu ano e seu lugar de publicação.

Como metodologia para tal investigação, utilizaremos, dessa vez, a busca simples do Google, visto que muitas obras, por serem recentes, não foram catalogadas no Google Livros. Ainda, a busca será complementada pelo conhecimento individual que temos sobre as publicações sobre Ferdinand de Saussure no Brasil, visto que algumas delas, por não estarem à venda em sites muito comerciais, não são encontradas nas buscas do Google.

### 3 Século XXI: a transmissão

A análise da produção bibliográfica em torno de Saussure no século XXI se justifica pelas evidências histórico-contextuais anteriormente explanadas. Mas não apenas por elas. Houve, também na Europa, um aumento em torno das ideias saussurianas, algumas vezes atribuído à publicação dos *Escritos de Linguística Geral* (ELG), editados por R. Engler e S. Bouquet. Turra (2023) destaca alguns elementos relevantes, relacionados à publicação dessa edição:

O ano de 2002 marca uma renovação nos estudos saussurianos, com a publicação dos *Escritos de Linguística Geral*. Esse volume, editado por Rudolf Engler e Simon Bouquet, compila manuscritos já conhecidos dos estudiosos saussurianos e publica o inédito *Essência dupla da linguagem*, descoberto em 1996. A versão brasileira da obra surge apenas dois anos depois da edição francesa. Se levarmos em conta o período de mais de meio século entre a publicação, em 1916, do *Cours de Linguistique Générale* (CLG) e sua versão brasileira em 1970, o intervalo de dois anos da publicação dos *Escritos* é significativo. É significativo também o número de eventos e

congressos no Brasil quando do centenário de publicação do CLG, em 2016. Os dois fatos, quando aproximados, dão indícios de um cenário acadêmico ativo e interessado no que o dito pai da linguística moderna teria ainda a dizer ou, antes, no que seus manuscritos nos convocariam a dizer. (Turra, 2023, p. 11).

A celeridade entre a publicação dos ELG na França e a publicação de sua versão em português brasileiro, bem como os diversos eventos em comemoração aos centenários da morte de Saussure e da publicação do CLG são elementos que, de fato, tiveram sua relevância no Brasil. Contudo, a nosso ver, a guinada dos estudos saussurianos no Brasil, no início do século XX, se iniciou antes desses acontecimentos.

Havia já um movimento de retomada dos estudos saussurianos que culmina com a publicação do livro *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*, de Eliane Silveira. Embora o livro tenha sido lançado em 2007, ele provém do processo de doutoramento da autora, iniciado em 1997 e finalizado em 2003, com uma tese homônima (Silveira, 2003). A obra foi publicada em Campinas/SP, tem caráter epistemológico e consistiu na primeira publicação nacional a explicitamente abordar os manuscritos saussurianos. A autora, por sua vez, possuía vínculo com a Unicamp/SP, à época, e continuou a desenvolver o trabalho vinculada à Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Nesse período (ou seja, na virada no século XX para o XXI), conforme apresentado, as publicações relacionadas à teorização de Saussure eram escassas. Porém, o processo de doutoramento de Silveira, bem como as publicações de três trabalhos e uma tradução no ano 2000<sup>5</sup>, evidenciam que o processo de retomada das pesquisas e de consequentes publicações em torno das ideias do autor estava em fase guinada.

No mesmo ano da publicação da tese de Silveira, em 2003, Maurício Eugênio Maliska (Unisul) lançou, em Curitiba/PR, o livro *Entre linguística e psicanálise: o real como causalidade da língua em Saussure*. O intuito da obra é mostrar a potência do CLG, por meio do conceito de real em Lacan. Dez anos depois, em 2013 foi lançado o livro *Saussure: a invenção da Linguística*, organizado por José Luiz Fiorin (USP), Valdir do Nascimento Flores (UFRGS) e Leci Borges Barbisan (PUC/RS). O livro, publicado em São Paulo/SP, consiste em uma coletânea de textos que versam sobre o pensamento saussuriano, retomando noções como língua, fala, diacronia, sincronia, significado e significante<sup>6</sup>.

No ano de 2014, Maria Sílvia Cintra Martins (UFSCAR) publicou, em Campinas/SP, a obra *Saussure e o Curso de Linguística Geral: valores, confrontos, desconstrução*. O objetivo da publicação consiste em mostrar de que maneira o pensamento de Saussure pode ser visto no contato com de alguns dos nomes que fizeram parte de sua contemporaneidade: Husserl, Einstein, Marx e Mallarmé.

---

<sup>5</sup> As obras são: Arabia; Silva, 2000; Milani, 2000; e Bouquet, 2000.

<sup>6</sup> Notem que aqui nos detemos apenas nos livros publicados, muitos foram os artigos publicados e diversas foram as dissertações de mestrado e teses de doutorado que apareceram no mesmo período. (Ver artigo nesta mesma revista).

Em 2015, a editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal/RN, publicou o livro *Diálogos: Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos*, organizado por Clemilton Lopes Pinheiro (UFRN), Eduardo Calil (UFAL) e Maria Hozanete Alves de Lima (UFRN). Trata-se de um compilado de textos provenientes de exposições orais que ocorreram em dois eventos concomitantes, ambos promovidos pela UFRN, no período de 9 a 11 de setembro de 2013: *Jornada Internacional Ferdinand de Saussure e os Estudos Linguísticos Contemporâneos* e *II Simpósio Nacional de Estudos sobre os Manuscritos de Ferdinand de Saussure*.

Também em 2015, houve, em São Paulo/SP, a primeira publicação do livro *Cem anos com Saussure: textos de congresso internacional – tomo 1*, organizado por Waldir Beividas (USP), Ivã Carlos Lopes (USP) e Sémir Badir (Université de Liège, Bélgica). Essa publicação consiste em um compilado de textos de algumas das apresentações orais ocorridas no *Congresso Internacional Cem Anos com Saussure*, promovido pela USP, de 16 a 20 de setembro de 2013.

Também com o intuito de celebrar o centenário do CLG, em 2016, Carlos Alberto Faraco (UFPR) publicou *O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral*. O livro, que é uma coletânea de textos, foi lançado em São Paulo/SP e objetivou abordar a gênese do CLG, leituras críticas dessa obra póstuma e sua relação com os manuscritos saussurianos. Também em 2016, foi lançado o livro *A palavra de Saussure*, organizado por Gláucia Nagem de Souza (UERJ), Lauro José Siqueira Baldini (Unicamp) e Lucília Maria Abrahão e Souza (USP). Publicada em São Carlos/SP, a edição procurou reunir textos de linguistas e psicanalistas acerca de Saussure, de suas obras e da atualidade do CLG.

Não por acaso, também no ano de 2016 (em que se comemorou o centenário da publicação do CLG), foram lançados outros três livros, no Brasil. Luciana Moraes Barcelos Marques (UGA-France) foi a autora de *As aulas de Saussure: um retorno aos manuscritos*. Publicado em Belo Horizonte/MG, o livro apresenta aspectos históricos e teóricos que buscam prover elementos de redescoberta de Saussure, enquanto fundador da Linguística moderna. Sebastião Elias Milani (UFG) lançou, nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro/RJ, o livro *Relato da obra de Ferdinand de Saussure*, em que o autor perpassa aspectos teóricos e da vida do linguista suíço.

A última publicação de 2016 consistiu no livro *Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções*, organizado por Carlos Piovezani (UFSCAR), Márcio Alexandre Cruz (UFAL) e Pierre-Yves Testenoire Sorbonne Université / INSPE de Paris). Publicado em São Paulo/SP, o livro é, novamente, uma coletânea, a qual reúne trabalhos de pesquisadores, de diferentes nacionalidades, com experiência na teorização saussuriana.

No ano de 2017, Cristina Altman (USP) e Lygia Rachel Tesla Torelli (USP) foram

responsáveis por organizar os *Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOC: por ocasião do centenário do Curso de Linguística Geral (1916)*, publicados em São Paulo/SP. A obra, que contém textos de autores brasileiros e estrangeiros, contempla alguns dos temas que marcaram o chamado projeto de uma linguística geral, por Ferdinand de Saussure. Nesse mesmo ano, Valdir Flores (UFRGS) publicou, também em São Paulo/SP, o livro *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. Nele, o autor reúne seu ciclo de conferências sobre os dois linguistas que intitulam a obra.

Já em 2018, Marcen Souza (UFU) publicou *Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria*, em Uberlândia/MG. Nessa obra, o autor apresenta uma pesquisa bibliográfica cuidadosa sobre a poética, com foco no trabalho desenvolvido por Saussure sobre os possíveis anagramas encontrados em poesias antigas.

Em 2021, Valdir do Nascimento Flores (UFRGS) publicou outra obra autoral: *Saussure e a tradução*. Lançado em Brasília, o livro propõe uma reflexão sobre a tradução, a partir da Linguística saussuriana. Nesse mesmo ano, Stefania Montes Henriques (UEMG-Passos) publicou *O caso mais grosseiro da semiologia: o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios?*, em Campinas,/SP. O livro apresenta uma investigação sobre o nome próprio em estudos comparatistas e em manuscritos do linguista, assim como no CLG. Ainda em 2021, foi lançado o livro *(Re)Leituras em Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste*, organizado por Jomson Teixeira da Silva Filho (UPE-Garanhuns). Publicado em São Carlos/SP, o livro, como o nome prenuncia, reúne textos de pesquisadores brasileiros sobre as teorizações de Saussure e de Benveniste.

Já em 2022, Eliane Silveira (UFU) e Stefania Montes Henriques (UEMG-Passos) foram responsáveis por organizar e publicar a obra *Saussure: manuscritos, aulas e publicações*. Com o intuito de evidenciar a amplitude e a fecundidade das elaborações do linguista, essa coletânea foi lançada em Uberlândia/MG. Ainda no ano em questão, Eliane Silveira (UFU) foi autora de *A aventura de Saussure*, publicado em Campinas/SP. O livro propõe uma associação entre o manuscrito *Da essência dupla da linguagem* com o conceito de aventura construído por Agamben ([1942] 2018).

No ano de 2023, ocorreram três publicações em torno das elaborações de Saussure. Novamente, Valdir Flores (UFRGS) está à frente de uma das obras, como autor de *A Linguística Geral de Ferdinand de Saussure*. No livro, publicado em São Paulo/SP, são destacados os aspectos que evidenciam o que permanece de Saussure nos dias atuais. Também Valdir Flores (UFRGS), junto com Gabriel de Ávila Othero (UFRGS) organizaram *Saussure e a escola de Genebra* – compilado de textos sobre Albert Sechehaye e Charles Bally (editores do CLG), publicado em São Paulo/SP. Por sua vez, Bruno Molina Turra publicou, no mesmo ano, o livro *Ferdinand de Saussure e seu Saber-Fazer com a escrita: ou do que se circunscreve de um enigma*. Essa obra, lançada em Campinas/SP, percorre

as elaborações de Saussure sobre a escrita, se fundamentando pela Psicanálise e pela Linguística.

Por fim<sup>7</sup>, em 2024, até o momento da escrita deste texto, houve a publicação de apenas um livro sobre Saussure. Trata-se de *Saussure: termos, conceitos e noções*, organizado por Jomson Valoz (UPE). Lançado em São Carlos/SP, essa coletânea de textos objetiva retomar a leitura do CLG, a partir da discussão dos principais elementos que embasam a teorização do linguista suíço.

Uma vez apresentadas, exaustivamente, as obras em torno das elaborações saussurianas publicadas no Brasil no século XXI, é possível estabelecer a seguinte esquematização:

---

<sup>7</sup> Seria possível elencar mais alguns livros publicados no Brasil sobre Saussure, nesse período, mais especificamente referentes a traduções de obras estrangeiras. Como essas obras fogem ao escopo deste trabalho, elas não foram mencionadas em nossa análise.

Tabela 8 - Publicações específicas sobre a teorização de Saussure entre 2001 e outubro de 2024

|    | Título                                                                                                                 | Autor                                                                                      | Filiação do autor                                 | Ano  | Local             |
|----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|------|-------------------|
| 1  | <i>Entre linguística e psicanálise: o real como causalidade da língua em Saussure</i>                                  | Maurício Eugênio Maliska                                                                   | Unisul                                            | 2003 | Curitiba/PR       |
| 2  | <i>As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística</i>                                                   | Eliane Silveira                                                                            | UFU                                               | 2007 | Campinas/SP       |
| 3  | <i>Saussure: a invenção da Linguística</i>                                                                             | José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (org.)                | USP, UFRGS e PUC/RS                               | 2013 | São Paulo/SP      |
| 4  | <i>Saussure e o Curso de Linguística Geral: valores, confrontos, desconstrução</i>                                     | Maria Silvia Cintra Martins                                                                | UFSCAR                                            | 2014 | Campinas/SP       |
| 5  | <i>Diálogos: Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos</i>                                                     | Clemilton Lopes Pinheiro, Eduardo Calil e Maria Hozanete Alves de Lima (org.)              | UFRN, UFAL e UFRN                                 | 2015 | Natal/RN          |
| 6  | <i>Cem anos com Saussure: textos de congresso internacional – tomo 1</i>                                               | Waldir Beividas, Ivã Carlos Lopes e Sémir Badir (org.)                                     | USP, USP e Université de Liège, Bélgica           | 2015 | São Paulo/SP      |
| 7  | <i>O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral</i>                                                       | Carlos Alberto Faraco (org.)                                                               | UFPR                                              | 2016 | São Paulo/SP      |
| 8  | <i>A palavra de Saussure</i>                                                                                           | Gláucia Nagem de Souza, Lauro José Siqueira Baldini e Lucília Maria Abrahão e Souza (org.) | UERJ, Unicamp e USP                               | 2016 | São Paulo/SP      |
| 9  | <i>As aulas de Saussure: um retorno aos manuscritos</i>                                                                | Luciana Moraes Barcelos Marques                                                            | UGA-France                                        | 2016 | Belo Horizonte/MG |
| 10 | <i>Relato da obra de Ferdinand de Saussure</i>                                                                         | Sebastião Elias Milani                                                                     | UFG                                               | 2016 | Rio de Janeiro/RJ |
| 11 | <i>Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções</i>                                                | Carlos Piovezani, Márcio Alexandre Cruz e Pierre-Yves Testenoire (org.)                    | UFSCAR, UFAL e Sorbonne Université/INSPE de Paris | 2016 | São Paulo/SP      |
| 12 | <i>Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOC: por ocasião do centenário do Curso de Linguística Geral (1916)</i> | Cristina Altman e Lygia Rachel Tesla Torelli (org.)                                        | USP e USP                                         | 2017 | São Paulo/SP      |
| 13 | <i>Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure</i>                                       | Valdir Flores                                                                              | UFRGS                                             | 2017 | São Paulo/SP      |
| 14 | <i>Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria</i>                                                             | Marcen Souza                                                                               | UFU                                               | 2018 | Uberlândia/MG     |
| 15 | <i>Saussure e a tradução</i>                                                                                           | Valdir do Nascimento Flores                                                                | UFRGS                                             | 2021 | Brasília/DF       |
| 16 | <i>O caso mais grosseiro da semiologia: o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios?</i>                     | Stefania Montes Henriques                                                                  | UEMG-Passos                                       | 2021 | Campinas/SP       |
| 17 | <i>(Re)Leituras em Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste</i>                                                        | Jomson Teixeira da Silva Filho (org.)                                                      | UPE-Garanhuns                                     | 2021 | São Carlos/SP     |
| 18 | <i>Saussure: manuscritos, aulas e publicações</i>                                                                      | Eliane Silveira e Stefania Montes Henriques (org.)                                         | UFU e UEMG-Passos                                 | 2022 | Uberlândia/MG     |
| 19 | <i>A aventura de Saussure</i>                                                                                          | Eliane Silveira                                                                            | UFU                                               | 2022 | Campinas/SP       |
| 20 | <i>A Linguística Geral de Ferdinand de Saussure</i>                                                                    | Valdir do Nascimento Flores                                                                | UFRGS                                             | 2023 | São Paulo/SP      |
| 21 | <i>Saussure e a escola de Genebra</i>                                                                                  | Valdir Flores E Gabriel de Ávila Othero (org.)                                             | UFRGS e UFRGS                                     | 2023 | São Paulo/SP      |
| 22 | <i>Ferdinand de Saussure e seu Saber-Fazer com a escrita: ou do que se circunscreve de um enigma</i>                   | Bruno Molina Turra                                                                         | FCL                                               | 2023 | Campinas/SP       |
| 23 | <i>Saussure: termos, conceitos e noções</i>                                                                            | Jomson Teixeira da Silva Valoz                                                             | UPE                                               | 2024 | São Carlos/SP     |

Fonte: elaborada pelas autoras, com base em pesquisa no Google e em conhecimentos prévios.

A partir dessa compilação de dados referentes às publicações de livros autorais e de organizações de obras em torno de Saussure, e com base nos fatores histórico-políticos apresentados anteriormente é possível verificar que esses acontecimentos não são inteiramente sem relação. No tópico seguinte apresentaremos as possibilidades de refletir sobre a grande diferença existente entre a produção de trabalhos referentes ao pensamento saussuriano no Brasil na passagem do século XX para o XXI.

## 4 O que se pode inferir do panorama atual de publicações

Ao longo de quase 24 anos completos do século XXI, foram publicados 23 trabalhos específicos sobre a teorização de Saussure, no Brasil, por autores brasileiros. Isso significa que há uma relação de quase uma publicação por ano, no início deste século. Comparativamente, no período compreendido entre 1970 e 2000, considerando que ocorreram apenas três publicações brasileiras relacionadas ao linguista, temos uma relação de uma publicação para cada dez anos – ou 0,1 livro por ano. Isso significa que o número de publicações acerca da teorização saussuriana cresceu quase dez vezes, quando comparamos os dois períodos alvos da investigação do nosso trabalho.

No que tange aos locais de publicação dessas edições, convém destacar que as três publicações ocorridas entre 1970 e 2000 estavam localizadas, exclusivamente, nas capitais do Rio de Janeiro (duas publicações) e de São Paulo (uma publicação). Isso aparenta ter relação com o cenário de localidade das instituições de ensino superior no país, uma vez que, em 1999, 62,7% das universidades e instituições análogas se encontravam unicamente no sudeste e, delas, quase 32% estavam localizadas em capitais.

Em contrapartida, ao final de 2024, temos o seguinte cenário de localidade das publicações em torno de Saussure, ocorridas no século XXI: 20 publicações no sudeste, uma no centro-oeste, uma no nordeste e uma no sul. No entanto, se nos voltarmos às publicações ocorridas no sudeste, veremos que elas não ocorreram exclusivamente nas capitais da região: foram sete no interior de São Paulo (cinco em Campinas e dois em São Carlos), nove na cidade de São Paulo (capital), duas no interior de Minas Gerais (em Uberlândia), uma em Belo Horizonte (capital) e apenas uma no Rio de Janeiro (capital). Ao todo, foram nove publicações em cidades do interior do sudeste (45%) e 11 em capitais (55%).

Embora não haja uma simetria exata entre esses locais de publicação, percebemos que as capitais dos estados deixaram de ser os únicos locais possíveis para lançamento de obras provenientes de pesquisas científicas relacionadas a Ferdinand de Saussure. Além disso, a cidade do Rio de Janeiro, que foi o berço de cerca 67% das publicações ocorridas entre 1970 e 2000, passou a representar apenas 16,6% dos locais de lançamento dos livros

em questão.

Acerca das publicações ocorridas no centro-oeste, no nordeste e no sul, salientamos que todas elas ocorreram em capitais: uma em Natal, capital do Rio Grande do Norte, uma em Curitiba, capital do Paraná e outra em Brasília, capital do país. Mesmo assim, entendemos que esses lançamentos representam um avanço no alcance da teorização saussuriana no Brasil, dado que, ao final do século XX, essas regiões possuíam números significativamente inferiores de instituições de ensino superior e de cursos de pós-graduação, se comparadas à região sudeste.

Apesar disso, é notável que não houve, nesses quase 24 anos do século XXI, publicações sobre Saussure na região norte do país. Essa ausência parece ter relação com o fato de que, historicamente, o norte tem sempre ficado em último lugar, tanto no número de instituições de ensino, como no número de cursos de pós-graduação *stricto sensu* – seja na grande área de Linguística, Letras e Artes ou nas demais áreas de conhecimento. Há, nessa parte do país, uma necessidade de ampliação de investimentos e da aplicação de políticas públicas, para que se possa incluir os estados e as cidades pertencentes a essa região no processo de ampliação do ensino superior no Brasil.

Em contraponto, poderemos dizer que, de fato, o cenário que se inicia com o século XXI foi mais produtivo do que o ínterim compreendido entre 1970 e 2000, no que concerne às publicações em torno de Ferdinand de Saussure. Ademais, os fatores externos aqui apresentados (a redemocratização do país, com a consequente retomada da liberdade do pensamento científico e o aumento de investimentos orçamentário-financeiros e de políticas públicas na educação superior) parecem ter influenciado verdadeiramente na alteração desse cenário<sup>8</sup>. Fica, portanto, comprovada a nossa hipótese inicial.

Por fim, resta-nos refletir sobre a seguinte questão: as publicações ocorridas no século vigente, dedicadas ao fundador da Linguística Moderna, ultrapassam as barreiras da elitização acadêmica? Não pretendemos dar, a essa questão, uma resposta absoluta. Contudo, entendemos que a ocorrência de nove publicações (de um total de 23) em municípios do interior do país nos faz pensar que a elitização do conhecimento acadêmico, principalmente relacionado à teorização saussuriana, tem sido superada. Não obstante, o fato de todos esses municípios estarem localizados na região sudeste (historicamente elitizada) nos faz dar um passo atrás nesse entendimento.

De todo modo, é indiscutível que o processo de democratização do conhecimento acerca das ideias saussurianas tem avançado, embora ainda sejam necessários bastantes investimentos para que ele alcance a maior parte de um país de extensões gigantescas, como o Brasil.

---

<sup>8</sup> Salientamos que é importante também ater-se à mudança qualitativa na abordagem da obra saussuriana, assunto não tratado neste artigo, mas que pode ser encontrado em outros trabalhos. (Ver artigo nesta mesma revista).

# Editorial production regarding Saussure in Brazil: authorial books and organization of works

## Abstract

*This work aims to comparatively analyze the history of publications of books about Saussure in Brazil, whether they are authorial or organized works. The scope of our investigation is composed of two periods: the end of the 20th century (from 1970 to 2000), and the period already elapsed in the 21st century – from its beginning, in the year 2001, until the current period (October 2024). In order to support our analysis, we will present two political-historical aspects that may have influenced the possible differences between the two periods of time: the redemocratization of the country and the increase in budgetary-financial investments and public policies in higher education. With this, we will seek to prove the hypothesis that the scenario that begins with the 21st century tends to be more productive, with regard to publications regarding Saussure.*

**Keywords:** Publication. Edition. Authorship. Ferdinand de Saussure

## Referências

AGAMBEN, G. **A aventura**. Tradução e notas de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, [1942] 2018.

ALTMAN, C. TORELLI, L. T. (Org.). **Cadernos de historiografia linguística do CEDOCH** [livro eletrônico]: Por ocasião do centenário do Curso de Linguística Geral (1916). São Paulo: FFLCH/USP, 2017.

ARABIA, M. I.; SILVA, F. L. L. **Outro Saussure**. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, 2000.

BEIVIDAS, W.; LOPES, I. C.; BADIR, S. (Org.). **Cem anos com Saussure**: textos de congresso internacional tomo I. São Paulo: Annablume, 2015.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. Brasil, Editora Cultrix, 2000.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 21 de outubro de 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Estimativas da população residente nos municípios brasileiros com data de referência em 1º de julho de 1999**. Brasília, DF, 1999. Disponível em: [https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_1999/estimativa\\_populacao\\_1999.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_1999/estimativa_populacao_1999.pdf). Acesso em 22 de outubro de 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Relação da População dos Municípios para publicação no DOU em 2023**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: [https://ftp.ibge.gov.br/Informacoes\\_Gerais\\_e\\_Referencia/Relacao\\_da\\_Populacao\\_dos\\_Municipios\\_para\\_publicacao\\_no\\_DOU\\_em\\_2023/POP\\_DOU\\_2023\\_Municipios\\_POP2\\_022\\_Malha2023.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Informacoes_Gerais_e_Referencia/Relacao_da_Populacao_dos_Municipios_para_publicacao_no_DOU_em_2023/POP_DOU_2023_Municipios_POP2_022_Malha2023.pdf). Acesso em 22 de outubro de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Sinopse Estatística do Ensino Superior Graduação – 1999**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Brasília, DF, 1999. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/download/censo/1999/superior/miolo1\\_Sinopse\\_Superior99.pdf](https://download.inep.gov.br/download/censo/1999/superior/miolo1_Sinopse_Superior99.pdf). Acesso em 21 de outubro de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Microdados do Censo da Educação Superior 2023. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Brasília, DF, 1999. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-da-educacao-superior>. Acesso em 22 de outubro de 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**: Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/36027>. Acesso em 28 de outubro de 2024.

CARVALHO, C. **Para compreender Saussure**: fundamentos e visão crítica. Brasil, Editora Rio, [1976] 1980.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). Brasil: mestres e doutores 2024.2024. Disponível em: <https://mestresdoutores2024.cgee.org.br/estudo>. Acesso em 22 de outubro de 2024.

CHAUÍ, M. S. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAUÍ, M. S.; NOGUEIRA, M. A. O pensamento político e a redemocratização do Brasil. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política. São Paulo, SP, Brasil: CEDEC, n. 71, p. 173-228, 2007.

COELHO, M. P. O “Prefácio à edição brasileira” do Curso de Linguística Geral. **Revista Cenários**. Porto Alegre, v. 2, n. 14, p. 1-19, 2016.

CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, C.; TESTENOIRE, P-Y. (Org.). **Saussure, o texto e o discurso**: cem anos de heranças e recepções. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ESCOBAR, C. H. **Proposições para uma semiologia e uma linguística** (uma nova leitura de F. de Saussure). Brasil, Editora Rio, 1973.

FARACO, C. A. (Org.). **O efeito Saussure**: cem anos do Curso de linguística geral. São Paulo: Parábola, 2016.

FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (Org.). **Saussure**: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto, 2019.

FLORES, V. N. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017.

FLORES, V. N. **Saussure e a tradução**. Brasília: Editora UnB, 2021.

FLORES, V. N. **A linguística geral de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Contexto, 2023.

FLORES, V. N.; OTHERO, G. (Orgs.). **Saussure e a Escola de Genebra**. São Paulo: Contexto, 2023.

HENRIQUES, S. M. **O caso mais grosseiro da semiologia**: o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios? Campinas: Editora da Abralín, 2021.

MALISKA, M. E. **Entre linguística e psicanálise**: o real como causalidade da língua em Saussure. Curitiba: Juruá, 2003. 99 p.

MARQUES, L. M. B. **As aulas de Saussure**: um retorno aos manuscritos. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2016.

MARTINS, M. S. C. Saussure e o curso de linguística geral: valores, confrontos, desconstrução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

MILANI, S. E. **Humboldt, Whitney e Saussure:** romantismo e cientificismo-simbolismo na história da Linguística. Brasil, n.p, 2000.

MILANI, S. E. **Relato da obra de Ferdinand de Saussure.** 1. ed. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2016.

PINHEIRO, C. L.; LIMA, M. H. A. (Org.). **Diálogos:** Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos, v. 3. Natal: EDUFRN, 2017

RODRIGUES, N. **Ciência & linguagem:** introdução ao pensamento de Saussure. Brasil, Achiamé, 1980.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Cours de linguistique general. Charles Bally e Albert Sechehaye (org.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

# Formação de grupos em ciências da linguagem: o caso do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure

Ítalo de Freitas Almeida<sup>1</sup>

Jomson Teixeira da Silva Valoz<sup>2</sup>

## Resumo

Esta pesquisa se situa no campo da Historiografia Linguística brasileira (Altman, 2021) e teve como objetivo descrever os processos de formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure. A base documental da pesquisa historiográfica (Swiggers, 2013) foi constituída por pesquisas de mestrado e de doutorado, projetos de pesquisa, livro, artigo publicado em um periódico e textos resultantes de comunicação, produzidos pelos membros do grupo. Para analisar o contexto de emergência que propiciou a formação do grupo, foi analisado o clima de opinião (Koerner, 2014) e as tarefas de liderança organizacional e a liderança intelectual foram investigadas como índices de desenvolvimento de grupos científicos (Murray, 1994). Os objetos de investigação privilegiados pelos membros do grupo se caracterizam como produções de natureza teórica em torno do texto saussuriano através do cotejo entre fontes manuscritas e o Curso de linguística geral (Saussure, 1970). A formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure parece ter sido determinante para a consolidação dos Estudos Saussurianos como especialidade teórica em ciências da linguagem, no Brasil, alinhando-se, portanto, ao modelo funcional de reconhecimento institucional de grupos científicos (Murray, 1994).

**Palavras-chave:** Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure. Formação de grupos. Historiografia Linguística brasileira. Ciências da linguagem. Ferdinand de Saussure

Data de submissão: novembro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16487>

<sup>1</sup> Cursa o Doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo e é bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Possui Mestrado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (2023) e Licenciatura em Letras - Português pela Universidade Federal de Alagoas (2020). É membro dos seguintes grupos de pesquisa: Centro de Documentação em Historiografia da Linguística (CEDOCH-DL-USP); GT Estudos Saussurianos - Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL); Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (GP\_FdS/CNPq/UFU) e Grupo de Pesquisa Línguas Brasileiras: análise, aquisição e ensino (UFAL). <http://lattes.cnpq.br/2983736605863105> E-mail: [italodefreita@live.com](mailto:italodefreita@live.com)

<sup>2</sup> Professor Adjunto de Linguística e Práticas de Ensino na Universidade de Pernambuco (UPE), campus Garanhuns. Realizou estágio de Pós-doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor permanente do Mestrado Profissional em Letras na UPE, campus Garanhuns. <https://orcid.org/0000-0001-5768-8289> E-mail: [jomson.silva@upe.br](mailto:jomson.silva@upe.br)

## Introdução

Foi realizado, entre os dias 18 e 20 de setembro de 2024, a terceira edição do colóquio *Saussure in Focus*<sup>3</sup> e, nesta ocasião, surgiu a oportunidade de abordar o processo de recepção dos Estudos Saussurianos na linguística brasileira, assim como o papel de grupos no processo de institucionalização dessa especialidade. No entanto, o reconhecimento de novas áreas de investigação em ciências da linguagem parece depender de um processo de formação e desenvolvimento de cientistas organizados em grupos científicos (Murray, 1994). Em vista disso, o cenário de interesse atual reúne diversos esforços que buscam, distintamente, uma tarefa basilar: reconectar o linguista do presente com o passado geral de sua disciplina (Cavaliere, 2022; Borges Neto, 2022; Bagno, 2023) e, de modo especial, à fortuna teórica saussuriana (Faria; Cruz, 2019), assim como os contextos e os programas de investigação adotados no desenvolvimento das ciências da linguagem, no Brasil (Altman, 2021).

Considerada a natureza pela qual se manifesta o interesse pela história das ciências da linguagem no Brasil, esta pesquisa se situa no quadro de interesse da historiografia linguística brasileira (Altman, 1998) e girou em torno da seguinte pergunta: qual o papel da história de formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure na institucionalização brasileira dos Estudos Saussurianos como especialidade em ciências da linguagem? Para tanto, teve como objetivo descrever os processos de formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure<sup>4</sup>.

As discussões empreendidas nesta pesquisa foram organizadas em seis seções. A primeira seção, intitulada A recepção saussuriana e a Historiografia Linguística, aborda o tema da recepção saussuriana pela ótica da Historiografia Linguística e discute categorias operativas mobilizadas neste quadro de trabalho. Na seção, Aspectos metodológicos, apresentam-se o critério de seleção de fontes históricas e os parâmetros de investigação adotados. Na terceira seção, nomeada de Grupo Rasura: o prelúdio, são descritas as orientações dos trabalhos do Grupo Rasura e as transformações do novo grupo de pesquisa dedicado ao estudo do texto saussuriano. Aspectos do clima de opinião são aventados e articulados na formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure na seção de título: O contexto de emergência. Em seguida, a seção intitulada O Grupo de Pesquisa Ferdinand

---

<sup>3</sup> *Saussure in Focus* é um evento organizado pelo Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (CNPq) e pelo Grupo de Trabalho Estudos Saussurianos da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (Anpoll) desde 2019 que reúne pesquisadores e estudantes interessados na produção intelectual de Ferdinand de Saussure. Nesta última edição, o evento contou com palestras, mesas-redondas e simpósios temáticos para divulgar os resultados de pesquisas e promover diálogos entre pesquisadores vinculados a instituições de ensino e de pesquisa nacionais e internacionais.

<sup>4</sup> O título deste texto recupera e faz referência explícita ao trabalho de Altman (2020) que, na ocasião do quinquagésimo aniversário do Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo (GEL), conta a história de formação do grupo e o papel em torno dele no desenvolvimento das ciências da linguagem, no Brasil. No âmbito da presente pesquisa, tomou-se a pesquisa sobre a história do GEL como fonte de inspiração para discutir o papel do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure no processo de institucionalização dos Estudos Saussurianos no Brasil.

de Saussure: constituição, objetos e fontes, trata da história de constituição, dos objetos e das fontes privilegiadas nas pesquisas desenvolvidas pelos membros do grupo. Na seção intitulada de A título de conclusão, avaliamos o papel determinante do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure para o reconhecimento institucional dos Estudos Saussurianos como especialidade teórica em ciências da linguagem, no Brasil.

## 1 A recepção saussuriana e a Historiografia Linguística

Um dos objetos de investigação privilegiado em histórias e historiografias linguísticas é a recepção saussuriana. O trabalho de Puech (2016) delinea quatro momentos ou fases históricas de recepção da obra saussuriana na França ao longo do século XX. Para o historiador, as abordagens, os modelos e as teorias linguísticas formuladas pelos *scholars* daquele século mantêm algum tipo de relação com a Linguística geral saussuriana, seja ela “por *filiação assumida, formação ou reação*” (Bernard, Fournier, Puech, 2017, p. 31, *itálico no original*). Há, também, interpretações historiográficas importantes como aquelas desenvolvidas por Sofia; Swiggers (2016) que apresentam explicações tipologizantes generalistas para descrever as primeiras recepções do *Curso de linguística geral*<sup>5</sup> na Suíça, França, Alemanha e Itália.

Há uma atitude bastante semelhante no Brasil. Temos interpretações canônicas (Abralín, 2024) para descrever uma ou mais fases da recepção saussuriana no tratamento e na pesquisa com as línguas e com a linguagem, ilustradas na opinião de Mattoso Camara (1961) e na interpretação de Bechara (2015)<sup>6</sup>. Também se encontram disponíveis para o leitor brasileiro narrativas sobre a entrada do texto saussuriano em terras brasileiras produzidas já neste século (De Lemos; Lier-DeVitto; Silveira; Andrade, 2003) e, mais contemporaneamente, as historiografias de Altman (2016, 2021) e Flores (2016, 2017).

Em razão do escopo da discussão empreendida, não será possível analisar pormenorizadamente as narrativas elencadas que, todavia, fornecem interpretações bastante elucidativas sobre o fenômeno receptivo de Saussure na linguística brasileira. Todas essas interpretações podem oferecer potencial do ponto de vista hermenêutico, como possibilidades de compreensão de fenômenos complexos oferecidos para o leitor interessado e de valor heurístico, ao iluminarem e apresentarem ao leitor o conjunto de fontes históricas que registram as entradas da obra saussuriana no Brasil.

Com esse breve gesto de recensão, é possível notar que o tema da recepção saussuriana, no Brasil, também não é caracterizado pelo ineditismo. Pelo contrário, se

---

<sup>5</sup> No âmbito desta pesquisa, será adotado o termo *Curso* em *itálico* para se referir ao livro *Curso de linguística geral*.

<sup>6</sup> Bechara apresenta, na forma de Comunicação, o texto intitulado *Primeiros Ecos de F. de Saussure na gramaticografia de língua portuguesa* no IV Congresso Internacional de Língua Galego-Portuguesa, na ocasião em que se prestara homenagem a Ferdinand de Saussure. O evento foi realizado entre 28 de outubro e 1 de novembro 1993, em Vigo, na Espanha. A versão referenciada aqui foi publicada com pequenas variantes (Bechara, 2015).

admitida a opinião de Mattoso Camara (1961) como uma das primeiras tentativas de situar a suposta influência da reflexão saussuriana na produção linguística brasileira, ao situar as ideias linguísticas do autor genebrino como suposta influência na elaboração gramatical de Said Ali (1919), classificando-o como um estruturalista *avant la lettre*<sup>7</sup> (Abralin, 2024)<sup>8</sup>, então precisaríamos situar a década cabalística de 1960 como um momento histórico de referência para o estudo receptivo da abordagem de Saussure na linguística brasileira.

É em razão dessa problemática em que se apresenta o tema da formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure situado na órbita de uma das fases históricas da recepção brasileira da produção intelectual de Saussure ainda a ser delineada no eixo temporal das ciências da linguagem. Trata-se especificamente da fase receptiva que Aula (2021)<sup>9</sup> identifica como o quarto momento de recepção, momento marcado pela formação e desenvolvimento de grupos científicos e institucionalizados que se dedicam ao estudo e à pesquisa sobre a produção intelectual de Saussure<sup>10</sup>. Essa interpretação, bastante contemporânea, tem servido à finalidade de estabelecer uma periodização dos momentos de recepção da abordagem de Saussure na linguística brasileira que contemple os destinos da reflexão linguística de Saussure em relação às distintas gerações acadêmicas a aos contextos históricos em que se moldaram e desenvolveram formas distintas de apreensão do texto saussuriano.

Estabelecida essa consideração, essa pesquisa se caracteriza pelo que se costuma chamar em Historiografia Linguística de *working paper*<sup>11</sup>. Isto significa dizer que as descrições historiográficas se encontram em estágio de desenvolvimento e não devem ser percebidas como produtos acabados e definitivos. Tampouco devem ser tomadas como corpo de verdades sobre os fatos históricos tais como transcorridos no eixo temporal.

Pelo contrário, oferece uma possibilidade de descrição preliminar de fatos reconstruídos, uma vez que, em Historiografia Linguística, não se busca a verdade histórica (Batista, 2021). O trabalho do historiógrafo é caracterizado por uma reflexão crítica da história com base na documentação disponível e segundo um conjunto de

---

<sup>7</sup> Expressão em língua francesa que significa em português brasileiro “antes de o termo ser cunhado” ou “antes do seu completo desenvolvimento”

<sup>8</sup> Esta citação foi extraída de vídeo disponível na plataforma digital *YouTube* na ocasião da palestra intitulada *O ‘estruturalismo saussuriano’ e a ciência positiva de Said Ali (1861-1953)*, da série Abralin Ao Vivo, transmitida pelo canal da Associação Brasileira de Linguística (Abralin), que teve como tema: Historiografia Linguística no Brasil: teorias e métodos. Essa citação faz referência à fala proferida pela Professora Doutora Cristina Altman.

<sup>9</sup> Esta citação foi extraída de vídeo disponível na plataforma digital *YouTube* na ocasião da aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria, que teve como tema o Panorama Internacional dos Estudos Saussurianos. Essa citação faz referência à fala proferida pela Professora Doutora Cristina Altman.

<sup>10</sup> Há também pontos de diálogo com a narrativa de Flores (2016, 2017) sobre os contextos de recepção das ideias linguísticas de Saussure no Brasil, por exemplo, entende o pesquisador que ocorre uma retomada à produção intelectual de Saussure no campo das ciências da linguagem, no Brasil, como o segundo momento receptivo. Altman (2021) sugere que o estudo do texto saussuriano é recuperado como um texto que merece ser lido em sua integralidade como atitude da geração de pesquisadores e pesquisadoras que participam do processo de institucionalização dos Estudos Saussurianos no Brasil.

<sup>11</sup> Expressão em língua inglesa que pode ser entendida em português brasileiro como “documento de trabalho” ou “pesquisa acadêmica em estágio de desenvolvimento”.

procedimentos de explicitação de técnicas e diretrizes metodológicas que lastreiam a prática historiográfica (Coelho; Hackerott, 2012).

Nessa perspectiva, a Historiografia Linguística tem como tarefa a escrita da história dos saberes e conhecimentos produzidos sobre a linguagem e as línguas por agentes sociais em quaisquer recortes temporais. Por essa razão, caracteriza-se como uma meta-disciplina, na medida em que define a história da Linguística como seu objeto.

O tipo de conhecimento que a HL [Historiografia Linguística] produz é um conhecimento metateórico, no sentido de que ela se interessa por aquilo que foi produzido teórica ou intelectualmente sobre a linguagem e as línguas. Em uma formulação simples: ela não se interessa pelas línguas ou pela linguagem em si, mas pelo que se falou sobre as línguas e a linguagem (Batista, 2021, p. 45, nossos acréscimos).

Koerner (2014), líder organizacional da Historiografia Linguística (Altman, 2021), propõe que as pesquisas produzidas segundo o quadro de trabalho adotem três princípios definidos e explicitados no trabalho para orientar a elaboração e o tratamento metodológico de aspectos organizacionais, quais sejam, i. princípio de contextualização; ii. princípio da imanência e iii. princípio da adequação. No âmbito desta investigação, o princípio da contextualização merece destaque, uma vez que o conhecimento linguístico produzido sobre a linguagem e as línguas não está divorciado de contingentes econômicos, políticos, filosóficos e intelectuais (Altman, 2021). Trata-se, portanto, de reconstituir o contexto intelectual e a perspectivação histórica em que os textos e seus agentes se situaram em um quadro de reflexão que considere o clima de opinião em que foram produzidas, circuladas e recebidas o conhecimento linguístico do passado.

Além dessa operação de contextualização das ideias no tempo, é bastante frequente encontrar pesquisas historiográficas que busquem colaboração com conceitos e teorias de outras disciplinas meta científicas, dentre elas, a Filosofia da Linguística (Borges Neto, 2020) e a Sociologia da Ciência (Murray, 1994) parecem ser mais recorrentes neste quadro de trabalho (Batista, 2021). Essas iniciativas têm, desde então, contribuído para firmar uma conexão interdisciplinar com a produção de interpretações historiográficas capazes de explicar processos históricos complexos que demandam a articulação de fatores de várias ordens.

Nessa perspectiva de colaboração interdisciplinar, Murray (1994) formaliza um modelo de função de atores sociais na formação de grupos científicos em que se considere o papel das tarefas desenvolvidas pelos grupos na institucionalização de uma especialidade teórica em ciências da linguagem. Na visão do sociólogo, a formação desses grupos depende de fatores sociais e contextuais que podem indicar seu estágio de desenvolvimento e sua hetero percepção. A título de exemplo a fundação de uma linha de pesquisa e a produção de uma pesquisa exemplar podem ser tarefas executadas pela liderança

intelectual de um grupo que busca ser reconhecido e podem, com efeito, servir como índices relevantes de ideias linguísticas produzidas pelos grupos passam a ser reconhecidas como válidas e institucionalizadas (Murray, 1994).

Batista (2020) sintetiza os objetos de análise da teoria de grupos de especialidade teórica assim:

Essa análise observa estágios pelos quais grupos passam em busca de sua legitimidade, considerando em especial: a) modos discursivos adotados por pesquisadores na busca pela validação de sua produção de conhecimento (as retóricas de ruptura ou de continuidade; b) papéis assumidos pelos linguistas em relação a lideranças intelectuais e/ou organizacionais; c) índices de sucesso dos grupos e seu(s) objeto(s) de pesquisa; d) percepção dos linguistas e seus pares a respeito dos grupos (Batista, 2020, p. 161).

Em face do exposto, fica claro que a interpretação do historiógrafo poderá enfocar principalmente em torno do conteúdo do texto, de suas formas de exposição ou, de modo pormenorizado, nos contextos institucionais e sociais em que se desenvolveram tais conhecimentos linguísticos (Batista, 2021). Na dimensão interna desse conhecimento a ser investigado, estão compreendidas, por exemplo, as concepções de língua e de linguagem e as possibilidades de compreensão de fenômeno linguístico (Batista, 2013).

Podem ser descritos, também nessa dimensão, os objetos pesquisados (língua, linguagem, teoria etc.), a orientação e os níveis de análise, assim como a auto vinculação teórico-metodológica ou disciplinar em que inscrevem as ideias linguistas produzidas. Por outro lado, a inserção do texto e de suas ideias num circuito temporal capaz de contemplar dinâmicas do contexto social, cultural e científico, integram a dimensão externa. Incluem-se nessa dimensão, por exemplo, o nome, a formação e titulação dos autores, localidade das instituições de formação entre outros aspectos (Coelho; Nóbrega; Alves, 2021).

No entanto, a separação entre essas dimensões, articuladas na pesquisa em Historiografia Linguística como parâmetros internos e externos, não deve ser percebida como orientação epistemológica (Swiggers, 1990). Assim como as fontes de análise, a definição de parâmetros de investigação deve ser comandada pelo “que se pode buscar nesse ou naquele documento histórico que depende essencialmente do problema” (Barros, 2019, p. 22). Em outras palavras, cada problema suscitará diretrizes metodológicas específicas para lidar com questões que se interessem prioritariamente pelo conteúdo interno de uma ideia, modelo ou abordagem do conhecimento linguístico, enquanto “outras privilegiem o contexto em que este conhecimento se produziu” (Altman, 2019, p. 32).

## 2 Aspectos metodológicos

Com o objetivo de descrever os processos de formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure, adotamos a pertinência como critério para composição da base documental desta pesquisa historiográfica (Swiggers, 2013) na medida em que as fontes históricas selecionadas podem permitir uma descrição preliminar de informações internas e externas ligadas ao problema a ser examinado e “sem o encontro entre um problema e suas fontes possíveis não há História” (Barros, 2019, p. 23). Sendo assim, foram selecionados como material de análise: pesquisas de mestrado e doutorado, projetos de pesquisa, livro, artigo científico publicado em periódico e textos resultantes de comunicação, produzidos pelos membros do grupo e publicados entre os anos de 2007 e 2021, conforme explicitados na tabela a seguir.

Tabela 1: Fontes históricas utilizadas para composição de base documental

| Ano  | Título da fonte                                                                                |
|------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2007 | As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística                                  |
| 2009 | Manuscritos saussurianos: a rasura como parte do movimento de fundação da Linguística          |
| 2009 | A fala de crianças psicóticas                                                                  |
| 2009 | O sujeito e o erro no processo de aquisição da linguagem                                       |
| 2009 | Contribuições do ato falho para o erro linguístico                                             |
| 2009 | Re-Significações de vida através da linguagem escrita                                          |
| 2009 | A escrita: a linguagem como alternativa à psicose                                              |
| 2009 | Algumas considerações sobre a arbitrariedade                                                   |
| 2009 | As teorias linguísticas e a banda de moébius                                                   |
| 2009 | Escrita e a relação singular do sujeito com a língua                                           |
| 2009 | Os problemas de Terminologia sob o prisma da psicanálise                                       |
| 2009 | Língua, línguas e linguagem no manuscrito saussureano                                          |
| 2010 | Os rastros da língua materna                                                                   |
| 2012 | Ferdinand de Saussure: de silêncio e de autoria                                                |
| 2012 | Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria                                            |
| 2013 | O Curso de linguística geral e os manuscritos de Ferdinand de Saussure                         |
| 2014 | O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure                                        |
| 2014 | Saussure: a escrita e a tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala                     |
| 2015 | A noção de sistema na fundação da linguística moderna                                          |
| 2016 | A noção de relação na teoria linguística de Ferdinand de Saussure                              |
| 2016 | A difícil relação entre os manuscritos e o Curso de Linguística Geral                          |
| 2016 | Um percurso em torno da noção de diacronia e sincronia: o CLG e a leitura de Câmara JR         |
| 2017 | Os anagramas de Saussure: um percurso pelo lado pitoresco das línguas                          |
| 2018 | Ferdinand de Saussure e a Linguística Geral: da elaboração dos seus conceitos aos seus efeitos |
| 2019 | A diacronia e a sincronia no(s) curso(s) de Linguística Geral: dos cursos à edição             |
| 2019 | Ferdinand de Saussure: entre a língua e as línguas                                             |
| 2019 | Um estudo do movimento teórico de Ferdinand de Saussure no manuscrito Phonétique               |
| 2020 | O percurso do conceito de gramática em Saussure                                                |
| 2021 | O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto                                                  |

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Além das fontes primárias supracitadas, foi acompanhada a discussão historiográfica Sugiyama Junior (2020) sobre o processo de institucionalização da linguística como disciplina universitária nos currículos dos cursos de Letras e Linguística para analisar o contexto de emergência que propiciou a formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure a partir da categoria clima de opinião (Koerner, 2014), tomado, aqui, como parâmetro externo de investigação. De outro lado, foi analisada a realização de tarefas da liderança organizacional e da liderança intelectual (Murray, 1994) como índices de desenvolvimento de grupos científicos, utilizados como parâmetros internos.

### 3 Grupo Rasura: o prelúdio

Antes da formação do Grupo Ferdinand de Saussure propriamente dito, é preciso recuperar alguns antecedentes que, mais tarde, se mostrariam fundamentais para a formação desse grupo. Em primeiro lugar, houve um grupo anterior nomeado de Grupo Rasura, com início no ano de 2007, cuja formação esteve ligada à liderança de Eliane Silveira<sup>12</sup>, professora dos cursos de graduação em Letras e Pós-Graduação em Linguística, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Localizada na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, essa instituição será considerada aos poucos, pelos seus membros e por pesquisadores vinculados a outras instituições de ensino superior, como o reduto de formação e divulgação dos Estudos Saussurianos como especialidade em ciências da linguagem, no Brasil<sup>13</sup>. Foi nesta instituição em que se formou o Grupo Rasura e, mais tarde, o Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure.

Quanto ao primeiro grupo, foi por meio de atividades de ensino e de pesquisa, vinculadas ao curso de pós-graduação *lato sensu* em Linguagem e Psicanálise daquela universidade que, mais tarde, começaria a formar o Grupo Rasura em torno da liderança de Silveira. Com formação em Psicanálise, Silveira<sup>14</sup> abriu-se o caminho para recrutar pesquisadores interessados pela pesquisa de fenômenos de linguagem em uma perspectiva que incluísse a intersecção entre conceitos e noções da reflexão saussuriana com objetos de reflexão da Psicanálise.

---

<sup>12</sup> Eliane Mara Silveira realizou mestrado e doutorado na Universidade Estadual de Campinas entre 1994 e 2003. Realiza pesquisa sobre a produção teórica de Saussure desde 1994 e atua como docente na Universidade Federal de Uberlândia em nível de graduação desde agosto de 2005 e, na pós-graduação, desde agosto de 2006. No mesmo ano, fica encarregada da disciplina *Teorias Linguísticas* para os cursos de pós-graduação. Em março de 2007, também na pós-graduação, oferta as seguintes disciplinas: i. Tópicos em Linguística: Linguagem e Inconsciente; ii. Seminário Temático de Pesquisa 1: manuscritos saussurianos sobre versos latinos; iii. Tópicos em Linguística: o Curso de linguística geral. Apesar do trabalho de orientação na UFU iniciar a partir de 2005, com o projeto de iniciação científica *Linguagem e Psicose*, quatro orientações anteriores tratam, sob algum aspecto, da produção intelectual saussuriana, no período entre 2003 e 2004, quando Silveira atuou como docente do curso de graduação em Letras no Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal.

<sup>13</sup> Com isso, não queremos dizer que iniciativas independentes de pesquisa sobre a produção intelectual de Saussure não foram empreendidas em outros quadros de trabalho. No entanto, as pesquisas anteriores parecem se caracterizar pela dispersão.

<sup>14</sup> Silveira obteve formação em Psicanálise, na Escola de Psicanálise de Campinas, entre 1995 e 2003.

No ano de 2009, foram apresentadas dez pesquisas no formato de Comunicações das pesquisadoras e dos pesquisadores desse primeiro grupo, na ocasião do II Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, sediado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em Uberaba, em Minas Gerais.<sup>15</sup> Essa primeira apresentação social<sup>16</sup> e profissional do Grupo Rasura integra o conjunto de Grupos de Trabalho (GT) do referido evento conforme a tabela abaixo.

Tabela 2: Títulos de comunicações propostas pelos membros do Grupo Rasura

| <b>Pesquisador/a</b>  | <b>Título de Comunicações</b>                            |
|-----------------------|----------------------------------------------------------|
| Cirlana R. de Souza   | A fala de crianças psicóticas                            |
| Danilo Corrêa Pinto   | O sujeito e o erro no processo de aquisição da linguagem |
| Álisse C. da Silveira | Contribuições do ato falho para o erro linguístico       |
| Eminéa A. Vinhais     | Re-Significações de vida através da linguagem escrita    |
| Caroline P. Marini    | A escrita: a linguagem como alternativa à psicose        |
| Stefânia M. Henriques | Algumas considerações sobre a arbitrariedade             |
| Ricardo N. Vilarinho  | As teorias linguísticas e a banda de moébius             |
| Michelle L. Brazão    | Escrita e a relação singular do sujeito com a língua     |
| Diogo Novaes          | Os problemas de Terminologia sob o prisma da psicanálise |
| Eliane Mara Silveira  | Língua, línguas e linguagem no manuscrito saussureano    |

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Como se pode acompanhar na tabela, os trabalhos apresentados incluíram conceitos e noções saussurianas transversalmente para lidar com problemas ligados à Aquisição de linguagem e à Clínica de linguagem<sup>17</sup> e à Psicanálise propriamente dita, com exceção dos trabalhos de Silveira (2009) e Henriques (2009) que abordam especificamente a produção intelectual de Saussure. Os demais trabalhos apresentados incluem reflexões saussurianas sobre o fenômeno linguístico como parte do referencial teórico de pesquisa

<sup>15</sup> Participaram do Grupo Rasura: Cirlana R. de Souza, Danilo Corrêa Pinto, Álisse C. da Silveira, Eminéa A. Vinhais, Caroline P. Marini, Stefânia M. Henriques, Ricardo N. Vilarinho, Michelle L. Brazão, Diogo Novaes, Marcen de Oliveira Souza, Thayanne R. Silva e Lima, Micaela Pafume Coelho e Eliane Mara Silveira.

<sup>16</sup> É importante notar que parece existir, desde esta ocasião, certo grau de autopercepção e compromisso social entre os pesquisadores e pesquisadoras que compõe o Grupo Rasura, na medida em que se podem encontrar indicações do grupo na seção de Grupos de Trabalho (GT), conforme apresentada na Programação do evento e no Caderno de Resumos do II Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários.

<sup>17</sup> As pesquisas que lidam com temas ligados à Aquisição da linguagem e à Clínica de linguagem têm o *Projeto Aquisição de linguagem* em sua origem mais distante. Grupo idealizado e liderado oficialmente pela Professora Doutora Cláudia De Lemos. De Lemos foi docente na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e responsável pela formulação da perspectiva Interacionista no enfrentamento de questões no campo da Aquisição de linguagem. O *Projeto Aquisição de linguagem* foi Cadastrado no Diretório de Grupos do CNPQ em 1996 e foi, mais tarde, identificado como *Grupo de Pesquisa Projeto Aquisição de Linguagem* (GPAL). O grupo tinha a UNICAMP e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) como centros de coordenação para o desenvolvimento das pesquisas e sua atuação parece ter sido decisiva para a orientação seguida por quadros posteriores que tiveram a produção saussuriana como interesse de pesquisa em diálogo com a Psicologia e a Psicanálise. O link de acesso ao Diretório do Grupo pode ser acessado através deste link: <http://www.dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/33206>. Silveira foi institucionalmente orientada por De Lemos em, pelo menos, dois estágios de formação acadêmica: i. no desenvolvimento de sua pesquisa de doutorado, entre 1997 e 2003 e ii. em estágio de pesquisa de pós-doutorado, entre 2018 e 2019.

ainda que sejam tratadas questões particulares relativas à abordagem de Saussure, como a Dissertação de Brazão (2012), que articula o conceito de língua na perspectiva saussuriana ao de ato alho, formulado por Freud, para refletir sobre o estranhamento do sujeito pensado do ponto de vista de suas relações com a língua materna e uma língua estrangeira. Em outras palavras, não se trata de investigar a reflexão saussuriana como objetivo autônomo, mas, sim, como meio de acesso a uma reflexão específica sobre a linguagem e as línguas que acomode e forneça explicações para as preocupações da Psicanálise, da Aquisição de linguagem e da Clínica de linguagem.

O trabalho que fornece a referência e funciona como pesquisa exemplar (Murray, 1994) é a Tese de doutorado de Silveira, defendida em 2003, ou melhor, o livro resultante dessa pesquisa, publicado com o mesmo título no ano de 2007: *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*. Esse trabalho com o manuscrito será considerado como responsável por divulgar uma linha de pesquisa com a documentação saussuriana manuscrita na comunidade brasileira e fornecerá aos membros de ambos os grupos um *modus operandi* com esses materiais manuscritos e com as noções operativas de rasura e de movimento, em um certo tipo de documentação propícia para observá-las em abundância: os textos manuscritos de Saussure. Em particular, note-se a referência à noção de movimento nas pesquisas de Lima (2019) e Vinhais (2012).

Situamos nossa pesquisa acerca do movimento saussuriano à luz dos estudos de Silveira (2007). Baseados nos preceitos da autora, buscamos refletir sobre esse *movimento* assinalando os pontos de tensão presentes no texto manuscrito em comparação tanto com o momento pré-saussuriano quanto com o momento das aulas de Saussure em Genebra. Neste sentido, partimos para uma reflexão que coloca o linguista ao mesmo tempo aproximando-se e distanciando-se das noções estabelecidas pelos linguistas do século XIX (Lima, 2019, p. 19, nossos destaques).

Assim, a noção de movimento aparecerá implícita ou explicitamente nos trabalhos para dar conta da relação histórica entre os postulados teóricos e as práticas de comparação de línguas empreendidas por linguistas situados no século XIX e as consequências teóricas da Linguística geral saussuriana. Isto significa redesenhar o tipo de movimentação - pela noção operativa de movimento, disposta no texto saussuriano - que a produção teórica do linguista genebrino estabelece com as propostas anteriores: dos primeiros comparatistas, como Bopp, Grimm, com Schleicher e os representantes da tradição organicista e naturalista em linguística, com os neogramáticos etc.

De acordo com Silveira (2007), tratar das semelhanças e diferenças entre Saussure e seus contemporâneos não é uma tarefa fácil. De fato, devemos levar em consideração que ao mesmo tempo em que Saussure teve uma formação comparatista e desenvolveu estudos importantes nessa área, ele também se distanciou desses estudos ao se perguntar sobre o funcionamento do sistema linguístico. Nesse sentido, a relação entre

Saussure e seus contemporâneos não parece ser pacífica, mas sim repleta de tensão e *movimento* (Vinhais, 2012, p. 68, nossos destaques).

Finalmente, esse grupo anterior, formado por aproximadamente treze membros, entre pesquisadoras e pesquisadores, mantém-se ativo como tal até o ano de 2012. Como argumentado, o interesse pelo arcabouço teórico de Saussure deixará de ser mobilizado como fio condutor na construção de um referencial teórico. Assim, o estudo das ideias linguísticas de Saussure começará paulatinamente a ocupar posição central nos trabalhos posteriores do grupo que logo será renomeado.

Não está perfeitamente claro se a dissolução ou transformação do Grupo Rasura fez migrar apenas três pesquisadores dessa geração: Álisse C. da Silveira, Stefania Montes Henriques e Marcen de Oliveira Souza. A folha de Agradecimentos na Dissertação de Souza (2012) é ilustrativa nesse sentido: “Às colegas do Grupo Rasura: Eminéa, Stefânia, Thayanne, Micaela e Michelle, pelas trocas de ideias e cooperação” (Souza, 2012, p. 6). Como veremos na seção seguinte, haverá uma mudança na forma de autopercepção desse grupo nos trabalhos posteriores.

Em todo caso, os anos de 2009, 2010 e 2011 - anos que antecedem a oficialização do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure - indicam um deslocamento progressivo, isto é, uma troca na seleção de objetos primários de investigação: o estudo estrito dos textos saussurianos se torna o objetivo basilar do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure<sup>18</sup>. Assim, será a partir do ano de 2009 que uma nova linha de pesquisa começa a ser redirecionada para o centro de interesse da geração que deve migrar e formar o Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure em um contexto marcado por contingentes científicos e sociais favoráveis para o desenvolvimento do grupo.

## 4 O contexto de emergência

Em 2012, o Grupo Ferdinand de Saussure será nomeado e registrado oficialmente no Diretório de Grupos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Daqui em diante, todos os projetos de pesquisa que tem Silveira como proponente e coordenadora possuem em comum a investigação da elaboração de conceitos e noções saussurianas a saber: o primeiro projeto tem como título: *O Curso de linguística geral e os manuscritos de Ferdinand de Saussure* e foi realizado entre 2013 e 2016. Em seguida, o projeto *Ferdinand de Saussure e a Linguística Geral: da elaboração dos seus conceitos aos seus efeitos*, iniciado em 2018 e ainda vigente (Silveira, 2024).

Nessa direção, é incontornável recuperar o papel desempenhado pelas

---

<sup>18</sup> O Projeto de pesquisa coordenado por Eliane Silveira e realizado entre os anos de 2009 e 2012 tem o seguinte título: *Manuscritos saussurianos: a rasura como parte do movimento de fundação da Linguística* (Silveira, 2024).

comemorações ocorridas nos anos de 2013 e 2016, na comunidade global das ciências da linguagem. Como se sabe, esses dois anos marcaram as comemorações de centenários de morte de Saussure, em 2013, e de publicação do *Curso*, no ano de 2016. A comunidade de linguistas brasileiros também assistiu a uma renovação de interesse pelo texto saussuriano que acompanhava o movimento exógeno de retorno às ideias linguísticas de Saussure, pela prática de cotejo do *Curso* com edições cronológicas que resultaram da seleção e edição de cadernos de alunos presentes em um ou mais dos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure.<sup>19</sup>

O efeito dessas comemorações foi certamente de situar interpretações divergentes e controversas sobre as fontes saussurianas em evidência no âmbito das ciências da linguagem. Tais interpretações seriam divulgadas em eventos científicos sediados em universidades brasileiras e no exterior. Nesse contexto, a prática de comparação de fontes saussurianas se combinou aos impulsos do mercado editorial<sup>20</sup> ao instaurar um polo preparado para receber e fazer circular as ideias de Saussure, um centro capaz de dialogar com interpretações filológicas e historiográficas produzidas em círculos internacionais de prestígio. Parece, em nossa interpretação, que haverá o início do apagamento de uma lógica de subordinação eurocêntrica, ao menos em torno da reflexão sobre a produção de Saussure, para se estabelecer um diálogo menos assimétrico com os pesquisadores localizados na América do Sul, especialmente no Brasil e na Argentina.

Outro aspecto do clima de opinião observado no contexto de formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure é certamente a expansão da área de Linguística que advém da criação de cursos de graduação em Letras e Linguística, assim como de Programas de Pós-Graduação nessas áreas do conhecimento (Sugiyama Junior, 2020). Essa rápida dispersão e desenvolvimento de cursos de Pós-Graduação nas últimas duas décadas do século XXI pode ter favorecido – direta ou indiretamente – o surgimento de grupos científicos e mesmo a institucionalização de especialidades em ciências da linguagem que aportaram no Brasil.

Não deve causar surpresa, portanto, que a hipótese de que a multiplicação de cursos de Pós-Graduação em geral e, na área de Letras e Linguística, em particular, pode ter contribuído para adesão de abordagens e modelos em ciências da linguagem afastados do centro de interesse da disciplina. É possível pensar que, com o ganho de certa autonomia relativa em polos de pesquisa recém-criados, ganha-se também a possibilidade de investir,

---

<sup>19</sup> As edições cronológicas possuem o objetivo de apresentar o desenvolvimento das ideias linguísticas de Saussure sobre a Linguística geral em sua continuidade original. Esses projetos foram publicados entre 1993 e 1997 por Harris, Komatsu e Wolf e apresentam edições dos cadernos de Emile Constantin referente ao terceiro curso de linguística geral e de Albert Riedlinger para os primeiro e segundo cursos. No segundo curso, também foram utilizados os cadernos de Charles Patois (Saussure, 1993, 1996, 1997).

<sup>20</sup> A título de exemplo, podem ser citadas as traduções de Bouquet (2000), Normand (2009), Bouissac (2012), Depecker (2012) e as obras organizadas com pesquisas de linguistas brasileiros: Fiorin; Barbisan; Flores (2013), Cruz; Piovezani; Testenoire (2016), Faraco (2016).

ao menos em latência, em quadros de trabalho e especialidades distintas daquelas tradicionalmente praticadas em instituições de elite (Murray, 1994).

Outro acontecimento notável do século XXI que merece destaque na atmosfera intelectual no cenário da pesquisa linguística brasileira foi a tradução brasileira dos *Écrits de linguistique générale* (2002)<sup>21</sup>, publicado originalmente em francês. Considerada uma obra de impacto imediato, sua história tem início

Em 1996, [quando] uma coleção de centenas de páginas manuscritas e correspondências inéditas foi doada pela Família Saussure à Biblioteca. Um conjunto, os manuscritos 'Essência Dupla', foi publicado em 2002 por Engler e Simon Bouquet, juntamente com algumas dezenas de outros novos fragmentos, em um volume que foi composto pela [edição crítica do *Curso de linguística geral*] de Engler, de 1974 (Joseph, 2012, p. 1850, nossos acréscimos).

Se não se pode afirmar que a célere apresentação da edição brasileira dos *Escritos de linguística geral* (2004)<sup>22</sup> provoca impacto direto no desenvolvimento das pesquisas dos membros do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure, por outro lado, a ampla divulgação dessa obra atraiu a leitura de textos saussurianos então inéditos para a comunidade científica brasileira e, assim, pode contribuir para colocar a abordagem linguística de Saussure em evidência para mais de uma geração de linguistas.

Com a chegada da tradução em língua portuguesa do Brasil, haverá certo arrefecimento e curiosidade em torno da produção intelectual de Saussure, tanto do ponto de vista do linguista autovinculado a outras especialidades científicas (Santos; Moraes; Cavalcanti, 2014), quanto pela ótica de linguistas aplicados (Zozzoli, 2004), nas duas primeiras décadas do século XXI. Para esses linguistas, serão adotadas uma das duas atitudes: seja para reler um clássico jamais lido integralmente e, assim, verificar possíveis correções de conceitos e noções saussurianas, seja para combater novamente as ideias linguísticas de um fundador-censor de que não se consegue desmistificar (Altman, 2013).

Em ambos os casos, o retorno às fontes saussurianas pela comunidade global será motivado pelo debate em torno da autenticidade do suposto texto original de Saussure, para advogar a favor ou contra a polêmica radicalizada por Bouquet (2000) entre o *Curso* e as fontes manuscritas de Saussure<sup>23</sup>, assim como pelas traduções do livro *Écrits de linguistique générale*: “desde então, isto apareceu traduzido em vários idiomas, tornando este material disponível para um público muito mais amplo do que qualquer coisa desde

---

<sup>21</sup>Tradução minha de: In 1996, a collection of many hundreds of previously unseen manuscript pages and correspondence was given by the Saussure Family to the Bibliothèque. One set, the 'Double Essence' manuscripts, was published in 2002 by Engler and Simon Bouquet, along with a few dozen other new fragments, in a volume that consisted by Engler in 1974.

<sup>22</sup> No âmbito desta pesquisa, será adotado o termo *Escritos* em itálico para se referir ao livro *Escritos de linguística geral*.

<sup>23</sup> Bouquet (2000) radicaliza a tese de falseamento do *Curso de linguística geral* ao propor que os manuscritos saussurianos inéditos, disponibilizados em 1996 à Biblioteca da Universidade de Genebra, podem trazer à lume as 'verdadeiras' teses do genebrino. Para o autor, a reconstrução do pensamento de Saussure que fizeram Charles Bally e Albert Sechehaye “oferece um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar” (Bouquet, 2000, p. 13).

o próprio *Curso*” (Joseph, 2012, p. 1850 itálico no original)<sup>24</sup>.

## 5 O Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure<sup>25</sup>: constituição, objetos e fontes

Sob a liderança e orientação de Silveira, desde 2012, o Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure<sup>26</sup> tem acolhido propostas de pesquisa em nível de graduação e pós-graduação inscritas em pelo menos um dos quatro eixos de investigação seguintes: i. epistemologia saussuriana e seus desdobramentos; ii. alcance teórico da obra de Saussure; iii. análise de manuscritos saussurianos e iv. recepção da produção intelectual de Saussure. Diferentemente do hibridismo encontrado no conjunto das pesquisas anteriores, todos os membros deste grupo desenvolverão trabalhos em torno da produção intelectual de Saussure. Em outras palavras, serão reconhecidos como ‘saussurianos’<sup>27</sup> por outros linguistas e se perceberão conectados a uma preocupação comum: o investimento na reflexão teórica de Saussure na pesquisa acadêmica como uma atividade científica e intelectual autônoma.

Uma segunda marca deste grupo é o papel em torno do feminino. O feminino foi bastante expressivo na história do grupo, tanto em sua origem mais distante, com o *Projeto Aquisição de Linguagem* criado e liderado por De Lemos, como também no estágio de formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure, liderado por Silveira e por outros membros que também executaram tarefas da liderança organizacional, em sua maioria, pesquisadoras<sup>28</sup>. Para ilustrar a relevância do feminino neste grupo, note-se que, no interstício de 2010 a 2021, quatorze pesquisas foram produzidas, entre Dissertações e Teses, por seus membros. Representam mais de 78% do total (11 pesquisas) aquelas desenvolvidas por pesquisadoras e apenas um pouco mais de 21% (3 pesquisas) são

<sup>24</sup> Tradução minha de: This has since appeared in translation in various languages, making this material available to a much wider audience than anything since the *Course* itself.

<sup>25</sup> Os membros do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure criaram uma página na web e contas em redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) com a finalidade de divulgar a atuação do grupo - as pesquisas e os eventos desenvolvidos - e atrair pesquisadores em níveis de graduação e pós-graduação interessados em estabelecer diálogos sobre a produção intelectual de Saussure. O website do grupo pode ser acessado através deste link: <http://www.saussure.com.br>

<sup>26</sup> O link de acesso ao Diretório do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure pode ser acessado através deste link: <http://www.dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3700290350657137>

<sup>27</sup> Há aproximadamente quarenta e quatro membros associados ao Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure atualmente, entre pesquisadores seniores e estudantes orientados em níveis de graduação e pós-graduação. Dentre eles, onze membros parecem ter cumprido funções relevantes no processo de formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure: Álisce C. da Silveira, Eminéa A. Vinhais, Stefânia M. Henriques, Michelle L. Brazão, Marcen de Oliveira Souza, Thayanne R. Silva e Lima, Micaela Pafume Coelho, Allana C. Moreira Marques, Mariane S. e L. Giembsinsky, Paulo H. do E. S. Nestor e Eliane Mara Silveira.

<sup>28</sup> Coelho e Marques ocuparam função oficial de vice-liderança respectivamente e desempenharam tarefas da liderança organizacional, juntamente com Henriques, Lima e Silveira, em mais de uma ocasião, a título de exemplo: criação de website do grupo a fim de dar visibilidade à produção de seus membros; oferta de minicursos em eventos científicos voltados para estudantes de graduação e pós-graduação (Escola de Verão em Estudos Linguísticos, 2020); proposição de dossiês temáticos em periódicos científicos de prestígio com ampla circulação nacional (Henriques, 2018) e de intensa especialização internacional (Coelho, 2020). Todas as tarefas referidas aqui podem ser compreendidas como ações de organização do grupo para obter reconhecimento social e institucional entre os pares e pela comunidade geral de linguistas (Murray, 1994).

produtos de pesquisadores (cf. Tabela 3 e Tabela 4 desta pesquisa).

Especificamente em torno dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure, pode ser identificada uma primeira atitude ou tendência de revisitar conceitos e noções saussurianas mais ou menos cristalizadas pelas gerações anteriores que, em última análise, enxergavam na abordagem saussuriana a via de uma concepção estruturalista de língua e de fenômeno linguístico, e que, por assim dizer, teriam excluído elementos constitutivos da comunicação em dicotomias conceituais (Cruz, 2018). Deste modo, o conceito de sincronia entendido como uma orientação equivalente à prática de descrição de unidades linguísticas de um estado de língua, destituído de historicidade a dimensão diacrônica, será um dos alvos a combater nas pesquisas do grupo (Silveira, 2016), na esteira da pesquisa exemplar de Silveira (2007), assim como os objetos investigados nas Dissertações dos participantes do grupo, demonstrados na tabela abaixo.

Tabela 3: Objetos privilegiados nas Dissertações dos membros do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure

| Pesquisador/a               | Objetos privilegiados            | Ano de Defesa |
|-----------------------------|----------------------------------|---------------|
| Michelle Landim Brazão      | Língua materna                   | 2010          |
| Eminéa Aparecida Vinhais    | Fala                             | 2012          |
| Marcen de Oliveira Souza    | Anagramas, diacronia e sincronia | 2012          |
| Thayanne R. Silva e Lima    | Linguagem, língua e fala         | 2014          |
| Stefânia Montes Henriques   | Nome próprio                     | 2014          |
| Micaela Pafume Coelho       | Sistema                          | 2015          |
| Allana C. Moreira Marques   | Relação                          | 2016          |
| Álisse Cristina da Silveira | Diacronia e sincronia            | 2016          |
| Mariane S. e L. Giembinsky  | Sincronia e diacronia            | 2019          |

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Uma atitude bastante recorrente e decorrente dessa primeira tendência será comparar abordagens de filólogos e linguistas do século XIX alemão (em certos casos, filósofos e pensadores da Antiguidade Clássica ou da Idade Média) como Coelho (2015) fez ao problematizar a relação de continuidade percebida entre a noção de sistema apresentada por Lancelot, na Gramática de Port-Royal, e o conceito de sistema elaborado por Saussure. Essa atitude comparativa e retrospectiva servirá, em muitos casos, como pontapé para distinguir o efeito da reflexão saussuriana em torno da Linguística geral das formulações anteriores, sobretudo aquelas implícita ou explicitamente desenvolvidas em abordagens do século XIX.

Essa prática de ‘arrumação de campo’ pode, também, ser considerada como índice de institucionalização de uma nova especialidade em ciências da linguagem (Murray, 1994), na medida em que tal iniciativa implica a formação de uma geração de

pesquisadoras e pesquisadores encaminhados para descontinuar com uma certa tradição de interpretar Saussure e sua obra de Linguística geral como representantes de modelos estruturalistas em ciências da linguagem. Tal objetivo será comum a mais de uma das pesquisas do grupo na forma de discursos semelhantes ao exposto por Silveira (2007).

A segunda tendência será caracterizada por uma interpretação mais independente e com potencial de inovação frente às discussões tradicionais sobre as dicotomias saussurianas e os conceitos mais rapidamente associados à reflexão geral de Saussure. Essa atitude praticada na seleção de objetos teóricos será percebida nos trabalhos do grupo, com início provável na pesquisa de Henriques (2014) sobre as lendas germânicas de Saussure, mas tal atitude será muito mais evidente nas pesquisas de Teses orientadas por Silveira. Para os membros do grupo, os textos manuscritos do linguista genebrino serão tomados como um campo de meditação teórica a ser explorado criticamente. O objetivo é, portanto, avaliar o alcance teórico de conceitos mais intrincados e desafiadores para o leitor pouco experimentado, por exemplo, a discussão teórica sobre o Aspecto fônico da língua de Lima (2019).

Tabela 4: Objetos privilegiados nas Teses dos membros do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure

| <b>Pesquisadora/pesquisador</b> | <b>Objetos privilegiados</b> | <b>Ano de Defesa</b> |
|---------------------------------|------------------------------|----------------------|
| Marcen de Oliveira Souza        | Anagramas                    | 2017                 |
| Micaela Pafume Coelho           | Língua e línguas             | 2019                 |
| Thayanne R. Silva e Lima        | Aspecto fônico da língua     | 2019                 |
| Paulo H. do E. S. Nestor        | Gramática                    | 2020                 |
| Allana C. Moreira Marques       | Ponto de vista-objeto        | 2021                 |

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

As fontes saussurianas que compõe a base documental (Swiggers, 2013) das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo é bastante variada: ora se constitui do *Curso*, ora se volta prioritariamente para o estudo de textos manuscritos de Saussure, ora pela conjugação desses dois conjuntos. Ainda que alguns dos trabalhos privilegiem o *Curso* (Marques, 2016) ou outros materiais manuscritos de Saussure (Lima, 2019, Coelho, 2019), ressalvas, apontamentos e dificuldades sobre a edição de Bally e Sechehaye são rediscutidas (Silveira, 2007, Giembinsky, 2019), porém, todas as pesquisas examinadas partem, direta ou indiretamente, de alguma proposição saussuriana fornecida pelo *Curso* justamente porque consideram ser

importante a volta à leitura do CLG, único texto, até aqui, facilmente legível; os manuscritos, longe de impor uma leitura por fim acabada, contribuem para nutrir as questões sempre vivas acerca da linguagem, das línguas, da linguística e do próprio Saussure em sua intimidade fugidia (Normand, 2009, p. 172).

Assumida essa consideração geral do grupo, não seria surpresa, portanto, que nenhuma das pesquisas assumirá - seja como postulado teórico ou estratégia metodológica - a tese de que haveria uma oposição radical encontrada entre as fontes manuscritas saussurianas e o *Curso*, nos termos de Bouquet (2000). Pelo contrário, a tese será problematizada e discutida apenas para dar lugar a uma visão pluralista de como o grupo concebe o *corpus* saussuriano (Silveira, 2016). Em sentido amplo, será adotado como procedimento de seleção de fontes saussurianas o seguinte princípio: diferentes fontes saussurianas possuem características filológicas particulares e histórias editoriais específicas, portanto não se apresentam segundo uma escala de originalidade, do mais fidedigno ao mais modificado e falseado.

Sendo assim, o critério de delimitação dos materiais a serem investigados deve ser comandado por objetivos e pela questão que se busca responder:

a questão que se coloca sobre a produção de Saussure vai definir com que material se pode ou deve trabalhar e, inversamente, o material pode determinar a questão. Essa distinção entre os materiais não os torna excludentes; pelo contrário, muitas vezes, são articuláveis (Silveira, 2016, p. 29).

É ainda importante observar que, para os membros do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure, os *Escritos* se caracterizam como uma fonte saussuriana não muito recorrente. É verdadeiro que o livro não gerará um efeito pungente nas pesquisas desse grupo, que devem preferir, mais frequentemente, o cotejo do *Curso* com fontes manuscritas. Em todo caso, a gama de materiais manuscritos é bastante extensa e a diversidade na natureza dos textos de Saussure é contemplada nas pesquisas.

Com efeito, encontram-se análises de textos saussurianos que registram a elaboração dos anagramas (Souza, 2012, 2017), correspondências e notas pessoais (Marques, 2016), rascunhos de aulas (Coelho, 2019), cadernos de alunos com conteúdo de cursos lecionados por Saussure (Lima, 2014, Giembinsky, 2019), textos preparados para ocasiões formais de comunicação e de homenagem (Marques, 2021), o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (Coelho, 2019), as edições críticas de De Mauro e Engler (Coelho, 2015), as edições cronológicas (Nestor, 2020).

Como as fontes manuscritas constituem a documentação saussuriana priorizada pelos membros do grupo, aventa-se, aqui, a hipótese de que muitos desses textos foram compartilhados por Silveira, que teve, pelo menos, duas oportunidades para obtenção desses materiais: na Biblioteca da Universidade de Genebra, durante o desenvolvimento de pesquisa de doutorado, em 1999<sup>29</sup>. Mais tarde, entre 2010 e 2011, no período de estágio

---

<sup>29</sup> Foi concedida a Silveira a oportunidade de acessar e pesquisar os textos manuscritos de Saussure, arquivados na Universidade de Genebra, através do apoio financeiro do FAEP - Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), durante o desenvolvimento de sua pesquisa de doutorado.

de pós-doutorado na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Além disso, a documentação manuscrita pode ter sido solicitada e adquirida através da Biblioteca da Universidade de Genebra, onde ficam arquivados mais de uma centena de textos saussurianos, e possivelmente na oportunidade em que Coelho esteve ligada à Université Denis Diderot - Paris 7, no período sanduíche do curso de doutorado.<sup>30</sup> Além disso, vale dizer que a crítica genética começa a ser incorporada, paulatina e conscientemente, em trabalhos mais contemporâneos dos participantes do grupo (Silveira, 2022) como perspectiva teórica e metodológica selecionada para auxiliar no tratamento menos espontâneo com os textos manuscritos, seja para fornecer diretrizes na transcrição, seja para apoiar na reconstituição deles.

## A título de conclusão

A título de conclusão, essa pesquisa teve como objetivo descrever os processos de formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure para compreender o papel da história de formação desse grupo na institucionalização dos Estudos Saussurianos como especialidade em ciências da linguagem, no Brasil. Em vista disso, foi abordado o Grupo Rasura como processo de transformação do novo grupo científico também liderado intelectualmente por Eliane Silveira. Foram descritos, em perspectiva historiográfica, os aspectos contextuais presentes no clima de opinião geral em que desponta o Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure, assim como os objetos e as fontes de análise privilegiadas nas pesquisas de seus membros.

Para concluir, compreendemos que, nas pesquisas desenvolvidas pelos membros do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure, encontra-se uma intenção geral de historicizar a reflexão linguística de Saussure ao situá-la em seu contexto imediato de produção, sem, contudo, destituí-la de seu potencial para pensar sobre fenômenos linguísticos do presente. Essa marca histórica está presente nas pesquisas analisadas e se manifesta, principalmente, pela noção operativa de movimento, fornecida por Silveira (2007), na forma de reflexões de caráter teórico. Por fim, outros aspectos, relevantes na formação grupo, poderiam ser descritos em perspectiva historiográfica, tais como o papel dos eventos acadêmicos e dos esforços coletivos e interinstitucionais, assim como a criação de um Grupo de Trabalho (GT) dedicado aos Estudos Saussurianos na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll). Todos os aspectos mencionados merecem uma análise historiográfica cuidadosa e pormenorizada a ser realizada em momento oportuno.

---

<sup>30</sup> Coelho realizou o doutorado com período sanduíche, sob orientação do Professor Doutor Pierre-Yves Testenoire, junto à Université Denis Diderot – Paris 7 e ao *Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistique*.

Pelo exposto, é incontornável reconhecer o papel do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure para o reconhecimento institucional dos Estudos Saussurianos como especialidade teórica em ciências da linguagem, no Brasil, especialmente se considerados o estágio de desenvolvimento institucional alcançado e o cumprimento de fatores sociais previstos no modelo funcional de reconhecimento institucional de grupos científicos de Murray (1994). Se o reconhecimento social é comandado pela validação com pares ‘saussurianos’, com linguistas teóricos e aplicados, autovinculados a distintas especialidades em ciências da linguagem, e com historiógrafos da Linguística, então os Estudos Saussurianos, como especialidade institucionalizada na pesquisa linguística brasileira, parece se confundir com a própria história de formação do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure.

## Group formation in language sciences: the case of the Ferdinand de Saussure Research Group

### Abstract

*This research is situated within the field of Brazilian Linguistic Historiography (Altman, 2021) and aimed to describe the processes involved in the formation of the Ferdinand de Saussure Research Group. The documentary basis of the historiographical research (Swiggers, 2013) includes master's and doctoral theses, research projects, books, article published in a journal and texts resulting from communications produced by the group's members. To analyze the emergent context that facilitated the formation of the group, the climate of opinion (Koerner, 2014) was examined and the tasks of organizational leadership and intellectual leadership were investigated as indicators of scientific group development (Murray, 1994). The research topics prioritized by the group's members are characterized as theoretical research focused on Saussure's text, particularly through the comparison of manuscript sources and the Course in General Linguistics (Saussure, 1970). The formation of the Ferdinand de Saussure Research Group appears to have been crucial for the consolidation of Saussurean Studies as a theoretical specialty in language sciences in Brazil, thus aligning with the functional model of institutional recognition of scientific groups (Murray, 1994).*

**Keywords:** Ferdinand de Saussure Research Group. Group formation. Brazilian Linguistic Historiography. Language Sciences. Ferdinand de Saussure

### Referências

ABRALIN. **Historiografia Linguística no Brasil: teorias e métodos**. YouTube, 21 de agosto de 2024. 3h18min20s. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pI0RLFRV\\_Po&t=3344s](https://www.youtube.com/watch?v=pI0RLFRV_Po&t=3344s). Acesso em: 29 de agosto de 2024.

ALTMAN, C. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

ALTMAN, C. Sobre mitos e história: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de linguística geral. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. (orgs.). **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, pp. 21-32, 2013.

ALTMAN, C. Saussure e o (des)encontro de duas gerações acadêmicas no Brasil. **Signo**

**y seña. Revista del Instituto de Lingüística de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires.** 30, pp. 3-21, 2016.

ALTMAN, C. História, estórias e Historiografia da Linguística brasileira. In: BATISTA, R. de O. (Org.). **Historiografia da Linguística.** São Paulo: Contexto, pp. 19-43, 2019.

ALTMAN, C. Formação de grupos em ciências da linguagem: o caso do GEL. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, 49 (1), pp. 36-47, 2020.

ALTMAN, C. **A guerra fria estruturalista:** estudos em historiografia linguística brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

**AULA Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM:** Estudos Linguísticos. 2021. 3h22min. Publicado pelo canal Programa de Pós-Graduação em Letras PPGL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NxsoXVVsIps>. Acesso em: 10 de outubro de 2024.

BAGNO, M. Tradução, notas e posfácio. In: SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Parábola, 2021.

BAGNO, M. **Uma história da linguística:** do século XIX ao limiar do século XX. v. 2. São Paulo: Parábola, 2023.

BARROS, J. D'A. **Fontes históricas:** introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BARROS, J. D'A. **A Fonte Histórica e Seu Lugar de Produção.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BATISTA, R. de O. **Introdução à historiografia da linguística.** São Paulo, Cortez, 2013.

BATISTA, R. de O. Historiografia da Linguística e Sociologia da Ciência. In: BATISTA, R. de O. (Org.). **Questões em Historiografia da Linguística:** homenagem a Cristina Altman. São Paulo: Pá de Palavra, pp. 167-187, 2020.

BATISTA, R. de O. **Fundamentos da pesquisa em historiografia da linguística.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2021.

BECHARA, E. Primeiros ecos de F. de Saussure na gramaticografia de língua portuguesa. **Revista Confluência.** n. 48, p. 9-16, 2015.

BERNARD, C.; FOURNIER, J-M.; PUECH, C. **Uma história das ideias linguísticas.** São Paulo: Contexto, 2017.

BORGES NETO, J. Historiografia da Linguística e Filosofia da Linguística. In: BATISTA, R. de O. (Org.). **Questões em Historiografia da Linguística:** homenagem a Cristina Altman. São Paulo: Pá de Palavra, pp. 167-187, 2020.

BORGES NETO, J. **História da Gramática.** Curitiba: Editora UFPR, 2022.

BOUISSAC, P. **Saussure:** Um guia para os perplexos. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure.** São Paulo: Cultrix, 2000.

BRAZÃO, M. L. **Os rastros da língua materna.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 78f., 2010.

CAVALIERE, R. **História da gramática no Brasil: séculos XVI a XIX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

COELHO, M. P. **A noção de sistema na fundação da linguística moderna**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 129 f., 2015.

COELHO, M. P. **Ferdinand de Saussure: entre a língua e as línguas**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 141 f., 2019.

COELHO, M. F. Ferdinand de Saussure: entre la langue et les langues. **Cahiers Ferdinand de Saussure**. v. 73, p. 187-196, 2020.

COELHO, O. F.; HACKEROTT, M. M. S. Historiografia Linguística. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (orgs.). **Ciências da linguagem: o fazer científico?** Campinas: Mercado de Letras, pp. 381-407, 2012.

COELHO, O. F.; NÓBREGA, R.; ALVES, B. F. A técnica de mapeamento de produção linguística: exemplificação em um estudo de caso. In: COELHO, O. F. (Org.). **Fontes para a Historiografia Linguística: caminhos para a pesquisa documental**. Campinas, SP: Pontes Editores, pp. 13-27, 2021.

CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, C.; TESTENOIRE, P-Y. Apresentação. In: CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, C.; TESTENOIRE, P-Y. (orgs.). **Saussure, o texto e o discurso – cem anos de heranças e recepções**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

CRUZ, M. A. Um aspecto da teoria saussuriana que Jakobson teria ignorado ou da relativização do caráter radical da separação entre sincronia e diacronia em Saussure. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 19, p. 248-259, 2018.

DE LEMOS C. T. G. de; LIER-DE VITTO M. F.; SILVEIRA, E. M.; ANDRADE L. Le Saussurisme en Amérique Latine au XXème. Siècle. **Cahiers Ferdinand de Saussure: Revue suisse de linguistique Générale**. n. 56. Cercle Ferdinand de Saussure. Librairie Droz S.A.: Genève. pp. 165-176, 2003.

DEPECKER, L. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

ESCOLA DE VERÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 21-25 set. 2020. Uberlândia. **Resumo dos minicursos**. Uberlândia - MG: EDUFU, 2020.

FARACO, C. A. (Org.). **O efeito Saussure**. Cem anos do Curso de linguística geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FARIA, N. R. B.; CASTRO, M. F. P. de. Estudos Saussurianos Hoje. **DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, 34 (3). pp. 789-767, 2018.

FARIA, N. R. B.; CRUZ, M. A. Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de Saussure. **Leitura**, v. 1, n. 62, p. 2-12, 2019.

FLORES, V. do N. Os efeitos das reflexões de Ferdinand de Saussure nos estudos da linguagem: uma entrevista com Valdir do Nascimento Flores e Carmem Luci da Costa Silva. [Entrevista concedida a] Carolina Knack. **Revista Entrelinhas**. v. 10, n. 2, p. 378-391, jul./dez. 2016.

FLORES, V. N. do S. **Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

GIEMBINSKY, M. S. e L. **A diacronia e a sincronia no(s) curso(s) de Linguística Geral: dos cursos à edição.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 91 f., 2019.

HENRIQUES, S. M. **O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 91 f., 2014.

HENRIQUES, S. M. O estudo saussuriano sobre as lendas germânicas. **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada.** v. 34, p. 201-221, 2018.

JOSEPH, J. **Saussure.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados** (sel. e ed.: KEMMLER, R.; ALTMAN, C.). Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, 2014.

LIMA, T. R. S. e. **Saussure: a escrita e a tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 100 f., 2014.

LIMA, T. R. S. e. **Um estudo do movimento teórico de Ferdinand de Saussure no manuscrito Phonétique.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 129 f., 2019.

MARQUES, A. C. M. **A noção de relação na teoria linguística de Ferdinand de Saussure.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 117 f., 2016.

MARQUES, A. C. M. **O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 199 f., 2021.

MATTOSO CAMARA JR, J. Said Ali e a língua portuguesa. pp. 185-189, 1961. In: UCHÔA, C. E. F. (sel. e intr.). **Dispersos de J. Mattoso Camara Jr.** (nova ed. rev. ampl.). Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1972.

MURRAY, S. O. **Theory groups and the study of language in North America. A social history.** Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1994.

NESTOR, P. H. do E. S. **O percurso do conceito de gramática em Saussure.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 120 f., 2020.

NORMAND, C. **Saussure.** São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PUECH, C. O “discurso”, as heranças e os destinos de Saussure na França. In: CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, C.; TESTENOIRE, P-Y. (orgs.). **Saussure, o texto e o discurso – cem anos de heranças e recepções.** São Paulo: Parábola Editorial, pp. 13-37, 2016.

SAID ALI, M. **Difficuldades da língua portuguesa: estudos e observações por M. Said Ali.** 2 ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Besnard Frères, 1919.

SANTOS, M. F. O.; MORAIS, E. P.; CAVALCANTI, R. J. S. (Orgs.). **Saussure: outros olhares**. Maceió: Edufal, 2014.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.

SAUSSURE, F. de. **Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911)**: d'après les Cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

SAUSSURE, F. de. **Première Cours de Linguistique Générale (1907)**: d'après les cahiers d'Albert Riedlinger / Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907): from the notebooks of Albert Riedlinger. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Pergamon Press, 1996.

SAUSSURE, F. de. **Deuxième Cours de Linguistique Générale (1908-1909)**: d'après les Cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois / Saussure's second course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Pergamon Press, 1997.

SAUSSURE, F. de. **Écrits de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 2002.

SAUSSURE, F. de. **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola, 2021.

SILVEIRA, E. M. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística**. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2003.

SILVEIRA, E. M. **As marcas do movimento se Saussure na fundação da lingüística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

SILVEIRA, E. M. A difícil relação entre os manuscritos e o Curso de Linguística Geral. In: CRISTIANINI, A. C.; OTTONI, M. A. R. (Orgs.). **Estudos Linguísticos: teoria, prática e ensino**. 1 ed. Uberlândia - MG: EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia, v. 1, p. 17-32, 2016.

SILVEIRA, E. A invenção do linguista: Saussure entre os manuscritos e o Curso de Linguística Geral: L'invention du linguiste: Saussure entre les manuscrits et le Cours de Linguistique Générale. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), 51 (1), 415-427, 2022.

SILVEIRA, E. M. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 31 jul. 2024. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3814665583632589>.

SILVEIRA, Á. C. da. **Um percurso em torno da noção de diacronia e sincronia: o CLG e a leitura de Câmara JR**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 93 f., 2016.

SOFIA, E.; SWIGGERS, P. Le CLG à travers ses (premières) réceptions. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: revue de linguistique générale. Genève, v. 1, n. 69, p. 9-16, 2016.

SOUZA, M. de O. **Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 128 f., 2012.

SOUZA, M. de O. **Os anagramas de Saussure: um percurso pelo lado pitoresco das línguas**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 150 f., 2017.

SUGIYAMA JUNIOR, E. **O ensino de linguística no Brasil (1960-2010): efeitos do processo de institucionalização na configuração dos cursos de Letras e Linguística**. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo. São Paulo, 279 f., 2020.

SWIGGERS, P. Reflections on (models for) linguistic historiography. *In*: HÜLLEN, W. (Ed.). **Understanding the historiography of linguistics**. Problems and Projects. Symposium at Essen, 23-25 november 1989. Münster: Nodus, pp. 21-34, 1990.

SWIGGERS, P. A Historiografia da Linguística: objeto, objetivos, organização. **Revista Confluência**, Rio de Janeiro, n. 44-45, pp. 39-59, 2013.

VINHAIS, E. A. **Ferdinand de Saussure: de silêncio e de autoria**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 122 f., 2012.

ZOZZOLI, R. M. D. Para além da reprodução escrita em língua estrangeira. **Leitura**. v. 28/29, 2004, pp. 77-90.

# Saussure na era da IA: modelagem semântica de word embeddings à luz da teoria do valor

Leonardo Giamarusti<sup>1</sup>

## Resumo

Este estudo explora a relação entre a Teoria do Valor (TdV) de Ferdinand de Saussure e a modelagem semântica dos Word Embeddings (WE), especialmente através da Semântica Distribucional (SD). Neste trabalho, propomos analisar alguns frameworks de embeddings de palavras gerados pelo modelo Word2Vec, buscando possíveis articulações entre a TdV e a captura de significados em modelos de linguagem baseados na Semântica Distribucional. Partindo da hipótese de que a noção de valor em Saussure reside nas relações de semelhança e dessemelhança entre um signo e sua totalidade sistêmica, objetivamos demonstrar que este mesmo princípio em torno do valor linguístico parece também estar presente na Semântica Distribucional, preconizada pelos linguistas Z. Harris, nos EUA, e J. R. Firth, na Inglaterra, em meados da década de 50. Nesse sentido, apresentamos alguns indícios de que, tal qual Saussure, a SD também parte das relações do sistema para propor uma teoria da significação na língua. Essa teoria, por sua vez, tem sido amplamente aplicada no Processamento de Linguagem Natural para a modelagem semântica de WE, o que possibilita discussões acerca da possível pertinência do saussurianismo para o desenvolvimento de novas técnicas de PLN no século XXI.

**Palavras-chave:** Saussure; Linguística Computacional; Processamento de Linguagem Natural; Teoria do Valor; Word Embeddings

Data de submissão: novembro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16461>

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU). É membro do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (CNPq) desde 2018, onde realiza pesquisas sobre a fortuna saussuriana e seus impactos no Processamento de Linguagem Natural. <http://lattes.cnpq.br/5597723489199237> E-mail: [lenardogiamarusti@gmail.com](mailto:lenardogiamarusti@gmail.com)

## Introdução

A Teoria do Valor (TdV), proposta por Ferdinand de Saussure principalmente no Terceiro Curso de Linguística Geral (TCLG) entre 1910 e 1911, ocupa um papel central na compreensão da língua como um sistema de signos. Nesse sistema, entende-se que a significação surge por relações diferenciais entre o signo e sua totalidade sistêmica, gerando valores linguísticos que são expressos por meio das relações de “semelhança” e “dessemelhança” (cf Saussure, 2012, p.160) que o signo contrai com os outros.

Nesta pesquisa, apresentamos alguns indícios teóricos de que esse princípio saussuriano que vê o valor linguístico como produto das relações do sistema parece ter sido reinterpretado por movimentos estruturalistas do século XX, desdobrando-se numa teoria da significação conhecida como “Semântica Distribucional” (SD) (Firth, 1957; Harris, 1954). A SD, devido à sua aproximação com a matemática e a lógica, hoje, é considerada um dos principais aportes teóricos, no Processamento de Linguagem Natural (PL), para a modelagem semântica de modelos vetoriais de linguagem, notadamente os Word Embeddings (WE).

Portanto, propomos um estudo exploratório, em tom ensaístico, em que analisamos algumas possíveis articulações entre a modelagem semântica de WE e a possível relação com a teoria dos valores linguísticos do mestre genebrino. Nossa hipótese é de que a noção de *valor* pode ser percebida na Semântica Distributiva como mecanismo pelo qual se chega à significação; mecanismo este emulado por alguns sistemas de IA para a captura de sentidos e posterior execução de tarefas de PLN.

Assumimos, bem como fazem Seno et al (2023) e Freitas (2023), que, atualmente, uma IA não é capaz, ainda, de compreender significados isolados, isto é, compreender itens lexicais por eles mesmos. Contudo, as Inteligências Artificiais baseadas na SD parecem conseguir reconhecer o espaço que cada palavra, ou signo, ocupa na língua e, a partir disso, inferir possíveis relações entre palavras semelhantes – que chamaremos de *valores positivos* – e dessemelhantes, que trataremos como *valores negativos*. Ao analisar esses valores, os algoritmos conferem uma significação às relações entre as palavras, de modo que a IA se torna capaz de emular a língua humana em níveis semântico-lexicais .

Para esclarecermos o que entendemos por valor linguístico, nos pautamos no capítulo IV da segunda parte do Curso de Linguística Geral (CLG) e em trabalhos de pesquisadores saussurianos interessados por esse tema (Normand, 2009; Silveira, 2009; Coelho, 2013; 2015; Coelho e Lima, 2014). Após esse esclarecimento, analisaremos alguns *frameworks* de WE desenvolvidos por meio do modelo Word2Vec, buscando evidenciar a importância da noção de valor – e o que dela deriva, a saber, as relações na língua – para a modelagem semântica de IAs baseadas na SD. A partir dessa pesquisa, esperamos

possibilitar discussões acerca da pertinência de pressupostos da linguística formalista do século XX como base teórica para a modelagem semântica de algumas IAs no século XXI.

## 1 Relações na língua e o que delas derivam: os valores

Como dissemos, a TdV de Saussure foi essencialmente apresentada no último dos três cursos que o mestre lecionou no início do século XX na Universidade de Genebra. Coelho e Lima (2014) possibilitam inferirmos que essa teoria pode ser uma forte candidata a representar o amadurecimento das ideias linguísticas de Saussure, uma vez que a teoria do valor só pôde ser desenvolvida por ele

a partir da delimitação de todos os outros aspectos e princípios linguísticos por ele [Saussure] expostos nos cursos, tais como a arbitrariedade do signo, a linearidade do significante, a definição do significado e do significante como constituintes do signo linguístico e a distinção entre “língua”, “linguagem” e “fala” (Coelho e Lima, 2014, p.347).

Para nós, a chave para entender os valores linguísticos propostos pela linguística saussuriana reside, primeiro, na noção de que a língua é um sistema de signos: “[...] poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: *um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas*” (Saussure, 2012, p.42, grifo nosso). Dito isso, afirmar que a língua é um sistema é, ao mesmo tempo, tomá-la como um conjunto de elementos que estão intimamente relacionados. Esse entendimento, por sua vez, revela-nos que, necessariamente, a noção de sistema está atrelada à totalidade de signos linguísticos de uma língua; mais precisamente, a todas as relações possíveis que um determinado signo pode admitir.

Nesse sentido, para além de compreendermos que a língua é um sistema, na Teoria do Valor, também é essencial compreendermos que a língua é “um sistema de relações” (Saussure, 2012 [1916], p.100). Sendo assim, a ideia básica construída por Saussure sobre a TdV, a qual podemos acompanhar no CLG nos capítulos dedicados ao valor, é de que a noção de *relação* é um princípio que atravessa a constituição dos valores linguísticos, como já observado anteriormente por Marques (2016).

No CLG, são recorrentes as vezes em que a noção de valor é articulada com a de relação. No entanto, é no capítulo IV da segunda parte que esses pressupostos parecem dialogar de forma mais evidente, levando à formulação de conceitos como o valor em seus aspectos conceitual e material. É também neste capítulo que acompanhamos, no CLG, distinções entre as noções de valor e de significação.

Embora não seja o objetivo deste artigo tratar das possíveis diferenças entre valor e significação, vale pontuarmos que ambos os termos admitem implicações teóricas na teoria saussuriana, não sendo, portanto, equivalentes. Em outras palavras, o valor está

imbricado na constituição da significação, como bem relembra o mestre genebrino: “o *valor* constitui, sem dúvida, um elemento da *significação*, e é difícilimo saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência” (Saussure, 2012 [1916], p.161, grifo nosso). Diferentemente dos significados, que são produtos da relação arbitrária entre os constituintes dos signos, “o valor é dado por outros dados; pela situação recíproca das partes na língua; e assim por diante”<sup>2</sup> (Saussure apud Riedlinger, 1997, p. 29, traduzido por Coelho, 2013, p.8)

Dessa maneira, o valor de um signo passa a ser determinado por sua “parte na língua”, a saber, a *posição* que ele ocupa em relação aos outros signos do sistema linguístico. Essa posição e essa relação recíproca das partes geram o *valor*, que, portanto, depende da rede de *diferenças e semelhanças* na língua para a sua delimitação. Por meio da anotação de aula de Riedlinger supracitada, feita durante o TCLG, vemos que Saussure enfatiza que, mesmo sendo parte da significação, o valor possui uma natureza relacional única, distinta do processo pelo qual os significados são construídos.

Nesse sentido, tal natureza relacional única dos valores pode ser melhor entendida quando Saussure explica a constituição do valor via dois tipos de relações, a saber, a semelhança e a dessemelhança:

[...] verifiquemos inicialmente que, mesmo fora da língua, todos os valores parecem estar regidos por esse princípio paradoxal. Eles são sempre constituídos:

1º - por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar:

2º - por coisas *semelhantes* que podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa. (Saussure, 2012, p.162)

Para além desse trecho, Saussure apresenta uma metáfora, no CLG, que parece explicar que tanto as relações de semelhança quanto as de diferença entre os signos são essenciais para definir um valor. Para justificar essa proposição, o mestre genebrino utiliza o exemplo de uma moeda de 5 francos (cf. Saussure, 2012 [1916], p.162). Para estabelecer o valor deste signo “5 francos”, é necessário, primeiramente, trocá-lo por algo distinto, como “pão”, e depois, colocá-lo em relação a outro elemento de valor semelhante dentro do sistema, como uma moeda de 1 franco.

Saussure também observa que os valores em sistemas linguísticos não são fixos, já que é preciso uma rede dinâmica de relações tanto com signos semelhantes quanto com signos distintivos para defini-los. Ele parece reforçar essa ideia afirmando que “o conteúdo [o valor] só é realmente determinado pela interação com o que existe fora [da palavra]” (Saussure, 2012 [1916], p.162), indicando que o valor é relacional e que também ultrapassa as relações internas de cada signo, entre o significante e o significado;

---

<sup>2</sup> No original: Il y a un phénomène déjà par le fait que cette différence est une des choses qui contribuent à la signification.

estabelecendo relações externas - valores positivos e negativos - que dependem da posição de cada elemento no sistema.

As referidas ideias em torno do valor como fruto de relações parece sugerir que, na língua, os valores demarcam “espaços” para cada signo. Ou seja, cada signo ocupa uma parte na língua que lhe é dada pelas diferenças entre o signo e a sua totalidade sistêmica. Esse mesmo entendimento, assim, pode ser notado por meio de outra metáfora contida no CLG, a saber, o Jogo de Xadrez (cf. Saussure, 2012 [1916]).

A metáfora do jogo de xadrez, em linhas gerais, pode servir de plano de fundo para diferentes pressupostos saussurianos, como relembra Normand (cf. 2009). Porém, neste artigo, trabalhamos com a interpretação de que essa metáfora ilustra a ideia de que o valor dos signos em um sistema depende de suas posições e das relações que eles mantêm com os outros elementos. No xadrez, cada peça tem um papel específico, e seu valor é definido não apenas por suas características intrínsecas, ou seja, o fato do cavalo andar em “L”, mas principalmente pela sua posição relativa e pelas interações com as demais peças no tabuleiro. Em outras palavras, importa que o movimento do cavalo é um; e o da torre é diferente do movimento do cavalo; assim como o movimento do bispo é diferente do cavalo e da torre; e assim por diante. Portanto, uma peça no xadrez só adquire sua verdadeira funcionalidade e importância no contexto das outras peças.

Além disso, mais relevante do que entender como as peças se movimentam no jogo, importa saber a posição delas no final de cada jogada. Ou seja, os movimentos de cada peça, que podemos associar às relações na língua, geram, como produto da jogada, uma posição única no tabuleiro. Analogamente, na língua, essas relações geram, também, uma posição única no sistema para cada signo, isto é, os seus valores.

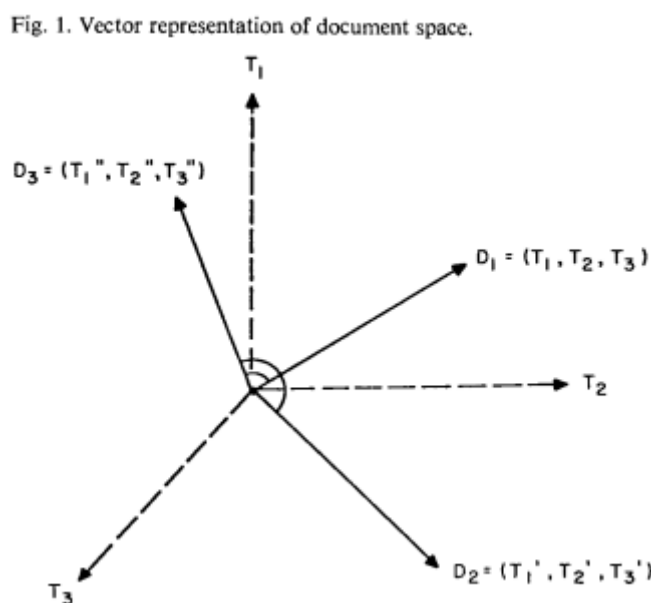
Sendo assim, assim como no xadrez, em que a posição de cada peça é essencial para definir seu valor no contexto de cada partida, no sistema linguístico, cada signo adquire uma posição na língua, um valor, que lhe confere características únicas frente à totalidade sistêmica. O valor, então, torna-se relacional e dependente das posições e da interação do signo com os demais, o que faz com que o sistema da língua engendre, por sua própria natureza, um “sistema de relações” (Saussure, 2012 [1916], p.100).

Em síntese, a teoria segundo a qual o valor dos signos é determinado por suas relações de semelhança e dessemelhança, gera, portanto, uma posição para cada signo dentro do sistema. Esse entendimento, assim, parece ter sido de grande importância para a formulação da Hipótese Distributiva (HD), uma teoria da significação preconizada por Zellig Harris, nos EUA, e por John R. Firth, na Inglaterra, na metade do século XX, em que o aspecto semântico da língua está relacionado à distribuição dos significados dentro de um *corpus* a partir das relações entre os termos do sistema. Como efeito da HD, a maneira de entender as relações dos signos como essenciais para a construção da significação

alcançou o Processamento de Linguagem Natural a partir da década de 70, com a publicação do artigo “A Vector Space Model for Automatic Indexing”, de Gerard Salton, A. Wong e C. S. Yang (1975).

O artigo, em suma, explora um modelo vetorial para indexação automática de documentos, voltado para recuperação de informações. A abordagem busca representar documentos como vetores<sup>3</sup> em um espaço tridimensional, em que cada dimensão corresponde a um termo indexado. Como consequência, a similaridade entre documentos é calculada através do produto interno entre os vetores, ou pelo ângulo entre eles, o que indica a proximidade semântica, como vemos na figura a seguir:

Figura 1. Representação vetorial de um conjunto de documentos.

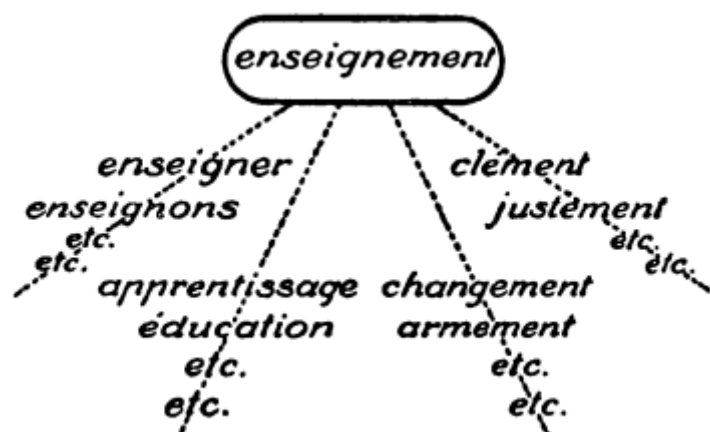


Fonte: Salton; Wong; Yang, 1975, p.614.

Nesse sentido, a Figura 1 mostra como signos podem ser convertidos em vetores num espaço vetorial, ou seja, em um gráfico onde cada palavra admite relações de semelhança e dessemelhança com as outras, marcadas pelo cálculo do ângulo de abertura dos vetores. Na linguística saussuriana, encontramos uma ilustração do CLG que parece muito próxima dessa representação vetorial da língua proposta por Salton, Wong e Yang (1975), a saber:

<sup>3</sup> Em Semântica Vetorial, um vetor é uma maneira de representar o significado de palavras em forma numérica, o que ajuda o computador a "entender" e manipular o significado de palavras. Por exemplo, se imaginarmos que cada palavra é um vetor no espaço tridimensional (como um mapa em 3D), o tamanho desses vetores, e o ângulo entre eles, indicará a semelhança entre os significados. Assim, palavras que têm significados parecidos, como "gato" e "cachorro", ficam próximas nesse "mapa", enquanto palavras com significados diferentes, como "gato" e "computador", ficam distantes.

Figura 2. Rede de relações da palavra “enseignement”.



Fonte: Saussure, 1995, p.175.

Com base nesse esquema contido no CLG, em que Saussure discute a rede de analogias de “enseignement”, demonstrando linhas que podem ser interpretadas também como vetores, Gastaldi (2020) indica articulações diretas entre o saussuriano e a modelagem semântica de WE, chegando a afirmar que “É impossível não reconhecer no diagrama de Saussure o mecanismo presente nos espaços de embeddings, conforme caracterizado anteriormente [...]”<sup>4</sup> (Gastaldi, 2020, p.199)

Voltando-nos à pesquisa de Salton, Wong e Yang (1975), foram considerados três termos para análise dos autores, representados por: T1T\_1T1, T2T\_2T2 e T3T\_3T3. Estes termos, então, são como “temas” ou “palavras-chave” importantes para identificar o conteúdo dos documentos. Cada termo, por conseguinte, está representado por uma linha que aponta em uma direção diferente. Já as notações D1D\_1D1, D2D\_2D2 e D3D\_3D3 estão representadas como documentos nos quais se buscam as similaridades temáticas. Com isso, inferimos que:

- (i) O Documento D1D\_1D1 está mais próximo de T1T\_1T1, o que significa que ele provavelmente usa muito esse termo ou é mais relacionado a esse tema;
- (ii) O Documento D2D\_2D2 está mais próximo de T2T\_2T2, indicando que esse termo é mais importante para o conteúdo do D2D\_2D2.
- (iii) O Documento D3D\_3D3 está entre T1T\_1T1, T2T\_2T2 e T3T\_3T3, indicando que ele contém uma mistura desses temas.

Nesse sentido, o modelo vetorial proposta por Salton, Wong e Yang (1975), anos mais tarde, foi retomado por autores como Mikolov et al. (2013), com o desenvolvimento do Word2Vec, um dos primeiros modelos de linguagem amplamente usados para gerar representações de palavras em alta dimensionalidade - vetores com várias direções - que

<sup>4</sup> No original: “It is impossible not to recognize in Saussure’s diagram the mechanism at play in embedding spaces as we characterized them earlier [...]”

preservam informações semânticas e contextuais mais complexas e profundas.

Portanto, o aporte teórico que sustenta o modelo de linguagem apresentado por Mikolov et al (ibidem) é o mesmo de Salton, Wong e Yang (1975), a saber, a Hipótese Distributiva. Porém, a inovação de Mikolov e seus colegas reside na inovação da representação vetorial em um espaço multidimensional, enquanto que, em Salton, Wong e Yang, tem-se uma representação tridimensional. De igual forma, ambos os modelos possuem um cerne teórico comum, isto é, a ideia de que a posição relativa das palavras dentro do sistema é fundamental para a delimitação dos sentidos e para, posteriormente, uma máquina poder recuperar significados e informações. Nas palavras de Firth: “Reconhecerás uma palavra pela companhia que ela mantém” (Firth, 1955, p.108).

Ademais, vale dizer que a SD, hoje, mantém-se como um dos principais aportes teóricos para o desenvolvimento de modelos de linguagem vetorial, como os Word Embeddings, como bem aponta Seno et. al (2023):

A semântica distribucional tem sido atualmente a principal abordagem de representação do significado lexical adotada nas mais diversas tarefas do processamento de linguagem natural. Nessa abordagem, os itens lexicais (palavras) são representados por meio de vetores de *valores* reais, conhecidos por vetores semânticos, que codificam o significado das palavras a partir de sua distribuição em textos (Seno et. al, 2020, p.1, grifo nosso).

Nessa perspectiva, nossa hipótese investigativa é de que a conexão entre a SD e o desenvolvimento de *word embeddings* sugere articulações, em níveis teóricos, entre a modelagem semântica de WE e o saussurianismo, mediadas por reinterpretações da noção de valor e de relação que a SD promove. Em outras palavras, defendemos, neste trabalho, que o que a SD entende por mecanismo de significação - aporte teórico utilizado na modelagem semântica de WE - parece, na verdade, a determinação de valores linguísticos tal como já fora previsto por Saussure no início do século 20.

No próximo tópico, então, vamos nos dedicar a esclarecer alguns aspectos importantes da SD e suas possíveis relações com a noção de relação e de sistema presentes no saussurianismo, preparado-nos para a seção subsequente sobre a análise de *frameworks* de WE à luz da TdV.

## 2 Semântica distribucional: uma releitura estruturalista das noções saussurianas de *valor* e *relação*

A Semântica Distribucional (SD) é uma teoria da significação desenvolvida em meio à efervescência dos estruturalismos estadunidense e inglês, a qual, hodiernamente, é amplamente utilizada no Processamento de Linguagem Natural. Na SD, entende-se que a importância do contexto e da distribuição das palavras em textos é a chave para o sentido

da língua. Essa teoria foi proposta inicialmente por linguistas como Zellig Harris (1909-1992)<sup>5</sup> e J.R. Firth (1890-1960), que buscavam uma maneira de entender a semântica das palavras com base na co-ocorrência em diferentes contextos.

Harris, em sua obra seminal intitulada *Distributional structures* (1954), infere que o significado de uma palavra não deve ser entendido de forma isolada, mas em relação à sua distribuição em um corpus textual. O autor utiliza o exemplo de “cão” e “gato”, que, em níveis de semântica distributiva, possuem traços de marcações comuns: ambos animais domésticos, de quatro patas, que comem ração etc. Essas marcações comuns indicam que, num sintagma como “O cachorro fugiu”, o sujeito poderia ser substituído por “O gato fugiu” sem muitos prejuízos semânticos. Por essas semelhanças, por exemplo, “cão” e “gato” possuem valores aproximados no sistema, o que, em PLN, significa que ambas as palavras estariam próximas num mesmo espaço vetorial.

No mesmo entendimento, Saussure (2012 [1916]) já havia previsto que o sentido na língua não está contido na palavra, mas no concurso que existe fora dela, a saber, as relações que ocorrem no exterior dos signos, formando uma rede de valores positivos, semelhantes, e negativos, dessemelhantes.

Porém, é, no mínimo, intrigante, que, embora Harris tenha tido contato com o Curso de Linguística Geral, são poucas as vezes em que o linguista norteamericano faz referência direta ao mestre genebrino, deixando em aberto os motivos para esse suposto apagamento de Saussure na escola norteamericana estruturalista; principalmente porque muitos pressupostos saussurianos são notadamente perceptíveis numa leitura rápida da linguística harriana, como a noção de sistema e a ênfase às relações que dela derivam. No *Distributional Structures*, contudo, o nome de Saussure aparece uma única vez, numa pequena nota de rodapé em que Harris explica seu interesse por uma ciência autônoma da linguagem, tal como já havia sido proposto por Saussure: “O estudo independente da estrutura descritiva foi esclarecido em grande parte pelo “Cours de linguistique générale” de Ferdinand de Saussure.”<sup>6</sup> (Harris, 1954, p.149).

Firth, igualmente importante para a SD, por sua vez, faz recorrentes menções a Saussure (Firth, 1934; 1949; 1950). Nesse sentido, a maior aproximação teórica entre o mestre genebrino e o mestre londrino pode ser evidenciada no trabalho de Firth intitulado *Linguistics and the functional point of view*, em que o autor parte da máxima saussuriana de que *o ponto de vista cria o objeto* (cf. Saussure, 2012 [1916]) para fundamentar a sua visão estruturalista e funcional para a língua:

---

<sup>5</sup> A título de observação, Zellig Harris foi o orientador da tese de doutorado de Noam Chomsky, como aponta Brunilla e La Violette (2023, p.3): “Few linguists contributed more to linguistic theory than Zellig Harris (1909–1992), and not just by serving as Noam Chomsky’s doctoral advisor. In fact, the two came to share little in common (Goldsmith, 2005; Nevin, 2010).”

<sup>6</sup> No original: “The independent study of descriptive structure was clarified largely by Ferdinand de Saussure’s Cours de linguistique générale”.

Qualquer sistema de conhecimento é uma forma de pensamento sobre os fatos. As estrelas não fazem a astronomia. As estrelas podem ser o objeto, os fatos, mas é o astrônomo quem faz a astronomia. Alguns de nossos astrônomos estão, inclusive, criando seus próprios universos, compondo, por assim dizer, sua própria música das esferas. E isso não é tão absurdo quanto parece à primeira vista. Sem conhecimento prévio, o que um homem vê que realmente importa? Como observa Saussure: “Bem longe de o objeto preceder o ponto de vista, poder-se-ia dizer que é o ponto de vista que cria o objeto”<sup>7</sup> (Firth, 1934, p.18).

Entretanto, vale dizer que as várias menções a Saussure feitas por Firth, nem sempre, estão no nível da concordância. No mesmo trabalho *Linguistics and the functional point of view*, por exemplo, o autor chega a afirmar que a sua hipótese funcionalista para a língua, isto é, a ideia de que o sentido está relacionado ao uso real em diferentes contextos, necessita de uma radical superação da linguística saussuriana. Em outras palavras, ainda que ambos partam das relações sistêmicas para formular suas teorias sobre a natureza da língua, para Saussure (2012 [1916]), o indivíduo não é capaz de alterar as leis de funcionamento do sistema; enquanto que, para Firth, as leis linguísticas não são exteriores à massa de falante, mas partes dela, materializadas no uso humano da língua, que, na linguística firthiana, é contínua, dinâmica, intencional e criativa.

O ponto de vista funcional exige uma unidade de investigação totalmente diferente e muito mais abrangente, rompendo todas as fronteiras de Saussure. Esse ponto de vista não consegue observar a linguagem em funcionamento se estiver restrito apenas às relações opositoras ou aos termos de um código estático de signos. Sob a perspectiva funcional, vê-se o ser humano em sua totalidade em ação com seus semelhantes, e a linguagem como diferentes modos de ação em contextos de situação. A linguagem não é uma espécie de vontade geral linguística intelectualizada, mas sim parte do próprio ser humano e de sua atividade contínua, dinâmica, intencional e criativa (Firth, 1934, p.20)<sup>8</sup>

A Semântica Distributiva, portanto, se distingue de outras abordagens semânticas por seu foco nas relações contextuais e na co-ocorrência de palavras. Em matéria de PLN, a pesquisa em SV é concomitante ao desenvolvimento das teorias de Firth e de Harris, em meados da década de 50, investigações essas que foram “impulsionadas pela convicção de que o significado de uma palavra pode ser definido a partir da sua distribuição nos contextos linguísticos em que ela ocorre” (Seno et. al, 2023, p.2).

---

<sup>7</sup> No original: “Any system of knowledge is a form of thought about facts. The stars do not make astronomy. The stars may be the subject matter, the facts, but it is the astronomer who makes astronomy. Some of our astronomers are making their own universes as well, composing as it were their own music of the spheres. And this is not so absurd as it seems at first sight. Without previous knowledge what man sees anything that matters ? As de Saussure remarks “Bien loin que l'objet précède le point de vue, on dirait que c'est le point de vue qui crée l'objet”.

<sup>8</sup> No original: “The functional point of view requires an altogether different and much more comprehensive unit of investigation, violating all de Saussure's frontiers. It cannot see language functioning if it confines itself to the oppositive relations or the terms of a static code of signs. From the functional point of view you see your whole man in action with his fellows, and his language as various modes of action in contexts of situation. Language is not a sort of intellectualised linguistic general will — but part of the man himself and his continuing activity, dynamic, purposive, creative.”

Precisamente, esses “contextos linguísticos” a que se referem Seno et. al (ibidem), posteriormente, serviram de base para a criação de um modelo de linguagem baseado numa noção espacial de língua; ou, como tratamos neste trabalho, numa visão de língua que reside na noção de um sistema de valores em que cada signo ocupa um espaço no sistema. Essa noção espacial da língua, preconizada, como vimos, por Salton, Wong e Yang (1975), tornou-se fundamental para a proposição de Mikolov et al (2013) para o PLN, a saber, a criação de um modelo de linguagem capaz de capturar significados por meio das relações estabelecidas entre as palavras dentro de um espaço multidimensional, modelo este conhecido como Word2Vec<sup>9</sup>.

Nessa perspectiva, os WE, em linhas gerais, são representações vetoriais de palavras que buscam capturar similaridades e disparidades semânticas com base em contextos de uso a partir de um espaço multidimensional, isto é, mais de três dimensões (tridimensional). Os Word Embeddings, amplamente aplicados para tarefas como análise de sentimento, tradução e classificação de corpora, codificam cada palavra como um vetor em que a proximidade entre o ângulo de abertura dos vetores reflete a semelhança de significados (cf. Mikolov et al, 2013).

Em modelos vetoriais de linguagem, a modelagem semântica de palavras pode ser realizada através de duas abordagens distintas: por vetores densos e por vetores esparsos (Seno et. al, 2023). Essas representações são fundamentais para o processamento de linguagem natural (PLN) e têm implicações significativas nas performances de diversos algoritmos.

Os vetores densos são caracterizados por uma representação onde a maioria de suas entradas é “não nula”<sup>10</sup>. Essa forma de representação é tipicamente utilizada em modelos como Word2Vec, GloVe e FastText, que produzem vetores de tamanho variados (por exemplo, 100 ou 300 dimensões<sup>11</sup>) para cada palavra.

Essa abordagem de vetores densos permite que as relações semânticas e contextuais entre as palavras sejam capturadas de maneira eficaz, visto que cada dimensão do vetor denso encapsula informações sobre características específicas da palavra em seu contexto.

Os vetores esparsos, por sua vez, apresentam uma estrutura onde a maioria das

---

<sup>9</sup> Word2Vec é um modelo de aprendizado de máquina desenvolvido para gerar *word embeddings*, ou representações vetoriais de palavras, com o objetivo de capturar suas relações semânticas. Criado por Tomas Mikolov e sua equipe no Google em 2013, Word2Vec utiliza redes neurais para aprender associações entre palavras com base em grandes corpora de texto. Esse modelo transforma cada palavra em um vetor em um espaço multidimensional, de modo que a proximidade entre vetores representa a similaridade semântica das palavras.

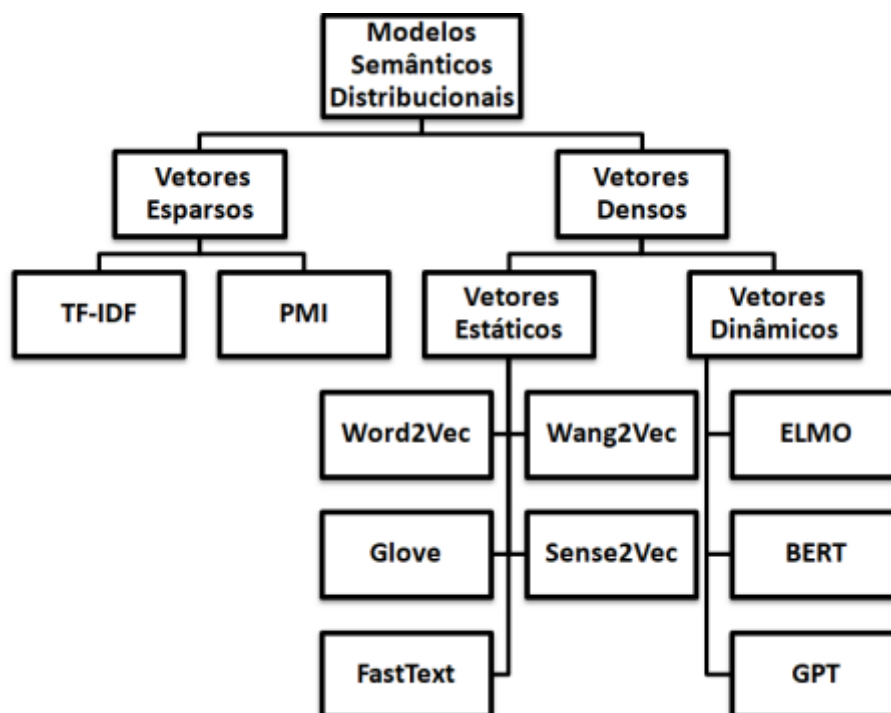
<sup>10</sup> Considerando o vetor  $v=[1,2,0,4,5]$ , tem-se que 4 de suas 5 entradas são não-nulas (1, 2, 4 e 5), portanto, é um vetor denso.

<sup>11</sup> Com mais dimensões, Mikolov et al (2013) demonstraram que um vetor pode representar relações semânticas mais complexas. Por exemplo, em modelos de embeddings de palavras, como o Word2Vec, as dimensões podem capturar diferentes aspectos do significado, como gênero, número, ou contextos de uso. Assim, vetores com mais dimensões podem melhor refletir similaridades semânticas e relações entre palavras.

entradas é zero<sup>12</sup>. Essa representação é comumente associada a métodos como "bag of words" (saco de palavras) e "TF-IDF" (Term Frequency-Inverse Document Frequency), que capturam menos informações da palavra do que os vetores densos. Nesse contexto, cada dimensão do vetor esparsos corresponde a uma palavra do vocabulário, e os valores refletem a frequência dessa palavra em um documento ou seu peso em relação a outros termos.

Na Figura a seguir, Seno et. al (2023) apresentam um diagrama que demonstra os modelos de linguagem vetoriais de vetores densos e esparsos atualmente disponíveis:

Figura 3. Esquema de modelos semânticos distribucionais.



Fonte: Extraído de Seno et. al (2023, p.3).

Essa técnica de modelagem semântica de modelos de linguagem vetoriais, assim, permite que algoritmos entendam diferentes relações semânticas a partir da noção de que palavras usadas em contextos similares tendem a ter vetores próximos no espaço vetorial,. No contexto de nossa pesquisa, entendemos que as palavras usadas em contextos similares tendem a ter esse comportamento porque, primeiramente, possuem valores linguísticos (Saussure, 2012 [1916]) parecidos. Na próxima seção, então, analisaremos algumas representações vetoriais geradas pelo Word2Vec buscando evidenciar a importância da determinação dos valores semelhantes e dessemelhantes para a modelagem semântica de WE.

<sup>12</sup> Um vetor como  $w=[0,0,0,3,0]$  é considerado esparsos, pois a maioria de suas entradas (4 de 5) são nulas (zero).

### 3 Modelagem semântica de WE: um possível retorno à TdV mediado pela semântica distributiva

A modelagem semântica de WE refere-se ao processo de representar o significado de palavras, frases e textos em forma de vetores ou estruturas que podem ser manipuladas por algoritmos, permitindo uma emulação mais profunda e contextual da língua humana. Essa abordagem é amplamente utilizada em PLN e por sistemas de recomendação, busca semântica, entre outras áreas.

Um dos modelos de embedding de palavras mais conhecidos, como já dissemos, é o Word2Vec, que opera com vetores densos. Sobre ele, Church (2016) pontua que:

Word2vec não é o primeiro, o último ou o melhor [modelo de linguagem] para discutir espaços vetoriais, embeddings, analogias, métricas de similaridade etc. Mas o word2vec é simples e acessível. Qualquer um pode baixar o código e usá-lo em seu próximo artigo. E muitos o fazem (para o melhor e para o pior) (Church, 2016, 156)<sup>13</sup>.

No mesmo entendimento, Aguiar e Prati argumentam sobre a “simplicidade” do Word2Vec, assumindo que:

O modelo [Word2Vec] consiste em criar representações vetoriais de palavras utilizando técnicas de redes neurais, e fornece duas arquiteturas eficientes de implementação, sendo elas uma baseada em Bag-of-Words, cujo objetivo é prever a probabilidade de um termo ocorrer, baseado em uma janela de palavras próximas e o Skip-Gram, em que procura-se maximizar a predição de quais termos ocorrem próximas a um determinado termo (Aguiar; Prati, 2015, p.3)

Na figura a seguir, apresentamos a representação em semântica vetorial de algumas palavras em Inglês geradas pelo modelo Word2Vec.

---

<sup>13</sup> No original: “Word2vec is not the first, last or best to discuss vector spaces, embeddings, analogies, similarity metrics, etc. But word2vec is simple and accessible. Anyone can download the code and use it in their next paper. Any many do (for better and for worse).”

Figura 4. Representação vetorial pelo modelo Word2Vec

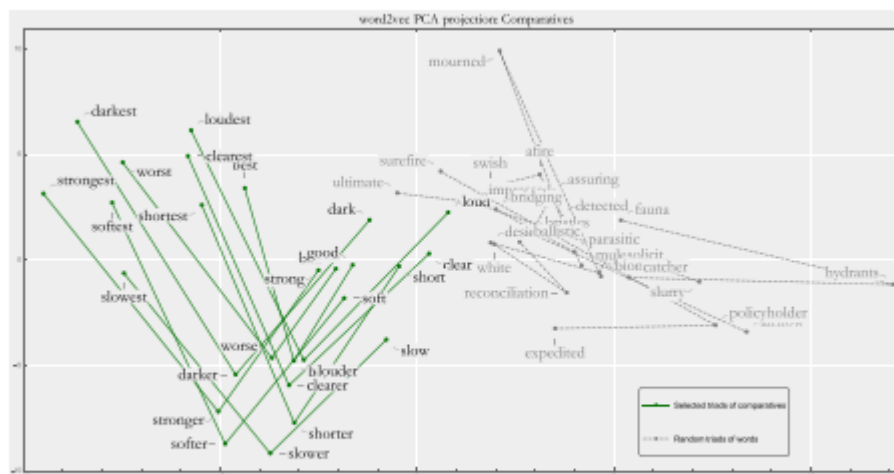


Fig. 3 Pattern in the embedding space (word2vec) corresponding to the comparative category (base, comparative and superlative forms)

Fonte: extraído de Gastaldi, 2020, p.160

Nesse sentido, a Figura 4, extraída do trabalho *Why Can Computers Understand Natural Language? The Structuralist Image of Language Behind Word Embeddings*, do linguista computacional Gastaldi (2020, p.160), mostra uma análise comparativa, utilizando o Word2Vec, entre diferentes formas de um mesmo adjetivo, a saber, *Strong*, *stronger* e *strongest*. As linhas verdes, assim, quase paralelas, buscam representar as possíveis relações semânticas entre as referidas palavras, e as relações que delas derivam. Os pontos cinzas, por sua vez, representam palavras aleatórias, que estão dispersas no espaço sem padrões evidentes de agrupamento, servindo como um fundo para evidenciar as palavras da categoria comparativa em destaque.

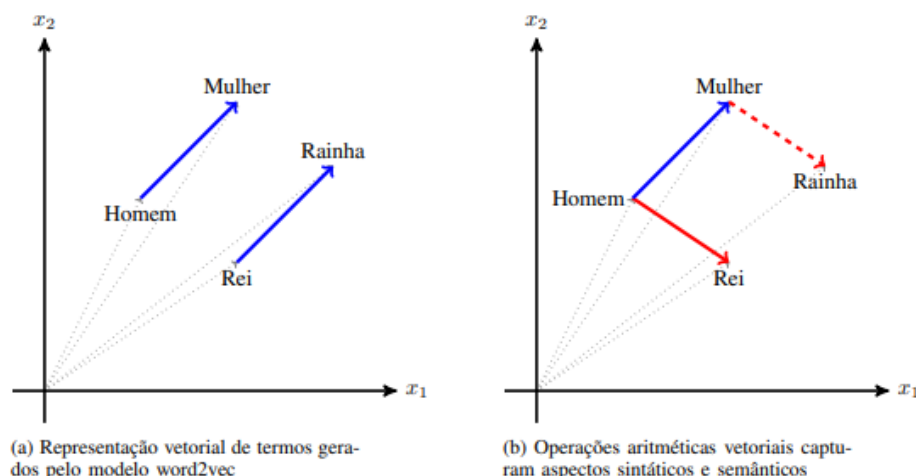
Ao relacionar esse framework gerado pelo Word2Vec com a TdV de Saussure, podemos observar que o modelo captura as relações diferenciais entre as palavras, isto é, os seus valores positivos (semelhantes) e negativos (dessemelhantes). Observa-se, assim, duas vias de relações para delimitar qual o espaço da palavra - do vetor - neste mapa vetorial. Primeiramente, temos as relações de semelhança, representadas pelas palavras que possuem marcações semânticas comuns, as quais assumem um espaço mais próximo à medida que há maior similaridade semântica. E, não obstante, as relações de dessemelhança, representadas pelas palavras em cor cinza, que possuem marcações semânticas distintas.

O framework acima, portanto, pode ilustrar a maneira como o word2vec utiliza o contexto das palavras para apreender essas relações diferenciais, conferindo ao signo, isto é, ao vetor, um espaço próprio - um valor - que é necessariamente constituído de semelhanças e diferenças.

Apresentamos, agora, um outro framework para análise, também gerado pelo

Word2Vec, extraído do trabalho *Incorporação de representação vetorial distribuída de palavras e parágrafos na classificação de SMS SPAM*, de Aguiar e Prati (2015):

Figura 5. Exemplo de representação vetorial criada pelo word2vec. Estão representados os vetores dos termos “homem”, “mulher”, “rei” e “rainha”. Observa-se que, em (a), a orientação e norma do homem→mulher é a mesma de rei→rainha, e em (b), a operação vetorial rei-homem+mulher = rainha



Fonte: extraído de Aguiar e Prati, 2015, p.4

Como se nota, a figura ilustra a representação vetorial de palavras usando o modelo word2vec. Nela, observamos como o modelo organiza semanticamente os signos de valor positivo, semelhantes, como "homem," "mulher," "rei," e "rainha". A primeira parte da imagem (a) mostra a similaridade de orientação e magnitude entre os vetores "homem → mulher" e "rei → rainha", enquanto a segunda (b) demonstra que operações aritméticas, como a soma vetorial "rei - homem + mulher," resultam em um vetor próximo ao vetor de "rainha". Do ponto de vista da semântica distributiva, a Figura 5 retoma a alguns princípios da hipótese distributiva, isto é, a similaridade vetorial entre "homem" e "mulher" e entre "rei" e "rainha" reflete a semelhança de contexto, indicando que esses termos frequentemente compartilham papéis gramaticais ou semânticos comuns.

Do ponto de vista do saussurianismo, cada termo na Figura 5 ganha seu significado não de forma isolada, mas em relação aos outros. Relações como "homem → mulher" e "rei → rainha" mostram que o significado de uma palavra é construído pelo contraste com outras palavras. Nesse mesmo sentido, a operação vetorial que aproxima "rei - homem + mulher" de "rainha" exemplifica como o valor das palavras pode ser representado matematicamente a partir, também, de valores negativos, isto é, diferenciais. Isso mostra que palavras usadas em contextos semelhantes têm não só valores linguísticos aproximados, como também, por lógica, ocupam espaços semelhantes no sistema.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a Teoria do Valor de Saussure parece oferecer uma base sólida para compreender a modelagem semântica de Word Embeddings

(WE). Em outras palavras, a noção saussuriana de que o valor de um signo linguístico é determinado pelas suas relações diferenciais e similares dentro de um sistema encontra eco na hipótese distributiva de Harris e Firth, em que o contexto e a co-ocorrência das palavras são fundamentais para a construção de significado. A semântica distributiva, ao valorizar as relações entre as palavras nos diferentes contextos, evidencia a interdependência entre os elementos do sistema linguístico, conforme sugerido por Saussure.

Dessa forma, o desenvolvimento de WE, como o Word2Vec, beneficia-se diretamente desses princípios, permitindo que os modelos de IA capturem relações semânticas complexas por meio de operações vetoriais que traduzem valores linguísticos de semelhança e dessemelhança em vetores próximos ou distantes num espaço multidimensional. Por isso, argumentamos que a modelagem semântica em IA pode ser vista, também, como uma espécie de "retorno" e uma aplicação prática da Teoria do Valor, a partir da ênfase ao sistema de relações promovido por modelos de linguagem baseados na Semântica Vetorial de Harris e Firth, como os Word Embeddings..

## Considerações finais

Este estudo procurou explorar a influência da Teoria do Valor (TdV) de Ferdinand de Saussure na modelagem semântica de Word Embeddings (WE), em especial através da semântica distributiva. Argumentamos que a TdV, com seu foco nas relações diferenciais e de semelhança entre os signos, antecipa princípios fundamentais utilizados na Semântica Distribucional (SD), uma abordagem que guia o desenvolvimento de WE no Processamento de Linguagem Natural (PLN).

A partir da hipótese distributiva de Harris (1954) e Firth (1934; 1939), a SD considera o contexto e a coocorrência de palavras como chaves para a construção do significado, algo que também aparece na linguística saussuriana na medida em que o valor de um signo é definido pelas relações que mantém com outros signos dentro de um sistema. Em modelos como o Word2Vec, essa visão é implementada matematicamente por meio de vetores que representam palavras em um espaço multidimensional, onde a proximidade entre vetores indica similaridade semântica. Assim, esses modelos capturam o significado das palavras ao localizar cada termo em relação a outros, refletindo as interdependências diferenciais e de semelhança propostas por Saussure.

Dessa forma, propomos que a modelagem semântica de WE, especialmente em abordagens baseadas na SD, pode ser vista como uma extensão prática da TdV. Essa ligação sugere que a TdV ainda possui relevância e aplicabilidade na compreensão e no desenvolvimento de tecnologias linguísticas, servindo como um fundamento teórico para

sistemas de IA capazes de emular aspectos complexos da língua humana. Em última instância, o estudo aponta para a pertinência de alguns conceitos saussurianos no século XXI, especialmente na criação de modelos de linguagem que exigem uma modelagem semântica relacional para a construção de significados por Inteligências Artificiais.

## Saussure in the age of AI: semantic modeling of word embeddings in light of value theory

### Abstract

*This study explores the relationship between Ferdinand de Saussure's Theory of Value (TdV) and the semantic modeling of Word Embeddings (WE), particularly through Distributional Semantics (SD). In this work, we propose an analysis of some word embedding frameworks generated by the Word2Vec model, seeking possible connections between TdV and meaning capture in language models based on Distributional Semantics. Starting from the hypothesis that Saussure's notion of value lies in the relations of similarity and dissimilarity between a sign and its systemic entirety, we aim to demonstrate that this same principle regarding linguistic value also appears in Distributional Semantics, advocated by linguists Z. Harris in the USA and J. R. Firth in England in the 1950s. In this sense, we present evidence that, like Saussure, SD also relies on systemic relations to propose a theory of meaning in language. This theory, in turn, has been widely applied in Natural Language Processing for WE semantic modeling, enabling discussions about the potential relevance of Saussurean ideas for developing new NLP techniques in the 21st century.*

**Keywords:** Saussure; Computational Linguistics; Natural Language Processing; Theory of Value; Word Embeddings

### Referências

AGUIAR, R; PRATI, R. Incorporação de representação vetorial distribuída de palavras e parágrafos na classificação de SMS SPAM. In: **XII Encontro Nacional de Inteligência Artificial e Computacional**, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/281348546\\_Incorporacao\\_de\\_representacao\\_vetorial\\_distribuida\\_de\\_palavras\\_e\\_paragrafos\\_na\\_classificacao\\_de\\_SMS\\_SPAM](https://www.researchgate.net/publication/281348546_Incorporacao_de_representacao_vetorial_distribuida_de_palavras_e_paragrafos_na_classificacao_de_SMS_SPAM). Acesso em: 4 nov. 2024.

CHURCH, K. W. Word2Vec. **Natural Language Engineering**, v. 23, n. 1, p. 155–162, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1351324916000334>. Acesso em: 4 nov. 2024.

COELHO, M. P. “Significação” em Saussure: os três cursos de linguística geral. **Anais do SILEL**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 943-956, 2013b. Disponível em: [https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013\\_943.pdf](https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_943.pdf). Acesso em: 8 out. 2024.

COELHO, M. P. Sistema e relação na Teoria do Valor de Ferdinand de Saussure. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 378-391, 2013a. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/878/1179>. Acesso em: 8 out. 2024.

COELHO, M. P. **A noção de sistema na fundação da linguística moderna**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.307>.

COELHO, M. P.; SILVA E LIMA, T. R. Língua, linguagem e fala na “Teoria do Valor” de Ferdinand de Saussure. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 43, n. 01, p. 347–357, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/443>. Acesso em: 9 out. 2024.

DUCROT, O. **Estruturalismo e Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1968.

FIRTH, J. R. Linguistics and the functional point of view. **English Studies**, v. 16, n. 1-6, p. 18–24, 1934. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00138383408596618>. Acesso em: 4 nov. 2024.

FIRTH, J. R. Personality and Language in Society. **The Sociological Review**, v. a42, n. 1, p. 37-52, 1950. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.1950.tb02460.x>. Acesso em: 4 nov. 2024.

FIRTH, J. R. The semantics of linguistic science. **Lingua**, v. 1, p. 393-404, 1949. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0024-3841\(49\)90085-6](https://doi.org/10.1016/0024-3841(49)90085-6). Acesso em: 4 nov. 2024.

FLORES, V. do N. **A Linguística Geral de Ferdinand de Saussure**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2023.

GASTALDI, J. L. Why Can Computers Understand Natural Language? **Philosophy & Technology**, v. 34, p. 149–214, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13347-020-00393-9>. Acesso em: 4 nov. 2024.

HARRIS, Z. S. Distributional Structure. **WORD**, v. 10, n. 2-3, p. 146-162, 1954. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00437956.1954.11659520>. Acesso em: 4 nov. 2024.

MARQUES, A. C. M. **A noção de relação na teoria linguística de Ferdinand de Saussure**. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.180>.

MIKOLOV, T.; CHEN, K.; CORRADO, G.; DEAN, J. **Efficient estimation of word representations in vector space**. arXiv preprint arXiv:1301.3781, 2013. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1301.3781>. Acesso em: 4 nov. 2024.

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SALTON, G.; WONG, A.; YANG, C. S. **A vector space model for automatic indexing**. *Communications of the ACM*, v. 18, n. 11, p. 613-620, 1975.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012. Cours de linguistique générale. Charles Bally e Albert Sechehaye (orgs.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Grande Bibliothèque Payot. Paris: Editions Payot & Rivages, 1995.

SAUSSURE, F. **Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin**. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

SENO, E. R. M.; CLARO, D.; MOTA, L.; RODRIGUES, J. Semântica Distribucional. In: Caseli, H.M.; Nunes, M.G.V. (org.) **Processamento de Linguagem Natural: Conceitos, Técnicas e Aplicações em Português**. 2 ed. BPLN, 2024. Disponível em: <https://brasileiraspln.com/livro-pln/2a-edicao>.

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

SILVEIRA, E. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. *In*: Revista **Letras & Letras**, Uberlândia, Edufu, v. 25, n. 1, p. 39-54, 2009.

# Considerações sobre *la langue* e conceitos articulados na pesquisa brasileira contemporânea

Maria Francisca Lier-DeVitto<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo parte da afirmação de que Saussure foi um homem de fundamentos, alguém que não só interrogou a prática de pesquisa dos estudiosos de seu tempo, como, acima de tudo, construiu um raciocínio linguístico inusitado, admitido como novidade radical. Este artigo fala em favor da importância de sustentação do compromisso da diferença que seu pensamento introduz, que tem em *la langue* ponto central. Nesta perspectiva, a grade articulada de conceitos, presente em sua obra, deve ser examinada à luz desse eixo nodal, lembrando que *la langue* nada retém das tradições gramatical, filológica ou filosófica precedentes (De Lemos *et. alii.*, 2003; Lier-DeVitto, 2018; Lier-DeVitto e Arantes, 2020; Silveira, 2022;). O trabalho de desconstrução do signo filosófico e a construção gráfica e nocional do signo linguístico é exemplar a este respeito. A escrita científica deste último, afirma Lacan (1957, 1970), inscreve a Linguística no domínio da ciência moderna. Neste trabalho busco avançar argumentos, em favor do que levanto acima, e tratar de incidências da referida “novidade saussuriana” em trabalhos nacionais, que mantêm diálogo aberto com autores como Jean-Claude Milner, Jacques Lacan e Giorgio Agamben.

**Palavras-chave:** *La langue*. Saussure e o objeto da Linguística. Signo linguístico

Data de submissão: outubro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16452>

---

<sup>1</sup> Graduação em Curso de Letras Anglo Germânicas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1969), mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983). Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1994). Professora titular no Departamento de Linguística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora e docente do Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), PUCSP. Pesquisadora CNPq (20 anos). Líder do grupo de pesquisa Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem. Membro do Serviço de Patologias da Linguagem (SPL) na Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Deric), está na coordenação do Centro de Atendimento a afásicos (CAAF) e no Projeto Entrelaços de atendimento a crianças com dificuldades na relação com a linguagem e no laço social. Formação e Clínica em Psicanálise. Membro do Outrarte no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. <https://orcid.org/0000-0003-3587-1431> E-mail: [mf.devitto@gmail.com](mailto:mf.devitto@gmail.com)

Parece-me possível circundar direções de trabalhos sobre a obra de Saussure no Brasil, tendo em vista sua forte presença em algumas universidades brasileiras, desde o início do século XXI. Penso em circunscrições temáticas: (1) recepção de Saussure no Brasil<sup>2</sup>; (2) explorações exegéticas da obra<sup>3</sup>; (3) decifração e interpretação dos manuscritos<sup>4</sup> e (4) estudos dos anagramas<sup>5</sup>, sem ignorar publicações criteriosas e a importância da oferta de traduções<sup>6</sup> relevantes, que incluem trabalhos de alunos de Saussure e correspondências. Embora delimitáveis enquanto discussões temáticas, estudiosos dedicados a Saussure transitam, por vezes, entre elas. Entreve-se nesta sequência a presença significativa de centros universitários como UFU, Unicamp, UFRGS, PUCSP e UNICAP, e certamente, desdobramentos em outros espaços acadêmicos.

O recorte temporal que faço ao iniciar este artigo nos remete aos últimos 30 anos, considerando ser este o período de uma *releitura* refinada da obra saussuriana; *releitura*, esta, que atinge e destaca, de forma mais precisa, a novidade saussuriana que tem como proposição axial, *la langue*, compreendida como “força em jogo de modo permanente e universal!” (Saussure, 1916 [2012] p. 37), portanto, como funcionamento da linguagem sincrônico e estrutural.

Assim definida, *la langue* chega como oferta puramente teórica e naturalmente oposta a tendências empiristas, como assinalou Rodrigues (1980). Não que Saussure fosse desconhecido no Brasil antes da releitura iniciada nos anos de 1980. Ocorre que no trânsito de sua obra, ele tenha sido qualificado como “ultrapassado”, ainda que, paradoxalmente, Saussure tenha sido apontado com o “pai da Linguística Moderna”, de “pai da Linguística Científica” (Salum, 1969). Este paradoxo foi indicado, também, por Rodrigues (1980). Ele justifica seu interesse pelo estudo de Saussure, declarando ter sido este muito exigente. Em suas palavras:

...Saussure manifestava-se, desde o início, como origem, mas... origem repudiada. Todos o citavam, não para assumi-lo, e sim para negá-lo. É origem, mas sua obra, importante como começo, recebia atestados de “passado” que não se prestava mais a novas descobertas. E assim o tomamos. Apesar de referências e advertências de um ou outro pensador sobre a importância *da obra de Saussure*, e mesmo de afirmações de que o “curso levanta uma série interminável de problemas”, parecia-nos ver, em tais afirmações, apenas uma espécie de elogio fúnebre. (Rodrigues, 1980, p. 17)

Rodrigues acrescenta:

A leitura inicial de Saussure nos pegou com uma forte *mentalidade empirista* (...) Procurávamos os *conceitos julgados importantes*, aqueles que a ela se

<sup>2</sup> Ver Rodrigues (1980; De Lemos *et. alii* (2003); Castro, (2018); Silveira (2022).

<sup>3</sup> Ver Andrade (2003); Silveira (2003, 2006, 2022); Lier-DeVitto (2018); Pereira-de-Castro, (2023).

<sup>4</sup> Ver Silveira, (2004, 2022, entre outros); orientandos dela

<sup>5</sup> Ver Melo (2021); Monteiro de Carvalho e Vilar de Melo (2023).

<sup>6</sup> Ver Fiorin, Flores e Barbisan (2013).

referiam, como as dualidades de língua e Fala, Sincronia e Diacronia, Significante e Significado.

Dado que, continua Rodrigues:

Geralmente [a esses] conceitos, gravados de maneira imprecisa, [atribui-se] a revolução na Linguística moderna. *Se ele fez apenas isso, então, correto: façamos-lhe o elogio fúnebre e deixemo-lo descansar em seu túmulo.* (Rodrigues, 1980, p. 17).

Sirvo-me de Rodrigues para opor a releitura de Saussure, acima referida, a leituras anteriores, de cunho empirista<sup>7</sup>, que privilegiaram noções isoladas e as relações dicotômicas como a “grande contribuição” de Saussure para os estudos linguísticos. O resultado dos primeiros encontros com Saussure representa, na verdade, uma desvitalização de seu programa científico, na medida em que noções e conceitos vinham desligados da proposição lógica, que sustenta a raridade e a radicalidade da reflexão de Saussure, enunciada no *Curso de Linguística Geral* em matéria e tarefa. A suspensão do pensamento empirista esta claramente impressa no item (b) como “tarefa do linguista”:

procurar as *forças* que estão em jogo, de modo *permanente e universal*, em todas as línguas e *deduzir as leis gerais* às quais se possam referir todos os fenômenos da história. (Saussure, 1916 [2012], p. 37)

As palavras iluminadas, na citação acima, não deixam dúvidas quanto ao recuo de um raciocínio empirista, atento a dados observáveis, classificáveis e passíveis de abstração em termos gramaticais. Saussure coloca como tarefa a possibilidade de apreensão de “forças permanentes e universais” e dedução de “leis gerais”. Ora, *forças* não são passíveis de observação<sup>8</sup> e dedução vem em direta oposição a indução. Em outras palavras o pensamento dedutivo/teórico substitui o indutivo/perceptivo, inerente às tendências empiristas.

Para chegar a Saussure e revesti-lo da dignidade do título de “pai da Linguística Moderna” foi preciso pressionar comentários e saberes instituídos e caminhar “nas entrelinhas” (Rodrigues, 1980, p. 17) e, por estas linhas, desvendar a novidade saussuriana. Proponho escutar outra vez Rodrigues, quando descortina, o que de fato faz jus ao emblema que Saussure carrega:

... [a obra de Saussure] proclamava uma teoria do Valor, estabelecia a prioridade da forma sobre o conteúdo, da diferença sobre a identidade: e essas constatações nos levaram *a descortinar um Saussure muito mais revolucionário* do que simples inventor de conceitos novos para a ciência.”

<sup>7</sup> No Brasil, a obra chega pelas mãos do gramático Matoso Câmara Junior que comprime e reduz precisamente a proposição fundamental da obra saussuriana ao realizar uma leitura que projeta sobre a obra princípios da construção de gramáticas.

<sup>8</sup> Lembrar aqui de Isaac Newton e a lei da gravidade.

(Rodrigues, 1980, p. 18).

Tomo o trabalho de Rodrigues como exemplar de duas modalidades de encontro com a obra saussuriana. Sua excepcionalidade também o recomenda se considerarmos que se trata de dissertação realizada na década de 1970, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP), no Departamento de Filosofia<sup>9</sup>. Merecem destaque *o lugar* em que foi defendida e *a data* em que a dissertação foi concluída. Sem dúvida, é digno de nota que seu texto não tenha sido apresentado, nem defendido num Departamento de Linguística, o ambiente disciplinar “natural” de um trabalho sobre linguagem. Não menos digno de nota, é o tratamento que Rodrigues dá a Saussure. Ele deriva de motivação semelhante àquela que levou linguistas, duas décadas mais tarde, no final dos anos de 1980, a iniciar um movimento de releitura, de elucidação do pensamento saussuriano - movimento, este, referido como “retorno a Saussure”, de par com o “retorno a Freud”, encaminhado por Lacan. Pois bem, retornar a Saussure é admitir que há complexidade na obra e que “erros de leitura fazem parte da gravidade dos destinos” de uma obra, como assinala Milner (1996, p. 7).

A complexidade envolvida na recepção do Curso de Linguística Geral está na raiz da assunção da “raridade”, em expressão de Milner, do que ele porta de novo, de desafiador, por seus efeitos. Um deles diz respeito à disparidade de como ele foi recebido em seu próprio campo e de como foi recolhido fora dele (Lier-DeVitto, 2018; Silveira, 2022), inclusive num departamento de Filosofia brasileiro na década de 1970, em que Rodrigues pode destacar que, revolucionário na obra de Saussure, foi o peso de *la langue* enquanto sistema de valores - *la langue* é a novidade, a mudança radical de raciocínio sobre a Linguagem. Em outras palavras, *la langue emerge como nó em torno do qual toma lugar a rede conceitual*. Esta questão perpassa o traçado que pretendo dar a apresentação, centrada na problemática da leitura/releitura de Saussure, que me levou à pergunta, qual seja, “o que é uma obra?”. É a partir desta indagação que pretendo desenvolver o que vem comprimido no título deste trabalho.

Antes, em artigos precedentes (Lier-De Vitto, 2018; Lie-DeVitto e Arantes, 2020), interrogada pela questão de que o Curso de Linguística Geral não havia sido escrito por Saussure e, também, pela provocação de Milner (2002 [2003]) quando indica que “Saussure foi feito autor *a posteriori*”, eu me perguntei: “o que é um autor?”. Aproximei-me de Foucault, que tem um texto com este título e aprendi que autor é quem tem “o poder criador de instaurar uma tradição... dentro da qual outros podem se colocar” (Foucault, [1983]2002:57). Saussure perfaz esta condição de autoria na medida em que seu *pensamento* criou, citando Foucault, “a possibilidade e a regra” de afetação e construção

---

<sup>9</sup> A dissertação de Rodrigues foi orientada pela Profa. Dra. Marilena Chauí.

de outros textos. Na ocasião, com Foucault, trabalhei, um tanto, a relação entre *autoria e discursividade*. Pode-se reconhecer que a novidade saussuriana promoveu aberturas teóricas inusitadas e heterogêneas. A novidade ressoa na esfera das ciências humanas. Em outras palavras, autor é alguém cuja vocação e destino é operar com princípios fundadores de novas discursividades”. Resumidamente, condição definidora de obra assenta-se na articulação bem montada entre autor e fundamentos.

Retomo, agora, a pergunta: “o que é uma obra?”. A primeira resposta é clara: uma obra é obra de um autor, autor nos termos foucaultianos: um autor é criador e uma obra, uma raridade. Ou seja, não há obra sem autor e nem autor sem obra. A questão, contudo, não se reduz a esta dialética e, para ampliar a discussão, recorro a Milner (1996), que aponta para critérios internos à lógica da discursividade inaugurada e para critérios externos que dizem respeito a seu modo de composição e de disponibilização. O critério externo necessário dispõe que não há obra se não publicada, diz Milner (1996).<sup>10</sup> A *condição de publicação* garante a existência pública do trabalho científico, garante, portanto, sua existência e o trânsito de um pensamento. Neste caso, critério externo para que haja obra é que haja publicação, e, portanto, leitores.

A publicação não garante unicamente a existência de uma obra e sua visibilidade, ela torna a obra aberta, aberta a usos imprevistos. A novidade que ela introduz pode ultrapassar limites disciplinares. Caso mesmo de Saussure, que deixou manuscritos, é certo, mas o impacto de seu pensamento se fez apresentar em uma publicação, por tomada de decisão de alguns de seus alunos. Estes sim publicaram um livro referente a um curso oralmente desenvolvido, com a ressalva de eventuais erros e desvios passíveis de serem encontrados seriam deles e não do autor... a autoria de Saussure estava aí reconhecida. Interessa, aqui, que o Curso veio a público, e pode impactar pela novidade que registrava, pode ser lido e relido, pode ter leitores e não quaisquer, em que pese encobrimentos e aberturas próprias ao destino de uma obra, já que há leitores e leitores. Temos, portanto, que o *vetor autor-obra-publicação* é articulação obrigatória na definição do que é uma obra.

Em Saussure há pensamento, o que justifica o retorno a sua obra, mas significa mais, significa dizer que em sua obra há proposições lógicas e não psicológicas. Esta *condição é interna* e obrigatória: a discursividade de uma obra é garantida pela logicidade de suas proposições e, pela articulação amarrada de conceitos dela decorrente e a ela articulados: “o único suporte que assegura a veracidade da existência de um pensamento são as proposições” (Milner, 1996, p. 8).

Pois bem, desvelar a lógica do pensamento de Saussure demanda sustentar que *la langue* é a novidade radical aqui. Uma vez afirmada a proposição central: *la langue* é um sistema de relações internas. Propriedades são derivações nocionais. Milner esclarece que

---

<sup>10</sup> Milner (1996) discute o trânsito entre ciência e cultura.

a conjunção lógica entre proposições e propriedades: “é o único suporte que assegura a veracidade da existência de um pensamento (Milner, 1996, p. 8). Frente a tal afirmação, entenda-se que propriedades (noções e conceitos) não podem ser lidos como isolados das “forças em jogo” (Saussure, 1916 [2012], p.37) - proposição nodal do programa saussuriano. Em outras palavras, *la langue* garante que não se pode dizer tudo e nem qualquer coisa.

O esforço de Saussure na construção do signo linguístico é, neste sentido, notável e emocionante. O signo linguístico não é signo filosófico e, para sustentar aditivização “linguístico”, seu primeiro passo foi eliminar a relação interno-externo - característica do signo filosófico. Saussure situa esta composição num mesmo espaço, nem interno, nem externo, mas psíquico. Depois, afirma que imagem acústica é sensorial (não mental). Depois, se pergunta o que é uma unidade. Depois, submete a realização de signo ao jogo do sistema, ou seja, às operações de *la langue*, distinguindo, deste modo, palavra de signo. Signo vem como efeito de *la langue*. É esta montagem lógica que, repetindo Milner, é o único suporte de uma obra, de sua veracidade em termos lógicos, o que não quer dizer que a apreensão desta lógica possa ser garantida.

Nesta apresentação procurei distinguir duas modalidades de leitura de Saussure no Brasil e, prestigiar aquela que, desde o final do século XX tem sido realizada em algumas universidades brasileiras, especialmente as que mencionei de início. Tratei de alinhar este caminho refletindo, com Milner, sobre a pergunta “o que é uma obra?”. Para que haja obra, a articulação do tripe: *autor-obra-publicação* é condição necessária para sua existência. Entretanto, se a publicação é parte indispensável à existência da obra, a publicação não garante uma direção unidirecional do trabalho, quer dizer, não contém certa deriva de leitura, nem elege leitores. Considerando a situação brasileira, eu diria que coexistem leituras empiristas, filologia e/ou gramatical do pensamento de Saussure e, outra, que se alinha ao desejo de elucidação e desvelamento da lógica discursiva que dá suporte ao corte saussuriano, nos termos de Pêcheux.

## Reflections on “*la langue*” and articulated concepts in contemporary Brazilian research

### Abstract

*The article starts from the assertion that Saussure was a man of foundations, someone who not only questioned the research practice of the scholars of his time, but, above all, built an unusual linguistic reasoning, admitted as a radical novelty. This article speaks in favor of the importance of sustaining the commitment to difference that his thought introduces, which has *la langue* as its central point. From this perspective, the articulated grid of concepts present in his work should be examined in the light of this nodal axis, remembering that *la langue* retains nothing of the previous grammatical, philological or philosophical traditions (De Lemos et. alii., 2003; Lier-DeVitto, 2018; Silveira, 2022;). The work of deconstructing the philosophical sign and the*

*graphic and notional construction of the linguistic sign is exemplary in this respect. The scientific writing of the latter, says Lacan (1957, 1970), inscribes linguistics in the domain of modern science. In this paper, I seek to advance arguments in favor of what I have raised above, and to deal with incidences of the aforementioned “Saussurian novelty” in Brazilian works that maintain an open dialogue with authors such as Jean-Claude Milner, Jacques Lacan and Giorgio Agamben.*

*Keywords:* La langue. Saussure and the object of Linguistics. The linguistic sign

## Referências

- ANDRADE, L. **Ouvir e escutar na constituição da clínica de linguagem**. 2003. Tese de doutorado. LAEL/PUCSP.
- BRITTO, A. C. S. **Um percurso em torno da noção de diacronia e sincronia: o CLG e a leitura de Câmara Jr.** Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
- CASTRO, M. F. P. Sobre a analogia na reflexão saussuriana. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, p. 815-834, 2018.
- CASTRO, M. F. C. P. ; LIER-DEVITTO, M. F. A. F.; LEMOS ; SILVEIRA, E. . O efeito Saussure: cem anos do curso de linguística geral. **CULT - Revista Brasileira de Cultura**, v. 1, p. 62-65-65, 2016.
- DE CASTRO, M. F. P. Ferdinand de Saussure e seu saber-fazer com a escrita. Ou do que se circunscreve de um enigma. **Fragmentum**, n. 62, p. 62-63, 2023.
- DE LEMOS, C. *et al.* Le saussurisme en Amérique Latine au XXe siècle. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 56, p. 165-176, 2003.
- FIORIM, J.; FLORES, V.; BARBISAN, L. **Saussure, a invenção da linguística**. 2013
- LIER-DEVITTO, M. F. Consequências de duas definições de la langue no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, n. 3, p. 799-813, 2018.
- LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. Incidências da novidade Saussureana no Interacionismo e na Clínica de Linguagem. **Revista Estudos em Letras**, v. 1, n. 1, p. 65-76, 2020.
- MARQUES, A. C. M. **A noção de relação na teoria linguística de Saussure**. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
- MELO, R. A. T. *et al.* **Relação dos nomes em a Hora da Estrela, de Clarice Lispector, com o 1 Macabeus**: uma análise através dos jogos fônicos, metáforas e anagramas da linguística estrutural. 2021.
- MILNER, J.-C. **A obra clara**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MONTEIRO DE CARVALHO, G. M.; VILAR DE MELO, M. F.; TAVARES DE MELO, R. A. Notas sobre o estatuto da palavra-tema no anagrama saussuriano. **Linguagem e Ensino**, v. 26, n. 2, 2023.
- RODRIGUES, N. **Ciência & linguagem**: introdução ao pensamento de Saussure. 1980.
- SALUM, N. Prefácio à edição brasileira. *In*: SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Cultrix: 1969. Trabalho original publicado em 1916.

SILVEIRA, E. Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, p. 835-859, 2018.

SILVEIRA, E. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 34, p. 25-36, 2014.

SILVEIRA, E. **A aventura de Saussure**. 1. ed. São Paulo -SP: Editora da ABRALIN, 2022.

SILVEIRA, E. A invenção do linguista: Saussure entre os manuscritos e o Curso de Linguística Geral: L'invention du linguiste: Saussure entre les manuscrits et le Cours de Linguistique Générale. **Estudos Linguísticos**, São Paulo. 1978, v. 51, n. 1, p. 415-427, 2022.

SOUZA, M. O. **Os anagramas de Saussure**: entre a poesia e a teoria. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

SOUZA, M. O. **Os anagramas de Saussure**: um percurso pelo lado pitoresco das línguas. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, 2022.

# Em torno da chamada etimologia popular: focalizando as vicissitudes da fala

Rosa Attié Figueira<sup>1</sup>

## Resumo

Este trabalho busca revisitar a chamada “etimologia popular”, ao focalizar com destaque particularidades da fala na infância, aproximáveis ao que no uso linguístico adulto é chamado etimologia do povo. Abordar tal fenômeno, através das publicações de Béguelin (1993, 1995, 2002), abre uma perspectiva de análise deste feito a partir da reflexão saussuriana, trazendo à ilustração o que poderia ser denominado *vicissitudes* da fala – designação encontrada em artigo de De Lemos (2002), atribuída a achados da relação da criança com a língua e com o outro. Levar tal designação para os acontecimentos lexicais da fala da criança permite dar conta de ocorrências que, movidas por *relações associativas*, são distintas das inovações analógicas. A pesquisa explora material recolhido entre 2 e 5 anos de idade, na trajetória de crianças com o português-língua materna. Na mesma faixa de idade, incorpora achados do processo de aquisição do francês-língua materna, acrescentando extratos de Aimard (1975) e Bonnet e Tamine-Gardes (1984). Assim diversificada, a amostragem, ao abranger o fenômeno na fala dos adultos, ao lado de registros semelhantes na infância, será analisada a partir do que designamos como “fator homofônico”. Atuando no *continuum* sonoro, este promove uma remotivação semântica (Béguelin 2002) no corpo de uma palavra, *mise-en-rapport* via similitude fônica com outra palavra, que se lhe é associada. Uma *vicissitude* da fala, que permite descortinar uma face do funcionamento simbólico, que importa caracterizar na sua diversidade e complexidade, à luz das ideias deixadas por Saussure. Estender a pesquisa a trocadilhos, *mots d'esprit* e adivinhas – cenário empírico que se oferece a investigação dentro do mesmo quadro teórico – é meta futura do trabalho (Figueira 2022, 2023a).

**Palavras-chave:** Relações associativas. Vicissitudes da palavra. Fala de criança. Motivação e remotivação semântica. Fator homofônico

Data de submissão: outubro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16439>

<sup>1</sup> Professora titular do Departamento de Linguística (Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP), onde atualmente exerce a função de professora aposentada colaboradora. Mestre e doutora pela Universidade Estadual de Campinas, desenvolveu trabalho de pós-doutorado em 2002, na Université de la Sorbonne Nouvelle. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Aquisição da Linguagem (GPAL). Ligada a ALFAL/Associação de Linguística e Filologia da América Latina, principalmente no contexto do Projeto 10-Estudos da Aquisição da Linguagem, em conjunto com Cecilia Rojas Nieto (Universidad Autónoma de Mexico), na organização das atividades trienais do Projeto. Pesquisadora do CNPq desde 1985. Membro do GT Estudos Saussurianos e do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure. Membro de associações científicas internacionais, dentre elas: a ALFAL e o IPrA. <https://orcid.org/0000-0002-0388-7132> E-mail: [rosattie@yahoo.com.br](mailto:rosattie@yahoo.com.br)

## Apresentando o tópico de investigação: primeiras considerações<sup>2</sup>

Este trabalho focaliza um interessante segmento do léxico, capaz de nos conduzir às vicissitudes do funcionamento simbólico nos anos da infância, tanto quanto na fala do adulto. No percurso da criança aprendendo a falar o português como língua materna, inovações sobre nomes e verbos compõem um cenário empírico repleto de ocorrências, para as quais a contribuição do pensamento saussuriano mostrou-se relevante no tratamento de aspectos concernentes à morfologia derivacional e flexional, pela via da analogia (Figueira 2010, 2015, 2018, 2022; Vieira 2015, 2022). O alcance da teorização que procede de Saussure não se esgota, entretanto, neste domínio.

Quando se trata de considerar fatos que afetam o corpo da palavra é preciso ir além e ter em conta outros acontecimentos do léxico que nos couberam descobrir no acompanhamento longitudinal de crianças brasileiras em sua trajetória com o português – achados que encontram uma via de explicação a ser devidamente dimensionada dentro do legado saussuriano. Voltamos agora a atenção sobre episódios capazes de serem aproximados ao que se chama etimologia popular (daqui em diante EP), através de um conjunto de dados que inclui além dos achados na fala de crianças aprendendo a falar português, alguns achados de crianças francesas. Este material pode render uma discussão sobre a dinâmica particular deste fenômeno, registrado entre 2 e 5 anos de idade, no bojo de uma investigação destinada a compreender uma face do funcionamento simbólico, na sua diversidade e complexidade, à luz das ideias deixadas por Saussure.

O *Curso de Linguística Geral*<sup>3</sup>, edição póstuma das lições de Saussure, por Charles Bally e Albert Sechehaye, reserva o capítulo VI, terceira parte do livro, à *etimologia popular*, em espaço de não mais do que três páginas, antecedidas pelos capítulos IV e V, mais longos, dedicados à apresentação e discussão da analogia.

Logo no primeiro parágrafo do capítulo VI, encontra-se a qualificação do objeto a ser estudado, através de um verbo que recai sobre o ato de fala do qual procede: “acontece ao falante *estropiar* palavras”<sup>4</sup>. Adiante, surge um adjetivo para descrever seu resultado: palavras *maltratadas*, e se avançamos mais na leitura, descobrimos outro adjetivo: (palavras) *deformadas*.

No quadro das lições que se depreendem do pensamento saussuriano, uma

---

<sup>2</sup> A opção pela teorização saussuriana encontrou, inicialmente em nossos estudos, farto material na investigação do papel da analogia em inovações que exibem o movimento da língua nos anos da infância. Prosseguindo, voltamos a atenção para ocorrências cuja semelhança com a chamada etimologia popular, foi exposta, sob o título “Vicissitudes da fala na infância e em qualquer idade: revisitando a etimologia popular à luz da teorização saussuriana”, no GT da XXVII ANPOLL (2023). Apoiada pelo CNPq, a pesquisa encontra-se em andamento, este trabalho sendo uma abordagem inicial ao tema.

<sup>3</sup> CLG ou, como é alternativamente, conhecido: *Curso*, serão as duas maneiras de fazer referência ao livro editado por Bally e Sechehaye. Outra sigla: ELG é adotada para *Écrits de Linguistique Générale*.

<sup>4</sup> O parágrafo inicial designa o “estropiar palavras” como *deformações*: “Acontece-nos por vezes estropiar palavras cuja forma e cujo sentido nos são pouco familiares, e às vezes, o uso consagra tais *deformações*” (CLG 1971, p. 202; grifo meu). Usaremos neste artigo a edição de 1971, ao citar passagens do CLG em português.

indagação se levanta: estaria Saussure sendo apresentado neste capítulo do Curso como um guardião das normas do “bon usage”? – posição mais normativa e prescritiva? Fomos buscar alguns elementos de resposta consultando Marie José Béguelin (1995, 2002), a partir da atenta e detida avaliação que a autora faz sobre os exemplos alinhavados no CLG. Considerando outras fontes documentais que ampliam a ilustração do fenômeno através do chamado corpo editorial saussuriano, a autora mostra que, para o contexto histórico de seu tempo, Saussure propõe, no primeiro curso, uma análise da etimologia popular isenta dos preconceitos normativos da época. Defende que o fenômeno é puramente resultado de um funcionamento que releva de um estado (sincrônico) de língua.

La vulgate, en modifiant certaines formulations, mais aussi (...) en sélectionnant les exemples donnés par Saussure dans le cadre du Cours I, *affadit et banalise sa doctrine*. En fait, elle tend à la conformer au discours ambiant sur l'étymologie populaire, discours dépréciatif, où l'énonciateur savant prend soin de « marquer la distance » entre lui-même et le locuteur de base, considéré comme fantasque, peu rationnel, culturellement inférieur (Béguelin 1995, p. 6, grifos meus) <sup>5</sup>.

O ponto principal em que apoia sua argumentação provém do zelo criterioso em buscar nas fontes o pensamento de Saussure, destacando exemplos deixados de lado, ausentes do que considera uma vulgata, uma simplificação das lições do mestre.

Conforme se lê em Béguelin (id., ib.): « Si l'on prend pour base les notes d'étudiants, l'exposé de Saussure est nettement plus objectif que ce qui ressort de la vulgate ». Continua sua avaliação crítica, trazendo um exemplo não contemplado pelos editores do CLG, um nome próprio: *Trocadéro*. « Appelé dans une partie de la population parisienne “trois cadéros” (*je vais aux trois cadéros*) » (CLG/E 2658: IR 3.7.8). Tais particularidades seriam « peut-être à cause de son architecture particulière (deux tours mauresques et < une partie > centrale qui a aussi la forme d'un tour) » (CLG/E 2650: IR 3.7.8) <sup>6</sup> (Béguelin, p. 7-8). Prosseguindo com a autora, leia-se abaixo:

On peut regretter une telle censure, car voilà un cas fort intéressant où Saussure ouvre une perspective sur ce qui pourrait être une linguistique des faits de parole : il prend en compte l'activité langagière non conventionnelle des locuteurs, et fournit même, pour le cas de *trois cadéros*, une belle explication sémantique de type externe, faisant appel aux particularités du référent (Béguelin 1995, p.8)

<sup>5</sup> “A vulgata, ao modificar certas formulações, mas também (...) selecionando os exemplos dados por Saussure no quadro do Curso 1, tira o brilho e banaliza sua doutrina. Na verdade, tende a conformar-se ao discurso da época sobre a etimologia popular, um discurso depreciativo, onde o enunciadador erudito tem o cuidado de “marcar a distância” entre ele e o locutor básico, considerado fantasioso, pouco racional, culturalmente inferior”.

<sup>6</sup> Recomenda-se consultar a seção intitulada “Le tri des exemples”, p. 7 do artigo “Saussure et l'Étymologie Populaire”, para o que se lê neste artigo: “Se tomarmos como base as anotações dos estudantes, a apresentação de Saussure é claramente mais objetiva do que o que emerge da vulgata”. (trad. minha). Ademais, possibilitaria discordar daqueles que consideram que o sujeito falante e sua relação com o mundo ficou de fora do estudo de Saussure. O exemplo acima nos conduz a recusar que Saussure era insensível – cito Béguelin (1995, p. 9) – « aux facteurs externes conditionnant l'activité langagière ».

Se vamos agora a alguns exemplos da edição de Bally e Sechehaye, deles cabe extrair o ponto de vista que se lhes pode atribuir, tendo presente as ideias de uma abordagem sincrônica do fenómeno, saída da reflexão saussuriana.

*Calfettrer/calfreter* (port. *calafetar*), produzido *calfeutrer*, recebe modificação na forma, decorrente de uma associação ou aproximação com *feutre* (“feltro”) – um item já existente na língua. Qual seria a abordagem a fazer juz à natureza deste fenómeno, sem cair na caracterização de “erro”, comum na época, ou mesmo “palavra maltratada”? O que *calfeutrer* (ou outros exemplos, como *courte-pointe*, alteração de *coute-pointe*), carregam da natureza intrínseca da *semiosis*, que efetivamente se cumpre pela boca de um falante, em dado estado de língua, quando aflora no corpo da palavra um componente revestido de sentido, associado a outro que provém da língua?

A análise que se desenvolve nos parágrafos expostos entre as páginas 202-204 do CLG, pede uma interpretação do fenómeno “puramente *sincrónico*”, condizente com o corpo de teoria que devemos a Saussure, a partir do que o genebrino concebeu como sendo o funcionamento assentado no mecanismo linguístico<sup>7</sup>, aberto a associações (*mise-en-rapport*).

Acompanhando Béguelin, cumpre assinalar que o problema do uso peculiar na palavra dita “deformada”, não é outra coisa senão um movimento “*purement synchronique*” (tal como se lê nas notas de Riedlinger), e em tais casos não releva, é certo, de uma busca pela origem da palavra, no seu passado remoto. Conforme comenta – prossigo com a autora – casos desta natureza abrem uma perspectiva sobre o que poderia ser uma linguística de fatos de *fala*, atinente a achados que emanam de ocorrências submetidas a uma “leitura” ou interpretação, atribuída à palavra, nascida de certa *associação*. Interpretação que acolhe com facilidade outro dos exemplos que integram o capítulo VI do CLG: o item do alemão *durchbläuen* (“moer de pancadas”), em que *blau* é associado a “azul”, cor que se vincula ao efeito (equimoses) do ato de fustigar alguém. Notemos que é a partir de uma *interpretação* que se torna “porteur de sens” um segmento desta palavra. Desta maneira, contribui para legitimar a formulação extraída do capítulo sobre EP:

L'étymologie populaire *peut être aussi effective*, mas sans créer de mots nouveaux <et en> tombant dans les mots anciens déjà connus : elle ne constitue donc pas un apport <pour> la langue <sup>8</sup> (= CLG/E 2653) (o grifo é nosso)

Neste ponto, é oportuno trazer o que se lê no Dicionário das Ciências da Linguagem,

---

<sup>7</sup> Na própria doutrina teórica com que se explica o fenómeno, o peso negativo de “maltratadas” desaparece. Enquanto forma variante, por certo teria que enfrentar o desafio de uma renomeação mais adequada, o que foi notado por muitos estudiosos. Quanto a seu destino na massa falante, umas alterações fixam-se no vocabulário, com espaço no dicionário, obra lexicográfica que lhes dá estatuto de forma aceita, portanto consagrada na comunidade dos que falam a mesma língua. Outras, são fugazes.

<sup>8</sup> “A etimologia popular também pode ser eficaz, mas sem criar novas palavras <e recaindo> em palavras antigas já conhecidas: portanto, não constitui uma contribuição <para> a língua” (trad. minha).

na parte do livro que discorre sobre a dicotomia sincronia e diacronia. O espaço concedido por Ducrot e Todorov (1972, p. 175-176), a Ferdinand de Saussure e a Hermann Paul é devidamente avaliado pelos autores, quanto à autonomia da investigação sincrônica. Reconhecem (id. ib.) que “Saussure é, sem dúvida, o primeiro a ter reivindicado autonomia para a investigação sincrônica”, lembrando que a derivação é o processo morfológico (gramatical), a partir do qual se formam analogicamente novas palavras. Isso levou Saussure – como sabemos – a reconhecer o “réel en morphologie”. Com efeito, neologismos como *indécorable* encerram “formes où l’activité de la langue et sa manière de procéder trouve à se manifester comme un *document irrécusable*” (ELG, p. 184, grifo meu<sup>9</sup>).

Este não é, contudo, o único argumento convincente da independência da pesquisa sincrônica. Seleccionamos abaixo uma passagem, na qual Ducrot e Todorov se incumbem de expor o âmbito em que transcorrem relações sentidas “em sincronia” pelo falante de uma língua, relações que contrariam aquelas que historicamente procedem da pesquisa diacrônica.

[...] certas relações sincrônicas são diacronicamente injustificadas. Em sincronia, tem-se a relação “flor-floresta”. Ora, não há nenhuma relação histórica entre “floresta” e “flor”: a sua aproximação é uma *etimologia popular*, que foi criada pelos sujeitos falantes porque se integrava bem ao sistema do português. (Ducrot e Todorov, 1972, p. 176; grifo nosso)

Completam os autores, no mesmo parágrafo (id., ib.):

[...] muitas das relações historicamente fundamentadas não têm nenhuma realidade sincrônica – e isto porque já não podem ser integradas no sistema da língua atual (consequência: os falantes esqueceram-nas). Assim, hoje não há nenhuma relação entre “secretário” e “segredo” (embora “secretário” tenha sido construído a partir de “segredo”: o secretário era aquele que conhecia os segredos, o confidente.

Hermann Paul, no capítulo “Formação de Novos Grupos”, parágrafo 151 do livro *Princípios Fundamentais da História da Língua*, ilustra o que considera a espécie “mais simples” da chamada etimologia popular. Cito seu exemplo (Paul, 1920, p. 234, itálicos meus): “*Laube* (*caramanchão*) nada tem que ver com *Laub* (*folhagem*), a que é hoje aliado, porque a significação primitiva é “passagem coberta”. O autor vai adiante e, no intuito de distinguir tipos de EP, faz uma afirmação, na qual o leitor se depara com o termo *deformação*, o mesmo encontrado nas lições de Saussure:

Temos que distinguir dos fenómenos tratados a *espécie mais complicada* da etimologia popular. Esta consta duma deformação, pela qual uma palavra, que faz lembrar outra por uma semelhança fonética casual, se lhe assimila.

---

<sup>9</sup> Outro exemplo, por mim explorado em sala de aula, recai sobre um dado do português falado, capaz de mostrar não apenas a produtividade do fenómeno, mas a pertinência da criação vocabular. “A poupança é *imexível*”, do então ministro Magri, ilustrava na sua irretocável criação *imexível* (aliás, mais convincente do que o próprio sinónimo *intocável*) a ação da analogia.

(Paul, 1920, p. 234, grifo meu)<sup>10</sup>

Atenta à expressão “palavras deformadas”, rótulo que tratamos de compreender (até substituir, em publicação anterior)<sup>11</sup>, mostramos que tal qualificação pediria, no contexto do “fazer do linguista”, ser despojada de qualquer julgamento que não seja o do funcionamento da língua(gem) num estado de língua. A indagação justa, condizente com a reflexão de Saussure, seria, a meu ver, a seguinte: a qual movimento correspondem tais palavras alteradas?<sup>12</sup> Buscamos elementos para resposta em Béguelin, autora inserida na linguística atual, teoricamente alinhada à reflexão saussuriana, conforme já dito.

Sua análise põe em evidência a relação de associação que procede (ou emana, para usar um termo do CLG) do uso daquela palavra pelo falante adulto. A única realidade que este conhece é, com efeito, a do estado atual da língua ao qual está exposto, de tal modo que é na presença inarredável e incontornável do *jogo do funcionamento linguístico* que reside o que é posto em marcha na sua produção. Se é o que se passa na fala dos adultos, não será diferente o que acontece nos anos da infância, em que uma criança está em processo de vir a ser falante de sua língua materna.

Na atividade languageira ordinária o movimento “de acomodar a palavra (...) aos elementos que se acreditam reconhecer nela” (CLG, 1971, p. 202-203)<sup>13</sup>, oferece-nos um cenário que justifica uma investigação em torno do desempenho verbal de crianças em seu percurso com a língua materna. Voltada à estrutura da palavra, este estudo acolhe com grande interesse as palavras que saem da boca daquele que inaugura sua relação com a língua nos anos da infância: a criança. Explorar o sentido que ocasionalmente se cruza na estrutura da palavra que se lhe chega aos ouvidos é o lugar de investigação almejado, ao pôr em tela (seção 3), um conjunto de exemplos.

O universo empírico visa, desta maneira, usando agora um termo empregado por Saussure, sondar o *sentimento* do pequeno falante. Passo um grifo na palavra sentimento, componente do fenômeno em tela. É possível ver que uma relação de sentido se aloja num *quantum* de matéria fônica, uma vicissitude da palavra – fenômeno despertado naquele que não tem mais do que 3, 4, 5 anos de idade. Eis o fenômeno que, em si mesmo, nos interessa. Pela natureza do feito, uma explicação paralela se impõe acerca do efeito na cena de sua emergência. Aos circundantes, aqueles que participam do entorno familiar,

---

<sup>10</sup> Deve-se lembrar que não escapou a Paul (op. cit., p. 234) a relação da palavra dita “deformada” com certo gênero de discurso, o humorístico.

<sup>9</sup> Em Figueira (2022a), propusemos substituir (palavra) *estropiada/distorcida* por palavra *re-formada*, em atenção ao fenômeno de sentido que se presentifica na forma.

<sup>12</sup> É precisamente o comportamento manifesto no corpo da palavra, designado por Paul “complicado” (ou por *estropiado/distorcido* no CLG) que será aqui valorizado, tendo em vista o que a fala da criança exhibe, feito mais bem nomeado como “palavra re-formada”.

<sup>13</sup> No CLG comparece o verbo *déforme*: «(...) le plus souvent on déforme le mot pour accommoder aux éléments qu’on croit y reconnaître”, traduzido por *distorcer*, na edição brasileira do Curso (1971): “(...) na maioria das vezes *distorcemos* a palavra para acomodar os elementos que acreditamos reconhecer nela”.

geralmente adultos, o efeito de estranheza sobre a palavra ouvida também é levado em conta, pois traduzem o que estes percebem como sendo um traço ou característica da relação particular dos pequenos com a língua. Não raro o feito de língua sobre a estrutura da palavra leva a tematizar outro fenômeno nele implicado: o da delimitação de (sub)unidades no *continuum* sonoro, esta uma tarefa para o investigador deslindar.

Neste estudo ganha assim importância as *vicissitudes* da fala da criança. Atenta a alguns achados ocasionais surpreendidos na fala do adulto, estes serão, enquanto tais, aqui também incorporados – cenário geral, no qual enxerguei um lugar para situar, como meta, arejar a discussão da etimologia popular, partindo de uma abordagem que, valendo-se das ideias saussurianas, pode legitimamente se oferecer a quem observa e procura desvendar manifestações sobre a estrutura da palavra.

Em “O que a investigação sobre o erro na fala da criança deve a Saussure” (Figueira 2010), mostramos exemplos de *corpora* infantis, que refletem uma segmentação divergente do *continuum* da fala – tema relacionado com o tratamento de EP<sup>14</sup> (ver adiante, seção 2). Nos anos seguintes, continuei colecionando exemplos ilustrativos de toda sorte de inovações vocabulares, e com isso deparei-me com a necessidade de tratar certas inovações a partir da pergunta, assim formulada (Figueira 2022, p. 30): “O que há numa palavra que a torna sede de relações que se refletem em seu arcabouço fônico?” Adotando a grafia *re-formadas*, com hífen, chamei a atenção, no corpo da palavra, para a raiz *forma*, uma vez que as evidências disponíveis em meu exemplário mostravam um movimento que, revestindo-se de um apelo ao sentido, se faziam aparente na forma. Alguns exemplos: *chutebol* (por *futebol*); *cabeceilo* (por *travesseiro*), *bebeçálio* (por *berçário*), recolocados para serem reavaliados, mais detalhadamente, na seção 3<sup>15</sup>.

Na base deste movimento está uma *mise en rapport*, relação básica desencadeada por um fator, cujo papel interessa nomear (veremos qual). Foi neste ponto que me acerquei dos escritos de Béguelin, consultando além do artigo: “Saussure et l’étymologie populaire” (1995), outro intitulado: “Étymologie «populaire», jeux de langage et construction du savoir lexical” (2002). Para quem penetra neste assunto, uma etapa necessária é a revisão bibliográfica, tão abrangente quanto possível, e neste terreno a contribuição desta autora assumirá, neste artigo, um lugar de destaque. Numa continuação da pesquisa, outros autores poderão ser estudados.

Isto posto, algumas palavras sobre o perfil metodológico da pesquisa. O material colecionado procede da observação longitudinal naturalística de crianças aprendendo o português, contemplando a faixa de idade que vai de 2 a 5 anos de idade. A base empírica

---

<sup>14</sup> Neste artigo usei com reservas o termo erro. Teoricamente interessa-nos respeitar a variação afeita aos aspectos singulares da relação da criança com a língua em constituição, evitando o termo erro.

<sup>15</sup> No passo a passo da análise, cogitei alterar a pergunta para atender a oposição opaco vs transparente, com um acréscimo: “O que há numa palavra que a torna sede *ocasional* de relações que se refletem em seu arcabouço fônico, *antes opaco*?” Ver nota 49.

acolhe igualmente episódios da aquisição do francês.

Disponho de excertos que recolhi pessoalmente ou que me chegaram de colaboradores, registrados durante trocas verbais espontâneas do cotidiano de crianças brasileiras, anotações depositadas predominantemente em Diários (a que se somaram um ou outro excerto recolhido de gravação). Quanto ao francês, recorri aos achados expostos no livro *Les Jeux de Mots de l'Enfant*, rica fonte de excertos colecionados por Paule Aimard (1975), acrescidos de um ou dois achados, procedentes de Bonnet e Tamine-Gardes (1984). No conjunto figuram: episódios retomados de publicações anteriores, ao lado de outros inéditos, visando atualizar minha amostragem de palavras carentes de uma interpretação, para além de mera alteração fonética.

Feito este esclarecimento quanto às fontes, resta dizer que, entre nossos exemplos, alguns causam, na troca verbal com o adulto, surpresa ou mesmo, o riso. Subproduto do feito instaurado na palavra, o *riso* que acompanha tais ocorrências foi o que me aproximou de tais eventos da língua(gem) na infância. Mas não só: observei igualmente que ocorrências recaindo sobre o corpo da palavra, tocam o que chamamos *chiste*, *jeu de mots*, *mots d'esprit*, na linguagem entre adultos. Um espaço para futura exploração.

Quanto a unir, em vez de separar os dois segmentos empíricos, fala de criança e fala de adulto, a decisão de procurar uma base teórica comum, tal postura só favoreceu um ponto de vista: a língua(gem) na infância, ou aparentemente já constituída (no adulto), deixa-se marcar no interior da palavra. Lá onde se enredam relações associativas, por quem toma a palavra, falantes de qualquer idade. Esse quadro vai ao encontro de uma afirmação que procede de Saussure, de que “em matéria de linguagem o problema das origens não difere das condições permanentes” (CLG, 1971, p. 16). Caberá, como uma meta adicional, assinalar qual é, por sua vez, a *posição* ocupada pela criança. E por outro, a do adulto, ao fazer uma “intromissão” sobre a palavra<sup>16</sup>, imprimindo na materialidade fônica do seu *dictum*, um efeito chistoso.

Adianto agora a organização deste artigo. Após esta apresentação geral, a seção 2 destina-se a deslindar a complexidade do funcionamento simbólico de palavras cuja variação na *forma*, é atribuída a uma camada de sentido nela alojada, palavras “re-formadas”, em vez de *deformadas*. Visando uma caracterização do fenômeno, buscamos avaliar, em 2.1, sob quais aspectos tais inovações são distintas das que procedem da analogia. Já a seção 2.2 reserva espaço para mostrar como uma palavra nova é recebida pela criança. A seção 3 é destinada a nove episódios, cuja análise, ao expor as vicissitudes da palavra na fala da criança, contribui para atestar que elas são despertadas pelo *potencial homonímico do significante*, enquanto “porteur de sens”. Por fim, na seção 4, nas

---

<sup>16</sup> Ouve-se dizer: *pilantropia* (por *filantropia*), para desqualificar doação a uma causa por alguém, gesto com intenções escusas. Também é comum escutar de um pai ou mãe que seu filho ou filha *adolescente* é um *aborrecente* (o leitor poderá acrescentar outros exemplos de sua própria observação). Um segmento do léxico interessante para trabalho futuro.

considerações finais, acenamos com desdobramentos futuros da pesquisa.

## 1 Sobre a caracterização do fenômeno

Partimos da formulação abaixo para situar o que é nomeado como EP:

[...] le terme étymologie populaire qualifie le fait de rapprocher – consciemment ou non – deux unités lexicales entre lesquelles il n'existe pas de lien morphologique et sémantique historiquement avéré. (Béguelin, 2002, p. 1)<sup>17</sup>

A denominação “etimologia popular” não satisfaz os estudiosos e desde algum tempo tem recebido a crítica de gramáticos e filólogos, aventando-se a sua substituição por outra. Cogitou-se nomeá-la “atração homonímica” ou “atração paronomásica”<sup>18</sup>. No entanto, a expressão antiga continua sendo usada, revelando o peso da tradição que não abandona tal designação. O rótulo etimologia popular sobrevive, apesar de mal-recebido<sup>19</sup>.

Bem colocado para este acontecimento é o termo *vicissitude*, já que a novidade aflora a partir de uma condição *contingente*, nascida de um movimento *ocasional*, que faz pouso na palavra, na *forma* como é proferida.

Se vamos ao dicionário, encontramos para *vicissitude* o sentido (i) *veleidade*. Desta acepção me afasto para colocar-me ao lado de outra: (ii) “eventualidade, acaso” (Houaiss (2001, p. 2857). Dado o domínio empírico em estudo e a pertinência de atentar, na descrição, sobre o futuro de tal achado, acrescentaria que emerge na contingência de um ato de fala, cujo produto pode ingressar no léxico comum, ou então, ser passageiro. Passageiro para quem? Procuro visualizar o falante de qualquer idade, face a um *continuum* sonoro que se lhe apresenta, num *quantum* de matéria fônica *significante*, apto a figurar como sede de uma relação associativa, cujo resultado dá lugar a um sentido, que furtiva ou oportunamente, se instala no corpo complacente da palavra (Figueira 2020, 2022a).

Abrange domínio empírico amplo, onde a cadeia sonora pode se moldar (repto, complacentemente, via sopro breve de sentido), no corpo de uma palavra de uso corrente, dotando-a de um novo tecido significante.

A este cenário se aplica o que denomino “fator homofônico” (com abandono da nomeação “atração”, cuja procedência é da química<sup>20</sup>). O produto resultante diz muito do

<sup>17</sup> [...] o termo etimologia popular qualifica o fato de reunir – conscientemente ou não – duas unidades lexicais entre as quais não há vínculo morfológico e semântico historicamente comprovado. (Béguelin 2002, p. 1; trad. nossa).

<sup>18</sup> A revista *Confluência* (em 2001) publicou matéria de Gladstone Chaves de Melo (escrita em 1946), sobre etimologia popular, cujos exemplos abrangem não só palavras, mas frases. Escreve o autor (2001, p. 228): “Os linguistas dos nossos dias, com boa razão, têm rejeitado por inadequada a expressão “etimologia popular” [...]. Realmente, na maioria dos casos não seria lícito enxergar *etimologias* feitas pelo povo, mas apenas modificações operadas na fisionomia da palavra, por influência inconsciente ou subconsciente de vocábulo homônimo ou parônimo”.

<sup>19</sup> Numa tentativa de renomeação, *etymologie synchronique* é a opção de Béguelin.

<sup>20</sup> Preferimos falar em *fator homonímico* em vez de atração homonímica (ou paronomásica), uma vez que atuam elementos da língua, despertados por semelhança fônica, desencadeadora do movimento.

movimento – semiconsciente ou inconsciente (explícito ou implícito) – que nos dá acesso a contemplar seus *efeitos* no discurso. Quanto a estes, são incorporados como parte integrante e não marginal, na descrição de um *feito* de língua, condizente – como defendemos (aa) – com a proposta de caracterizar o acontecimento enquanto irrupção momentânea, resultado de jogo<sup>21</sup>, no qual uma relação com outra entidade linguística faz nascer uma relação semanticamente motivada.

Enquanto ato de fala, supõe a presença de um interlocutor e chama para o nosso registro empírico o diálogo, tomado como a unidade de análise – compromisso caro ao interacionismo de De Lemos (2002, entre muitas publicações)<sup>22</sup>.

Para começar, nada mais instrutivo do que apresentar um diálogo, em que a criança está em *posição* de rebater algo que lhe diz o adulto, contestando-o. Procede de um registro bem conhecido, de Delphine (= D), episódio representativo da semantização que ganha espaço dentro de um vocábulo da língua francesa.

- (i) (Delphine 3;4 a cueilli des fleurs)  
X. Est-ce que tu sais comment s'appellent ces fleurs... Ça s'appelle des primevères.  
D. Non, c'est des *primes jaunes*.  
(Bonnet e Tamine-Gardes 1984, p. 51; retomado por Figueira 2020, p. 3)

A criança promove a sentido o que na pauta sonora era destituído de significação. Veja-se como isso implica na segmentação de um nome: a palavra *primevère*, que na fala do adulto não comporta divisões internas. D, 3,4 de idade, responde ao adulto exibindo uma atribuição de sentido sobre a parte “opaca” de *primevères* (cuja materialidade, “ociosa”, coube ser preenchida de sentido)<sup>23</sup>. Assentemos a ideia de que no corpo da palavra há um *quantum* de matéria fônica que se oferece, como fatia “lida” (por D), como *vert* (port. *verde*). Sobre este segmento sonoro, está em jogo uma relação associativa evocando cor: *-vere*, que escutado como *vert*, torna-se disponível, em movimento “porteur de sens”, para ser trocado por *jaune*. A resposta da menina a seu interlocutor é um ato de fala replicante, que dá lugar a uma expressão recomposta : *primes jaunes*, fazendo juz à cor da flor da planta.

No caso de D, não se trata de uma manifestação estilística (esta poderia até aflorar na poesia ou prosa poética de um adulto), está a serviço de veicular um recorte providencial, ajustado ao que a criança tem diante de si: é amarela (fr. *jaune*) a flor da plantinha de que se fala no diálogo.

Optamos por trazer o exemplo (i), uma vez que mostra a posição do falante em uso da língua, podendo ademais ser levado à proposta que, no meu horizonte empírico (fala de

<sup>21</sup> Ver Testenoire (2018), para os vários empregos da palavra *jogo* no corpo editorial saussuriano.

<sup>22</sup> Não significa que não apareça na escrita. Mas surge primeiramente na oralidade.

<sup>23</sup> Em outro texto (Figueira 2020) chamei de “ociosa” a parte da palavra submetida à semantização.

criança, mas não exclusivamente), coloca por meta caracterizar duas faces do fenômeno: 1) o fato de língua e 2) seu efeito no discurso. O segundo aspecto acrescenta algo que, ao pesquisador, não passa sem registro, anotação relevante que terá um papel na descrição global do fato em si, a saber: a novidade surpreende o adulto interlocutor enquanto feito inscrito na ordem da língua. (Na seção 3, através de outros excertos de conversas adulto-criança, veremos como inovações sobre a palavra refletem aspectos da relação da criança com a língua e com o outro)<sup>24</sup>. Onde situá-las na descrição do mecanismo da língua?

Recordemos que na economia do Curso de Linguística Geral, o tema das etimologias populares vem depois da discussão da analogia e compreende predominantemente exemplos do francês e do alemão. Estes foram mantidos integralmente na tradução do livro para o português (CLG, 1970), por A. J. P. Chelini, Paes e I. Blikstein, com prefácio de I. Salloum, surgida em 1970. Dispomos hoje de uma segunda tradução do CLG (2021), esta por M. Bagno. Observando o que mudou nesta segunda tradução, notamos que um exemplo original (*surdité* produzido *sourdité*) foi substituído por exemplo do português: *sombrancelha* (por *sobrançelha*). A explicação que se aplicava ao exemplo do francês é levada então a *sombrancelha*, palavra “deformada pela lembrança” do substantivo *sombra*.

Se não é fácil desconhecer o viés normativo, presente no capítulo do CLG, comum no contexto histórico da época, dele podemos nos afastar, uma vez que conforme mostra Béguelin, através de anotações dos alunos (saídas das lições de Saussure), é possível dispor de uma visão mais objetiva do fenômeno, que “abre uma perspectiva sobre o que poderia ser uma perspectiva de fatos da fala”<sup>25</sup>. Para o português, seguiríamos então com outros achados do fenômeno da EP. Por exemplo, em *barriguilha* (por *braguilha*), sua motivação reside, *à flor do nome*, transparente; isto é, na *forma* (vou deixando aqui, através desta expressão, minha própria maneira de me referir ao exemplo).

O fenômeno pede, da matriz teórica saussuriana, a menção ao fato de que na superfície do *continuum* sonoro, ali se acomodou (ou: se alojou), “barriga”, uma parte do sentido imputado àquilo do qual se fala. Algo trazido à lembrança, pela via de segmento sonoro convidativo, contribuindo assim para a renomeação, item semanticamente motivado, assentado no segmento refeito/redefinido: ***barriguilha***. [usamos negrito para realçá-lo]

Acrescentemos outro exemplo: *depredar*, proferido como: ***depedrar***. Qual a explicação? Alguém poderia supor uma associação com *pedra* – latente ou mesmo presente no sentimento linguístico do falante. Quem age depredando um imóvel destrói algo a partir de uma ação em que pedras podem entrar como instrumento da ação – hipótese a ser aventada.

---

<sup>24</sup> No diálogo (i), ao dotar de sentido a palavra *primevère*, bastante segura de seu dizer, D profere um ato de fala abertamente assertivo. Às vezes, porém, a modificação sobre a palavra passa despercebida da própria criança.

<sup>25</sup> Retomo partes de um trecho já citado (p. 4 deste artigo), a propósito de *trois cadéros* por *Trocadéro*.

Ao contemplar tais achados linguageiros<sup>26</sup>, em termos do funcionamento linguístico, fundado numa relação de associação, damos um espaço para a descrição destas ocorrências na fala, buscando ver o papel de uma sonoridade – diríamos *sugestiva* – procedente da lembrança de outra entidade linguística que ali se instala. O *fator homofônico* atua, em tais casos<sup>27</sup>. Ocupa assim um lugar de investigação, certamente distinto da etimologia dita *científica* ou fr. *savante*, um ponto a ser assinalado. Aliás, é deste lugar de comparação que o termo etimologia se deixou seguir do adjetivo *popular*. Aquilo que, no corpo da palavra, o falante vislumbra como potencial de sentido, torna-se – para usar de novo a expressão encontrada em Saussure – *porteur de sens*. Essencial assinalar que este movimento não se dá “do nada”<sup>28</sup>. Ampliando a ilustração, como o fez Béguelin ao se cercar de outras fontes, chega-se a algumas formulações que permitem uma aproximação mais adequada da natureza do fenômeno que encerra o movimento por ela descrito (2002, p. 2), como “percer l’opacité d’un signe en glosant l’inconnu par le connu”<sup>29</sup>.

## 1.1 Etimologia popular e analogia

Manifestações do funcionamento simbólico, analogias e etimologias populares rendem inovações no léxico, restando definir sua natureza e seu raio de atuação. A EP tem algo em comum com analogia, embora sejam – como também se lê (CLG, 1971, p. 204) – fenômenos distintos. É notório em qual ponto são semelhantes. Num e noutro caso, utilizam-se elementos que assentam sobre associações e isso aproxima os fenômenos. A analogia tem, contudo, como ensina Saussure, um espaço próprio: é gramatical<sup>30</sup>.

Aproveitemos o exemplo de mudança por extensão analógica, mencionado em Joseph (2023, p. 673): “na língua moderna (o francês), a primeira pessoa do verbo *trouver* era *je treuve*”. Esta foi regularizada como *je trouve/nous trouvons*, sob o modelo de verbos como *je pousse/nous poussons*. O alinhamento sobre o qual se dá a alteração atua no âmago do processo gramatical, ocasionando a mudança na forma verbal.

Formações novas por analogia são encontradas no vocabulário adulto, bem como no percurso da criança com a língua materna, em criações que se reconhecem prontamente. Sob o modelo *desfazer*, formou-se no léxico do adulto o verbo *desaposentar*

<sup>26</sup> Não nos deteremos aqui em rebater a ideia de patologia verbal. Logo adiante na seção 3, “uma voz discordante”, atenta a fenômenos linguageiros da fala, poderá ser conhecida com a menção a Henri Frei.

<sup>27</sup> Atua também naqueles empregos que caem na caracterização de *mot-valise* ou *portemanteau*. Exemplos: *bebemorar* por *comemorar*, *aborrecente* por *adolescente*, entre outros exemplos.

<sup>28</sup> Note-se que poderíamos usar aqui a mesma expressão latina, *ex-nihilo*, empregada por Saussure, para a analogia: contudo há que distinguir EP de inovações analógicas.

<sup>29</sup> Trad. nossa: “Atravessar a opacidade de um signo glosando o desconhecido com o conhecido”.

<sup>30</sup> O exemplo: *oratore*: *orator* = *honore*: *honor*, recorda-nos o cálculo proporcional com que Saussure descreve a ação da analogia. Como lembra Joseph (2023, p. 673) os elementos se alinham em estado de *semi-consciência*. Deparamo-nos aqui com a famosa “questão não resolvida”, como comenta o autor da biografia de Saussure (id. ib., p. 677).

(*Está em estudo uma lei que permita desaposentar*). No apelo choroso de uma menina diante de um brinquedo quebrado, em sua pergunta ao adulto, um novo verbo de ação reversível<sup>31</sup>: *Não dá para desquebrar?* (Figueira 2022b, p. 233). Clark, em inúmeras publicações, oferece ao leitor uma vasta lista de inovações, e com razão afirma que tais achados, dada sua produtividade, “fazem as delícias dos pesquisadores”, interessados na evidência de um mecanismo gramaticalmente atuante. Bagno (2021), em sua tradução do CLG, não ignora a forma *ponhar*, reservando a ela uma nota no capítulo sobre a analogia<sup>32</sup>.

Entre os derivados de nomes, sobram neologismos na fala de adulto, também na fala da criança. Por exemplo, o que acabo de ouvir de um comentarista esportivo: *Quem mais vai medalhar neste dia de Olimpíadas?* Na fala da criança temos, entre inúmeros denominais: *A Quiqui me linguou* [glosa: *A Quiqui me passou a língua*] (Figueira 2015, p. 182).

Atender o convite de Saussure (ELG, 2002, p. 160) para escutar uma criança de 3-4 anos conduz a um “verdadeiro tecido de formações analógicas”, disponíveis em formações que encerram prefixos e sufixos, testemunho irrecusável da atividade /produtividade da *língua*.

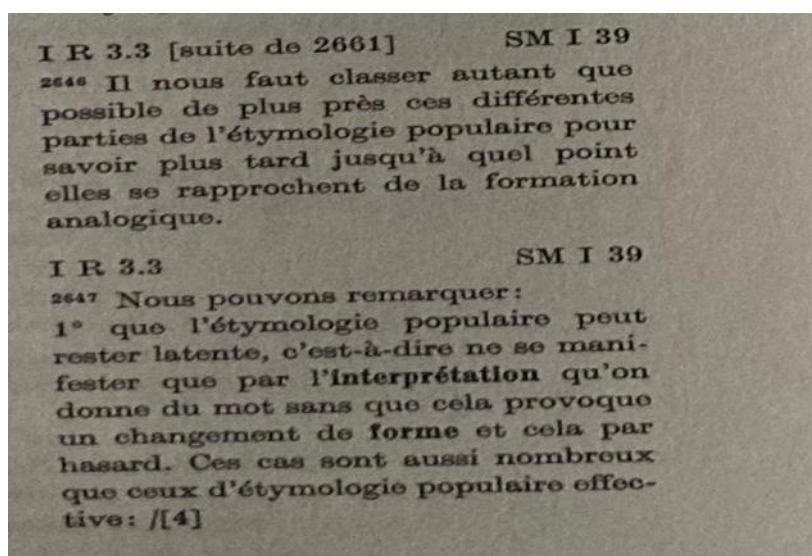
O que dizer agora de outras alterações que tocam na porção da palavra que encerra seu conteúdo lexical? Seja o mais citado dos exemplos, *sombracelha* (por *sobrancelha*), onde a alteração se aloja na raiz. Encontramos aqui o cenário preferido da EP e esta particularidade, arriscamos a dizer, concorre para uma diferença de base.

Aproveitemos a lição do Curso 1, que contou com anotações de Riedlinger, um dos discípulos mais atentos às palavras do mestre. É dele a anotação (ver abaixo, IR 3.3, 2661, tomo 1, *édition critique* R. Engler, *Cours de Linguistique Générale*, 1989, p. 396). Nela o mestre genebrino mostra-se empenhado em avaliar até que ponto a etimologia popular se aproxima da formação analógica.

---

<sup>31</sup> Ampliamos os exemplos com dados da aquisição do inglês (Bowerman 1982, p. 326): Christy (4;7 de idade) diz para a mãe: *I hate you! And I'll never unhate you*; Christy (3;2 de idade): *Why did you unclothes her?* [por que você *desroupou* ela?].

<sup>32</sup> Num depoimento sobre desabamento de um morro (notícia na televisão), registrei: “Minha avó *ponhou* desabrigados em sua casa. Eu também *ponhava* se pudesse.” *Ponhou* alinha-se a *colocou*; *ponhava* a *colocava* – variantes do português contemporâneo. Para o alcance da ação da analogia na aquisição do português, ver trabalhos de Figueira e Vieira (mencionados na seção deste artigo).



Considere-se o que se lê em 2647: nas palavras do mestre, a etimologia popular pode permanecer latente, manifesta numa *interpretação* (esta palavra recebe destaque gráfico, em itálico negrito). *Interpretação* é, pois, o ponto de partida para a atribuição de significado, que pode se dar sem manifestação superficial na forma. Mas, convenhamos: em muitos casos, conduzem a uma alteração na forma, e esta recai sobre um segmento da palavra que pertence à raiz. É desses casos que Béguelin se ocupa, e muitos estão em nosso exemplário, onde reunimos peças que se deixam marcar superficialmente na *forma* assumida pela palavra, convocando, como ponto sensível, sondar o vínculo de associação que determinou a alteração fônica.

Este feito diz da *posição* do sujeito no funcionamento da língua(gem) e nos anos da infância tem levado à noção de *captura* da criança pela ordem da língua (de Lemos 2002)<sup>33</sup>. No episódio (i) de Delphine, a criança dá mostras de ter consciência da refutação que faz. Outras produções divergentes ocorrem, sem que o sujeito esteja em posição de falar sobre o que em sua fala foi alterado. Neste ponto é adequado trazer à consideração o *sentimento do falante*, que nos faz lembrar a afirmação de Milner de que “sentir” é diferente de “saber”. Haverá casos de uma alteração na palavra, sem que a criança (ou o adulto) se dê conta do processo. (Um deles encabeçará nossa lista em 3, expondo um aspecto *singular* do processo de se tornar falante).

Neste ponto, deixemos provisoriamente a criança para examinar uma troca verbal do cotidiano entre adultos. Trata-se de uma ocorrência por mim flagrada num balcão de

<sup>33</sup> O destaque às relações como base para mudanças na trajetória da criança com a língua foi colocado por De Lemos (1992), novamente tematizado em 1995. Seu artigo de 2002 vincula a emergência de “erros” no percurso da criança com a língua materna à chamada *segunda posição* – condição em que a criança pode se mostrar alheia à correção. No caso de Delphine, o que temos é uma contestação ao que ela escuta, e sua resposta ao adulto não diz menos da *ordem da língua* que a tem sob captura. Sua refutação: *non, c’est des primes jaunes* permitiu-lhe encaixar, naquilo que ouviu (*primevères*), uma camada de sentido que faz juz ao referente: a cor da flor da planta é amarela (fr. *jaune*). Um achado como esse nos ensina acolher a chamada ocorrência divergente como dado de eleição (Figueira 1995), enxergando o movimento da língua na fala da criança.

reclamações.

Uma funcionária da SANASA, com certo grau de escolaridade recebia minha queixa de vazamento de água em meu jardim. Enquanto eu expunha o problema ela me interrompeu várias vezes, para se certificar de alguns detalhes. Disse sem hesitação e bem fluentemente: (...) *e o lugar ficou imundado? A senhora observou onde começou a imundar? A imundação foi antes ou depois do cavalete?*

Não é preciso dizer que a motivação para as palavras alteradas nos conduz a Saussure e às relações associativas latentes (*in absentia*), capítulo sobre o mecanismo da língua. A atendente que diz *imundar*, certamente não quis levantar a origem da palavra, sua forma antiga. Está simplesmente falando e neste uso rotineiro lhe imprime um matiz que encontra abrigo num elemento da língua: *imundo*. Resultado do transbordamento de água desastroso, capaz de ser associado a *imundície*. Fiquei surpresa ao ouvir a moça, porém mais interessada no achado do que no objetivo que me levava àquela repartição.

Alinhavo de novo as ideias. Por força de uma homofonia convidativa (a forma, em sua *similitude sonora*, favorece falar assim como se falou: *imundar-imundação* – até mesmo não-conscientemente. Essa condição geral que se precipita sobre o ato de fala, cria uma significação comparável aos exemplos clássicos de “etimologia popular”<sup>34</sup>.

É o momento para explorar a noção “remotivation sémantique”, cujo alcance em Béguelin chega a contextos especialmente tendentes a ressignificações (chistes e jogos verbais/*jeux de mots*) – universo ao qual já declarei minha entusiasmada adesão (Figueira 2020). A autora expõe claramente sua posição favorável de incluir a EP na competência lexical do falante: ela se exerce em *sincronia*, na maneira espontânea de “apreender as unidades e subunidades significativas” (...), “de motivá-las e remotivá-las semanticamente” (Béguelin, 1995, p. 2). Leia-se abaixo, em tradução para o português, o que se lê em artigo de 2002<sup>35</sup>:

Para nosso propósito, segue-se que se o linguista pretende dar conta da competência lexical “natural” dos sujeitos, não pode prescindir das manifestações da etimologia popular. Ele deve admitir, ao contrário, que a prática etimológica espontânea pode ser instrutiva, revelando comportamentos de pareamento morfológico e semântico que comumente estão subjacentes na atividade linguageira. (Béguelin, 2002, p. 19; tradução e grifos nossos)

<sup>34</sup> Cabe refletir sobre o destino da EP. Na linha do tempo existiu uma primeira vez em que um falante interpretou (uso aqui um exemplo do Curso) como *courte* o primeiro segmento de *coutepointe*. A inovação acontece primeiro num ato individual de fala (enquanto associação no “espírito” de quem fala), mas tem a possibilidade de ser estendida ao uso pela comunidade. Passando ao léxico da língua, ganha presença na obra lexicográfica. É o que nos dá testemunho o dicionário (Petit Robert, p. 265): *courtepointe* = *couverture de lit piquée et ouaté* (tradução: *cobertura de leito/colcha de cama acolchoada*).

<sup>35</sup> « Pour notre propos, il s’ensuit que si le linguiste entend rendre compte de la compétence lexicale « naturelle » des sujets, il ne peut ignorer les manifestations de l’étymologie populaire. Il doit admettre, au contraire, que la pratique étymologique spontanée puisse être instructive, révélatrice des conduites d’appariement morphologique et sémantique qui sous-tendent couramment l’activité langagière ».

A filiação à reflexão saussuriana, já marcante no trecho acima, se fecha coerentemente, na formulação abaixo, que coloca em primeiro plano o sujeito falante:

Tal é, pelo menos, o postulado estabelecido por Saussure, e que teve por efeito inverter a ordem entre conhecimento erudito e conhecimento intuitivo da linguagem, ao priorizar o "*ponto de vista do sujeito falante*" sobre o do estudioso de línguas"<sup>36</sup> (id. ib.; tradução e grifos nossos).

Assumir este ponto de vista condiz com o que nos cabe exercitar na observação dos registros da criança em vias de se constituir como falante ou de episódios entre adultos a que casualmente assistimos. Este é um dos pontos de minha contribuição à discussão. Exige pôr em tela, do aparato conceitual saussuriano, nada menos que um dos pilares de sua sustentação teórica: o *mecanismo da língua*, lá onde vínculos som-sentido, precipitando-se sobre uma fatia do *continuum* da fala, presentificam um parentesco semântico entre dois signos, ao despertar uma unidade (ou subunidade) na pauta sonora.

Voltemos agora à criança, para mencionar um dado que não escapou ao olhar de Béguelin, embora tenha predominantemente se servido de exemplos de adulto. A autora foi buscá-lo em Bonnet (1986, p. 60), achado que exhibe *un découpage*/um recorte imprevisto da cadeia fônica: (ii) *maisonnette* = *maison où il y a une sonnette*.

Na glosa nota-se que a criança identificou, conforme Béguelin (2002, p. 46), “mais nitidamente os morfemas lexicais do que os morfemas gramaticais”. Percebe-se que a criança interpreta *maisonnette* não como um derivado diminutivo em *-ette* (aplicado sobre *maison*). Sua interpretação da palavra seguiu o rumo de “um *mot-valise* composto de duas palavras plenas” (id. ib.). Na expressão formal se fundem *maison* e *sonnette*, interpretadas como: uma casa (fr. *maison*) com campainha (fr. *sonnette*), e não: uma cas-inha (fr. *maison-ette*). É de uma escuta distinta da pauta sonora que emergem os limites das subunidades conferidas à palavra em (ii).

Reconheço a excepcionalidade deste dado e não perco a chance de incluí-lo frente à questão que presidiu minha abordagem de toda e qualquer evidência empírica que, recaindo sobre a estrutura complexa da palavra, leva à indagação: haverá uma homonímia em potencial no corpo da palavra? Evidente, no caso de (ii)?

A resposta pede que se admita, no interior da palavra, subunidades com deslocamento “porteur de sens” – recortes distintos<sup>37</sup>, que decorrem de uma escuta imprimindo valores distintos sobre a cadeia sonora<sup>38</sup>: no caso de *maisonnette*, o da criança

<sup>36</sup> « Tel est, du moins, le postulat instauré par Saussure, et qui a eu pour effet d’inverser la hiérarchie entre savoir savant et savoir intuitif sur la langue, en donnant la priorité au « point de vue du sujet parlant » sur celui de l’érudit ou du savant en langues ».

<sup>37</sup> Na tese de Camila Vieira (2022), a autora percorre o material de dois sujeitos, à luz das ideias saussurianas, mostrando que a fala da criança pode exibir “delimitações nas subunidades da palavra que são divergentes daquilo que está instituído na língua convencional” (Vieira 2022, p. 168). (i) e (ii) ilustrariam este fato.

<sup>38</sup> Nas publicações de Luiza Milano indaga-se sobre o lugar do fônico, assim como sobre o lugar da escuta nos estudos de Saussure. Frente ao que (ii) nos dá testemunho, é possível transpor uma formulação encontrada em Milano (2022), adequada para situar o feito da menina em (ii). Reponho o trecho da autora (Milano 2022, p. 72-73), com grifos meus: “(...) para que a *unidade* seja

e aquele que a massa/comunidade falante lhe atribui. Se vamos ao CLG, pode-se dizer que tal eventualidade está coberta por uma afirmação magistral do capítulo “As Entidades concretas da língua” (CLG, 1971, p. 123) – citação que poderá ser lida na página 28 do presente artigo. Nela, Saussure se interroga sobre feitos que hoje relacionamos com o potencial de equivocidade da língua(gem), tópico que guarda certa intimidade com questão das *vicissitudes* na recepção da palavra. Conservarei o termo *vicissitude* nos exemplos na seção 3, bem-vindo pela sua capacidade de abranger o inesperado que aflora no corpo de uma palavra, ocorrência às vezes insólita, às vezes divertida, aos ouvidos de quem escuta a criança – tornando necessário explorar seus efeitos no discurso, efeitos que vão da surpresa ao riso (Figueira 2001). Antes, um acontecimento envolvendo relações associativas (2.2) quando a criança está diante de uma palavra desconhecida.

## 1.2 Diante de uma palavra desconhecida: o alcance das relações associativas.

Lembremos que Saussure afirmava, em suas lições, que a EP não age “senão em condições particulares” (...) “que as pessoas assimilam imperfeitamente” (CLG 1971, p. 204)<sup>39</sup>. Tinha em conta, é certo, o falante adulto, diante de palavras técnicas ou estrangeiras, mas aqui visualizaremos a criança, e para tanto colocamos o leitor diante de uma instigante cena doméstica, onde é possível acompanhar a reação da criança, J, 4;5.25 de idade, frente a um vocábulo nunca antes ouvido.

Atenta à chegada do carteiro, J observa que este entrega uma carta a sua mãe; a menina se interessa por “ler” o que está escrito no verso do envelope. *É o nome do destinatário*, diz a mãe. Diante desta palavra que, certamente, ouvia pela primeira vez, a menina não perguntou o que é destinatário; o que ela fez, de pronto, foi disparar a pergunta: (iii) *Deu disse no Natal?*

Assim anotada em seu diário, a intervenção de J me pareceu inicialmente ininterpretável, depois ocorreu-me que seria uma forma de enfrentar uma palavra desconhecida (Figueira 1995, p. 68), com elementos de sua (da criança) pessoal relação com a língua, também com o que ela sabe sobre o mundo. O enunciado deixou de ser enigmático quando uma “pista” me guiou na interpretação. Próximo à entrada no mês das festas natalinas, em que se encomendam presentes, a ideia de algo dado a alguém: *deu*,

---

passível de ser considerada um signo linguístico, ela tem que *carregar* uma materialidade – sempre necessária – para, *à luz da lógica do valor, produzir contraste e diferença*, mas há também de sustentar a igualmente fundamental condição semiológica, que será *sua capacidade* (do signo? / da língua? / da linguagem?) *de significar*. O termo “carregar”, usado pela autora, é bem apropriado para o movimento de uma escuta que redefine recorte distinto da materialidade fônica, portador (*carregado* de significação), como em (ii).

<sup>39</sup> Conforme exposta no CLG (Saussure, 1971, p. 204): “A etimologia popular não age (...) senão em condições particulares, e só atinge as palavras raras, técnicas ou estrangeiras, que as pessoas assimilam imperfeitamente”. Considerando o caso de *imundar-imundação*, caberia uma observação: limitar o universo de palavras alteradas apenas ao segmento da formado por palavras raras ou técnicas é ignorar uma série de palavras que, na língua de todo-dia, se mostram afetadas pelo falante.

apontou como indício de um vínculo associativo que, naquele contexto, corresponderia ao que ouvi no restante da fala de J: *disse no Natal*.

Somando *deu* a *disse no Natal*, faz supor a ideia de que, para a menina, *destinatário* passava a ideia de uma resposta (por carta) a um pedido que fora dado (a alguém: *deu*); como consequência, respondido (*disse*), numa carta – suporte físico de uma resposta. Alguma semelhança fônica guardava (em potencial) a palavra que ela ouvira: ***destinatário***, com as partes em que fora decomposta, na pergunta à mãe. Duas delas até sonoramente aproximáveis: ***deu***; e ***-natário***, esta última próxima de ***Natal***, condizente, aliás, com o que se espera, como presente, na época natalina.

O episódio impressionou-me pela decomposição que retalhou a palavra *destinatário* em fragmentos e pela (re)composição, que a redesenhou em três fatias morfológicamente encadeadas numa estrutura sintagmática complexa, com verbo e complemento: *deu disse no Natal?*

Esta peça – devo dizer – comparece nesta parte do artigo, à guisa de sensibilizar o leitor para o quadro ou circuito de associações possíveis, justificando-se sondar aquelas que “*flottent dans la série indéfinie des rapports possibles*”<sup>40</sup>.

## 2 A criança: análise e discussão de episódios entre 2 e 5 anos de idade

Abordamos nesta seção a fala da criança, numa troca verbal com o adulto, seu interlocutor, em cenas do contexto doméstico. A seção se organiza em torno de nove achados, selecionados de seis sujeitos, buscando localizar a particularidade de sua fala, enquanto fato de língua, sem desconhecer seus efeitos na cena enunciativa, na relação da criança com o outro.

Serão exibidos inicialmente episódios de crianças brasileiras entre 2 e 5 anos. Na mesma faixa de idade, seguem-se episódios de criança em seu percurso com o francês-língua materna (excertos recolhidos por Aimard, 1975 e Bonnet e Tamine-Gardes, 1984). Iniciamos com J, em duas ocorrências: (1) e (2), registradas entre 3 e 4 anos de idade.

(1) (J convida a avó para jogar bola)

Avó. Eu não.

J<sub>1</sub>. Eu jogo *chutebol*.

M. Quê?

J<sub>2</sub>. Eu jogo *chutebol*. (3;1.25) (retomada de Figueira 2022, p. 39)

Não é difícil concluir sob qual motivação se deu a alteração na palavra *futebol*: um

---

<sup>40</sup> No GT Estudos Saussurianos (ANPOLL, 2018) expus o trabalho: “A Palavra: sede de inovações que “*flottent dans la série indéfinie des rapports possibles*”, incorporando a contribuição de Normand (2001) – levada adiante no GT seguinte (ANPOLL, 2020): “A fala da criança: domínio empírico para a teorização saussuriana: do jogo previsível à imprevisibilidade do jogo”, trabalho publicado nas atas do encontro (Figueira 2020).

jogo que se pratica com o chute. Interpelada pela mãe, J não parece dar-se conta de que fala diferente do adulto. É adequado agora levantar a pergunta: o que há numa palavra que a torna sede de um revestimento semântico? A resposta pede considerar o vínculo associativo, passível de se alojar na porção inicial da palavra conhecida como *raiz*.

Observação relevante: J não frequenta escola bilíngue a ponto de sugerir uma participação do ing. **football** (empréstimo desta língua), nem está exposta, no contexto parental, a falantes do inglês. A ideia que domina na produção de J é a de “chute” (que naturalmente se associa a *pé*) e, como tal procede do tesouro da língua portuguesa, de onde emerge **chutebol**, que “mexe” na estrutura sonora complacente da palavra (conclusão a que chega o linguista).

Ao toque de uma relação de base semântica, altera-se, nesta posição, a “fisionomia” da palavra *futebol* para o nome daquele jogo neste estado de língua. Encontramos aqui a polissemia da palavra *jogo*: *jogo* é ao mesmo tempo o nome dado àquela atividade esportiva, como também é o nome do processo que põe a língua em movimento na fala desta criança.

J não se dá conta da novidade que brota em sua fala. Ao investigador, cabe explorar o *feito* de língua, bem como a *posição* do sujeito neste processo. Indiferente ao que na fala da mãe (*quê?*) funcionaria como apelo para ela rever o que dissera, J repete *chutebol*, sem reformulação sobre a palavra. A menina não atina com a variação que impõe à palavra; melhor dizendo, não tem escuta para aquilo que em sua própria fala constitui uma inovação.

Seguindo com outro episódio, o mesmo pode ser dito de (2) *varamé* (por *varal*), que procede da mesma criança. No ponto em que a oportunidade fônica o permitiu, isto é, amalgamado à raiz, a palavra *varal* cruza com *arame*, acrescentando ao nome da coisa um matiz semântico associado à representação daquilo de que se fala (o varal é feito de arame). É a partir desta associação que *arame* se intrometeu na palavra com que J responde à sua mãe, no episódio abaixo.

(2) (a mãe pergunta à criança)  
M. Onde seu pai machucou?  
(a menina responde sem hesitar)  
J. *No varamé.* (4;10.3)

Espontânea e naturalmente empregada, a palavra entrecruzada *varamé* é registrada como uma novidade do léxico de J. Da inovação, J não se dava conta, nesta e nas demais ocorrências em que, para falar do mesmo objeto, usava *varamé*.

Passemos ao diário de Al, fonte preciosa de achados de uma menina, cuidadosamente registrados por sua mãe<sup>41</sup>, por volta dos 3 anos de idade da garota. Dispomos de duas ocorrências interessantes: na primeira delas, diante de uma

---

<sup>41</sup> Sou grata a Daniela Marini-Iwamoto pelo material que generosamente me disponibilizou.

dependência de hospital, chamada *berçário*, a criança (3;3 de idade), a ela se refere como:

(3) bebezão

Fácil de explicar, a alteração procede de uma relação semântica subjacente, cujo produto é passível de ser glosado como: “lugar em que colocam os bebês”. *Bebê* e não *berço* faz pouso na raiz da palavra.

Em idade mais inicial, aos 2;5.27 de idade de Al, vamos encontrar no seu diário, como a menina se referia do *travesseiro*:

(4) cabeceiro.

Trata-se de uma inovação que evoca a função a que se presta o objeto. É comparável à ocorrência registrada por Henri Frei, em *La Grammaire de Fautes* ([1929], 2011, p. 61). Entre os franceses, o nome da capa que reveste o travesseiro (*fronha*, como chamaríamos) é *taie d'oreiller*, mas é produzida *tête d'oreiller* na fala corrente de muitos adultos.

Aproximando as duas denominações que sofrem alteração (a de Al e a dos francófonos) é possível enxergar uma nomeação descritivamente “adequada” à sua utilidade. *Tête d'oreiller* e *cabeceiro* tornam visível (transparente) a relação do nome ao que ele evoca ou representa, o lugar onde depositamos a cabeça: **cabeceiro**; **tête d'oreiller**. Usamos negrito para realçar que, no português, isso se dá numa única estrutura vocabular, pela boca de Al.; no francês, num sintagma composto por *tête* (port. *cabeça*). Para o autor de *La Grammaire de Fautes* (1929), a designação responde à necessidade de “ramener l'inconnu au connu” (id. ib.). Em sua época, Henri Frei, como afirma Béguelin, é “uma voz discordante no contexto de descrédito” pelas etimologias do povo. Basta ler a passagem abaixo:

(...) de termes comme “étymologie populaire”, contamination, contagion, etc, font trop souvent croire qu'il s'agit de formes essentiellement pathologiques. Cela suppose un malentendu constant, car l'incorrect (point de vue normatif) est loin d'être nécessairement un déficit (point de vue fonctionnel) (Frei [1929], 2011, p. 50; grifo meu).

Voltemos a nosso dado (4). No registro diário ele é seguido de um comentário espontâneo, que não escapou à mãe de Al, adequado para mostrar como se comportam os familiares ao se depararem com os acontecimentos linguisticamente relevantes de suas crianças.

“CRIATIVIDADE. Alice tem outro nome para “travesseiro”: ela descansa a cabeça de noite no “cabeceiro”! Quer uma palavra com mais sentido que esta? Rsrtrs”

Recebido como: *Quer uma palavra com mais sentido que esta? Rsrtrs”, cabeceiro*

detêm o sabor de um achado, que passará a integrar a pauta do pesquisador, na forma de uma reflexão acerca relações que subjazem ao léxico inicial do pequeno falante<sup>42</sup>. Despertando risos, esta (e outras ocorrências) lembram autores sensíveis à fala singular da criança. Mia Couto é um dos que enxergam “a infância autorizada pelo brilho da palavra” (Couto 2002, p. 21). Conforme mostramos, no conto “Um Visitante Clandestino”, o autor introduz na fala de seu personagem (um garoto em visita a aeroporto) inovações: *migraceiro*, *passaporteiro*, deixando-nos com o pensamento: “a criança tem a vantagem de estrear o mundo, iniciando outro matrimônio entre as coisas e os nomes” (Couto 2002, p. 21)<sup>43</sup>.

Vamos seguir com um diálogo que procede de uma sessão gravada, aqui incluída por comportar um cruzamento de palavras. Trata-se de R, uma das crianças que integra o acervo do CEDAE, projeto Aquisição da Linguagem Oral. Em cena estão a mãe e a filha R, de 4;10 de idade, acompanhadas da prima de R. Diante de um livro de estórias, a conversa gira em torno de animais. Eis como Vieira registrou o excerto:

(5) (R com a mãe e uma prima, lendo histórias; o diálogo se desenrola, apontando um animal)  
M: como é que ele chama?  
R: não sei, esqueci.  
M<sub>1</sub>: rino...  
R<sub>2</sub>: sauro.  
M: rinoceronte.  
R: rinoceronte.  
M: rinossauro?  
(fonte: CEDAE; dado recolhido por Camila Vieira, a quem agradeço; apresentado pela primeira vez em Figueira, 2022, p. 35-36)

Como a criança não se lembra do nome do animal, a mãe oferece o começo da palavra: *rino*... R completa com: *sauro*, o que nos dá *rinossauro*, uma forma híbrida que se cruzou com parte de outra palavra: *dinossauro*!

Podemos dizer que esta surge via associação semântica e formal. É semântica, porque aproxima nome de dois animais; formal, porque entre *rino(ceronte)* e *dino(ssauro)* existe uma coincidência sonora: a assonância -ino (em **rino** e **dino**), que tal qual um gatilho, evoca outro nome (nome de outro animal): *dinossauro*. Neste ponto da cadeia sonora, comparece o que estamos chamando *fator homofônico*, que, de forma latente, ao convocar *dinossauro*, dá por resultado uma palavra tecida em trama mista, amalgamada: *rinossauro*. A mãe de R, então, toma seu turno, dizendo: *rinoceronte*

<sup>42</sup> A mãe de Al é a linguista Daniela Marini-Iwamoto, que me presenteou com o fato e com o comentário sobre o efeito, incluído no diário – precioso – de sua filha.

<sup>43</sup> Encantado na visita ao aeroporto, o menino desembrulhava novidades no seu vocabulário. Mia Couto, ele próprio, se permite, como narrador, espalhar algumas palavras entrecruzadas na escrita: *admoestar* assume a forma *admolestar*, cruzamento que deixa patente o efeito causado em quem recebe uma advertência: um garoto *molestado* pelas correções da mãe à sua fala (Figueira 2011).

Discursivamente, o episódio expõe uma vicissitude do jogo de nomear animais. Surpreendemos, como acabamos de ver, nos lances M<sub>1</sub> e R<sub>2</sub>, um enredamento na forma de uma palavra, tecida numa situação de interação conjunta, entre adulto e criança. Na superfície da fala, *rinossauro* é uma composição, para a qual M contribuiu com *rino* e R completou com: *-sauro*.<sup>44</sup>

Quem observa os processos de formação das palavras está acostumado a ver divertimentos lexicais fundados num cruzamento vocabular. Eles se estendem dos nomes comuns aos nomes próprios e muitos frequentam as páginas dos escritores num à-vontade de produzir efeitos novos, alguns chistosos<sup>45</sup>. Outros, em suas narrativas despertam efeitos poéticos: Mia Couto, Guimarães Rosa, para citar dois autores que oferecem aos leitores a fruição (estética) daquilo que cabe numa palavra.

Nosso foco, nesta altura, contemplará material da trajetória de crianças francesas em relação com sua língua materna. Fomos buscar exemplos em Aimard (1975), começando com Pierre-Yves, aos 2;8 de idade. Para se referir a *mobylette*, proferiu uma palavra que acomodou parte de outra (*moto*); num entrecruzamento de duas palavras:

(6) *Motobylette* (moto + mobylette) (Aimard 1975, p. 167)

Prosseguimos com o foco sobre relações. Agora, apresentando (7), um episódio extraído de Bonnet e Tamine-Gardes (1984, p. 120). Foi escolhido porque permite ilustrar como uma palavra pode, numa interlocução, tomar caminho inesperado, a partir de uma associação favorecida pela cadeia sonora, que subitamente muda o rumo da conversa. De acordo com o registro, na cena falava-se de ameixas (fr. *pruneaux*). Naquele contexto a menina, Valérie, 3;7 de idade, proferiu o seguinte enunciado:

(7) V. Je veux un Bruno!

O mínimo que se pode dizer é que *pruneaux* sonoramente evoca *Bruno*, relação marcadamente pelo som, despertada pela semelhança fônica entre *pruneaux* et *Bruno*. A substituição de “ameixas” por um nome próprio, numa requisição como *Je veux un Bruno!* é curiosamente um pedido, mas por certo, de algo não comestível. Isto dirige a atenção do leitor para supor um toque de humor<sup>46</sup>, que emana da fala da menina naquele cenário – feito, ou efeito, que faz parte também do jogo da linguagem, tomado no âmbito que inclui

---

<sup>44</sup> No CLG consta a palavra *hibridismos*. Para o fenômeno que, na teoria lexical, se denomina cruzamento ou fusão vocabular, uma boa análise que considera seu efeito marcadamente expressivo, encontra-se em Basílio (2010). Para o lugar de Saussure no estudo das estruturas lexicais, ver da mesma autora (Basílio 2021).

<sup>45</sup> Aimard (1975, p. 166-167), menciona de Freud (“Le mots d’esprit et ses rapports avec l’inconscient”), o clássico exemplo do *famillionnaire*, apontando o que retém de *millionnaire*.

<sup>46</sup> Outras intervenções no diálogo criança-adulto em que há alinhamentos sonoros resultam em gargalhadas. Em registro de Bonnet e Tamine-Gardes (1984, p. 120), Delphine, 3;4 de idade, responde a seu pai, rindo às gargalhadas.

(alors que son père lui souhaite *bon dodo*, respote)

Bon *dudu*. Bon *tutu*; et rit aux éclats (dans le langage familial, un *dudu* = yoghourt, le *tutu* = son sexe).

as relações entre os interlocutores.

Outro registro, (8) abaixo, é uma interessante designação de Emmanuel, aos 5 anos de idade, recolhida do livro de Aimard (1975, p. 157):

**(8) E. dessin allumé (por dessin animé)**

A denominação para desenho animado, em francês: *dessin animé*, foi longamente usada por Emmanuel como: *dessin allumé*. Conforme descreve a autora, neste uso reside uma relação *paronímica*. Por definição parônimos são palavras de pronúncia muito parecidas, mas de sentidos diferentes<sup>47</sup>. No caso acima, a distância semântica não é tão grande. Relata Aimard que persistiu por longo tempo, na fala deste menino *dessin allumé* – emprego que foi igualmente observado, como acrescenta, na fala de crianças mais velhas. Neste ponto, damos a palavra à autora: “L’idée qui domine chez l’enfant est celle d’un spectacle lumineux ou du contraste entre l’écran lumineux et la salle qui est noire; alors que *animé* ne correspond à rien de précis dans cette situation” (Aimard, 1975, p. 157)<sup>48</sup>. Nesta renomeação, aflora uma relação em que (*dessin*) *allumé* abriga um sentido, digamos mais relevante, para os pequenos.

Entre os inúmeros achados expostos em *Les Jeux de Mots de l’Enfant*, nenhum supera em ineditismo aquele que foi registrado aos 3 anos de idade de Emmanuel. Esta ocorrência vem enriquecer a discussão sobre o amplo espectro que o emprego de uma palavra assume num diálogo, levando a falar de um *jogo na/da lingua(gem)*, jogo que conduz a efeito desconcertante. Foi deixada para o final, já que a questão da homofonia está desafiadoramente implicada nela.

**(9) (Emmanuel, 3 anos)**

Sa mère: Le temps est *pluvieux* aujourd’hui. 1)

E. Pourquoi, quand il fera beau, le temps sera *plus jeune*? 2)

(Aimard 1975, p. 150)

Primeira observação: a resposta do garoto à mãe (M, daqui em diante) é perturbadora, inesperada. Nela, misturam-se de maneira extravagante, ideias e atributos associados a “tempo”. A mãe (= M) falava de uma condição climática, enunciando um estado do tempo: *chuvoso* (fr. *pluvieux*). Na fala do menino, tempo aparece como entidade que comporta uma apreciação, que pende entre: fr. *vieux* e *jeune* (port. *velho* e *jovem*).

De onde parte tal raciocínio? Desconcertada pela resposta, M pode atinar que o menino foi levado a pensar outra coisa a partir de: *Le temps est pluvieux aujourd’hui*.

<sup>47</sup> Ver no Dicionário das Ciências da Linguagem (Ducrot-Todorov, 1972, p. 307), menção a paronímia e homonímia. Segundo os autores, na primeira a semelhança entre os significantes é parcial; na homonímia é perfeita.

<sup>48</sup> “A ideia que domina na criança é a do espetáculo de luzes ou do contraste entre a tela de luz e o quarto preto; enquanto *animado* não corresponde a nada específico nesta situação” (trad. minha).

Buscando os termos descritivos necessários para recobrir o movimento de 1) a 2), diríamos que para Emmanuel, ao ouvir *pluvieux* (port. *chuvoso*), derivado de *pluie* (port. *chuva*), este foi objeto de outra interpretação: *plus* (palavra de gradação) seguido de *vieux*, qualidade atribuída a tempo, que resulta em um conteúdo semântico, que o faz formular uma indagação inesperada à sua mãe.

Chegando ao linguista, este material desperta a atenção por desvelar o que cabe numa palavra morfológicamente complexa. Graças a uma escuta diversa de *pluvieux*, esta culmina com a pergunta: *Pourquoi, quand il fera beau, le temps sera **plus jeune**?*, na qual reconhecemos uma associação insólita, que leva a dizer: a fala de Emmanuel encerra um movimento que desata e recompõe em outras peças o *continuum* sonoro. Exibe um *feito de língua*, que levanta o véu de um fato: a equivocidade da linguagem, a partir de uma interpretação singular na escuta da palavra *pluvieux*, para a qual coube, na indagação do garoto, encontrar o antônimo de *vieux* (*jeune*). O fato, descrito como segmentação divergente, encerra uma pauta semântica, em que subjaz (por detrás) um desdobramento sobre o atributo imputado a tempo: *temps non vieux = temps jeune*.

Num texto recente priorizei este achado, assinalando que, se tivesse saído da boca de um adulto poderia ser belo jogo de palavras<sup>49</sup>, fazendo juz ao efeito surpreendente sobre o potencial semântico da palavra *pluvieux*. Momentaneamente decomposta em dois novos signos, dentro do (re)ciframento em que o menino se move, este dirigiu a M a pergunta que o inquietava. Se não era imediatamente visível ou esperada pela interlocutora, fora imaginada ou percebida pelo menino. Parece ser, então, o caso de dar plena acolhida ao que nos chega do legado saussuriano, enquanto traçado aberto a relações. Se existe no CLG uma passagem a nos revelar brilhantemente esta condição, esta pode ser encontrada, no capítulo “As entidades concretas da língua”, onde se lê a lúcida formulação de Saussure: “é difícilimo *desenredar*, numa cadeia fônica, o jogo das unidades nela contidas e dizer sobre quais elementos concretos, a língua opera” (CLG, 1971, p. 123; grifo meu). Essencial para certas instâncias da língua(gem) na infância, mostra-se adequada sempre que nos deparamos com a não-univocidade das sequências manifestas<sup>50</sup>.

## Considerações finais

As palavras exercem sobre os autores, linguistas ou não, um interesse tal que não é fácil dar conta de quantos se pronunciaram sobre sua natureza. Neste artigo, a estrutura da palavra desperta a atenção pelo que oferece de novidade, seja na sua produção (como

---

<sup>49</sup> Ou a resposta a uma adivinha. Com efeito, é possível construir desafios num jogo verbal, que tira proveito de segmentação divergente. Para um estudo sobre adivinhas, ver Marini-Iwamoto (1999).

<sup>50</sup> O episódio de Emmanuel integrou uma apresentação no 18th IPrA, em julho de 2023, ilustrando a ideia de que a língua é um espaço equivocizante, «contingemment logée dans le *continuum sonore*, source de *vicissitudes* du symbolique, *hic et nunc*».

na maioria de nossos exemplos) ou na recepção pelo ouvinte, de um ato de fala. Se há um ponto em comum, já o deixamos indicado: associações.

Na década de 1940, Serafim da Silva Neto (1946), cita Albert Dauzat (*Histoire de la Langue Française*, 1934), lembrando a insatisfação quanto à nomeação etimologia popular, e indica uma designação alternativa: *atração homonímica*. Quem nos esclarece a este respeito é Almeida Torres (s/d):

“La dénomination d'étymologie populaire... est très mauvaise, car elle donne à entendre que le sujet agit avec réflexion ce qui est faux”. (Dauzat : *Histoire de la langue française*, p. 234. Paris, 1934).” À etimologia popular prefere-se, hoje em dia, chamar atração homonímica, uma vez que a designação antiga podia dar a entender a existência de uma consciência popular em inventar étimos — o que é absurdo. (Serafim Neto: *Fontes do lat. vulg.*, p. 184. Rio, 1946; grifos nossos)

Ullmann (1964), para quem também não é correto reduzir a EP ao emprego errôneo das palavras, reserva no livro *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*, um espaço de abordagem em torno da oposição: opacidade *vs* transparência<sup>51</sup>.

Concentramos nossa atenção em evidência empírica a nosso alcance, reunindo material para sustentar uma discussão sobre a natureza do funcionamento simbólico afeito à palavra, feitos que, na fala da criança, incide sobre parte da estrutura vocabular. Podendo ser descrito como um movimento em que entra em jogo um fator de base homofônica, sua forma dá a ver uma camada de sentido que passa pela via de associações. Neste artigo, tomamos os escritos de Béguelin como referência bibliográfica principal, uma vez que nela está formulada a noção de *remotivation sémantique*. Para quem se ocupa da fala da criança, há palavras que nos desafiam a considerar quão aproximáveis podem ser ao fenômeno das EPs, repertoriados na fala do adulto.

Para a linguística, trata-se de um tópico relevante de investigação, levando a rever a ideia que perdura na designação já antiga *etimologia popular*. Se é fato que o falante não busca a origem histórica na palavra que profere alterada, partindo de Saussure é possível pensar numa renomeação, como efeito de uma relação associativa a determinar uma alteração visível no *continuum* sonoro.

Com apoio numa base empírica compreendida pela trajetória de crianças aprendendo a língua materna (português e francês), procuramos, com os fundamentos que procedem da matriz teórica saussuriana, olhar em direção a feitos que, colocados em terreno próprio, a Aquisição de Linguagem, mostraram-se úteis para a pesquisa em torno de vicissitudes da fala, universo variado regido por relações.

Ao lado de exemplos clássicos de EP no universo de fala adulta, ao trazer exemplos

---

<sup>51</sup> Ullmann destina um capítulo de seu livro a: “Palavras transparentes e opacas”. Certamente a contribuição deste autor acerca do movimento de opaco a transparente é algo a ser considerado na fala da criança, num prolongamento de nossa pesquisa. (ver nota 13).

do léxico infantil, coube-nos neste artigo, explorar, o movimento que, ao toque de relações faz surgir uma palavra, digamos *re-tocada* (em vez de *estropiada* ou *maltratada*), pelo sopro de um elo associativo que se faz presente na materialidade sonora, fenômeno distinto da mera variação fonética. Há casos em que a novidade, efêmera, habita a fala singular de uma só criança (veja-se (1), por exemplo; outras ocorrências (conforme relatado por Aimard), são encontrados fala de mais de um sujeito.

Com apoio na teorização de De Lemos (2002), buscamos reconhecer *posições* do sujeito falante numa estrutura (Figueira 2023b), atentando para o feito linguístico<sup>52</sup> e seu efeito no discurso. De seu lado, a criança pode experimentar *posições* diferentes: fica alheia à novidade que emergiu em sua fala, como J em (1) ou (2); contesta o interlocutor, como na réplica de D: (i) *Non, c'est des primes jaunes*, em que o item *primevère* se desdobra a uma função, a proveito de objetivar a realidade, dividindo-se em dois: *prime* e *vert* (= port. *verde*), *vert* pronto a ser trocado por *jaune*.

Segura de seu dizer está esta menina ao declarar: *Non, c'est des primes jaunes*. E quanto a outros sujeitos, como J, em: *Eu jogo chutebol?* Neste enunciado, não havendo marca de reformulação, é possível supor que a menina não tem escuta para a diferença entre sua nomeação e a de sua interlocutora. Mas o que (1) traz para o pesquisador é a evidência de um movimento, cujo funcionamento repousa em *relações* que se enredam na estrutura da palavra, pela via de associações. Para este recorte empírico, é oportuno recordar uma afirmação magistral de Saussure: “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (CLG [1916] 1971, p. 146). Nos casos examinados, relações disparam por homofonia, o produto nem sempre sendo passível de reconhecimento por quem fala.

Na seção 3, a iniciativa de considerar um a um cada excerto, individualmente, faz frente, é preciso dizer, a uma necessidade essencial numa proposta que encara o feito na sua singularidade. Isto é: contemplar em contextos *hic et nunc*, o lance que, no *dictum*, dá lugar a uma resignificação da materialidade fônica, condizente com a qualidade ilocucionária que *le dire* encerra enquanto ato de fala. Vimos na fala de D, uma réplica; na fala de V, um pedido, na de E, uma pergunta.

Este artigo usa a designação etimologia popular, modalizando-a “em torno da chamada etimologia popular”, abrigando acontecimentos lexicais, cujos produtos são palavras *reformadas*. Nesta renomeação fomos guiadas pela imagem saussuriana do balão que insufla de sentido um segmento da pauta sonora, em ato de fala. Os produtos

---

<sup>52</sup> A *língua*, cuja ordem é apenas *relativamente estável*, está sujeita ao jogo do fazer e refazer de *valores* atribuídos à matéria fônica, na *fala*. Não é por outra razão que designar a condição da criança como vir-a-ser-falante (como o faz De Lemos), contempla um processo, marcado pela heterogeneidade, recheado de acontecimentos que dão confirmação cabal para a condição de movimento da língua, permitindo recordar o que se lê em Saussure: “Em nenhum momento um idioma possui um sistema perfeitamente fixo de elementos” (CLG, 1971, p. 199). Para Parret, (*sa*) *mouvance*.

mobilizam do *tesouro da língua*, via homofonia, uma relação de sentido que se acomoda ao corpo complacente da palavra. Uma palavra habitada por outra palavra.

Finalmente, cabe dizer, já com vistas a uma conclusão, que ao penetrar na especificidade deste fenômeno, não almejamos esgotar o assunto nem a bibliografia existente, mas enxergamos espaços afins de investigação e para eles destinamos, a título de desdobramento da pesquisa, um olhar atento ao lugar ocupado pelo cruzamento vocabular (ou *mot-valise*). Escritores que se deixam tocar pela porosidade da palavra (Guimarães Rosa, Mia Couto, para citar apenas dois deles), nos brindam com recriações que alcançam a poesia.

Outros autores se contentam com o riso quando, a título de diversão, montam não um “Dictionnaire de Mot-valise”, mas um “Fictionnaire de Mot-valise », caso de Alain Finkielkraut, em *Petit Fictionnaire Illustré. Les Mots qui manquent au dico* (1981)<sup>53</sup>. Enquanto espaço de existência de palavras novas, recusamos para o cruzamento vocabular, o estatuto de procedimento marginal: a arte literária faz bom proveito deles, largamente presente também na fala ou na escrita ordinária de adultos. São abundantes no chiste, em que palavras são a sede e o meio produzir efeitos inusitados. Desafiantes, comparecem numa classe de adivinhas, o jogo verbal.<sup>54</sup> Enquanto manifestação do funcionamento simbólico, nosso interesse sobre a estrutura da palavra caminha na direção deste rico e desafiante universo, por explorar em futuro trabalho.

## Around the so-called folk etymology: focusing on the vicissitudes of speech

### Abstract

*This paper seeks to revisit the so-called “folk etymology” by focusing on particularities of speech in childhood, similar to what in adult linguistic usage. Addressing this phenomenon through Béguelin's publications (1993, 1995, 2002) opens up a perspective for analyzing the phenomenon based on Saussurean reflection, bringing to light what could be called the vicissitudes of speech – a designation found in De Lemos (2002), attributed to findings on the child's relationship with language in interaction with each other. Taking such a designation to the lexical events of the child's speech allows us to account for occurrences due to associative relations, phenomenon distinct from analogical innovations. The research explores material collected between the ages of 2 and 5, along with the trajectory of children with Portuguese as their mother tongue. In the same age range, it incorporates findings from the process of acquisition of French as their mother tongue: extracts from Aimard (1975) and Bonnet e Tamine-Gardes (1984). By covering the phenomenon in adult speech, and its similarities in childhood, this material will be analyzed based on what we call the “homophonic factor”. By acting on the sound continuum, this factor promotes a semantic remotivation (Béguelin 2002) in the body of a word, via phonic similarity with another word, which is associated with it. A vicissitude of speech, which allows us to unveil a facet of symbolic functioning, which is important to characterize in its diversity and complexity, considering the ideas left by Saussure. It is our purpose to extend the research to puns, mots d'esprit and riddles, an empirical scenario that offers itself for investigation within the same theoretical framework (as already announced, Figueira 2020, 2022, 2023a).*

**Keywords:** Mise-en-rapport. Vicissitudes of the word. Child language. Semantic (re)motivating. Homophonic factor

<sup>53</sup> No horizonte da pesquisa figura explorar esta pequena publicação, já descoberta por Mortureux (1997).

<sup>54</sup> Em 2.2 chamamos de “enigma” o que se observou em (iii) *deu disse no Natal*. Em (10) é enigmática a pergunta de E ao ouvirmos: *Le temps est pluvieux aujourd'hui*. Nesta, relações insólitas emergem, ao ponto de ser possível figurar num jogo verbal, construído a maneira uma pegadinha entre um desafiado e um desafiante – um tema atraente de pesquisa.

## Referências

- AIMARD, P. **Les jeux mots de l'enfant**. Paris: Éditions SIMEP, 1975.
- ALMEIDA TORRES, A. **Etimologia Popular**. Disponível em. <http://revistas.ufpr.br/article/downloads/19909/1341134>. s/d.
- BASÍLIO, M. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade das construções lexicais. In: BRITO, A. M., SILVA; M. de F. H.; VELOSO, J.; FIÉIS, A. (orgs). **Textos Selecionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Porto, APL, 2010. p. 201-210.
- BASÍLIO, M. M. Saussure e as estruturas lexicais. **Diadorim**, vol. 23, n. 2, 2021. p. 159-166.
- BÉGUELIN, M-J. Motivation et remotivation des signes linguistiques. In : CHRISTOL, A. ; LAMBERTERIE, C. de; PERPILLOU, J.-L. (éds.). **Étymologie diachronique et étymologie synchronique en Grèce Ancienne**, Paris: Klincksieck, 1993. p. 9-30.
- BÉGUELIN, M-J. Saussure et l'étymologie populaire, **Revue des linguistes de l'université Paris X**, Nanterre, 7, p. 121-138, 1995.
- BÉGUELIN, M-J. Étymologie «populaire», jeux de langage et construction du savoir lexical. **SEMEN**, 15. Disponível em <https://doi.org/10.4000/semen.2414>.
- BONNET, C.; GARDES, J. **Quand l'enfant parle du langage**. Brusella: Pierre Mardaga, 1984.
- CHAVES DE MELO, G. Etimologia Popular, 1946. **Confluência**, vol. 22, 2001, Rio de Janeiro. p. 227-232.
- COUTO, M. **Cronicando**. Lisboa: Caminho, 2002. 7.a ed.
- DAUZAT, A. **Histoire de la Langue Française**. Paris: Payot, 1934/1930.
- DE LEMOS, C. T. G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio, **Substratum**. 1992. p.121-136.
- DE LEMOS, C. T. G. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. **Letras de Hoje**, vol. 30, n. 4, 1995. p 9-28.
- DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, IEL-UNICAMP, 42, 2002. p.41-69.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dicionário das Ciências da Linguagem**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972.
- FIGUEIRA, R. A. A palavra divergente: Previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais da fala de duas crianças. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, 26, Campinas: Unicamp/IEL, 1995. p. 49-80. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639249>
- FIGUEIRA, R. A. Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso... humor e aquisição da linguagem, **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, 7. Campinas: Pontes, 2001. p. 27-61. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8661679>
- FIGUEIRA, R. A. O que a investigação sobre o erro na fala da criança deve a Saussure, **Cadernos de Estudos Linguísticos** 52,1, 2010. p. 115-143.

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637206>

FIGUEIRA, R. A. A fala da criança em dois recortes: a pesquisa e a ficção. **Actas del XVI Congreso de la ALFAL**, Alcalá de Henares, Cesteiro e Molina (compiladores), 2011. CD-Rom.

FIGUEIRA, R. A. Em torno da analogia: a contribuição de Saussure para a análise da fala da criança. **Prolíngua** 10, 2015. p.174-185.  
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/27596>

FIGUEIRA, R. A. *Toucher du doigt le jeu du mécanisme linguistique*: investigando a língua em movimento na fala da criança. **DELTA** 34, 3, 2018a. p.143-176.  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39656>

FIGUEIRA, R. A. La langue en mouvement: ce que la théorisation sur les occurrences divergentes doit à Saussure. In Gambarara, D. e Reboul, F. (orgs.) **Le CLG 1916-2016. Le Devenir**, 2018b. Acesso online <https://www.clg2016.org/documents/CLG2016-Figueira.pdf>

FIGUEIRA, R. A. A fala da criança: domínio empírico para a teorização saussuriana. Do jogo previsível à imprevisibilidade do jogo. **Atas do GT Estudos Saussurianos, XXXV ENANPOLL**, 2020. <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-e-poster-trab-aceito-0863-1.pdf>

FIGUEIRA, R. A. A reflexão saussuriana na investigação da fala da criança: algumas questões e perspectivas. In Shiro, M.; Bolívar, A. e Marinkovich, J. (eds.) **Procesos de Aprendizaje de la Lengua Oral y Escrita: Teoría y Práctica**. Coleção ALFAL, 3, São Paulo: Líquido Editorial, 2022a. p. 27-51.  
[https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/P13\\_Estudio\\_Lengua\\_Escrita.pdf](https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/P13_Estudio_Lengua_Escrita.pdf)

FIGUEIRA, R. A. Os Matizes da agentividade nos nichos domésticos: focalizando a linguagem da criança entre 2;3 a 5 anos de idade. **Cuadernos de la ALFAL**, n. 14 (2). 2022b. p. 225-252.  
[https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/14\\_2\\_cuaderno\\_012.pdf](https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/14_2_cuaderno_012.pdf)

FIGUEIRA, R. A. Extratos diários da infância: um domínio empírico para a teorização saussuriana. In Pereira de Castro e alii, **Estudos Saussurianos Hoje**, Ariacne, 2023a.. p. 175-203.

FIGUEIRA, R. A. Fatos e (e)feitos da fala divergente: questões para a Aquisição de linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas: IEL-UNICAMP. vol. 65, 2023b. p.1-17. 2023b.  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8673645>

FIGUEIRA, R. A. (inédito) “A Palavra: sede de inovações que *“flottent dans la série indéfinie des rapports possibles”*”. Comunicação apresentada (maio de 2018) no **GT “Estudos Saussurianos”**, XXXIV ENANPOLL.

FINKIELKRAUT, A. **Petit Dictionnaire Illustré**. Les Mots qui manquent au dico. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

FREI, H. **La Grammaire de Fautes**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2011 [1929].

FREUD, S. **Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 8. Rio de Janeiro: Imago. 1996 [1905].

JOSEPH, J. E. **Saussure**. Tradução: Bruno Turra. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2023.

MARINI-IWAMOTO, D. **Um Estudo das adivinhas**. O Jogo verbal. Dissertação de mestrado (inédita). IEL-UNICAMP, 1999.

MILANO, L. A duplessência da linguagem : afinal, de que duplo se trata ? *In*: SILVEIRA, E.; HENRIQUES, S. M. (orgs). **Saussure** : Manuscritos, Aulas e Publicações. Uberlândia : EDUFU. 2022. p. 61-76.

MORTUREUX, F. **La Lexicologie entre langue et discours**. Paris : Éditions SEDES, 1997.

NORMAND, C. Des quelques effets de la théorie saussurienne sur la description sémantique. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 54. Genève: Droz, 2001. p. 163-176.

PAUL, H. **Princípios Fundamentais da História da Língua**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkain, 1966[ 1920].

PARRET, H. Notas do seminário ministrado na Universidade de Campinas (2007).

SILVA NETO, S. **Fontes do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 3.a ed, 1956.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1971 [1916].

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução M. Bagno. São Paulo: Parábola. 2021 [1916].

SAUSSURE, F. **Écrits de linguistique générale**. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler avec la collaboration d'Antoinette Weil. Paris: Éditions Gallimard, 2002.

SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale. Edição crítica por R. Engler**. Tomo 1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz. 1989.

TESTENOIRE, P-Y. Jeu de mots, jeu phonique et anagramme dans la réflexion linguistique de Saussure. *In* : FULL, B. ; LECOLLE, M. (eds). **Jeux de mots et créativité**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2018. p. 69-97.

ULLMANN, S. **Semântica**. Uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIEIRA, C. R. **Caminhos e limites da inovação lexical na fala da criança**. Dissertação de mestrado. 2015, 153 p. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1626067>. Acesso em: 9 out. 2024.

VIEIRA, C. R. **A(s) Unidade(s) da palavra em inovações lexicais**: singularidade no processo de aquisição da linguagem. Tese de doutorado. 2022. 200 p. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/6111>. Acesso em: 9 out. 2024.

# Aspectos epistemológicos da recepção de Saussure na linguística brasileira

Valdir do Nascimento Flores<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo busca delinear uma recepção do pensamento teórico de Ferdinand de Saussure no Brasil, a partir da análise da recepção do livro *Curso de linguística geral* na linguística brasileira. Elaborar-se, para tanto, uma perspectiva de entendimento de “recepção” com base em Milner (2021), em que adquire destaque a ideia de verificar em que sentido o entendimento de ciência linguística, no contexto disciplinar e institucional da linguística, brasileira, sofreu algum efeito de Saussure. Toma-se como índice de análise o advento da tradução brasileira do livro e seu contexto epistemológico.

*Palavras-chave:* Epistemologia da linguística. Ferdinand de Saussure. Linguística brasileira

Data de submissão: outubro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16409>

---

<sup>1</sup> Professor Titular em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS. Professor convidado na École Normale Supérieure - Paris/França, onde ministrou curso sobre a Recepção de Saussure e Benveniste no Brasil. Ministrou aulas também na Université de Paris III, como professor convidado. Possui Mestrado em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), Doutorado em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997), Pós-doutorado (CNPQ), na Université de Paris XII-Val-de-Marne, e Pós-doutorado (CAPES), na Université de Paris X - Nanterre, sob a direção de Claudine Normand. É professor/orientador do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS. É membro do Cercle Ferdinand de Saussure, com sede em Genebra (Suíça). <https://orcid.org/0000-0003-2676-3834> E-mail: [valdirnf@yahoo.com.br](mailto:valdirnf@yahoo.com.br)

*“podemos dizer que Saussure cumpriu bem o seu destino. Além da sua vida terrena, as suas ideias brilham mais longe do que ele teria podido imaginar, e esse destino póstumo se tornou como uma segunda vida, que se confunde para sempre com a nossa”.*

*(Émile Benveniste, “Saussure após meio século”).*

## Introdução: sobre a noção de “recepção epistemológica” de uma obra

A noção de “recepção”, quando aplicada a uma obra, nem é transparente nem é evidente. Muitas são as perspectivas que poderíamos assumir em relação a tal noção; algumas mais outras menos próximas aos estudos linguísticos. Especificamente no interior da linguística, podemos elencar abordagens como as produzidas no campo dos estudos pertencentes à chamada “história das ideias linguísticas” (Colombat; Fournier; Puech 2010) e à “historiografia linguística” (cf. Swiggers, 2013; Altman, 2021), ambas perspectivas complexas e responsáveis por interpretações que podem, ou não, convergir em numerosos aspectos.

Nosso trabalho aqui, ao tratar da recepção de Ferdinand de Saussure no Brasil, não deverá seguir nenhuma das abordagens acima lembradas, o que não implica propor algo que se contraponha a esses estudos, já tão consolidados no cenários brasileiro e internacional. Quer dizer, ao não assumirmos nem o viés da “história das ideias linguísticas”, nem o da “historiografia linguística” (cf. Leite, 2019), para falar da recepção de Saussure no Brasil, não estamos querendo estabelecer contraposição de nenhuma natureza. Nosso objetivo é mais modesto; ele resume-se tão somente no seguinte: queremos falar de uma recepção circunscrita ao aspecto epistemológico em sentido estrito; e usamos essa ideia à moda do que diz Jean-Claude Milner, em seu livro *Introdução a uma ciência da linguagem*. Vejamos:

A linguística deseja ser uma ciência. Além desse desejo, ela não tem nenhum status e só lhe resta se confundir com as práticas, muito antigas e muito estimadas, que agrupamos sob o nome de gramática. Evidentemente, o nome de ciência não se reveste de nenhuma evidência por si mesmo; sabemos que cabe à epistemologia especificar seu conteúdo; sabemos também que as doutrinas epistemológicas são variadas, de tal modo que a linguística é afetada por todos os equívocos e hesitações que marcam a questão da ciência (Milner, 2021, p. 15).

Ao que acrescenta:

Contudo, podemos e devemos ir além da história. *Podemos e devemos nos questionar sobre como a questão da ciência é pertinente para a linguística.* Ainda mais que, por motivos que deverão ser explicados, a linguística, como disciplina, se revela fortemente preocupada com uma epistemologia (Milner, 2021, p. 15, grifo nosso).

Nesse sentido, a proposta de Milner toca uma questão que para nós é crucial: “a articulação particular da questão da linguística e da questão da ciência” ((Milner, 2021, p. 16).

Sem dúvida, somos conscientes de que o recorte por nós estabelecido corre alguns riscos; em especial aquele que alertam Colombat; Fournier; Puech (2010, p. 11), ao problematizarem o uso do termo “teoria” para se referir a “teorias linguísticas”. Esse termos pode ligar-se a concepções que levam a concepção de ciência desenvolvida no ocidente a partir do século XVIII, o positivismo. Colombat, Fournier e Puech preferem o termo “ideias sobre a linguagem e as línguas” exatamente por ser

menos engajado epistemologicamente; ou, mais exatamente, que leva em conta um engajamento diferente, menos normativo, e mais respeitoso com a diversidade das formas que o saber pode tomar na história ou em outras culturas. Sob esse termo *ideia*, nós incluiremos todos os tipos de objetos que ultrapassam largamente aquele de “teoria”: há *conceitos* (por exemplo, partes do discurso), *procedimentos* (adição, subtração, mutação, permutação, de comparação etc., dos quais dependem conceitos linguísticos maiores, como elipse, ou analogia), técnicas (como aquelas da [de]monstração, que explica o recurso a exemplos, a paradigmas etc.).

Sim, sempre há essa possibilidade de que falam os autores. No entanto, queremos assim mesmo ver em que medida Saussure no Brasil produziu, ou não, aproximação com a ideia de “ciência linguística”, o que obviamente pode ser objeto de crítica no interior da própria epistemologia mobilizada. É nesse sentido que entendemos o título do presente trabalho.

Para levar a cabo nosso intuito, desenvolvemos nossa reflexão, inicialmente, em duas direções. Na primeira (cf. item 2), buscamos discutir um ponto essencial, segundo pensamos, quando se fala de Saussure no Brasil: a tradução do *Curso de linguística geral* (CLG). Fazemos isso relacionando-a à conjuntura epistemológica institucionalizada da linguística no Brasil antes da tradução do CLG; na segunda (cf. item 3), avaliamos as consequências epistemológicas que delinearam uma recepção (também epistemológica) de Saussure no Brasil. Por fim (cf. item 4), fazemos algumas considerações acerca dessa recepção de um ponto de vista que visa a relação da teoria com a busca de formulação de uma ciência linguística.

## 1 A tradução do *Curso de linguística geral* no brasil – conjuntura epistemológica

Antes de passarmos propriamente à discussão do lugar da tradução do CLG na recepção epistemológica de Saussure no Brasil, cabem algumas observações sobre Saussure no contexto brasileiro; faremos, na verdade, uma espécie de “desvio”, como forma

de relativizar a afirmação – subjacente ao nosso raciocínio – segundo a qual a tradução do CLG tem papel importante da recepção epistemológica de Saussure no Brasil, o que poderia ser entendido de maneira muito categórica. Quer dizer, não defendemos que a tradução foi a primeira e única maneira de introduzir o CLG nos estudos linguísticos brasileiros; é certo que se leu Saussure em sua língua original antes disso. O que defendemos é que, do ponto de vista de uma ampla circulação do texto (configurando, portanto, uma recepção), a tradução do CLG tem papel central.

Ora, é fato que a linguística sincrônica de Saussure chegou ao Brasil antes mesmo da tradução do CLG, e isso muito por conta – mas não apenas – do trabalho do linguista Joaquim Mattoso Camara Junior (1904-1970), reconhecido como pioneiro da linguística descritiva no país, seja do ponto de vista cronológico ou intelectual. No entanto, é importante destacar dois aspectos sobre Mattoso Camara: primeiro, ele foi profundamente influenciado pelo russo Roman Jakobson, com quem estudou em 1942, e essa influência moldou sua interpretação de Saussure nos quadros do que ficou conhecido como “estruturalismo saussuriano”; segundo, sua atuação nas Faculdades de Letras brasileiras foi limitada, pois passou grande parte de sua carreira ensinando em escolas secundárias, o que dificultou a difusão de suas ideias em meio a abordagens mais tradicionais, já consolidadas. Como apontado por Altman (1998, p. 104-105), suas propostas não alteraram de forma significativa o cenário acadêmico da época.

Em 1942, Mattoso publicou *Princípios de linguística geral*, primeiro manual de linguística do Brasil, que teve várias reedições. Nele, Mattoso reconhece Saussure como precursor da teoria da sílaba, além de destacar sua contribuição para a linguística sincrônica. Também mais tarde, em sua obra *História da Linguística*, postumamente em 1975, vemos Mattoso dedicar vários capítulos à explicação das ideias de Saussure e a colocá-las na origem da discussão sobre a ciência linguística. Diz Mattoso:

Devido à importância das ideias de Saussure na história da linguística, é conveniente resumi-las como se segue: 1) há uma linguística descritiva ao lado de uma linguística histórica e a explicação da mutação nada tem a ver com os fatos sincrônicos dela resultantes; 2) ambos esses estudos devem focalizar a linguagem como um padrão, abstrato, subjacente aos atos do discurso; 3) as formas linguísticas que constituem esse padrão nada mais são do que a relação entre o significante e o significado, isto é, entre complexos sonoros e o que eles significam; 4) essa relação é arbitrária ou, em outras palavras, não existe uma associação natural entre sons vocais e os conceitos por eles expressos; 5) a linguística, dessa forma, é a ciência de uma série de sinais vocais e um aspecto particular de uma ciência geral de sinais ou Semasiologia. De todas essas ideias, somente a primeira foi nítida e coerentemente expressa no Cours, de Saussure. O restante teve de ser debatido, ampliado e esclarecido no trabalho ulterior de seus muitos discípulos (Câmara, 2021, p. 149-150).

Mattoso compreendia amplamente a novidade do pensamento saussuriano. Leia-se

essa síntese, também presente na *História da linguística*:

O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da língua. Encarava-a como um sistema de signos. Ela se lhe apresentava como a realização mais elaborada e mais completa do homem em sua capacidade de operar com signos. Considerava a linguística, portanto, como um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos, ou Semiologia. Mas Saussure não se detinha na Semiologia em geral. Achava que a língua, como o mais elaborado e completo meio humano de usar sinais, devia ser estudada per se e que os princípios gerais sobre ela deviam servir como elementos para a criação de uma ciência geral de signos humanos. Dessa maneira, a linguística era, para ele, uma ciência particular dentro da ciência geral dos sinais, podendo ser a base para aquela ciência geral que estava ainda para ser erigida (Camara, 2021, p. 145).

Ora, está correto Mattoso. A linguística geral de Saussure é uma semiologia, uma semiologia linguística. Isso é bem evidente no CLG. A linguística geral de Ferdinand de Saussure é diferente da que a precede exatamente porque Saussure estabelece um ponto de vista inaugural – o semiológico, em que a língua é vista como um sistema de signos arbitrários, um sistema de valores: “esse princípio basta para delimitar a autonomia da linguística, deixando de lado a busca por causas, psicológicas ou sociais, das mudanças linguísticas” (Normand, 2000, p. 466).

Isso posto, cabe dizer que, apesar de considerarmos, neste trabalho, a tradução do CLG como um marco importante da recepção epistemológica de Saussure no Brasil, não podemos desconhecer que, antes disso, há, entre nós, alguma referência ao genebrino; Mattoso Camara é exemplar disso. Falemos um pouco sobre esse advento.

O *Curso de linguística geral* teve sua primeira tradução publicada no Brasil em 1970, pela Editora Cultrix. Na ocasião, a responsabilidade da tradução coube a Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Essa edição conta com um excelente “Prefácio à edição brasileira”, escrito por Isaac Nicolau Salum. Os tradutores incluíram poucas notas de tradução no livro, totalizando sete ao longo da obra. Essa tradução é, sem dúvida, tardia: é o próprio linguista Isaac Nicolau Salum em seu prefácio à edição que comenta em tom irônico: “A 1ª edição do *Cours* é de 1916 (...) a versão portuguesa sai com apenas 54 anos de atraso” (Salum, 1975, p. XIII). No “Prefácio”, explica ainda Salum (1975, p. XIII-XIV) que

A primeira foi a versão japonesa de H. Kobayashi, de 1928, reeditada em 1940, 1941 e 1950. Vem depois a alemã de H. Lommel, em 1931, depois a russa, de H. M. Suhotin, em 1933. [...]. A versão espanhola, de Amado Alonso, enriquecida com um excelente prefácio de 23 páginas, saiu em 1945, sucedendo-se as edições de 1955, 1959, 1961, 1965 e 1967, numa cerrada competição com as edições francesas. São as edições francesa e espanhola os veículos de maior divulgação do *Cours* no mundo românico. A versão inglesa de Wade Baskin, saída em Nova Iorque, Toronto e Londres, é de 1959. A polonesa é de 1961, e a húngara, de 1967. Em 1967 saiu a notável versão italiana de Tullio De Mauro, tradução segura e fiel, mas

especialmente notável pelas 23 páginas introdutórias e por mais' 202 páginas que se seguem ao texto, de maior rendimento, em virtude do corpo do tipo usado, ostentando extraordinária riqueza de informações sobre Saussure e sobre a sorte do *Cours*, com 305 notas ao texto e uma bibliografia de 15 páginas (cerca de 400 títulos).

Especificamente sobre a tradução brasileira, assim Salum a contextualiza:

a frequência das reedições e traduções do *Cours* nesta década de 60 que acaba de expirar mostra que já era tempo de fazer sair uma versão portuguesa dessa obra cujo interesse cresce com o extraordinário impulso que vêm tomando os estudos linguísticos entre nós e em todo o mundo. [...]. Acresce que o desenvolvimento dos currículos do nosso estudo médio nestes últimos anos impede que uma boa percentagem de colegiais e estudantes do curso superior possam ler Saussure em francês [...]. Mas, agora, o interesse público em Saussure cresce, e uma edição portuguesa se faz necessária para atender à demanda das universidades brasileiras.

Fica claro, a partir do que diz Salum, que o contexto institucional brasileiro requeria uma tradução do CLG para que as ideias do genebrino pudessem circular entre nós, com maior desenvoltura. É exatamente isso que lemos em “Saussure: rupturas e subversões”, de autoria de um dos tradutores do CLG, o professor Izidoro Blikstein:

o *Cours* fazia parte de um ousado plano de publicações, apoiado por José Paulo Paes, poeta, crítico e editor da Cultrix. Era um plano ousado, pois José Paulo acreditava que haveria mercado para autores de linguística e semiótica, uma vez que a linguística se tornara obrigatória para os cursos de Letras e Comunicação” (Blikstein, 2016, p. 182).

Blikstein esclarece ainda que foram traduzidas nessa mesma época obras de outros autores além de Saussure: Roman Jakobson, Roland Barthes, Maurice Leroy, Éric Buyssens, Algirdas Greimas. Diz ainda que assim “os estudantes passaram a conviver com as dicotomias saussurianas: língua/fala, sincronia/diacronia, significante/significado” (Blikstein, 2016, p. 183).

Ora, consideradas as informações acima, podemos pensar que a tradução do CLG, de certa forma, se “impôs” como uma necessidade de mercado no contexto institucional brasileiro.

O fato é que a linguística no Brasil era, no início dos anos 1970, quase uma novidade e a tradição brasileira dos estudos nesse campo não comportava grande referência a Saussure. O contexto institucional (Vandresen, 2001) da reflexão linguística no Brasil tem uma tradição bastante dependente dos estudos da gramática tradicional (normativa), da filologia (Cavaliere, 2000) e da dialetologia e apenas em menor parte da linguística geral, aí incluído Saussure (cf. Flores, 2017).

Os cursos de Letras no Brasil começaram a ser estruturados nas décadas de 1930 (Fiorin, 2006), dentro das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, voltadas ao estudo das humanidades e à formação de docentes. Isso significa que as Faculdades de Letras

têm menos de um século no país, sendo, portanto, uma criação bastante recente.

A linguística, entendida como disciplina institucional é, por sua vez, posterior a 1930. Somente em 1961 o Conselho Federal de Educação, vinculado ao Ministério da Educação, determinou que a linguística passasse a integrar o currículo obrigatório das Faculdades de Letras. Naquele período, existiam no país 83 Faculdades de Letras, cujo foco principal era seguir a tradição filológica portuguesa, abordando o ensino de línguas de maneira histórica e normativa.

Observe-se que se, por um lado, podemos pensar que a tradução do CLG se “impôs” em função de um mercado emergente, por outro lado, uma outra imposição se dá entre nós: a da própria linguística, que começou a fazer parte das Faculdades de Letras no Brasil por efeito de uma decisão governamental (é isso que lemos, acima, em Blikstein: “a linguística se tornara obrigatória para os cursos de Letras e Comunicação”).

Até o início dos anos 1960, o currículo dos Cursos de Letras era composto exclusivamente por disciplinas como Filologia, História da Língua Portuguesa, gramática normativa da Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, além de línguas clássicas, germânicas (Inglês e Alemão) e neolatinas (Francês, Espanhol e Italiano). Os conteúdos linguísticos eram abordados de uma perspectiva histórica nas disciplinas de Língua Portuguesa e Filologia. Além desses conteúdos, havia nas Faculdades de Letras uma linguística de origem dialetológica, uma vez que se tinha, no Brasil, alguma preocupação com as línguas indígenas.

Entre nós, a abordagem gramatical normativa começa já no século XVI, com o ensino jesuítico, e se mantém ao longo dos anos seguintes. Essa visão baseia-se, de forma pouco crítica nas gramáticas tradicionais, que adotam um modelo de língua centrado em uma noção de norma ideal (Faraco, 2006). Essa visão sobre a língua, consolidada nas três primeiras décadas do século XX, resulta da forma como os estudiosos brasileiros interpretaram a questão da língua padrão. No final do século XIX no Brasil, adotou-se um modelo de escrita que era essencialmente uma reprodução do padrão utilizado em Portugal. Houve, assim, uma “lusitanização” da escrita no Brasil, reforçando uma concepção normativa da língua. As pesquisas linguísticas, quando realizadas, tinham como objetivo a codificação de uma língua padrão ideal, alheia à norma real e à variação linguística, desconsiderando a diversidade que caracteriza um país culturalmente heterogêneo. Ironicamente, após a independência política de Portugal, o Brasil se coloca em uma situação de dependência linguística ao adaptar-se ao modelo de uma sociedade europeia etnicamente distinta e com uma cultura já consolidada e muito diferente da brasileira. A principal corrente de estudiosos brasileiros, à época, defendeu a assimilação da língua literária do Brasil à língua literária de Portugal.

A perspectiva filológica também tem, por sua vez, uma presença marcante no Brasil.

A linguística histórico-comparativa teve grande impacto sobre os filólogos e gramáticos brasileiros. No entanto, a produção acadêmica brasileira do final do século XIX e início do século XX carece de obras voltadas para a linguística geral (Cavaliere, 2000): “pode-se afirmar que o grupo de especialidade em evidência até a década de sessenta foi, sem dúvida, o da filologia. Consequentemente, o estatuto socioprofissional e científico que legitimava o trabalho dos pesquisadores dedicados à matéria linguística era o de filólogo” (Altmann, 1998, p. 71).

Por fim, a perspectiva dialetológica e sociolinguística também integrou o processo de institucionalização da pesquisa linguística no Brasil. Os estudos dialetológicos focaram em questões metodológicas relacionadas à geografia linguística, buscando aplicá-las na investigação dos diversos falares do português no país. Esses trabalhos se dedicaram a abordar um desafio central do português falado: a definição do corpus e a escolha da metodologia adequada. As pesquisas deram ênfase principalmente ao estudo da fonética e do vocabulário da língua portuguesa.

Ao analisarmos esses conteúdos, fica claro que os estudos sobre a linguagem no Brasil têm suas raízes, principalmente, em uma tradição normativa, filológica e dialetológica, em vez de uma tradição linguística sincrônica como a saussuriana. E agora sabemos bem um dos motivos disso: não havia acesso fácil – uma tradução, por exemplo – de Saussure entre nós.

## 2 Consequências epistemológicas que delineiam uma recepção do CLG

E que consequências epistemológicas há em termos uma tradução tão distanciada da data original de publicação do CLG? Respondemos essa indagação precisando dois pontos.

O surgimento do livro, sendo tão tardio, aparentemente não causou o mesmo impacto que teve em países que o traduziram antes do Brasil (primeiro ponto). O fato é que, quando os linguistas brasileiros tiveram contato mais abrangente com o *Curso de linguística geral*, por meio de sua tradução, a interpretação da obra já estava influenciada por diversas outras leituras, incluindo a perspectiva estruturalista, como indica a referência acima, de Blikstein, às “dicotomias saussurianas”. Além disso, é notório que, inicialmente, a maioria dos brasileiros esteve alheia às discussões críticas sobre o pensamento de Saussure (segundo ponto).

Dado o contexto mencionado anteriormente, pode-se afirmar que a recepção do *Curso de linguística geral* no Brasil não se configurou de forma semelhante àquela observada em outros países. Ou seja, no momento de sua tradução, a obra não foi apresentada aos estudantes de linguística como um texto central por si só, mas como algo

que já integrava um certo “passado” da história da linguística. Raramente nos dedicamos a explorar as possibilidades teóricas e metodológicas que o CLG poderia oferecer. Ademais, na década de 1970, outros estudos linguísticos já estavam consolidados no Brasil, fortemente influenciados tanto pelas ideias de Noam Chomsky quanto pelas de William Labov.

É evidente que, no final da década de 1980, Saussure era apresentado nos cursos introdutórios de linguística com o devido reconhecimento por seu papel fundador. Não é nesse ponto que vemos uma dissimetria entre o que se passou no Brasil e em outros países do mundo. É que, entre nós, o livro vem acompanhado de certa sensação de que já era hora de superá-lo. O pensamento predominante à época parecia ser o de que Ferdinand de Saussure havia instituído a linguística como ciência, fornecendo-lhe método e objeto, mas suas formulações já estavam ultrapassadas. Consequentemente, seu papel histórico era visto como passado. Não havia mais o que ensinar sobre Saussure. A prova disso era que muitos dos livros introdutórios à linguística utilizados em nossas universidades mencionavam a obra póstuma de Saussure como um marco na constituição da linguística científica, mas sempre com a ressalva de que Saussure pertencia ao passado, e que a linguística relevante era a contemporânea, em grande medida associada às obras de Chomsky e Labov.

Atesta o que dissemos o trabalho de Eliane Silveira (2016), “Saussure à brasileira: estatuto epistemológico do *Curso de linguística geral* nos manuais publicados entre 1930 e 1980”. Nele, a partir do exame detalhado de cinco<sup>2</sup> manuais de introdução à linguística que circularam no Brasil no período, a autora diz que “foi muito difícil encontrar nos manuais de linguística brasileiros desse período referências explícitas à epistemologia saussuriana” (Silveira, 2016, p. 204).

Dessa forma, compreendemos que a recepção epistemológica — ou seja, uma recepção que realmente precisasse os termos pelos quais Saussure teria marcado um ponto de virada na linguística mundial, como se reflete nas expressões “linguística pré-saussuriana” e “linguística pós-saussuriana” — ocorreu de maneira intermediada por uma classe de linguistas com pouca familiaridade com a pesquisa em linguística geral. Quando o CLG começou a ser amplamente difundido no Brasil, em grande parte devido à sua tradução, poucos estudos realmente avaliaram o impacto das ideias de Saussure na linguística como um todo, e na linguística brasileira em particular. Por isso, não podemos afirmar que os linguistas no Brasil adotaram uma postura de recepção à epistemologia saussuriana; o que se verificou foi mais uma recepção de cunho historiográfico.

Isso posto, podemos passar ao segundo ponto a partir do qual respondemos a

---

<sup>2</sup> São eles: *Princípios de linguística geral* (1942), de Mattoso Camara; *Orientações da linguística moderna* (1955), Silvio Elia; *Iniciação à linguística e à filologia portuguesa* (1949), Gladstone Chaves de Melo; *Introdução aos estudos linguísticos* (1965), Francisco da Silva Borba; e *Fundamentos da linguística contemporânea* (1980), Edward Lopes.

indagação que encabeça este item. Trata-se do quase total desconhecimento, por parte da intelectualidade brasileira, dos estudos críticos da obra saussuriana. Nos anos 1970, época da tradução do CLG entre nós, já havia larga produção crítico-filológica em torno do CLG, de sua natureza editorial, uma edição sabidamente póstuma, produzida por dois colegas de Saussure (Charles Bally e Albert Sechehaye), com o auxílio de um aluno (Albert Riedlinger), com base em anotações dos alunos de Saussure nos cursos ministrados na Universidade de Genebra.

A esse respeito, é relevante salientar que Isaac Nicolau Salum, no prefácio que escreveu para a tradução brasileira, menciona a edição crítica de Tullio De Mauro, o trabalho de Robert Godel, os números dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, o texto de Benveniste “Saussure après un demi-siècle” [“Saussure após meio século”], a edição crítica de Rudolf Engler, os anagramas organizados por Jean Starobinski, o *Recueil de publications scientifiques de Ferdinand de Saussure* organizado por Charles Bally e Léopold Gautier, bem como a obra de Georges Mounin (*Saussure ou le structuraliste sans le savoir – présentation, choix de textes, bibliographie*), entre outros. Apesar dessa rica revisão elaborada por Salum, os estudos que buscam fundamentar Saussure à luz de sua fortuna crítica surgem no Brasil apenas posteriormente.

Além de Salum, os próprios editores do CLG explicam a gênese controversa do livro. Em primeiro lugar, o CLG é escrito (leia-se “editado” por colegas que não assistiram as aulas de Saussure: “obrigações profissionais nos haviam impedido quase completamente de nos aproveitarmos de seus derradeiros ensinamentos” (Bally; Sechehaye, 1975, p. 2). Em segundo lugar, os editores não contaram com a integralidade dos cadernos dos alunos para escrever a obra<sup>3</sup>. Em terceiro lugar, embora a decisão de tenha sido partir das anotações dos alunos, ela não forneceu o método para a organização editorial: “Que iríamos fazer desse material?” (Bally; Sechehaye, 1975, p. 2). Em quarto lugar, decidiu-se por uma manobra bastante arriscada:

Decidimo-nos por uma solução mais audaciosa, mas também, acreditamos, mais racional: tentar uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais de que dispúnhamos, inclusive as notas pessoais de F. de Saussure (Bally; Sechehaye, 1975, p. 3).

Esse aspecto da origem do CLG não é simplesmente uma curiosidade adicional. O fato de o livro ser uma reconstrução de três cursos ministrados oralmente, com base em anotações feitas por alunos, e de o texto final ter sido organizado por editores que não participaram dessas aulas revela a complexidade da obra. Compreender essa gênese é essencial para delinear a maneira como o livro pode ser interpretado e para a compreensão

---

<sup>3</sup> Bally e Sechehaye informam que utilizaram apenas os cadernos de Louis Caille, Léopold Gautier, Paul Regard e Albert Riedlinger, para reconstituir o conteúdo dos dois primeiros cursos, e os cadernos de Mme Sechehaye, George Dégallier e Francis Joseph, para o terceiro curso, além de algumas notas de Louis Brüttsch.

das relações entre o CLG e outras fontes saussurianas.

Ao que tudo indica, os paratextos do CLG foram, durante um bom tempo, ignorados no cenário brasileiro; prova disso é que a fortuna crítica da obra saussuriana começa a despertar interesse e a circular no Brasil apenas por volta do início dos anos 2000, muito especialmente após a publicação da obra de Simon Bouquet, *Introdução à leitura de Saussure*.

Dito de outro modo, o CLG foi recebido no Brasil de modo a não dar destaque ao que faz de sua teoria um marco, e isso porque, de um lado, colocou-se Saussure, muito apressadamente é verdade, como um fragmento passado da história; de outro lado, porque deu-se pouca atenção à complexa gênese do livro e ao que poderia advir da consideração das fontes saussurianas.

Benveniste precisa didaticamente o lugar de Saussure em um texto, referido por Isaac Nicolau Salum em seu prefácio ao CLG. Inicialmente, pergunta Benveniste (1988, p. 34): “O que foi que Saussure trouxe à linguística de seu tempo, e em que agiu sobre a nossa?”. Em seguida, responde:

Há em todo criador uma certa exigência, escondida, permanente, que o sustenta e o devora, que lhe guia os pensamentos, lhe designa a sua tarefa, estimula-o nas suas fraquezas e não lhe dá trégua quando tenta escapar-lhe. Nem sempre é fácil reconhecê-la nas diversas operações, às vezes vacilantes, a que se entrega a reflexão de Saussure. Mas, uma vez percebida, ilumina o sentido do seu esforço, e o coloca frente a frente com os seus precursores, como em relação a nós. Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos. Vai por instinto aos caracteres primordiais, que governam a diversidade dos dados empíricos. Naquilo que pertence à língua, pressente certas propriedades que não se encontram em nenhum outro lugar a não ser aí. Com o que quer que a comparemos a língua aparece sempre como algo de diferente” (Benveniste, 1988, p. 35).

Nessa palavras, vemos Benveniste, com a verve que é-lhe habitual, precisar cirurgicamente o que faz de Saussure um fundador: a formulação de um discurso sobre a especificidade da língua, a sua diferença em relação a tudo o que não é ela. Saussure é o primeiro a formulá-lo.

Ora, esse texto de Benveniste é traduzido no Brasil em 1976, na coletânea *Problemas de linguística geral I*; nele, Benveniste cita as fontes manuscritas do CLG, organizadas por Robert Godel, lembra o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, comenta largamente as cartas de Saussure (em especial a célebre carta dirigida a Meillet) então recentemente organizadas e publicadas por Benveniste<sup>4</sup>, fala nos estudos anagramáticos. Nesse texto também, referindo-se ao trabalho com as fontes manuscritas, diz:

---

<sup>4</sup> Ver: “Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet” reunidas por Benveniste no número 21 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*.

Hoje, exegetas escrupulosos entregam-se à necessária tarefa de restaurar no seu conteúdo exato as lições de Saussure, servindo-se de todos os materiais que puderam encontrar. Graças aos seus cuidados temos uma edição crítica do *Cours de linguistique Générale*, que não apenas nos dará uma imagem fiel desse ensinamento transmitido sob a sua forma oral mas permitirá fixar rigorosamente a terminologia saussuriana (Benveniste, 1988, p. 45).

A lembrança desse texto de Benveniste feita por Salum não é suficiente para que, de alguma forma, balize a leitura de Saussure no Brasil.

## Concluindo ... Saussure hoje

A partir do que dissemos, já é possível formular uma conclusão aqui: a recepção do pensamento teórico de Saussure entre nós não é acompanhada, inicialmente, de uma perspectiva crítica, nem quanto aos efeitos que essa teoria tem no conjunto da reflexão linguística, nem quanto à gênese do livro, sabidamente complexa em função de sua natureza editorial.

Ora, mesmo após mais de 100 anos da morte de Saussure, ainda sentimos os impactos intelectuais de sua obra (Flores, 2023). É claro que muitos podem afirmar — como é comum nos dias de hoje — que Saussure pertence ao passado, que suas ideias estão ultrapassadas e que a recepção de seu trabalho nas ciências humanas e sociais foi exagerada, argumentando que ele não trouxe nada de novo em relação aos autores que o precederam. Discutem-se a “mitificação” e a “desmitificação” de Saussure, e o *Curso de linguística geral* é frequentemente criticado, sendo acusado de, devido à sua origem, distorcer o pensamento original de Saussure.

No Brasil de hoje, tenho insistido (Flores, 2027) que podemos pensar em uma segunda recepção de Saussure; desta vez, não em função do CLG, mas de seus *Escritos de linguística geral*, livro que reúne um conjunto de manuscritos de Saussure editados e organizados por Simon Bouquet e Rudolf Engler (o livro de Simon Bouquet também tem papel importante nessa “outra” recepção).

A tradução brasileira dos *Escritos*, diferentemente do que ocorreu com o CLG, foi quase simultânea à sua publicação na França. A publicação lá é de 2002; aqui é de 2004. Isso permitiu uma interpretação das ideias saussurianas menos dependente da tradição, além de ter despertado uma saudável curiosidade pela gênese do GLG. Diria que o Brasil se tornou, atualmente, um centro de produção de pesquisas no campo da linguística saussuriana, resultado, em grande parte, do acesso a esse conjunto de fontes (CLG e *Escritos*). Dimensionar todos os efeitos que advirão dessa “outra” recepção é tarefa que ainda deveremos nos dar no futuro.

Para finalizar, gostaríamos de destacar o que chamamos de aspectos

epistemológicos da recepção de Saussure no Brasil, ou ainda: destacar o que consideramos *uma recepção circunscrita ao aspecto epistemológico em sentido estrito*. Aqui é mais uma vez Milner quem nos socorre. Em *Le périple structural*, Milner (2002) aborda o movimento conhecido como “estruturalismo”, não pelo viés de uma *doxa* mas pelo viés da articulação de um “programa de investigação específico e especialmente a postura distintiva que desenvolveu no que toca à ciência”. Eis o ponto que deixamos em suspenso aqui: em que medida a recepção de Saussure no Brasil prospectou um programa de investigações linguísticas, estritamente falando? Delineiam-se aqui parâmetros para uma investigação voltada aos efeitos da presença de Saussure no que toca à ciência linguística brasileira

## Epistemological aspects of the reception of Saussure in Brazilian linguistics

### Abstract

*This article aims to outline the reception of Ferdinand de Saussure's theoretical thought in Brazil by analyzing the reception of the book \*Course in General Linguistics\* within Brazilian linguistics. To achieve this, a perspective on "reception" is developed based on Milner (2021), highlighting the idea of examining to what extent the understanding of linguistic science, within the disciplinary and institutional context of Brazilian linguistics, was influenced by Saussure. The advent of the Brazilian translation of the book and its epistemological context are used as the basis for analysis.*

*Keywords: Epistemology of linguistics. Ferdinand de Saussure. Brazilian linguistics*

## Referências

- ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas, 1998.
- ALTMAN, Cristina. Linguística, filosofia, e suas historiografias. **Revista Letras**, Curitiba, v. 104, n. 1, p. 7-31 dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/80499>. Acesso em: 19. out. 2024.
- BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século. **Problemas de linguística geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1988.
- BENVENISTE, Émile. Ferdinand de Saussure à l'École des Hautes Étude". **École pratique des hautes études. 4e section, Sciences historiques et philologiques. Annuaire**. 1964-1965. p. 20-34.
- BENVENISTE, Émile. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Librairie E. Droz, n. 21, 1964, p. 91-125.
- BLIKSTEIN, Izidoro. Saussure: rupturas e subversões. In: BEIVIDAS, Waldir; LOPES, Ivã Carlos; BADIR, Semir. (orgs.). **100 anos com Saussure**. Textos de Congresso Internacional - tomo 1. São Paulo: AnnaBlume Editora, 2016, p. 175-188.
- BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

CAMARA JR., J.M. **História da linguística**. Edição revista e comentada por Valdir do Nascimento Flores e Gabriel de Ávila Othero. Petrópolis: Vozes, 2021.

CAVALIERE, Ricardo. **Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira**. Niterói, RJ: EDUFF, 2000.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. **Histoire des idées sur le langage et les langues**. Paris: Klincksieck, 2010.

FARACO, C. A. Ensinar X não ensinar gramática: ainda cabe essa questão? **Calidoscópio**. v. 4, n. 1 p. 15-26 jan./abr. 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5983>. Acesso em: 19. out. 2024.

FIORIN, José Luiz. A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária. **Línguas & Letras (UNIOESTE)**, Cascavel, v. 7, p. 11-25, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/hp/Downloads/887-3146-1-PB.pdf>. Acesso em: 19. out. 2024.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento. **A linguística geral de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

LEITE, Marli Quadros. Historiografia da Linguística e História das Ideias Linguísticas: aproximação e distanciamento. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. (org.). **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019, pp. 139-181.

MILNER, Jean-Claude. **Introdução a uma ciência da linguagem**. Trad. Daniel Costa da Silva et al. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

MILNER, Jean-Claude. **Le périple structural**: figures et paradigme. Paris: Verdier, 2002.

NORMAND, C. La généralité des principes. In: AUROUX, Sylvain. (org.). **Histoire des idées linguistiques** – Tome 3: L'hégémonie du comparatisme. Liège: Pierre Mardaga, 2000, p. 463-471.

SALUM, Isaac. Nicolau. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975. P. XIII-XIII.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehayé com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Eliane. Saussure à brasileira: estatuto epistemológico do *Curso de linguística geral* nos manuais publicados entre 1930 e 1980. In: FARACO, Carlos Alberto. (org.). **O efeito Saussure**: cem anos do Curso de Linguística Geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 184-205.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 44-45, p. 39-59, 1º e 2º semestres. 2013. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/602>. Acesso em: 19. out. 2024.

VANDRESEN, Paulino. Comciência “A linguística no Brasil”. Disponível em: <http://www.comsciência.br>. 2001. Acesso em: 19. out. 2024.

# Estruturalismo linguístico: análise das dicotomias saussureanas aplicadas à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

Cláudia Lúcia Alves<sup>1</sup>

Orleane Evangelista de Santana<sup>2</sup>

## Resumo

Este estudo dedutivo, bibliográfico, qualitativo, descritivo e exploratório apresenta uma abordagem do Estruturalismo Linguístico de Ferdinand de Saussure, e tem como objetivo principal fazer uma análise das dicotomias saussureanas aplicadas à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), o que possibilitará mais conhecimento sobre a estrutura desta língua. O método estruturalista parte do princípio de que, ao se conhecer a base estrutural que constitui um objeto ou fenômeno de estudo, torna-se possível compreender como o conhecimento se dá naquela área, resultando daí conhecimento científico. Saussure criou uma série de pares dicotômicos - língua/fala, sincronia/diacronia, sintagma/paradigma, significante/significado e arbitrariedade/motivação, os quais, na sua concepção, era a forma racional que o estudo linguístico deveria assumir. Este estudo buscará resposta para a seguinte questão norteadora: Em que medida o Estruturalismo Linguístico, no âmbito das dicotomias saussureanas, pode contribuir para a descrição da Língua Brasileira de Sinais contribuindo para a legitimidade desta língua? E tem como hipótese de trabalho, a crença de que é possível a descrição linguística da Libras a partir das dicotomias saussureanas, sendo que essa análise muito contribuirá para um melhor conhecimento desta língua, cujos estudos investigativos, exploratórios e explicativos ainda são muitos tímidos e incipientes. Logo, descrever a Libras, a partir das dicotomias as quais Saussure elegeu como princípios inerentes a todas as línguas muito contribuirá para a ampliação da compreensão desta língua em seu plano teórico, o que é imprescindível para o seu desenvolvimento e reconhecimento, como língua natural, estando sujeita, assim como as demais, a todo e qualquer tipo de análise linguística.

**Palavras-chave:** Estruturalismo linguístico. Dicotomias saussureanas. Libras

Data de submissão: outubro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16399>

<sup>1</sup> Possui graduação em Licenciatura Plena Em Matemática pela Universidade Federal do Piauí (2007), graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Evangélica do Piauí (2017), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2014) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2021). Atualmente é professora da Universidade Estadual da Região Tocantina do MA, Professora Permanente do PPGLe da Universidade Estadual da Região Tocantina do MA e Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade Educacional da Universidade Estadual da Região Tocantina do MA. <http://lattes.cnpq.br/3846543596717075> E-mail: [claudia.alves@uemasul.edu.br](mailto:claudia.alves@uemasul.edu.br)

<sup>2</sup> Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2009) e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2014). É pós-doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT. É professora de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras (CCHSL) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). <https://orcid.org/0000-0002-2216-460X> E-mail: [orleanesantana@bol.com.br](mailto:orleanesantana@bol.com.br)

## Introdução

O Estruturalismo é um método científico que compreende a ciência a partir de uma base estrutural. No Século XX, ganhou amplo espaço nas ciências humanas e sociais: Psicologia, Linguística, Sociologia, Antropologia, Filosofia dentre outras. Esse método parte do princípio de que, ao se conhecer a base estrutural que constitui um objeto ou fenômeno de estudo, torna-se possível compreender como o conhecimento se dá naquela área, resultando daí conhecimento científico.

O linguista suíço Ferdinand de Saussure foi quem melhor definiu o método estruturalista no início do Século XX. Até então, os estudos linguísticos eram ainda assistemáticos: no Século XVII, o foco era a linguagem enquanto representação do pensamento, procurando mostrar que as línguas obedecem a princípios racionais e lógicos; já no Século XIX, os estudos baseavam-se exclusivamente na historicidade da composição linguística.

Para Saussure, as línguas naturais eram construídas a partir de *elementos estruturais básicos elementares, e sua compreensão deveria se dar de um ponto de vista sincrônico e não diacrônico como vinha ocorrendo até então*. O pai da Linguística Moderna, como é conhecido, por ter conseguido conferir à Linguística o status de ciência, ao definir seu método e seu objeto de estudo, nunca utilizou as expressões estrutura ou estruturalismo; no lugar de estrutura, ele usava o termo *sistema*. A organização interna da língua que Saussure chama sistema, seus sucessores chamaram de estrutura.

Com o Estruturalismo os estudos linguísticos tornam-se mais profundos e abstratos, a língua passa a ser tratada como um sistema de valores estruturado e autônomo inerente a todas as línguas, seja o Inglês, o Português, a ASL, a Libras etc. O Estruturalismo procura valorizar a ideia de que cada elemento da língua só adquire um valor na medida em que se relaciona com o todo de que faz parte. Saussure necessitava de uma nova linguagem, uma linguagem unívoca, padronizada para se expressar. Sendo assim, criou uma série de pares dicotômicos, os quais, na sua concepção, era a forma racional que o estudo linguístico deveria assumir.

As dicotomias saussureanas são as seguintes: língua / fala, sincronia / diacronia, sintagma / paradigma, significante / significado e arbitrariedade / motivação. Considerando que a doutrina de Saussure é aplicável a todas as línguas naturais e, considerando que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua natural, neste estudo nos propomos a descrever a estrutura da Libras à luz das dicotomias saussureanas.

Este estudo tentará responder à seguinte questão norteadora: Em que medida o Estruturalismo Linguístico, no âmbito das dicotomias saussureanas, pode contribuir para a descrição da Língua Brasileira de Sinais contribuindo para a legitimidade desta língua?

Como hipótese de trabalho, isto é, como resposta provisória à questão norteadora deste estudo, acreditamos que a descrição linguística da Libras a partir das dicotomias saussureanas é possível, e muito contribuirá para um melhor conhecimento desta língua, cujos estudos investigativos, exploratórios e explicativos ainda são muitos tímidos e incipientes.

A relevância social e científica deste estudo justifica-se a partir da necessidade de intensificação de estudos científicos que busquem descrever esta língua, uma vez que é língua natural, possui princípios e parâmetros sujeitos à observação, análise e descrição como as demais línguas humanas existentes, o que possibilitará a oportunidade de adentrar neste universo linguístico, ainda tão pouco explorado, com um olhar investigativo, objetivando realizar estudos científicos.

Descrever a Libras, a partir das dicotomias as quais Ferdinand de Saussure elegeu como princípios inerentes a todas as línguas, certamente contribuirá para a ampliação da compreensão desta língua em seu plano teórico, o que é imprescindível para o seu desenvolvimento e reconhecimento, como língua natural, estando sujeita, assim como as demais, a todo e qualquer tipo de análise linguística.

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é descrever a estrutura da Língua Brasileira de Sinais, à luz das dicotomias saussureanas: língua / fala, sincronia / diacronia, sintagma / paradigma, significante / significado e arbitrariedade / motivação. E os objetivos específicos são: (i) Produzir um arcabouço teórico fundamentado em Ferdinand de Saussure, o qual dará sustentação à descrição da Libras; (ii) Apresentar a análise descritiva que será feita como mais um instrumento comprobatório da legitimidade da Libras enquanto língua natural; e (iii) Comprovar que a compreensão da gramática da Libras, tanto para o ensino quanto para a aprendizagem, fica muito mais fácil quando se conhece e reconhece os elementos estruturais desta língua.

Neste estudo, usamos o método dedutivo como método de abordagem, e o Estruturalismo como método de procedimento. Quanto aos tipos, realizamos pesquisa bibliográfica, qualitativa, descritiva e exploratória, os quais – métodos e tipos de pesquisa – estão apresentados de forma mais detalhada na Seção 3 deste trabalho.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: Após a Introdução (Seção 1), abordamos no Referencial Teórico (Seção 2), sobre a legitimidade da Libras como língua, e a apresentação das dicotomias saussureanas. Na Seção 3, apresentamos o Percorso Metodológico que fundamentou cientificamente este estudo, e na Seção 4, apresentamos os Resultados e Discussões. Por fim, apresentamos as Considerações Finais as quais o estudo possibilitou a que se chegasse.

# 1 Referencial teórico

## 1.1 Libras é língua?

A sensação é de tentar esclarecer o óbvio, entretanto, é uma questão já resolvida somente para quem é professor ou faz pesquisa nesta área; para as demais pessoas, reconhecer a Libras como língua ainda é novidade e ainda causa surpresa.

Não adianta, é sempre a mesma coisa. Quando estamos em um evento que fala para quem está fora do meio da surdez, tudo é novidade mesmo! As pessoas ficam espantadas quando tomam conhecimento, e para quem está dentro da área o discurso é sempre a mesma coisa, fica esta coisa batida, e nós ficamos nos repetindo... (Gesser, 2009, p. 9).

Necessariamente esse discurso aparentemente repetitivo, precisa ser mesmo repetido para ganhar força e legitimar, para toda a sociedade ouvinte, que a Libras, ou qualquer outra língua de sinais, é língua sim de fato e de direito. E como toda língua natural, não é universal, possui variações, possui gramática própria com aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, sendo possível expressar ideias e conceitos concretos e abstratos.

Desse modo, essas características linguísticas legitimam a Libras de fato, e a Lei nº 10.436/2002 legitima a Libras de direito. Portanto, como língua social e legalmente instituída é passível de análise e descrição, logo é o que pretendemos fazer no estudo que aqui delineamos, submentendo-a às dicotomias saussureanas. Neste estudo, colocaremos sob análise descritiva a estrutura interna da Língua Brasileira de Sinais.

## 1.2 As dicotomias saussureanas

A doutrina de Saussure, inicialmente, consiste em organizar seu trabalho metodologicamente. Os linguistas até então tratavam de coisas diferentes com nomes iguais e vice-versa, como, por exemplo, o termo “língua” tinha acepções bem diferentes variando de significado de linguista para linguista. A ausência de uma terminologia adequada, precisa, objetiva, de alcance universal para os estudos linguísticos ainda não existia, e isso era imprescindível para que Saussure expressasse suas ideias. Então, ele tratou de criar uma linguagem unívoca, um padrão linguístico que pudesse ser usado universalmente por todos os estudiosos de línguas.

Saussure entende que “o fenômeno linguístico apresenta duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (Saussure, 2012, p. 15), isto é, elementos linguísticos que se completam, mas ao mesmo tempo estão em oposição. Assim, surgem as dicotomias saussureanas: língua / fala, sincronia / diacronia, sintagma /

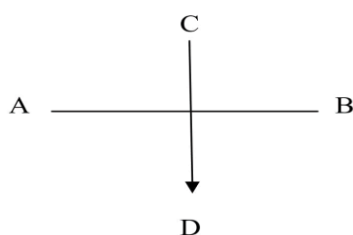
paradigma, significante / significado e arbitrariedade / motivação. A seguir explicaremos cada uma delas.

### *1.2.1 Língua / Fala*

Na dicotomia Língua / Fala (*langue* / *parole*), “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (Saussure, 2012, p.16). A língua está na esfera social e a fala na esfera individual. Saussure afirma também que a língua é sistemática, homogênea e abstrata e passível de análise interna; enquanto a fala é assistemática, heterogênea e concreta. Logo, língua e fala estão em oposição. Ao definir o objeto de estudo da Linguística, Saussure considera apenas a língua, ou seja, aquilo que é interno, o sistema em si, tendo excluído a fala e seu uso.

### *1.2.2 Sincronia / Diacronia*

Saussure é considerado o pai da Linguística moderna porque rompeu com os estudos linguísticos históricos-comparativos predominantes até o Século XIX. O foco passou a ser como as línguas se estruturam e não mais como as línguas evoluem. O que interessa é a língua em determinado estado e não mais a sua evolução histórica (Weedwood, 2002). No que tange à dicotomia Sincronia / Diacronia, Saussure (2012) esclareceu que a Linguística pode estudar uma língua tanto com um olhar Sincrônico, isto é, em um dado momento; quanto com um olhar Diacrônico, isto é, através do tempo. Assim, ele confere absoluta prioridade à pesquisa descritiva (sincrônica) em detrimento da pesquisa histórica (diacrônica).



**Fonte:** Carvalho, 1997, p. 71.

No esquema acima, proposto por Saussure (2012, p. 95), o eixo AB representa o eixo das simultaneidades (sincronia); e o eixo CD representa o eixo das sucessões (diacronia).

### 1.2.3 Sintagma / Paradigma

Para uma língua funcionar são necessários dois tipos de relações: relações paradigmáticas ou eixo de seleção, e relações sintagmáticas ou eixo de combinação. Esses dois eixos (seleção e combinação) se encontram na cadeia linguística.

Figura 1: Eixo paradigmático e eixo sintagmático.



Fonte: <https://www.conjur.com.br/2014>.

No âmbito do Sintagma / Paradigma, o eixo horizontal é o da realização concreta, o das relações “in praesentia” (sintagmáticas). O vertical é o do material disponível na mente do falante para escolha e cujas relações entre os elementos se realizam “in absentia” (paradigmáticas) (Saussure, 2001 *apud* Carvalho, 2002, p. 37).

### 1.2.4 Significante / Significado

O signo linguístico, isto é, toda palavra que possui um sentido, é o resultado de um significante mais um significado, “uma entidade psíquica de duas faces” (Saussure, 2012, p. 80). Consideremos como exemplo o signo “escola”, que tem como *significante* os sons (fonemas) que o constituem, e que tem com *significado* “lugar destinado ao ensino coletivo”. Na dicotomia Significante / Significado, os dois elementos - significante e significado - que constituem o signo, “estão intimamente unidos e um reclama o outro” (Saussure, 2012, p. 80), são interdependentes e inseparáveis.” Podemos designar, portanto, o significante como a parte perceptível do signo e o significado como sua contraparte inteligível (Carvalho, 2002).

### 1.2.5 Arbitrariedade / Motivação

Com relação à dicotomia Arbitrariedade / Motivação, para Saussure (2012) arbitrário

não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala, [porque] não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico; queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (Saussure, 2012, p. 83).

Embora defenda que o signo linguístico seja arbitrário, Saussure reconhece a possibilidade de existir signos motivados, ou seja, a existência de graus de motivação entre o significante e o significado, conforme se pode constatar na citação a seguir:

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que é só relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser relativamente motivado (Saussure, 2012, p. 152).

Desse modo, mantendo o seu raciocínio dicotômico, Saussure propõe a existência de um arbitrário absoluto (imotivado) e de um arbitrário relativo (motivado). É o que se pode observar, por exemplo, em *goiaba/goiabeira*. O signo *goiaba* sendo palavra primitiva é um exemplo de arbitrariedade absoluta ou imotivada. Já o signo *goiabeira* sendo uma palavra derivada de *goiaba* é um exemplo de arbitrariedade relativa ou motivada.

Neste estudo, mais especificamente na Seção 4, faremos uma análise descritiva da Libras à luz das dicotomias saussureanas apresentadas nesta seção.

## 2 Metodologia

Por se tratar de um estudo de caráter científico, para buscar respostas para a questão norteadora que deu causa ao estudo, adotamos procedimentos de leitura e interpretação de informações teóricas, as quais possibilitaram a construção do suporte teórico da pesquisa.

Quanto aos métodos, adotamos como método de abordagem, o método dedutivo, o qual proporciona as bases lógicas da investigação, uma vez que partindo do geral (dicotomias saussureanas aplicáveis a todas as línguas naturais) para o particular (uma língua específica sob análise, a Libras), confirmamos as hipóteses levantadas em relação ao objeto de investigação.

Já o método de procedimento utilizado, foi o método Estruturalista, já que fizemos descrição de cada um dos elementos que constitui a estrutura da Libras no âmbito das dicotomias saussureanas, para compreendermos melhor a língua na sua completude.

Quanto aos tipos de pesquisa, segundo as fontes de informação, realizamos

pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em material já elaborado constituído de livros e artigos científicos, de onde extraímos fundamentalmente as contribuições dos diversos autores sobre o tema em estudo.

Quanto à natureza dos dados, realizamos pesquisa qualitativa, haja vista buscarmos a compreensão do objeto de estudo por meio da interpretação dos dados levantados sem quantificá-los.

Quanto aos objetivos, realizamos pesquisa descritiva já que a partir da verificação das características inerentes a esta língua, tornou-se possível conhecer a sua estrutura subjacente, o que amplia o conhecimento a respeito dela. Realizamos também pesquisa exploratória, pois a partir dos elementos estruturais descritos, procuramos esclarecê-los com o objetivo de oferecer uma visão geral do tema, objeto desse estudo.

Desse modo é que estudamos o problema proposto, testamos a hipótese apresentada e, através do percurso metodológico traçado, atingimos os objetivos aos quais nos propusemos.

### 3 Análise das dicotomias saussureanas aplicadas à libras

Nesta seção, vamos descrever analiticamente a Língua Brasileira de Sinais à luz das dicotomias saussureanas já devidamente apresentadas na Seção anterior deste estudo. Saussure elegeu as dicotomias como princípios inerentes a todas as línguas. Como as línguas de sinais, entre elas a Libras, são línguas naturais, então tais princípios também são aplicáveis a elas, o que permitirá uma melhor compreensão da estrutura interna destas línguas.

Neste estudo, o nosso foco é a língua de sinais brasileira, uma língua ainda pouco estudada, por isso acreditamos que análise que a seguir será feita, contribuirá para o seu desenvolvimento e reconhecimento, pois ampliará a compreensão desta língua em seu plano teórico.

#### 3.1 Língua / Fala na Libras

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, reconhecendo-a, em seu Art. 1º, como meio legal de comunicação e expressão (Brasil, 2002), isto é, como língua.

Na sequência, o Parágrafo Único esclarece que:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras, a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de

pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

Isso posto, esse documento reconhece legal e politicamente a existência dessa língua; ademais, dá ótica do Estruturalismo linguístico, há outros aspectos que corroboram esse reconhecimento.

Vimos na Subseção 2.2.1 a dicotomia Língua / Fala (*langue* / *parole*), que está fundamentada na oposição social/individual. Segundo Saussure, “a linguagem tem um lado individual e outro lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (Saussure, 2012, p. 16). Assim, o que é fato da língua está no campo social, o que é fato da fala está no campo individual.

É possível depreender a língua a partir de 3 concepções: acervo linguístico, instituição social e realidade sistemática:

Como *acervo linguístico* é “o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender” (Saussure, 2012, p. 92) e “as associações ratificadas pelo consentimento coletivo, e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro” (Saussure, 2012, p. 23).

Como *instituição social*, a língua “não está completa em nenhum indivíduo, e só na massa ela existe de modo completo” (Saussure, 2012, p. 21), sendo, ao mesmo tempo, uma realidade psíquica e instituição social, ou seja, “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem, e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (Saussure, 2012, p. 17).

Como *realidade sistemática*, é “um sistema de signos que exprimem ideias”, é um código, um objeto de natureza homogênea (Saussure, 2012, p. 24). A fala, ao contrário da língua, é heterogênea, “é um ato individual de vontade e inteligência [...]” (Saussure, 2012, p. 22). Logo, a fala é a própria língua em ação.

Portanto, essas três concepções de língua e a concepção de fala são aplicáveis a qualquer língua existente, seja uma língua oral como o Português, seja uma língua de sinais como a Libras. De modo mais específico, a Língua Brasileira de Sinais permite uma pessoa surda compreender e fazer-se compreender seja com outro(s) surdo(s) ou com ouvinte(s), pois as associações de consentimento coletivo entre significante e significado estão no cérebro dos usuários, por isso é psíquica; mas as convenções linguísticas necessárias, já que é um sistema de signos, um código que possibilita a comunicação, são adotadas pelo corpo social, isto é, por todos que fazem parte da comunidade surda.

A Libras não se limita a uma ou outra pessoa, não é individual, ela nasceu e se desenvolveu no âmbito de um grupo social, sendo por isso uma instituição social. Como a fala é a própria língua em ação, cada integrante dessa comunidade surda comunicar-se-á por meio da Libras individualmente, conforme sua vontade e inteligência, isto é, conforme o conhecimento que possui acerca dessa língua: Se o conhecimento do usuário sobre a

Libras for limitado, a comunicação será limitada; porém, se for fluente, a comunicação será fluente. Não se pode limitar o entendimento do que é *Fala* apenas aos sons produzidos pelas línguas orais ou aos sinais produzidos pelas línguas de sinais. A *Fala* é a língua em uso, é a expressão do pensamento seja por meios de fonemas, grafemas ou sinais.

### 3.2 Sincronia / Diacronia na Libras

No início do Século XX, com Saussure, o foco dos estudos linguísticos passou a ser como as línguas se estruturam em determinado estado da sua existência (Sincronia), e não mais como as línguas evoluem historicamente (Diacronia). Podemos estudar qualquer língua, dependendo do objetivo que se tenha, tanto pelo eixo sincrônico quanto pelo eixo diacrônico.

Em se tratando da Libras sob o olhar sincrônico, consideramos como ela está atualmente, ou consideramos algum momento específico desde o seu surgimento. Se a analisarmos sob o olhar diacrônico, consideramos o que ocorreu em todos os estados de sua existência, desde o surgimento até a atualidade. Necessário esclarecer que ao falante, que a usa como instrumento diário de comunicação, interessa apenas como essa língua se apresenta no período de vida desse falante. Já ao pesquisador interessa estudá-la ou sincronicamente ou diacronicamente, conforme seus objetivos.

Os estudos linguísticos diacrônicos já permitiram constatar que as línguas mudam naturalmente, que as mudanças não são intencionais e que as línguas mudam por razões internas à própria língua, como também razões externas, embora essas mudanças externas não sejam o foco deste trabalho.

Ernest Huet, professor francês trazido por D. Pedro II em 1855, foi o pioneiro no Brasil para a educação de surdos. “O trabalho de Huet permitiu que uma língua de sinais própria de nosso país fosse desenvolvida, e a atual Libras surgiu mediante a junção de sinais da língua francesa com sinais utilizados pelo abade L’Épée” (Mundo Educação, 2023).

Uma das principais conquistas da comunidade surda foi a Lei nº 10.436/2002, já mencionada anteriormente, que determinou o reconhecimento da Libras como língua. No entanto, o fato de ter apenas duas décadas de idade, a Libras necessita ser mais estudada tanto sincrônica quanto diacronicamente. Encontra-se uma quantidade relativamente boa de pesquisas com abordagem sincrônica da Libras; entretanto, há uma enorme lacuna de estudos diacrônicos que registrem as transformações pelas quais tem passado essa língua, não somente de quando a Lei 10.436/2002 foi sancionada até o momento atual, mas desde quando a língua francesa, sua mãe, chegou ao Brasil. Encontra-se também vários estudos sobre a história da Libras, porém, descrição diacrônica que registre as transformações pelas quais essa língua tem passado ao longo do tempo, a comunidade surda ainda está a

esperar.

### 3.3 Sintagma / Paradigma na Libras

Conforme já dito na Seção 2.3, no âmbito da Sincronia, para uma língua funcionar são necessários dois eixos se encontrarem na cadeia linguística: o eixo de combinação, que permite as relações sintagmáticas, representado por uma linha horizontal; e o eixo de seleção, o qual permite as relações paradigmáticas, sendo representado por uma linha vertical.

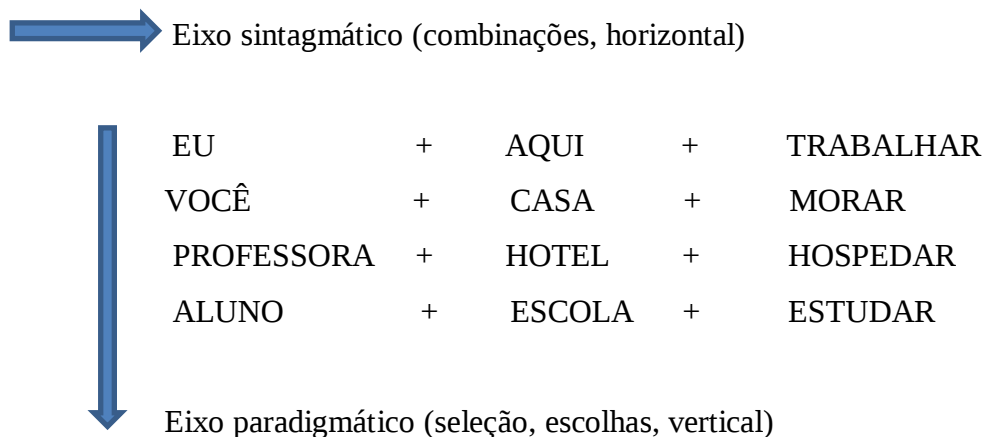
A língua é formada por uma sucessão de elementos que, na cadeia da fala, organizam-se de modo linear, um após o outro. Essa linearidade do signo linguístico “exclui a possibilidade de [se] pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (Saussure, 2012, 142). É desse modo que se dão as relações sintagmáticas. Por exemplo: “Em *Hoje fez calor* não podemos pronunciar *je* antes de *ho*, nem *ho* ao mesmo tempo que *je*; *lor* antes de *ca* ou *ca* simultaneamente com *lor* é impossível” (Castelar, 1997, p. 86). Na Libras, tomemos como exemplo de relação sintagmática o sinal de ESCOLA, que é um sinal composto, produzido a partir dos sinais CASA + ESTUDAR. O sinal de ESCOLA, ao ser produzido, deve seguir a sequência linear CASA + ESTUDAR, não sendo possível inverter a ordem para ESTUDAR + CASA.

O Princípio da Linearidade (relações sintagmáticas), específico do significante, é uma característica primordial das línguas orais; entretanto, na Libras, o referido princípio não é tão regular. No exemplo ESCOLA apresentado acima, vê-se a necessidade da linearidade; porém, há muitos sinais dessa língua em que esse princípio é rompido. Assim, na produção de signos linguísticos sinalizados, vê-se que em alguns sinais ocorrem a linearidade do significante, mas, na maioria dos sinais, o que ocorre é um rompimento da linearidade, dando lugar à simultaneidade, ou seja, os vários Parâmetros<sup>1</sup>, que representam o significante do sinal, ocorrem simultaneamente.

No sinal de ESTUDAR, pode-se observar quatro Parâmetros (Configuração de mão, Movimento, Locação e Orientação) ocorrendo simultaneamente durante a produção desse sinal. Portanto, a simultaneidade e não a linearidade, é o Princípio de organização das línguas de sinais (Stokoe, 1960). Contrariamente às ideias de Stokoe (1960), Liddell (1984) *apud* Xavier (2006) evidencia que em um sentido mais específico, a simultaneidade é o princípio organizador da estrutura de cada segmento, e, em um sentido mais amplo, a sequencialidade é o princípio organizador da estrutura interna de cada sinal, uma vez que pode existir mais de um segmento em um sinal, por exemplo (Xavier, 2006).

Além das relações sintagmáticas ora apresentadas, é possível também estabelecer outros tipos de relações entre os signos chamadas de associativas ou paradigmáticas, que ocorrem quando os termos não estão presentes na fala, mas na memória do falante. Os

signos que têm algo em comum seja no significado ou no significante, associam-se e formam grupos na memória do falante. “Em *Hoje fez calor*, dizemos *hoje* pensando opô-lo ao advérbio *ontem*, ou *fez* em oposição a *faz*, e *calor* a *frio* [...]” (Carvalho, 1997, p. 87). Na Libras, vejamos um exemplo de relação paradigmática:



Fonte: As autoras.

<sup>1</sup> Os cinco Parâmetros da Libras que representam o Significante dessa língua são: Configuração de Mão (CM): são as diferentes formas em que uma ou ambas as mãos podem ter para executar o sinal; Ponto de Articulação (PA): ponto (cabeça, peito, braços, espaço neutro) que o sinal deverá ser feito; Movimento (M): para cima, para baixo, para um lado para o outro ou sem movimento; Orientação (O): posição da palma da mão para frente, para trás, para cima, para baixo; e Expressões Faciais e Corporais (EFC): permitem demonstrar aos surdos as mais variadas emoções.

Dentro desse conjunto de signos linguísticos, podemos fazer as escolhas no eixo vertical e as combinações dos elementos no eixo horizontal, por exemplo: PROFESSORA + ESCOLA + TRABALHAR, ocorreu uma seleção e uma combinação do uso da língua e formação da fala.

### 3.4 Significante / Significado na Libras

Conforme visto na Subseção 2.2.4, o signo linguístico é o resultado de um significado (ideia, conceito, imagem conceitual) mais um significante (sons/imagem acústica ou sinais/ imagem visual). É isso mesmo! Necessário incluir sinais ou imagem visual (considerando todos os parâmetros necessários na sua produção) na concepção de significante em referência aqui às línguas de sinais, dentre elas, a Libras. Faz-se necessário compreender que o significante e o significado, “os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação” (Saussure, 2012, p. 106).

Na Língua Portuguesa, os signos linguísticos são as palavras; na Libras, os signos linguísticos são os sinais. Do mesmo modo que na Língua Portuguesa as palavras permitem a interação comunicativa entre os falantes; na Libras, os sinais tem a mesma

finalidade. Logo, os sinais, assim como às palavras, possuem também um significante e um significado, e são eles que constituem o sistema linguístico da Libras e das demais línguas de sinais existentes.

Quando Saussure pensou o signo linguístico como a associação de um significante (imagem acústica) a um significado (imagem conceitual), as línguas de sinais ainda não tinham adquirido esse status. As reflexões de Saussure levaram em consideração somente as línguas orais, por isso as expressões “imagem acústica” para o significante e “imagem conceitual” para o significado representaram bem o que ele queria demonstrar. Entretanto, a expressão “imagem acústica”, ideal para representar o significante nas línguas orais, não se mostra adequada nas línguas de sinais. Por se tratar de línguas sinalizadas, a imagem não é acústica, mas sim uma imagem visual. Portanto, para Cardoso (2020), faz-se necessário adequação terminológica, na concepção de significante, quando se trata de línguas de sinais. Cardoso (2020), em sua dissertação de mestrado, defende a terminologia “imagem gestual”; entretanto, somente entraremos na discussão se a Libras é ou não uma língua gestual em trabalho futuro.

Para uma melhor compreensão, vejamos um exemplo: Consideremos o signo linguístico APRENDER. Como todo signo linguístico, ele é constituído por duas faces inseparáveis, o significante e o significado, ambas impressões psíquicas na mente do falante. Em Língua Portuguesa, seu significante são os fonemas que o constituem /a/p/r/ẽ/d/e/R/, e que estão no cérebro do falante, por isso imagem acústica; já seu significado é “adquirir conhecimentos”, e também está na mente do falante. Em Libras, seu significante é a materialização do sinal de APRENDER a partir de Parâmetros linguísticos dessa língua contidos na mente do usuário; já o seu significado, considerando que a Libras é a Língua Brasileira de Sinais, é o mesmo significado da Língua Portuguesa, isto é, “adquirir conhecimentos”.

### 3.5 Arbitrariedade / Motivação na Libras

Conforme visto na Seção 2.2.5, a Arbitrariedade e a Motivação são duas características do signo linguístico, as quais Saussure, para explicá-las, também fez uso da sua “mania dicotômica”.

Saussure (2012, p. 108) afirmou que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário”. Isso significa que não existe nenhuma justificativa, nenhuma motivação que associe o significante ao significado.

Mesmo considerando o signo linguístico como arbitrário, Saussure reconhece a existência de graus de motivação entre o significante e o significado, isto, reconhece a

possibilidade de existir signos motivados, por essa razão propõe a existência de um arbitrário absoluto (imotivado) e de um arbitrário relativo (motivado).

Na Libras, há sinais arbitrários, aqueles que não possuem nenhuma semelhança com a realidade que representam, e sinais motivados ou icônicos, aqueles que fazem referência a essa realidade (Cardoso, 2020). São exemplos de sinais arbitrários CONVERSAR, PESSOA, PERDOAR, e de sinais icônicos CASA, BORBOLETA e TELEFONE.

## Considerações finais

Dado o exposto, vimos ao longo deste estudo que Saussure descreve a língua como um sistema de valores, de modo que o valor de cada unidade linguística é atribuído a partir das diferenças que uma unidade apresenta em relação às demais unidades do sistema, sobretudo aquela com que faz oposição. Vimos que as unidades linguísticas estabelecem relações sintagmáticas (combinatórias) e paradigmáticas (associativas), linearmente ou, no caso da Libras, na maioria dos sinais, simultaneamente. Também foi possível mostrar a diferença entre língua e fala, como o signo linguístico relaciona suas duas faces indissociáveis - o significante e o significado - de modo arbitrário ou motivado e, por fim, as duas abordagens - sincrônica e diacrônica - de como uma língua pode ser estudada.

Este estudo vem mostrar que as dicotomias saussureanas também são aplicáveis às línguas de sinais, dentre elas a Libras, já que a estrutura dessas línguas são passíveis de estudo por meio do método Estruturalista. No decorrer desta exposição, além de apresentar cada uma das dicotomias, realizamos análise para evidenciar como se manifestam na Língua Brasileira de Sinais.

Portanto, a análise descritiva da Libras à luz das dicotomias saussureanas, aqui realizada, permitiu responder a questão norteadora e confirmar a hipótese deste estudo, evidenciando como essas dicotomias possibilitam melhor e maior compreensão e conhecimento da base estrutural dessa língua como um sistema de valores, conferindo-lhe legitimidade.

Os objetivos traçados - tanto o geral quanto os específicos - foram alcançados. A análise descritiva que fizemos da estrutura da Libras à luz das dicotomias saussureanas: língua / fala, sincronia / diacronia, sintagma / paradigma, significante / significado e arbitrariedade / motivação, apresenta-se como um arcabouço teórico consistente que legitima a Libras como língua natural, e um sistema constituído de signos.

Defendemos que esse arcabouço teórico deva fazer parte da bagagem de conhecimentos de qualquer profissional que trabalhe com a Língua Brasileira de Sinais, seja professor, intérprete ou tradutor. De posse desse construto teórico, certamente o trabalho com essa língua tornar-se-á bem mais consistente e eficaz.

Desse modo, confirmamos a relevância social e científica deste trabalho, que trouxe contribuições para a área do conhecimento no qual está inserido, mas que não a esgota, podendo ser uma fonte de pesquisa para outros estudos futuros.

## Linguistic structuralism: analysis of Saussurean dichotomies applied to Brazilian Sign Language (LIBRAS)

### Abstract

*This inductive, bibliographical, qualitative, descriptive, and exploratory study presents an approach to Ferdinand de Saussure's Linguistic Structuralism and aims to analyze Saussurean dichotomies applied to Brazilian Sign Language (LIBRAS), which will provide a deeper understanding of the structure of this language. The structuralist method starts from the premise that by understanding the structural basis that constitutes an object or phenomenon of study, it becomes possible to comprehend how knowledge is formed in that area, resulting in scientific knowledge. Saussure created a series of dichotomous pairs - langue/parole, synchrony/diachrony, syntagm/paradigma, signifier/signified and arbitrariness/motivation, which, in his conception, represented the rational form linguistic study should take. This study will seek answers to the following guiding question: To what extent can Linguistic Structuralism, within the framework of Saussurean dichotomies, contribute to describing Brazilian Sign Language and thus contribute to its legitimacy? The working hypothesis is the belief that a linguistic description of Libras can be achieved through Saussurean dichotomies, and such analysis will greatly enhance our understanding of this language, which is still the subject of limited and incipient investigative, exploratory, and explanatory studies. Therefore, describing Libras based on the dichotomies Saussure identified as inherent principles in all languages will significantly expand our comprehension of this language on a theoretical level, which is essential for its development and recognition as a natural language, subject, like all others, to various types of linguistic analysis.*

*Keywords:* Linguistic structuralism. Saussurean dichotomies. Libras

### Referências

- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/civil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/civil_03/LEIS/2002/L10436.htm). Acesso em: 26 out. 2018.
- CARDOSO, S. A. **A dimensão significativa da Libras:** observações terminológicas. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- CARVALHO, C. de. **Para compreender Saussure.** 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2002.
- FIORIN, J. L. Org. **Introdução à linguística I:** objetos teóricos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- FIORIN, J. L. Org. **Introdução à linguística II:** princípios de análise. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.
- MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Quando surgiu a língua brasileira de sinais?** Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/educacao/lingua-brasileira-de-sinais-libras.htm#:~:text=O%20trabalho%20de%20Huet%20permitiu,o%20come%C3%A7o%20do%20s%C3%A9culo%20XX>. Acesso em 5 de novembro de 2023.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Org. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Org. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, E. P. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2013.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

STOKOE, William C. **Sign language structure**. Reedição. Silver Spring, Maryland: Linstok Press, 1960.

WEEDWOOD, B. **História concisa da Linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

XAVIER, André Nogueira. **Descrição Fonético-Fonológica dos Sinais da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

# Uma abordagem enunciativa das articulações predicativas de fenômenos da natureza: predicação autonômica

*Luiz Francisco Dias<sup>1</sup>*

*Thalita Nogueira Dias<sup>2</sup>*

## Resumo

Este artigo aborda a complexidade sintático-semântica de verbos que expressam fenômenos naturais, como "chover" e "esquentar", focando na inconsistência da categorização desses verbos. Objetiva-se categorizar esses verbos sob a ótica da Semântica da Enunciação e delinear uma concepção consistente de base nominal de predicação, com fundamentos no conceito de formação nominal. Utilizando redes enunciativas e dados de redes sociais, conclui-se que esses verbos apresentam "predicação autonômica," integrando a base nominal ao verbo. Com isso, destaca-se a inconsistência da noção de sentenças impessoais e propõe-se um modelo mais coerente para a análise gramatical de predicções com verbos que expressam fenômenos naturais.

*Palavras-chave:* Enunciação. Predicação autonômica. Verbos de fenômenos naturais

Data de submissão: agosto. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16137>

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisador bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É fundador e coordenador do Núcleo de Estudos da Enunciação (ENUNCIAR) e do GT de Semântica e Estudos Enunciativos da ANPOLL. Possui doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-doutorado pela Universidad de Buenos Aires, Argentina. <https://orcid.org/0000-0003-0819-4797> E-mail: [cposlin@gmail.com](mailto:cposlin@gmail.com)

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2014), mestrado em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2017) e doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2022). Atualmente é credenciada como docente e orientadora do Curso de Especialização em Língua Portuguesa da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8931765621516749> E-mail: [nogueirathalita@outlook.com](mailto:nogueirathalita@outlook.com)

## Introdução

A constituição do predicado com verbos que expressam “fenômenos da natureza” tem sido um verdadeiro terreno movediço nos estudos gramaticais que abordam as categorias sintáticas tendo em vista os processos de significação. Podemos destacar pelo menos três problemas envolvendo a predicação com aqueles verbos.

Um deles reside na proposição, relativamente comum, de que as sentenças constituídas com aqueles verbos não apresentam a categoria “sujeito”. Isso implica em um grave problema de consistência sintático-semântica: se a predicação é intrinsecamente uma relação com o sujeito, como se conceber os fundamentos da categoria predicado, que é o resultado de uma predicação?

Outro problema está na heterogeneidade das categorias verbais, ora denominados verbos de fenômenos da natureza, ora verbos meteorológicos, ora verbos climáticos. Vejamos: os verbos “sextar” e “amanhecer” apresentam traços destacadamente semelhantes. O segundo é expressivamente um fenômeno da natureza, mas o primeiro (sextar) não se configura como tal, tendo em vista o caráter histórico que determina os dias da semana. No entanto, apresentam as mesmas características sintáticas, pois podem se constituir em sentenças sem nenhum liame adjacente: “Sextou!”, “Amanheceu!”

O terceiro problema está relacionado a uma imprecisão no conceito de “linguagem figurada”. Com efeito, há uma tendência entre os gramáticos de abordarem construções como “eu amanheci cansado” como linguagem figurada. Nessa construção, o verbo ‘amanhecer’ se constitui como núcleo do predicado na relação com o sujeito “eu”. Na perspectiva dos gramáticos, há nesses casos uma espécie de “licença” da língua, de caráter excepcional, para se produzir uma figuração do sujeito na qual não deveria haver nenhuma expressão dessa função sintática, pois o verbo ‘amanhecer’ representaria uma expressão da natureza, independentemente do falante.

Acreditamos que a ausência de um conceito consistente que sustente a categoria “sujeito” seja um dos fatores determinantes para a rarefação de coerência da abordagem que permeia os estudos gramaticais historicamente consolidados. Na tese de Nogueira-Dias (2022), há um amplo levantamento crítico de perspectivas formalistas e funcionalistas voltadas para a explicação das construções com essa ordem de verbos.

Dentre as questões que instigaram o desenvolvimento do trabalho estão, além do problema da consistência do conceito de sujeito, o alcance do conceito de linguagem figurada e a categorização dos verbos concebidos em um grupo vagamente denominado “fenômenos da natureza”.

Sendo assim, o presente artigo apresenta como objetivo central a apresentação de uma proposta de abordagem de alguns dos verbos daquele grupo no âmbito da Semântica

da Enunciação. Especificamente, pretendemos fornecer parâmetros para uma categorização mais racional daqueles verbos. Além disso, buscamos, como objetivo específico, traçar um delineamento de ordem semântico-sintática para uma concepção de sujeito a partir da qual os verbos de fenômenos da natureza podem ser concebidos no mesmo parâmetro de regularidade dos outros verbos da língua portuguesa.

No presente artigo, dentre os verbos abordados na tese de Nogueira Dias (2022), vamos centrar a nossa atenção nos verbos ‘chover’, ‘chuvistar’, ‘ventar’ e ‘esquentar’. A abordagem foi delineada pela Semântica da Enunciação, cujos traços principais serão apresentados antes da análise dos verbos acima. No mesmo espaço, apresentamos também os traços metodológicos da análise.

## 1 Enunciação e predicação

Na abordagem enunciativa que empreendemos neste estudo, os fundamentos da significação encontram-se na relação entre demandas do presente do enunciar e memoráveis de outros enunciados, seguindo postulados defendidos por Guimarães (2002, 2018).

Nesta abordagem, o enunciado é a unidade da língua que se constitui a partir dessa dinâmica de temporalidades: a formulação estabilizada pelas regularidades materiais da língua decorre da dinâmica de relação entre tempos da memória discursiva e o tempo das demandas para significar o presente. Com isso, projetam-se as condições materiais de interpretação em futuro, após a formulação dos enunciados.

Na perspectiva de Dias (2018), o processo de constituição de sentidos está vinculado à dinâmica enunciativa de produção do enunciado. O sentido é produzido pela relação que o referencial histórico (advindo do memorável) e a pertinência enunciativa (advinda das demandas do presente do enunciar) estabelecem no acontecimento de enunciação.

Dias (2018) explica que faz parte do referencial histórico esse memorável de outros dizeres, constituídos na instância do “já enunciado”, isto é, são parte desse referencial os domínios de ancoragem do enunciado, tendo em vista o funcionamento histórico-social. (Dias, 2018, p. 101-102).

O conceito de referencial histórico tem inspiração na diferença, estabelecida por Foucault (1969), entre referência e referencial. Nessa direção, Dias (2018, p.99) argumenta que [...] aquilo a que o enunciado se refere (referente), o que é “posto em jogo” por ele, não se situa apenas no “que é dito”, mas também naquilo “de que fala”. Essa diferenciação parece se assentar em um fio bastante tênue. No entanto, ela abriga um potencial bem interessante, quando se trata de abordar a relação entre linguagem e exterioridade do ponto de vista da enunciação. [...] pela expressão “de que fala”, Foucault considera os

domínios em relação aos quais palavras ou sintagmas significam, não pelas singularidades do que elas dizem, mas por relações que o enunciado que as absorve estabelece. Essas relações formariam um domínio de referências, ou simplesmente referencial.

Concebido na relação com o referencial histórico, Dias propõe o conceito de pertinência enunciativa. Dessa maneira, os enunciados também significam, conforme Dias (2016, p. 38), pela “pertinência enunciativa contraída em determinado espaço de enunciação”. Assim, o conceito de pertinência não tem relação com “dizer algo adequado a uma determinada situação”, mas sim com a possibilidade de projeção de um espaço de consistência no presente do enunciar. A concepção de consistência do enunciado advém dos estudos de Guimarães (2018). Na sua perspectiva, enunciado é uma “unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa” (Guimarães, 2018, p.15).

Nessa direção, Dias (2016, p.37) denomina de pertinência enunciativa “a relação que um enunciado mantém com os determinantes da enunciação em atualidade, incluindo-se outros enunciados do presente do enunciar”. Então, o conceito de pertinência enunciativa também se assenta na ideia de adesão.

Enquanto seres de linguagem, vale dizer, enquanto seres constitutivamente históricos, nós somos instados a responder, a interpretar, a interferir enunciativamente nas situações que se nos apresentam. É a “demanda do presente” que estamos denominando pertinência enunciativa. As respostas, as interpretações, as interferências que se efetivam na enunciação, isto é, as respostas às demandas do presente são constitutivas do acontecimento enunciativo.

Nesse sentido, o referencial histórico e a pertinência enunciativa concebem o que Dias (2016; 2018) denomina ‘domínios de mobilização’ do acontecimento do dizer.

Desse modo, conforme Dias (2018), no acontecimento enunciativo, formas linguísticas recebem a configuração de formações nominais (FN).

O termo “formação nominal” não é o mesmo utilizado na morfologia, isto é, não é um processo de formação de palavras. Na nossa perspectiva, o termo é mais abrangente. Trata-se do processo de constituição da nominalidade, o qual pode se materializar organicamente em unidades sintagmáticas. Essas unidades podem ser simples (“dedo”), complexas (“as árvores floridas” ou “os aviões que estão no pátio do aeroporto”) ou mesmo adquirir caráter pronominal (“você”). Elas são tradicionalmente abordadas como *sintagmas nominais* ou *grupos nominais*. No entanto, a FN pode não se materializar em unidades orgânicas. Em outros termos, a FN se apresenta como pertinente nas articulações sintáticas, mas ela não se materializa na forma de um sintagma nominal constituído externamente ao predicado.

Em uma das possibilidades de não materialização da FN em unidades

sintagmáticas, temos perspectivas nas quais o verbo carrega nominalidade para si, como ocorre em “vacinar”, “florir”, “transitar”, “churrasquear”, “siliconar”, “chover”, “ventar”, “trovejar”, “relampejar”, e muitos outros<sup>3</sup>.

Nos três primeiros exemplos, temos verbos consolidados na língua portuguesa. Em “vacinar”, “florir” e “transitar”, os nomes “vacina”, “flor” e “trânsito” encontram-se configurados em diferentes perspectivas, quais sejam, a da aplicação de vacinas, do surgimento de flores e do percurso no trânsito.

Em “churrasquear” e “siliconar”, demonstramos indícios de produtividade desse processo na formação de novas palavras. Com efeito, no primeiro, temos “churrasco” na concepção de seu evento e, no segundo, temos “silicone” na sua concepção de aplicação em cirurgias estéticas, por exemplo.

Por fim, nos quatro últimos verbos, a presença de nominalidade em perspectiva verbal torna-se ainda mais pertinente. Se “chover” é “chuva” na concepção do seu evento, “ventar”, “trovejar” e “relampejar”, da mesma forma, se apresentam como um ponto de vista na concepção de “vento”, “trovão” e “relâmpago” como eventos.

Nesse último grupo de verbos, os quais expressam “fenômenos da natureza”, esses eventos não são motivados por uma base predicativa (sujeito gramatical) externa ao verbo. Por isso, “Eu chovi” ou “Carlos relampejou” são, à primeira vista, construções estranhas à língua portuguesa. Já no âmbito dos dois primeiros grupos de verbos, formulações como “Eu transitei por esta rua”, “o canteiro floriu”, “Carla siliconou recentemente” são consideradas construções correntes na nossa língua.

Sendo assim, estamos propondo no presente artigo uma abordagem voltada para o estatuto enunciativo dos verbos considerados de “fenômenos da natureza” tentando explicar como formações nominais carregadas por “vento”, “trovão” e “relâmpago” podem se instalar no âmbito predicativo de forma a produzir predicções autonômicas, sem necessariamente requerer uma base predicativa externa. Nesses casos, a formação nominal que se instala no verbo é capaz de produzir uma autonomia predicativa de tal ordem a ponto de termos uma sentença apenas com um verbo: “Choveu!”

A dinâmica do significar, do ponto de vista da enunciação, conduz à necessidade de se posicionar e produzir perspectivas no enunciar. As formações nominais adquirem pertinência e adesão no enunciado pelas articulações sintáticas. Na articulação sintática básica, a predicativa, o verbo sai do estado de infinitivo pela necessidade de se produzir posicionamentos, perspectivações e pertinência.

De acordo com Dias (2015, p. 121), a ocupação do lugar sintático de “sujeito” na sentença, pela relação entre a dimensão do enunciável, estabelecido pelos referenciais

---

<sup>3</sup> Em Tribout (2004) e Levin; Rappaport-Hovav (2005) encontramos duas abordagens da conversão nome/verbo que tocam na questão que estamos levantando neste estudo.

históricos, e a dimensão da organicidade das articulações linguísticas, promove a ativação da predicação. Desse modo, a predicação se realiza no deslocamento do verbo do estado de virtualidade, isto é, do estado de “infinitivo”. Esse movimento é promovido pelas formações nominais, sejam aquelas que se materializam em sintagmas constituídos fora do âmbito da predicação, em lugar de sujeito, sejam aquelas que não se materializam e se constituem em amálgamas.

Nos predicados com “fenômenos da natureza”, os verbos agregam um alto grau de nominalidade, a ponto de amalgamar na própria FN que funciona como base de predicação em temos de convergência enunciativa. Dessa forma, o verbo pode abrigar a FN base da predicação. Trata-se do fenômeno da predicação autonômica, como já referimos.

Nesse tipo de predicação, os predicados com verbos considerados de fenômenos naturais gozam de autonomia para condensar a base predicativa, e, portanto, realizar uma predicação de caráter autônomo (“ensolarou”), sem a explicitação da base (‘sol’), e ainda permitem a nucleação de uma base autônoma fora do predicado (“o dia ensolarou”).

A diferenciação entre a dimensão do enunciável e a dimensão da organicidade tem sido desenvolvida por Dias desde 2001. No âmbito dessa diferença, defende-se que “o fato linguístico tem uma realidade material, orgânica, e ao mesmo tempo uma realidade enunciativa, da ordem do simbólico” (Dias, 2001, p. 197).

Nessa direção, Dias; Pereira (2007) explicaram a concomitância morfológica em casos como “tristemunho” e “apertamento”<sup>4</sup>, em que as palavras ‘testemunho’ e ‘triste’ se fundem organicamente em uma unidade lexical, mantendo-se as duas formações nominais no plano do enunciável. Da mesma maneira, temos ‘apartamento’ e ‘apertado’ em “apertamento”.

No nível da sintaxe, temos, em “Pedro martelou a mesa”, a concomitância de “bater na mesa” e “com o martelo”. Na dimensão da organicidade, “martelou” materializa o núcleo verbal (“bateu”) e ao mesmo tempo o adjunto adverbial de modo (“com o martelo”), que se configuram no enunciado da sentença como extratos do plano do enunciável.

## 2 Procedimentos metodológicos

O estudo desenvolve uma análise enunciativa com fundamentos metodológicos na descrição focada de abordagem qualitativa.

Para isso, trabalhamos com o procedimento denominado ‘rede enunciativa’. Por meio dele, analisamos o fenômeno linguístico da predicação autonômica a partir de uma semântica da enunciação. Nosso método de análise está associado à teoria fundamentada, formulada inicialmente por Glaser e Strauss na obra *The Discovery of Grounded Theory*,

---

<sup>4</sup> Gonçalves (2003) abordou esses fenômenos na condição de *blends* lexicais.

em 1967. Nessa direção, abordamos os principais aspectos sobre como a teoria fundamentada trabalha com a análise de dados, a partir de Fragoso et. al (2011).

Conforme Fragoso et.al (2011, p. 83), a teoria fundamentada é construída por meio de uma “sistemática observação, comparação, classificação e análise de similaridades e dissimilaridades”. Nesse sentido, ela se constitui como uma metodologia qualitativa aplicável a diversas áreas do conhecimento, a partir do campo empírico. Nessa direção, recomenda-se a coleta sistemática de dados, bem como a “constante comparação e análise desses dados (processo denominado codificação), que construirão, a partir dessa análise sistemática, memos teóricos que vão, ao final do processo, construir a teoria”. (Fragoso et.al, 2011, p. 85).

Assim formulados, os procedimentos da TF estão em consonância com a construção de redes enunciativas.

Na perspectiva de Dias (2023), redes enunciativas são artefatos metodológicos de evidenciação do espaço integrativo do enunciado no sentido de captar as articulações das formações nominais, seja no âmbito interno a uma unidade nominal, seja na dimensão mais ampla de um enunciado sentencial. Nessa direção, uma rede enunciativa agrupa construções linguísticas verbais ou verbo-visuais no sentido de evidenciar articulações. A rede enunciativa é uma demonstração de relações linguísticas que guardam uma força argumentativa<sup>5</sup> a favor da tese da constituição articulatória da unidade enunciativa, motivada pelo acontecimento histórico da enunciação (Dias, 2023, p. 163)

Para isso, a rede é construída em torno de um ponto de observação comum entre as construções integrantes da rede. Se internamente a uma rede o ponto de observação está na semelhança, por outro lado, uma rede contrai uma relação de diferença com outras redes no mesmo campo argumentativo.

Nessa perspectiva, a nossa abordagem não exige um corpus previamente definido de circunscrição dos dados de análise. A entrada dos dados na nossa análise passa pelo filtro da configuração da rede enunciativa. Assim, a exigência da sistematização dos dados de análise não está no terreno da origem das construções linguísticas, mas nos parâmetros da formação da rede enunciativa (Dias, 2003, p. 163).

No presente estudo, nossos dados são coletados no antigo Twitter<sup>6</sup>. Fizemos buscas por ocorrências de predicções com suporte orgânico nos verbos ‘chover’, ‘chuviscar’, ‘ventar’, ‘esquentar’ e ‘estiar’. Observamos especificamente as seguintes coordenadas de conformação gramatical (desinências verbais): tempo (presente/passado/futuro), número (1º, 2º e 3º pessoa do singular/plural), modo (indicativo, subjuntivo e imperativo) e as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio). Os verbos analisados estão entre aquele

---

<sup>5</sup> Beavers & Sells (2013, p. 397) destacam o fato de que ocorrências de uso, reais ou construídas pelo pesquisador, entram numa análise linguística como argumentos para solidificar arcabouços explicativos teóricos.

<sup>6</sup> Atualmente denominada “X”.

frequentemente citados como “verbos de fenômeno da natureza” nas principais gramáticas da língua portuguesa.

Escolhemos trabalhar com o Twitter pelo fato de essa rede social apresentar ocorrências da língua em uso entre os falantes. Os enunciados dessa rede são captados em uma dimensão social marcadamente contemporânea. Os dados foram selecionados manualmente na caixa de buscas do aplicativo. Acreditamos que a dinamicidade do uso da língua entre os falantes nessa rede social justifica a escolha do Twitter como fonte de pesquisa. Diversos pesquisadores, como Fragoso et.al (2011), têm utilizado o Twitter como ferramenta de pesquisa e/ou base de dados.

Os cinco verbos analisados neste artigo se distribuem em duas categorias, de acordo com os referenciais históricos que presidem a sua condição enunciativa como verbos de predicação autonômica: *referencial da afluência* (verbos chover e choviscar) e *referencial da ocorrência* (verbos ventar, esquentar e estiar)<sup>7</sup>.

A *afluência* é apreendida por um ponto de vista sócio-histórico de recepção e chegada. O lado mais visível dessa perspectivação de afluência é captado pela “chuva”. Ela aparece (flui) de cima para baixo entre nós e não é acionada ou controlada por um ser<sup>8</sup>. Nós apenas recebemos e percebemos a manifestação do seu processo de constituição na atmosfera. Sabemos que o processo que envolve a chuva é complexo, mas a afluência é concebida pela perspectiva do modo como esse processo historicamente nos afeta. A significação que se produz nas articulações predicativas, envolvendo formações nominais e verbos, é relativa a essa concepção social de afluência.

Portanto, o referencial histórico que advém da FN de base predicativa na produção da predicação é o da recepção de elementos em afluência. Aquilo que se encontra em direcionamento afluente envolve diferentes elementos em escala quantitativa. Esses elementos são entidades apreendidas sob a formação nominal “chuva”, como gotas de água, ou ainda como “chuva de dinheiro”, “chuva de pedras”, “chuva de mentiras” entre outras.

Por sua vez, as *ocorrências* percebidas no ambiente envolvem alterações na relação som/silêncio, clarão/normalidade<sup>9</sup>, mobilidade/imobilidade, turbidez/limpidez, quentura/frieza, claridade/normalidade<sup>10</sup>, umidade/secura.

As ocorrências são percepções sociais de algo que ocorre na natureza sem o comando do homem. Trata-se de relações sociais com o sensível, que envolvem o ambiente comum de vivência nos acontecimentos enunciativos.

---

<sup>7</sup> Na tese que ampara o presente artigo, trabalhamos também com o *referencial da periodização*, determinando a predicação autonômica de verbos como amanhecer, anoitecer, sextar.

<sup>8</sup> Quando temos esse acionamento e controle da chuva a partir de mecanismos tecnológicos, utilizamos a expressão “chuva artificial”.

<sup>9</sup> Entendemos por ‘normalidade’ a percepção de um ambiente não afetado por clarão de relâmpago.

<sup>10</sup> Entendemos por ‘normalidade’ a percepção de um ambiente não afetado por claridade do sol.

### 3 Predicação autonômica: afluentes

Conforme apresentamos nos fundamentos teóricos deste estudo, a nossa abordagem se assenta na seguinte concepção: o modo como o referencial histórico adquire pertinência enunciativa no presente do enunciar constitui o acontecimento da enunciação. Essa pertinência enunciativa será observada pelas coordenadas de conformação gramatical e pela constituição do cenário de pertinência.

A seguir, temos a primeira rede enunciativa, centrada na predicação que tem como núcleo material o verbo ‘chover’:

Quadro 1

| REDE ENUNCIATIVA 1: <b>CHOVER</b>                                                                                                  |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| a) previsão do tempo disse que amanhã <b>choverá</b> o dia todo... assim espero <sup>11</sup>                                      |
| b) tempo louco, ontem <b>choveu</b> , ficou fresquinho, hoje ta ótimo, e no fim de semana marcando 40° como q guenta <sup>12</sup> |
| c) quando <b>chove</b> deveria ser feriado <sup>13</sup>                                                                           |
| d) Já fechamos pareceria até com São Pedro. Sábado não <b>chove!!!</b> Baile do Dantas no Mandela einnn <sup>14</sup>              |
| e) Eu de branco HOJE <b>CHOVE</b> <sup>15</sup>                                                                                    |

Fonte: autoria própria

Vimos que, na predicação autonômica, a formação nominal de base predicativa, equivalente ao sujeito gramatical, pode estar incorporada ao verbo. Essa concepção tem como fundamento os trabalhos desenvolvidos a partir de Dias (2018), nos quais o autor passa a considerar que a formação nominal (FN) pode não se materializar em unidade nominal na dimensão orgânica, quando é apreendida em enunciado. Por isso, o termo ‘formação’, em vez de ‘sintagma’.

Nos cinco enunciados da Rede Enunciativa 1, temos essa ausência de materialização da base de predicação, pois a FN ‘chuva’ está em convergência enunciativa no verbo ‘chover’.

Nessas ocorrências de predicação autonômica, o verbo recebe o referencial histórico da afluência advindo da base predicativa ‘chuva’.

Do ponto de vista das coordenadas de conformação gramatical, nos enunciados dessa rede, temos ‘choverá’, ‘choveu’ e ‘chove’ com tempos verbais diferentes projetados pela locução do presente do enunciar. Dessa maneira, temos a locução do presente como

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/fehlizz/status/1029919914507882496>> acesso: 06/09/2021.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/besticould/status/1438118895790010372>> acesso: 06/09/2021.

<sup>13</sup> Disponível em: <[https://twitter.com/milenea\\_machado/status/1509103554497232901](https://twitter.com/milenea_machado/status/1509103554497232901)> acesso: 06/09/2021.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/Meninodubem/status/1358869255375237122>> acesso: 06/09/2021.

<sup>15</sup> Disponível em: <[https://twitter.com/charizards\\_bomb/status/1434213434707566599](https://twitter.com/charizards_bomb/status/1434213434707566599)> acesso: 06/09/2021.

centralizadora da temporalização: ‘choveu’ como um antes, ‘choverá’ como um depois do momento da locução. Essa é a dinâmica que provoca a conformação gramatical da predicação no enunciado. Assim, os morfemas (formas presas), como também os advérbios de tempo e de lugar (formas livres), cumprem o papel de materializar essa conformação gramatical.

Quanto ao cenário de pertinência enunciativa, afirmamos que os enunciados da rede enunciativa (1) correspondem, respectivamente, à (a) “choverá [chuva]”, (b) “choveu [chuva]”, (c), (d) e (e) “chove [chuva]”, nos quais a FN ‘chuva’, em confluência, adquire, na predicação, pertinência de gotas de água recebidas ou chegadas segundo as circunstâncias do presente do dizer.

Essa pertinência enunciativa de gotas de água adquire relação com outras predicações do enunciado que compõem o cenário de pertinência. No âmbito das condições atmosféricas, temos em (a) ‘previsão do tempo’ e em (b), ‘ficou fresquinho’. Já em (c), o ‘feriado’ passa a ser concebido como uma maneira de não sair de casa em caso de chuva; em (d), a realização do ‘baile’ aparece como um evento a ser favorecido pela ausência de chuva; e em (e) ‘eu de branco’, o uso do branco, provavelmente como vestimenta, parece funcionar como um motivador para a chuva. Essas relações de sentido possibilitam a ressignificação do cenário de pertinência enunciativa da chuva como gotas de água.

Observemos agora a Rede Enunciativa a seguir, com especificidades na convergência, ainda na análise do verbo ‘chover’.

Quadro 2

| <b>REDE ENUNCIATIVA 2: CHOVER {especif}</b>                                                                                         |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>(a) Choveu grosso</b> durante a noite e alagou a cidade toda. Aulas suspensas hoje <sup>16</sup>                                 |
| <b>(b)</b> Trânsito no Colorado segue tranquilo. <b>Chove fino</b> na região e a pista está bem molhada. <sup>17</sup>              |
| <b>(c) Choveu preto</b> em SP meu Deus <sup>18</sup>                                                                                |
| <b>(d)</b> Segundo a previsão do tempo, divulgada no Jornal Nacional, amanhã <b>choverá forte</b> no Espírito Santo <sup>19</sup> . |
| <b>(e)</b> Ufa, Butantã <b>choveu rápido</b> e abriu sol. Vamos ver na Paulista <sup>20</sup>                                       |
| <b>(f)</b> Aqui <b>chove</b> sem parar mas <b>uma chuva fina</b> Deus nos acuda e nos proteja <sup>21</sup>                         |

Fonte: autoria própria

Os enunciados de (a) a (c), nessa Rede, apresentam qualificações voltadas para uma

<sup>16</sup>Disponível em: < <https://twitter.com/jiyushori/status/1060547755775610881> > acesso: 09/09/21.

<sup>17</sup>Disponível em: < <https://twitter.com/correio/status/157752342027051008> > acesso: 09/09/21.

<sup>18</sup>Disponível em: < <https://twitter.com/ohbrunana/status/1163965103877885953> > acesso: 09/09/21.

<sup>19</sup>Disponível em: < <https://twitter.com/DNatyprinces/status/415252022435123200> > acesso: 09/09/21.

<sup>20</sup>Disponível em: < <https://twitter.com/tecamelotov/status/1398710745274142721> > acesso: 09/09/21.

<sup>21</sup>Disponível em: < <https://twitter.com/castrodedeia1/status/1220629772478418945> > acesso: 09/09/21.

virtual nucleação da base predicativa ‘chuva’. No entanto, essa nucleação não se materializa, fazendo com que ‘chuva’ fique apenas no plano virtual, como sustentação dos adjetivos ‘grosso’ (a), ‘fino’ (b) e ‘preto’ (c). No enunciado (f), por sua vez, temos a materialização da FN em nucleação fora do predicado, da mesma forma que ocorre na Rede 3, mas aqui essa FN recebe o convergente adjetivo materializado em ‘fina’.

Dessa maneira, a predicação dos enunciados (a), (b), e (c) pode corresponder respectivamente a “choveu uma chuva grossa”, “choveu uma chuva fina” e “choveu uma chuva preta”. Nessas ocorrências, é possível notar que as especificações da base predicativa estão vinculadas a aspectos que a entidade precipitada pode assumir: quanto à espessura, ‘grossa’ ou ‘fina’, e à coloração, ‘preta’, significando, assim, como particularidade da base de predicação no cenário de pertinência enunciativa.

Por outro lado, em predicações como (d) “choverá forte” e (e) “choveu rápido”, as especificações ‘forte’ e ‘rápido’ parecem não manter relação com aspectos constitutivos da entidade precipitada (gotas de água). Nessas ocorrências, as especificações não qualificam a base predicativa ‘chuva’, mas sim a maneira de percepção da precipitação das gotas de água. Em outros termos, essas especificações incidem sobre o modo como se percebe a chegada (afluência) da “chuva”. Trata-se de um aspecto relativo à constituição do cenário de pertinência, em que ‘rápido’ e ‘forte’ reforçam a pertinência de gotas de água frente ao referencial da afluência.

Por sua vez, na predicação do enunciado (f) “chove uma chuva fina”, a base de predicação FN “chuva” está expressa na estrutura do enunciado, em definitude de núcleo próprio. Ocorrências como essa se constituem como um padrão pelo qual é possível comprovar que a base de predicação pode estar incorporada ao verbo, apresentando uma confluência enunciativa, e ao mesmo tempo expressa na sentença com núcleo orgânico.

Nossa perspectiva está em consonância com a visão de Ruwet (1986) acerca dos “predicados meteorológicos”. Esse autor considera que, na predicação de fenômenos meteorológicos, o sujeito está incorporado ao verbo. A possibilidade de qualificar a base de predicação é um argumento importante na nossa abordagem, no sentido de fortalecer essa tese, que no nosso ponto de vista teórico tratamos como predicação autonômica.

Na Rede 3, apresentada a seguir, a força da nucleação em base de definitude orgânica própria mostra-se mais evidente:

| <b>REDE ENUNCIATIVA 3: CHOVER {x}</b>                                                                        |  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| (a) <b>Choveu pedras de gelo</b> em cima do meu carro agora ele está todo amassado. BOM DIAA . <sup>22</sup> |  |
| (b) amanhã <b>choverá granizo</b> em belo horizonte <sup>23</sup>                                            |  |
| (c) <b>Choveu neve</b> hoje, ta muito frio meu Deus <sup>24</sup>                                            |  |
| (d) <b>chove trovões</b> em vitória. e vez ou outra, uma gota d'água <sup>25</sup> .                         |  |
| (e) E <b>chove mentiras</b> no twitter! <sup>26</sup>                                                        |  |

Fonte: autoria própria

Nos enunciados dessa Rede, a base predicativa FN “chuva”, como nas redes apresentadas anteriormente, está em convergência enunciativa no verbo ‘chover’, por meio das formas verbais de passado, presente e futuro, conforme as coordenadas de conformação gramatical. Considerando o referencial histórico da afluência, temos uma concepção social de precipitação de elementos materiais ou imateriais. Tendo em vista a ordenação da regularidade sistemática da língua portuguesa, uma segunda FN (diferente daquela que está em convergência enunciativa) se instala como nucleação orgânica no espaço exterior ao predicado. Nela, os elementos em afluência que constituem o cenário de pertinência são (a) pedras de gelo, (b) granizo (c) neve, (d) trovões, e (e) mentiras.

Em suma, o cenário de pertinência enunciativa da predicação em (a) “choveu pedras de gelo<sup>27</sup>”, (b) “choverá granizo” e (c) “choveu neve” pode ser descrito, primeiramente, pela constatação de que a FN ‘chuva’ está incorporada ao verbo em convergência. No entanto, é parte desse cenário de pertinência as especificações ‘pedras de gelo’, ‘granizo’ e ‘neve’, as quais incidem sobre a base de predicação ‘chuva’, equivalendo a ‘chuva de pedras de gelo’, ‘chuva de granizo’ e ‘chuva de neve’, isto é, a “gotas de água em estado sólido” ou “gotas de água cristalizadas”. Essas especificações associam-se à pertinência enunciativa de precipitação de gotas de água, cuja movimentação ocorre de cima para baixo.

Na sequência, a predicação autonômica do enunciado (d) “chove trovões em vitória. e vez ou outra, uma gota d'água” apresenta duas especificações: (1) ‘trovões’ e ‘uma gota d'água’, equivalendo à ‘chuva de trovões e de uma gota d'água’. Nessa direção, as especificações associadas à base predicativa mantêm o referencial histórico de afluência, fazendo com que “chove uma gota” seja pertinente como precipitação, considerando que “chove uma gota” equivale ao mesmo que “chove uma baixa quantidade de chuva” ou mais especificamente como “chove 0,05 milímetros”. Isto é, “uma gota de água” não significa

<sup>22</sup>Disponível em: < <https://twitter.com/mariana/status/1188053697227579400> > acesso: 10/08/21.

<sup>23</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/rxquelgreco/status/1387243266907779074> > acesso: 06/08/21.

<sup>24</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/niicoloyg/status/587460206814081026> > acesso: 08/08/21.

<sup>25</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/rafacst/status/10275316611> > acesso: 10/08/21.

<sup>26</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/rndlgs/status/11436153858> >. Acesso: 14/08/21.

<sup>27</sup> Pelas normas gramaticais prescritivas, o enunciado deveria ser “Choveram pedras de gelo”.

nessa predicação como uma medida exata da quantidade de elementos precipitados.

Por outro lado, considerando o referencial histórico da afluência, em “chove trovões”, a constituição do núcleo orgânico está em função do cenário de pertinência de um direcionamento em quantidade, tal qual chuva, mas identificado como contraparte audível de uma descarga elétrica.

Por fim, na predicação “chove mentiras no twitter” do enunciado (e), a base de predicação “chuva” recebe a especificação “mentiras” (segunda base de predicação), a qual produz pertinência enunciativa como disseminação, propagação ou ainda difusão de certa quantidade de afirmações, consideradas como não verdadeiras.

Algo diferente ocorre com os enunciados da Rede Enunciativa 4, a seguir:

Quadro 4

| <b>REDE ENUNCIATIVA 4: [x] CHOVE</b> |                                                                                                                   |
|--------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>(a)</b>                           | <b>São Pedro choveu</b> a semana toda já pode parar de chover porque quero curtir meu fds -- <sup>28</sup>        |
| <b>(b)</b>                           | <b>ei são pedro chove</b> aí pra nós só pra testar uma coisa rapidão <sup>29</sup>                                |
| <b>(c)</b>                           | <b>Alo Deus. chove amanhã</b> não, tenho q ir em todas consultas, em guará, no centro, tudo de moto <sup>30</sup> |
| <b>(d)</b>                           | Euu to muito feliz, <b>papai do céu choveu bençãos</b> em minha vida essa semana! <sup>31</sup>                   |
| <b>(e)</b>                           | Aqui no rio <b>o céu chove</b> de pipa hahaha <sup>32</sup>                                                       |

Fonte: autoria própria

Nesses enunciados, podemos observar a presença de duas bases de predicação. A primeira está em confluência no verbo ‘chover’, sendo a responsável pela saída do verbo do infinitivo, e, desse modo, pela predicação autonômica. Temos ainda uma segunda base de predicação, as formações nominais ‘São Pedro’, ‘Deus’ e ‘papai do céu’ e ‘céu’. A proeminência dessa base de predicação está vinculada à força da regularidade sistemática da língua portuguesa, que se mostra no modelo canônico SUJEITO-VERBO-OBJETO.

Desse modo, ela consegue se sobrepor à base em convergência enunciativa, compondo o cenário de pertinência enunciativa e funcionando como se fosse também a base motivadora da predicação autonômica. Esse movimento de sobreposição dessas formações nominais advém da necessidade de se expandir o cenário de pertinência enunciativa, necessidade essa ligada ao presente da enunciação, isto é, daquilo que o presente da enunciação predica. Notamos ainda que o lugar de objeto só ganha dimensão orgânica nos enunciados (d) e (e) com definitude em núcleo por meio das formações

<sup>28</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/caarolluz/status/360917787381739520> > Acesso: 11/01/22.

<sup>29</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/junimlagos/status/1380338267988590592> > Acesso: 11/01/22.

<sup>30</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/owataya/status/1480370697956438017> > Acesso: 11/01/22.

<sup>31</sup> Disponível em: < [https://twitter.com/Max\\_Junior\\_07/status/1443054434548916234](https://twitter.com/Max_Junior_07/status/1443054434548916234) > Acesso: 11/01/22.

<sup>32</sup> Disponível em: < [https://twitter.com/Bancoli\\_95/status/614119035400286208](https://twitter.com/Bancoli_95/status/614119035400286208) > Acesso: 11/01/22.

nominais em “benções” e “pipa”.

Nessa direção, compreendemos que a força da sistematicidade da língua também está presente no modelo canônico da predicação em ocorrências em que há mais de uma base de predicação. Isto é, uma base em convergência enunciativa e uma base com definitude em núcleo orgânico: choveu uma chuva fina, choveu granizo, choveu flores, choveu mentiras, São Pedro choveu.

Em diversas abordagens voltadas para os verbos de fenômenos da natureza, principalmente nas gramáticas de linha tradicional, deixa-se a entender que a natureza figurativa do verbo altera o seu estatuto lexical. É como se, em “papai do céu choveu benções”, por exemplo, tivéssemos outro verbo, o qual aceitaria as funções de sujeito e predicado. No entanto, trabalhamos com a concepção de que, em todas as ocorrências nas redes apresentadas, o verbo é o mesmo.

A sustentação lexical do verbo ‘chover’ está no domínio de mobilização de um referencial histórico (afluência) que se articula com pertinências enunciativas as quais circunscrevem esse referencial no cenário de predicação.

Em todas as redes enunciativas até aqui apresentadas, o referencial constituído pela perspectiva social de afluência de elementos em quantidade significativa instala-se no verbo por meio da base de predicação ‘chuva’. Na penúltima ocorrência da Rede 4 (“papai do céu choveu benções”), essa perspectiva se instala da mesma maneira que nas outras ocorrências das redes apresentadas. A força da sistematicidade do português na estrutura SUJEITO-VERBO-OBJETO, como já dito, favorece uma distribuição de componentes no cenário de pertinências, os quais podem funcionar como um “motivador” em forma de FN de nucleação externa (‘papai do céu’) e um objeto (‘benções’).

Nesse caso, a FN de nucleação externa (orgânica), do ponto de vista das coordenadas de conformação gramatical, tendo em vista que não é uma especificidade da base ‘chuva’, se sobrepõe pela força da sistematicidade SUJEITO-VERBO-OBJETO à confluência no que se refere à determinação predicativa. Ele se associa à FN ‘chuva’ na retirada do verbo do infinitivo para constituir a predicação.

O referencial da afluência, possibilitando o cenário de pertinência de quantidade significativa, está presente em ‘chuva’, no âmbito do verbo ‘chover’, e favorece a entrada de “benções”, concebida também como quantidade significativa, na configuração de um cenário de pertinências na sistematicidade regular do português.

A condição de predicação autonômica não é afetada pelo leque de possibilidades de configuração de predicações que apresentamos nas redes de 1 a 4. Ela tem relação com a convergência enunciativa de uma FN no verbo, proporcionando uma base de predicação verbal forte (‘choveu’ [chuva]), no sentido de prescindir de uma nucleação orgânica fora da predicação, ou de uma base verbal de fundo, no sentido de aceitar a sobreposição de uma

base de predicação saliente, fora da predicação, em nucleação própria (“pai do céu choveu bênçãos”).

Além do verbo ‘chover’, consideramos que a predicação autonômica pode se constituir com verbos como ‘chuviscar’, ‘neblinar’, ‘garoar’, ‘gear’ e ‘nevar’, tendo em vista que esses verbos também são afetados pelo referencial histórico da afluência. Neste texto, apresentaremos apenas a análise de ‘chuviscar’.

Vejamos a seguir a análise da predicação autonômica com o verbo ‘chuviscar’.

Quadro 5

| <b>REDE ENUNCIATIVA 5: CHUVISCAR</b> |                                                                                                                                                                                                  |
|--------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>(a)</b>                           | Aqui na Tijuca só <b>chuviscou</b> <sup>33</sup>                                                                                                                                                 |
| <b>(b)</b>                           | essa chuva que vem <b>chuvisca</b> 3 minutos e já vai embora slk lamentável viu <sup>34</sup>                                                                                                    |
| <b>(c)</b>                           | O céu tá <b>chuviscando</b> com uma vazão de 1 nanometro^3 por hora, mas as pessoas sentem a necessidade de fechar todas as janelas e transformar o ônibus numa estufa mesmo assim <sup>35</sup> |
| <b>(d)</b>                           | @vampireska. Aqui <b>o tempo ta chuviscando</b> , vamos ver mais tarde né <sup>36</sup>                                                                                                          |
| <b>(e)</b>                           | Aqui a imagem <b>tá chuviscando</b> um pouco <sup>37</sup>                                                                                                                                       |
| <b>(f)</b>                           | Assistindo no PC porque <b>a TV ta chuviscando</b> <sup>38</sup>                                                                                                                                 |
| <b>(g)</b>                           | @TopTVIbope É péssima!! O povo esta indignado. O Som é terrível, e pega muito, muito, muito mal. O Sinal <b>chuvisca</b> mesmo com antenas boas. :( <sup>39</sup>                                |
| <b>(h)</b>                           | Minha TV ta sem antena kkkkk <b>a globo ta chuviscando</b> , mas vai assim mesmo já que moio os links <sup>40</sup>                                                                              |

Fonte: autoria própria

A perspectiva que caracteriza o referencial histórico-social na confluência da FN no verbo dessa Rede também é marcada pela afluência. No entanto, há uma mudança em relação aos cenários de pertinência constituídos nas predicações com ‘chover’. A perspectiva social de afluência de unidades se mantém, embora haja uma diferença quanto à quantidade e forma dessas unidades.

No caso de ‘chuviscar’, essa diferença fica marcada. A percepção de unidades configuradas como partículas de densidade e quantidade reduzidas produz as condições para a predicação com ‘chuviscar’.

Em (a), “Aqui na Tijuca só chuviscou”, temos a confluência de ‘chuvisco’ no verbo ‘chuviscar’, que, passando pelas coordenadas de conformação gramatical, resulta na forma

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/camargoantonie1/status/1479171441958477825>> acesso: 11/01/22.

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/MTSKICOMUNISTA/status/1449566689725665281>> acesso: 10/08/21.

<sup>35</sup> Disponível em: <[https://twitter.com/jairo\\_moutinho/status/1196348621664538625](https://twitter.com/jairo_moutinho/status/1196348621664538625)> acesso: 11/01/22.

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/deivismendes/status/10795168227>> acesso: 11/01/22.

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/YgorFremo/status/1471825504634388482>> acesso: 11/01/22.

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/jhefersonjc/status/323598271631200257>> acesso: 11/01/22.

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/filipiferreira/status/18717070778715648>> acesso: 11/01/22.

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/karinamarigold/status/711638833473970176>> acesso: 11/01/22.

verbal do passado ‘chuviscou’. No cenário de pertinência enunciativa, gotas de água em forma reduzida em movimento de precipitação formam o quadro de atualidade desse enunciado.

Em (b), (c) e (d), temos já a constituição de uma base de predicação externa que concorre com a base ‘chuvisco’. Essa base de nucleação externa é formada por ‘chuva’, ‘céu’ e ‘tempo’, respectivamente. Nesses três enunciados, essas bases ainda se encontram associadas semanticamente a ‘chuvisco’, pois são percebidas no cenário de pertinência enunciativa da meteorologia como “amparadoras” de precipitação.

Já em (e), (f), (g) e (h), temos a constituição das bases de predicação com as formações nominais ‘imagem’, ‘TV’, ‘sinal’ e ‘Globo’, todas elas constituindo um cenário de pertinência com ‘chuvisco’ fora da área meteorológica. Assim, a nucleação da base predicativa fora do âmbito da predicação se distancia semanticamente da FN ‘chuvisco’, em convergência enunciativa.

No entanto, essa base predicativa em convergência enunciativa continua a integrar a significação do predicado. Nesses enunciados, o cenário de pertinência envolve a existência de pequenos pontos que parecem se mover na tela dos aparelhos de TV analógicos. Isso é compreendido na relação com chuvisco, que pode ser percebido como gotículas de água que igualmente se movem no espaço atmosférico.

Vejamos a seguir o grupo de verbos afetados pelo referencial da ocorrência.

## 4 Predicação autonômica: ocorrências

Vejamos a Rede Enunciativa 6, em que o verbo recebe o referencial de ocorrência da FN ‘vento’.

Quadro 6

| <b>REDE ENUNCIATIVA 6: VENTAR</b>                                                                                                       |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>(a) Ventou</b> eu já fico gripada e sem voz <sup>41</sup>                                                                            |
| <b>(b) tá ventando</b> , ventos bons! <sup>42</sup>                                                                                     |
| <b>(c)</b> Menos calor esta noite. <b>Ventou um vento bem fresquinho</b> , foi ótimo! <sup>43</sup>                                     |
| <b>(d)</b> ah que isso <b>ventou um vento de 92 graus celsius</b> na minha cara <sup>44</sup>                                           |
| <b>(e)</b> fui p academia sem casaco msm fazendo frio sai de lá com o corpo quente e <b>ventou 12 graus</b> na minha cara <sup>45</sup> |

Fonte: autoria própria

<sup>41</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/Kamilla26413614/status/1452391864758378498> > acesso: 10/10/21.

<sup>42</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/brunoxav1er/status/1451222771548229637> > acesso: 10/10/21.

<sup>43</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/JuMalheiros/status/5557578635> > acesso: 10/10/21.

<sup>44</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/elisazanatta/status/1437757593758355460> > acesso: 10/10/21.

<sup>45</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/Mytti14/status/1450962136067461120> > acesso: 10/10/21.

Os dois primeiros enunciados da rede apresentam uma predicação em que a FN ‘vento’ está em convergência enunciativo no verbo, sendo que, em (a), a forma verbal é simples, e em (b), ela está em forma de locução.

Nos enunciados seguintes, há a constituição de formações nominais nucleadas em espaço sintático fora do predicado, e em todas elas, temos especificações da FN ‘vento’: ‘um vento bem fresquinho’, em (c); ‘um vento de 92 graus celsius’, em (d) e ‘12 graus’, em (e).

Do ponto de vista do cenário de pertinência, a predicação explora a relação entre o móvel e o imóvel, projetada pelo referencial de ocorrências.

Veremos agora alguns traços da participação dessas formações nominais suplementares no cenário de pertinência enunciativa.

Em (c), “ventou um vento bem fresquinho”, a constituição da FN em nucleação ‘vento’ aparece como base para a recepção do qualificador ‘bem fresquinho’ que incide sobre ‘vento’. Dessa maneira, a regularidade da língua portuguesa permite que uma FN seja nucleada fora do espaço predicado para receber qualificação, mesmo que essa FN externa seja uma manifestação similar à FN interna, que também é ‘vento’.

O mesmo pode ser concebido em (d), no enunciado “ventou um vento de 92 graus celsius na minha cara”. A constituição de uma especificação ‘de 92 graus celsius’ no cenário de pertinência enunciativo leva à duplicação da FN ‘vento’, produzindo uma FN em núcleo para receber essa especificação.

Já em (e), tendo em vista a relação mobilidade/imobilidade, a percepção da mobilidade do vento é também atualizada e explorada no cenário de pertinência enunciativa. A ocorrência de vento, em sua mobilidade, aparece no cenário como portadora de frio. A FN constituída fora do espaço do predicado, ‘12 graus’, marca essa medição em graus, indicativa do frio.

Enfim, é dessa maneira que essas bases de predicação suplementares recebem determinativos de consistência do enunciado.

Observemos a seguir a Rede Enunciativa 7, centrada no verbo ‘esquentar’.

| <b>REDE ENUNCIATIVA 7: ESQUENTAR</b> |                                                                                                                   |
|--------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>(a)</b>                           | <b>Esquentou</b> , né gente?! 🌡️🌡️🌡️🌡️ <sup>46</sup>                                                              |
| <b>(b)</b>                           | <b>Tá esquentando!!</b> <sup>47</sup> .                                                                           |
| <b>(c)</b>                           | <b>O tempo está esquentando</b> então vamos~passear <sup>48</sup> .                                               |
| <b>(d)</b>                           | vocês estão sentindo <b>a temperatura esquentar</b> ? eu tô sentindo o tempo fresquinho ir embora <sup>49</sup> . |
| <b>(e)</b>                           | Quanto <b>sua cidade esquentou?</b> <sup>50</sup> .                                                               |

Fonte: autoria própria

As predicções com esse verbo apresentam um desafio a mais. Elas adquirem as características da predição autonômica, da forma como estamos desenvolvendo nesta tese, porém, não há clareza quanto aos limites dessa classificação.

Acreditamos que é legítimo postular que temos a FN ‘quentura’ em confluência no verbo ‘esquentar’. Usamos pouco o substantivo ‘quentura’, mas ele é registrado na nossa língua desde o século XIII, como consta no *Dicionário Houaiss*. Na língua portuguesa, temos também os adjetivos ‘frio’ e ‘quente’. No entanto, preferimos ser cautelosos e não inserir na rede enunciados como “Eu esquentei a água”, no sentido de fornecer uma propriedade ao líquido.

Dessa maneira, quando tomamos o enunciado (a) da Rede 7 (“Esquentou, né gente?”) tudo indica que estamos falando do aumento da temperatura no ambiente (‘quentura’), algo que surge em razão das alterações do meio natural. O mesmo ocorre no enunciado “Tá esquentando”, em (b). Nesse caso, temos uma alteração nas coordenadas de conformação gramatical, com a realização de uma locução verbal.

Os enunciados seguintes apresentam bases nucleares externas ao predicado: ‘o tempo’, ‘a temperatura’ e ‘sua cidade’. Nesse caso, essas formações nominais constituem nucleação orgânica de base predicativa suplementar fora do predicado, incidindo sobre o verbo ‘esquentar’.

Quanto ao cenário de pertinência enunciativa, as duas predicções exploram as ocorrências percebidas socialmente nas variações de “quentura”. Observemos mais detalhadamente as ocorrências na rede: em (c) e (d), “o tempo está esquentando” e “a temperatura esquentar”, as formações nominais nucleadas como base de predição sobreposta são análogas na participação do cenário de pertinência enunciativa. Elas especificam a percepção do próprio ambiente (‘o tempo’) e a própria escala de variação da quentura (‘a temperatura’) como elementos pertinentes da ocorrência do ‘esquentar’. Já

<sup>46</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/lyarecaldx/status/1512236059119300642> > acesso: 22/10/21.

<sup>47</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/euamopg/status/1512345414770507780> > acesso: 22/10/21.

<sup>48</sup> Disponível em: < [https://twitter.com/Snuper6\\_BR/status/1105251784493289472](https://twitter.com/Snuper6_BR/status/1105251784493289472) > acesso: 22/10/21.

<sup>49</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/Nizoca/status/1481082888674291712> > acesso: 22/10/21.

<sup>50</sup> Disponível em: < [https://twitter.com/Duarte\\_Cau/status/1160328359072718854](https://twitter.com/Duarte_Cau/status/1160328359072718854) > acesso: 22/10/21.

em 19 (e), “sua cidade esquentou”, a FN de base orgânica ‘sua cidade’, em sobreposição, traz o recorte histórico do lugar em que a quentura se faz pertinente.

No mesmo quadro desse referencial histórico, temos ‘trovejar’, ‘relampejar’, ‘nublar’, ‘esfriar’, ‘ensolarar’ e ‘estiar’.

## Considerações finais

Desenvolvemos, conforme o modelo metodológico da Teoria Fundamentada, o nosso caminho na abordagem da “dinâmica do dizer”, que atravessa todo este estudo. Nessa dinâmica do dizer, as interrelações entre a dimensão do enunciável e a dimensão da organicidade são demonstradas pelas possibilidades que a língua portuguesa oferece de aceitar verbos com capacidade de receber formações nominais na sua unidade orgânica de ordem verbal.

A articulação predicativa foi abordada a partir da concepção de predicação autonômica, tendo como foco os referenciais de afluência e de ocorrência, conduzindo as formações nominais para o verbo, tornando as predicações capazes de se constituir sozinhas em uma unidade sentencial, do ponto de vista da dimensão orgânica. Por sua vez, a consideração da dimensão enunciativa nos mostra que a base de predicação está em convergência no verbo. Isso caracteriza a predicação autonômica.

Quanto à dinâmica do dizer, ela se mostra desenvolvida no conceito de domínios de mobilização, que esteve determinando a relação entre o referencial histórico e as pertinências enunciativas constituídas nos diversos cenários dos enunciados.

Pretendemos ter mostrado que os fundamentos teóricos fornecem as ferramentas necessárias para uma abordagem mais precisa das relações sintático-semânticas, principalmente no que se refere à delimitação da categoria ‘fenômenos da natureza’. Tendo em vista esses fundamentos, acreditamos ter podido realizar uma distribuição consistente desses verbos frente a duas perspectivas de concepção social do sensível: afluência e ocorrência.

Acreditamos que o conceito de predicação autonômica permite a resposta de boa parte das questões em aberto nos estudos sobre os verbos de “fenômeno da natureza”. Com esse conceito, podemos perceber o quanto as gramáticas do nosso cotidiano abordam o fenômeno da “impessoalização” desses verbos de maneira superficial e pouco sistemática. Com efeito, frente à concepção segundo a qual as formações nominais entram em convergência no verbo, não há que se postular “impessoalização” nas predicações com os verbos em foco.

Sendo assim, refutamos a concepção de que a participação desses verbos na predicação resulta em orações sem sujeito. Na nossa perspectiva, as bases de predicação

se fazem presentes em todas as ocorrências de predicação analisadas. Essas bases de predicação correspondem ao sujeito na sintaxe.

Com a concepção da formação nominal, pudemos mostrar como a dimensão orgânica se articula com a dimensão do enunciável. Nesse sentido, trata-se de um conceito que adquire maior efetividade do que o de “sintagma nominal”.

Nessa direção, o procedimento de análise “rede enunciativa” foi fundamental para que articulações constitutivas da predicação autonômica pudessem ser colocadas em foco no momento da análise.

As formas de predicar o sensível, do ponto de vista enunciativo, é parte do conhecimento da sociedade, de como se produz sentido na linguagem pelas dinâmicas do dizer.

## An enunciative approach to predicative articulations in verbs of natural phenomena: autonomic predication

### Abstract

*This article addresses the syntactic-semantic complexity of verbs expressing natural phenomena, such as "rain" and "heat," focusing on the inconsistency in categorizing these verbs. The aim is to categorize these verbs from the perspective of Enunciative Semantics and to outline a consistent conception of the nominal predication base, grounded in the concept of nominal formation. Using enunciative networks and social media data, it concludes that these verbs exhibit "autonomic predication", integrating the nominal base into the verb. This highlights the inconsistency of the notion of impersonal sentences and proposes a more coherent model for the grammatical analysis of predications with verbs expressing natural phenomena.*

*Keywords: Enunciation. Autonomic predication. Verbs of natural phenomena*

### Referências

- BEAVERS, J., SELLS, P. Constructing and Supporting a Linguistic Analysis. In: PODESVA, R. J., SHARMA, D. (orgs.) **Research Methods in Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 403-427, 2013.
- DIAS, L. F. O fato linguístico e a constituição de um saber de entremeio. In: RÔSING, T. M. K.; BECKER, P. (orgs.). **Jornadas literárias de Passo Fundo: 20 anos de história - Ensaios**. Passo Fundo: UPF/Edelbra, p. 191-198, 2001.
- DIAS, L. F. Acontecimento enunciativo e formação sintática. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v.35, 2015, p. 99- 138.
- DIAS, L. F. Nomes de cidades de Mato Grosso: uma abordagem enunciativa, In: KARIM, T. M.; DI RENZO, A. M.; BRESSANIN, J. A.; KARIM, J. M. (orgs) **Atlas dos nomes que dizem histórias das cidades brasileiras: um estudo semântico-enunciativo do Mato Grosso (Fase I)**. Campinas: Pontes, 2016. p.33-50.
- DIAS, L. F. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2018.

DIAS, L. F. Redes enunciativas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 26, n. 51, p. 155–172, 2023.

DIAS, L. F.; PEREIRA, B. K. Da concomitância à convergência sintática: bases para uma análise da relação entre semântica e sintaxe. **Caderno Seminal Digital**. v.7, p. 206-226, 2007.

FOUCAULT, M. **L'archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

FRAGOSO, S., et al. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não concatenatividade e correspondência. **Veredas**, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p. 149-167, jan./dez. 2003.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. **The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research**. Chicago, IL: Aldine Publishing Co, 1967.

GUIMARÃES, E. **Semântica; enunciação e sentido**. Campinas: Pontes, 2018.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. **Argument realization**. Cambridge: CUP, 2005.

NOGUEIRA DIAS, T. **Predicação autonômica: uma abordagem enunciativa**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

TRIBOUT, D. **Les conversions de nom à verbe et de verbe à nom en français**: Université Paris Diderot- Paris 7 dissertation, 2010.